



MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

A ROLHA DE CRISTAL

NETFLIX

UMA SÉRIE
NETFLIX

uBook





MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

A ROLHA DE CRISTAL

NETFLIX

UMA SÉRIE
NETFLIX

uBook

MAURICE LEBLANC

RSÈNE LUPIN

A ROLHA DE CRISTAL

TRADUÇÃO
UBK Publishing House

ubook **ubk**
Publishing House

Copyright da tradução © 2021, Ubook Editora S.A.

Tradução de *Arsène Lupin, The Crystal Stopper*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

COORDENAÇÃO Alessandra Brito

EDIÇÃO Fernanda Barreto

COPIDESQUE Gleice Couto

REVISÃO Nádia Maia e Amanda Tracera

CAPA Bruno Santos

PROJETO GRÁFICO Nathália de Moraes

DIAGRAMAÇÃO Studio Oorka

IMAGEM DE CAPA Textura antlia | adobestock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leblanc, Maurice, 1864-1941

Arsène Lupin [livro eletrônico] : a rolha de cristal / Maurice Leblanc ; [tradução UBK Publishing House]. -- Rio de Janeiro : Ubook Editora, 2021.
1Mb; ePub

Título original: Le bouchon de cristal

ISBN 978-65-5875-610-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

21-66231

CDD-843.0872

Ubook Editora S.A

Av. das Américas, 500, Bloco 12, Salas 303/304,
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/RJ.

Cep.: 22.640-100

Tel.: (21) 3570-8150



I. AS APREENSÕES

Dois barcos foram amarrados ao pequeno píer que se projetava do jardim, oscilando na sombra. Através da densa névoa que pairava às margens do lago, podia-se ver algumas janelas iluminadas. O Cassino Enghien, em frente, brilhava, embora a estação terminasse no final de setembro.

Estrelas apareceram no meio das nuvens. Uma leve brisa agitou a superfície da água. Arsène Lupin, fumando um charuto, deixou a casa de verão e caminhou em direção ao final do cais, se curvando para dizer:

— Growler — chamou ele. — Masher. Vocês estão aí?

Dois homens se levantaram, um de cada barco.

— Sim, chefe — respondeu um deles.

— Preparem-se. Ouço o carro chegando com Gilbert e Vaucheray.

Ele atravessou o jardim, circundou uma casa em construção, cujo andaime pairava no alto, e, com cautela, abriu a porta que dava para a Avenue de Ceinture. Não havia se enganado: uma forte luz piscou na curva e um grande veículo parou. Dele saíram dois homens usando sobretudo com o colarinho levantado e boina.

Eram Gilbert e Vaucheray: Gilbert, um jovem por volta dos vinte anos, com traços atraentes e corpo flexível e musculoso; Vaucheray, mais velho, mais baixo, com cabelos grisalhos e um rosto pálido e doentio.

— Bem, você viu o deputado? — perguntou Lupin.

— Sim, chefe — disse Gilbert. — Nós o vimos pegar o bonde de Vh⁴ para Paris, como sabíamos que faria.

— Então estamos livres para agir?

— Claro que sim. A Villa Marie-Thérèse é nossa para fazermos o que bem entendermos.

O motorista não saía do carro. Lupin, então, ordenou-lhe:

— Não espere aqui. Pode chamar atenção. Volte às 9h30 em ponto, a tempo de carregar o carro, a menos que tudo dê errado — o homem, então, cumpriu as ordens do chefe e deu a partida.

— Porque o plano daria errado, chefe? — perguntou Gilbert.

Lupin, tomando a estrada para o lago com os companheiros, respondeu:

— Por quê? Porque não fui eu que planejei. Quando não sou eu que penso em absolutamente tudo, não me sinto confiante.

— Bobagem, chefe! Trabalhamos juntos há três anos... Estou começando a pegar o jeito das coisas!

— Sim, meu rapaz, você está começando — disse Lupin. — E é por isso mesmo que tenho medo de que algo dê errado... Aqui, entre comigo... E você, Vaucheray, pegue o outro barco. Isso. Agora empurrem, rapazes... e façam o mínimo barulho possível.

Growler e Masher, os dois remadores, direcionaram as embarcações para a margem oposta, um pouco à esquerda do cassino.

Passaram por um barco onde um casal se abraçava, flutuando ao acaso, e outro no qual várias pessoas cantavam a plenos pulmões. E foi apenas isso.

Lupin se aproximou de um dos companheiros, perguntando-lhe baixinho:

— Diga-me, Gilbert, a ideia deste trabalho foi sua ou do Vaucheray?

— Não saberia lhe dizer. Nós dois estamos discutindo isso há semanas.

— A questão é que não confio no Vaucheray. Ele é um sujeito perigoso quando o conhecemos de verdade... Não consigo entender por que não me livro dele...

— Ah, chefe!

— Sim, sim, é exatamente o que digo. Ele é um sujeito perigoso, além do fato de que carrega sérias culpas na consciência.

Lupin permaneceu em silêncio por instantes antes de continuar:

— Então você tem certeza de que viu Daubrecq, o deputado?

— Eu o vi com meus próprios olhos, chefe.

— E ele tem um compromisso em Paris?

— Sim, está indo ao teatro.

— Muito bem... Mas os empregados dele ficaram na Vila Enghien.

— O cozinheiro foi dispensado. Quanto ao criado, Leonard, que é o homem de confiança de Daubrecq, ele esperará seu patrão em Paris. Eles não devem voltar da cidade antes de uma da madrugada. Mas...

— Mas o quê?

— Devemos contar com um possível capricho da parte de Daubrecq, uma mudança de ideia, um retorno inesperado, e assim providenciar que tudo termine e esteja pronto dentro de uma hora.

— E quando você conseguiu esses detalhes?

— Esta manhã. Vaucheray e eu pensamos que seria um bom momento para isso. Decidi que começar pelo jardim da casa em construção que acabamos de deixar seria o melhor a se fazer, pois o lugar não é vigiado à noite. Mandeí chamar dois companheiros para remar os barcos e telefonei para você. Foi isso.

— Você tem as chaves?

— As chaves da porta da frente.

— É essa a vila que eu vejo daqui?

— Sim, a Villa Marie-Thérèse; e como as outras duas, com jardins de cada lado, estão desocupadas há uma semana, poderemos retirar o que quisermos a nosso bel-prazer. E juro-lhe, chefe, que valerá a pena.

— O trabalho é muito simples — murmurou Lupin. — Não tem nada de atrativo!

Eles chegaram a um pequeno riacho, onde atracaram. Dali subiram alguns degraus de pedra, cobertos por um telhado em ruínas. Lupin pensou que transportar os móveis seria uma tarefa fácil. Mas, de repente, ele disse:

— Há pessoas na vila. Olhe... Uma luz.

— É um lampião a gás, chefe. A luz não está se movendo.

Growler permaneceu junto aos barcos, com instruções para vigiar, enquanto Masher, o outro remador, seguiu até o portão na Avenue de Ceinture, e Lupin e seus dois companheiros se moveram devagar nas sombras até alcançarem o pé da escada.

Gilbert subiu primeiro. Tateando no escuro, inseriu a grande chave na porta e depois outra no trinco. Ambas viraram nas fechaduras sem qualquer resistência, a porta se abriu e os três homens passaram por ela.

Um lampião a gás queimava no salão.

— Está vendo, chefe? — comentou Gilbert.

— Sim — disse Lupin, em voz baixa. — Mas acho que a luz que eu vi não veio daqui...

— De onde veio então?

— Não sei... Esta é a sala de visitas?

— Não, não — respondeu Gilbert, sem medo de falar muito alto. — Por precaução, ele guarda tudo no primeiro andar, no quarto e nos dois cômodos ao lado.

— E onde está a escada?

— À direita, atrás da cortina.

Lupin se moveu naquela direção e, de repente, enquanto puxava a cortina para o lado, a quatro passos à sua esquerda, uma porta se abriu. Uma cabeça surgiu do vão. Pertencia a um homem pálido, com olhos aterrorizados.

— Socorro! Um assassino! — gritou o homem, que correu de volta para a sala.

— É Leonard, o criado! — gritou Gilbert.

— Se ele fizer muito barulho, eu o mato — rosnou Vaucheray.

— Você não fará nada disso, ouviu, Vaucheray? — disse Lupin, de modo incisivo. E disparou a perseguir o criado. Primeiro passou por uma sala de jantar, onde havia um lampião ainda aceso, com pratos e uma garrafa ao redor, e encontrou Leonard no fundo de uma despensa, em vão tentando abrir a janela.

— Não se mexa, ligeirinho! Nada disso, criança! Ah, que desagradável!

Lupin se jogou no chão ao ver Leonard levantar o braço em sua direção. Três tiros foram disparados na escuridão da despensa. Então o criado caiu, com Lupin segurando-o pelas pernas e arrancando-lhe a arma.

— Saia daí, seu insolente! — rosnou ele, agarrando o homem pelo pescoço. — Ele quase me atingiu... Aqui, Vaucheray, prenda este cavalheiro!

Lupin focou a luz da lanterna de bolso no rosto do criado e riu:

— Nem mesmo é um cavalheiro bonito... Você não deve estar com a consciência muito tranquila, Leonard, bancando o lacaio do deputado Daubrecq! Já terminou, Vaucheray? Não quero ficar aqui para sempre!

— Não há perigo, chefe — confirmou Gilbert.

— Ah, é mesmo? Então você acha que tiros não podem ser ouvidos?

— Impossível.

— Não importa, devemos ficar atentos. Vaucheray, pegue o lampião. Vamos subir.

Segurou Gilbert pelo braço e, enquanto o arrastava para o primeiro andar, Lupin o repreendeu:

— Imbecil, é assim que você investiga algo? Eu não tinha razão em ter dúvidas?

— Olhe aqui, chefe, eu não tinha como saber que ele mudaria de ideia e voltaria para o jantar.

— É preciso saber absolutamente tudo quando se tem a honra de invadir a casa de alguém. Seu idiota! Vou me lembrar de você e do Vaucheray... Um belo par de moleques!

Ver os móveis no primeiro andar acalmou Lupin, que começou o inventário com o olhar satisfeito de um colecionador que se presentearia com algumas obras de arte.

— Por Cristo! Não tem muita coisa aqui, mas o que tem é de primeira linha! Não há nada de errado com o gosto desse representante do povo. Quatro cadeiras Aubusson... Uma mesa assinada por Percier e Fontaine, acredito eu... Duas arandelas de Gouttières... Um autêntico Fragonard e um falso Nattier, que qualquer milionário estadunidense compraria... Em suma: há uma fortuna aqui. E alguns rabugentos ainda fingem que não sobrou nada além de coisas falsas. Maldição, por que eles não fazem como eu? Eles deveriam olhar ao redor!

Gilbert e Vaucheray, seguindo as instruções de Lupin, trabalharam de modo metódico, a fim de remover as peças maiores. Em meia hora, abarrotaram o primeiro barco e decidiram que Growler e Masher deveriam seguir em frente e começar a carregar o carro.

Lupin saiu para observá-los. Ao voltar para a casa, passando pela sala, ouviu uma voz na despensa. Ao chegar até lá, encontrou Leonard deitado de bruços, sozinho, com as mãos atadas nas costas.

— Então é você que está rosnando, lacaio? Não se empolgue: estamos quase acabando. Só que, se você fizer muito barulho, vai nos obrigar a tomar medidas mais severas. Você gosta de peras? Podemos lhe dar uma, você sabe... Sufocá-lo com uma!

Ao subir as escadas, Lupin ouviu de novo o mesmo som e parou, escutando as seguintes palavras, pronunciadas em uma voz rouca, vindas sem dúvida alguma da despensa:

— Socorro! Um assassino! Socorro! Serei morto! Informem o comissário!

— O cara está louco! — murmurou Lupin. — Por Deus! Perturbar a polícia às nove da noite; que audácia!

Lupin voltou ao trabalho. Demorou mais do que o previsto, pois descobriram, nos armários, todo tipo de bibelôs valiosos que não puderam desprezar. Além disso, Vaucheray e Gilbert inspecionavam tudo com uma concentração que o deixou perplexo.

Por fim, Lupin perdeu a paciência:

— Pronto, está bom — disse ele. — Não vamos estragar todo o trabalho e deixar o motorista esperando por causa do pouco que resta. Vou para o barco.

Os outros aguardavam próximos à margem e Lupin descia as escadas quando Gilbert o deteve:

— Queremos dar mais uma olhada, apenas por cinco minutos, não mais do que isso.

— Mas por quê? Para levar tudo?

— Fomos informados de que há um velho relicário, uma peça impressionante...

— E?

— Não tivemos a oportunidade de colocar as mãos nele. E eu estava pensando... Há um armário com um grande cadeado na despensa... Poderíamos muito bem... — Ele já estava caminhando de volta para a vila. Vaucheray também voltou correndo.

— Vou lhes dar dez minutos, nem um segundo a mais! — gritou Lupin. — Em dez minutos, estou fora daqui.

Mas os dez minutos se passaram e ele ainda os esperava. Lupin olhou para o relógio.

— Nove e quinze — disse a si mesmo. — Isso é uma loucura.

Lembrou-se também de que Gilbert e Vaucheray se comportaram de maneira bastante estranha durante a retirada das coisas, mantendo-se juntos e parecendo observar um ao outro. O que poderia estar acontecendo?

Lupin voltou à casa, impelido por inexplicável ansiedade. Ao mesmo tempo, ouviu um som monótono que se elevava ao longe, na direção de Enghien, e que parecia se aproximar... Pessoas passeando, sem dúvida...

Ele soltou um assobio agudo e foi até o portão principal para dar uma olhada na avenida. Mas, de repente, enquanto abria o portão, um disparo soou, seguido de um grito de dor. Ele voltou correndo, contornou a casa, subiu as escadas e apressou-se para a sala de jantar.

— Que diabo vocês dois estão fazendo aí?

Gilbert e Vaucheray, em um emaranhado de braços, rolavam furiosos no chão, gritando um com o outro. Sangue pingava de suas roupas. Lupin voou até eles para separá-los, mas Gilbert já derrubara o adversário e arrancava da mão dele algo que Lupin não teve tempo de ver. Vaucheray, que sangrava por um ferimento no ombro, desmaiou.

— Quem o machucou? Foi você, Gilbert? — perguntou Lupin, furioso.

— Não, foi o Leonard.

— Leonard? Ora, ele estava amarrado!

— Ele desfez as amarras e pegou o revólver.

— Canalha! Onde ele está?

Lupin pegou o lampião, indo para a despensa.

O criado estava deitado de costas, com os braços estendidos, um punhal enfiado no pescoço e o rosto lívido. Um filete vermelho escorria de sua boca.

— Ah — engasgou Lupin, após examiná-lo —, ele está morto!

— Você acha que está? Você acha? — gaguejou Gilbert, com a voz trêmula.

— Com certeza, ele está morto.

— Foi Vaucheray... Foi Vaucheray quem fez isso...

Pálido de raiva, Lupin o agarrou:

— Foi o Vaucheray, não foi? E você também, seu canalha, já que estava aqui e não o impediu! Sangue! Sangue por toda parte! Você sabe que não admitirei isso... Bem, vocês estão em maus lençóis, meus caros... Terão de pagar pelo prejuízo! Além disso, não sairão dessa enrascada facilmente... Cuidado com a guilhotina! — Lupin o sacudia com violência. — O que aconteceu aqui? Por que ele o matou?

— Ele queria revistar os bolsos do criado, buscando a chave do armário. Quando se inclinou sobre Leonard, viu que o homem desatou o nó que prendia os braços. Ele se assustou... e o esfaqueou...

— Mas e o disparo do revólver?

— Era Leonard... Ele estava com o revólver na mão... Apenas teve forças para apontar antes de morrer...

— E a chave do armário?

— Vaucheray a pegou.

— Ele o abriu? Encontrou o que procurava?

— Sim.

— E você quis tomar isso dele. O que era? O relicário? Não, era algo pequeno demais para isso. Então, o que era? Responda-me!

Lupin percebeu, no silêncio de Gilbert e em sua expressão determinada, que não obteria uma resposta. Então, ameaçou-o:

— Eu o farei falar, meu caro. Tão certo quanto meu nome é Lupin, você vai me contar tudo. Mas, por enquanto, precisamos cuidar da retirada dos itens. Aqui, ajude-me. Devemos colocar Vaucheray no barco.

Eles voltaram para a sala de jantar e Gilbert se curvava sobre o homem ferido, quando Lupin o deteve:

— Escute.

Trocaram um olhar alarmado. Alguém falava com uma voz muito baixa, estranha, muito distante. Porém, como logo se certificaram, não havia ninguém na sala, ninguém exceto o homem morto, cuja silhueta sombria se estendia sobre o chão.

A voz tornou a falar, alternando entre estridente, abafada, balbuciante, berrante, assustadora. Pronunciava palavras indistintas, sílabas quebradas.

Lupin sentiu a testa coberta de suor. O que era essa voz incoerente, misteriosa como algo vindo do além?

Ele se ajoelhou ao lado do criado. A voz calou-se e então recomeçou.

— Ilumine melhor aqui — pediu a Gilbert.

Lupin tremia um pouco, abalado por um pavor que não conseguia conter, pois não havia dúvida do que estava acontecendo. Quando Gilbert retirou a cúpula do lampião, Lupin percebeu que a voz vinha do próprio cadáver, sem qualquer movimento daquele corpo sem vida, sem um estremecimento sequer daquela boca sangrando.

— Chefe, isso me dá calafrios — gaguejou Gilbert.

De novo surgiu a mesma voz, o mesmo sussurro abafado.

De repente, Lupin caiu na gargalhada, agarrou o corpo e o puxou de lado:

— É claro! — disse ele, ao ver um objeto de metal polido. — Claro que é isso! Bem, posso dizer que demorei muito para perceber!

No chão, de onde removeu o corpo, estava o fone de um telefone, cujo fio corria até um aparelho fixado na parede, na altura usual.

Lupin colocou o fone no ouvido. O barulho recomeçou de imediato, mas uma mistura de diferentes sons: chamados, exclamações, gritos confusos, ruídos produzidos por várias pessoas fazendo perguntas ao mesmo tempo.

— Você está aí? Ele não vai responder. É horrível... Eles devem tê-lo assassinado. O que é isso? Mantenha sua coragem. A ajuda está a caminho... Polícia... soldados...

— Maldição! — exclamou Lupin, soltando o fone.

A verdade se desvendou em uma visão aterrorizante. Bem no início, enquanto as coisas eram retiradas do andar de cima, Leonard, cujas amarras não estavam presas com firmeza, levantou-se com dificuldade, desenganchou o fone do aparelho, provavelmente com os dentes, e o deixou cair, a fim de pedir ajuda à central telefônica de Enghien.

Estas foram as palavras que Lupin ouvira por acaso, após a partida do primeiro barco:

— Socorro! Um assassino! Serei morto!

E, naquele momento, os fatos fizeram sentido. Lupin lembrou-se dos sons que ouvira do jardim, quatro ou cinco minutos antes, no máximo. Era a polícia que já se movimentava no local.

— A polícia! Mova-se! — gritou ele, correndo pela sala de jantar.

— E o Vaucheray? — perguntou Gilbert.

— Sinto muito, não podemos ajudá-lo!

Mas Vaucheray, acordando de seu torpor, suplicou-lhe:

— Chefe, o senhor não me deixaria assim!

Apesar do perigo, Lupin parou e, quando levantava o homem ferido com a ajuda de Gilbert, escutou um barulho alto do lado de fora.

— Tarde demais! — constatou.

Naquele momento, golpes sacudiram a porta dos fundos. Ele correu para os degraus da frente: vários homens já haviam contornado a casa

rapidamente. Lupin e Gilbert poderiam ter conseguido se manter à frente deles e chegar até à beira do lago, mas qual chance teriam de embarcar e escapar sob fogo inimigo?

Ele trancou a porta.

— Estamos cercados... E acabados — disse Gilbert.

— Segure sua língua — censurou Lupin.

— Mas eles nos viram, chefe. Eles estão batendo na porta.

— Segure sua língua — repetiu Lupin. — Nem mais uma palavra. Nem mais um movimento.

Ele mesmo permaneceu impassível, o semblante calmo e a atitude pensativa de quem tem todo o tempo do mundo para examinar uma situação delicada sob todos os ângulos. Lupin estava em um daqueles momentos que ele chamava de “momentos superiores da existência”, em que, por si só, valorizava a vida. Em tais ocasiões, por mais ameaçadoras que fossem, ele sempre contava devagar para si mesmo:

— Um... Dois... Três... Quatro... Cinco... Seis...

Contava até que o batimento do coração se normalizasse. Depois, e não antes disso, ele refletia sobre a situação com grande intensidade, perspicácia e profunda intuição de possibilidades! Analisava todos os aspectos do problema. Ele antevia tudo. Admitia todas as variáveis. A partir disso, tomava uma decisão baseada na lógica e com assertividade.

Depois de trinta ou quarenta segundos, enquanto os homens do lado de fora batiam à porta e arrombavam a fechadura, ele disse ao companheiro:

— Siga-me.

Voltando à sala de jantar, abriu suavemente uma janela e fechou as venezianas de outra na parede lateral. As pessoas iam e vinham; aquela rota de fuga estava fora de questão.

Em seguida, começou a gritar a plenos pulmões, em uma voz ofegante:

— Por aqui! Socorro! Eu os capturei! Por aqui!

Apontou o próprio revólver para a copa das árvores e disparou dois tiros nessa direção. Depois, foi até Vaucheray, curvou-se sobre ele e manchou o rosto e as mãos do ferido com sangue. Por fim, voltando-se para Gilbert, Lupin o segurou pelos ombros de forma violenta e o jogou no chão.

— O que você pretende, chefe? Faça a coisa certa!

— Farei o que eu quiser — disse Lupin, colocando uma ênfase imperativa em cada sílaba. — Eu responderei por tudo, responderei por vocês dois... Deixe-me fazer ao meu modo, tirarei os dois da prisão... Mas só posso fazer isso se eu estiver livre.

Gritos excitados chegaram até ele pela janela aberta.

— Por aqui — gritou ele. — Eu os capturei! Socorro!

Em um sussurro, completou:

— Apenas pense por um momento... Você tem algo a me dizer? Algo que nos possa ser útil?

Gilbert estava muito atônito para entender o plano de Lupin e, por isso, lutou furiosamente. Vaucheray se mostrou mais inteligente. Além disso, por estar ferido, perdera toda a esperança de fuga.

— Deixe o chefe agir como bem lhe aprouver, seu idiota! — rosnou ele. — Contanto que ele dê o fora, isso não é a melhor coisa que poderia acontecer?

De repente, Lupin lembrou-se do artefato que Gilbert colocou no próprio bolso, após pegá-lo de Vaucheray. Naquele momento, Lupin tinha a vantagem.

— Não, isso não! Não se eu souber disso! — rosnou Gilbert, conseguindo se libertar.

Lupin derrubou-o mais uma vez. No entanto, dois homens apareceram de repente na janela e Gilbert cedeu, entregando o item para Lupin, que o guardou sem olhar o que era.

— Aqui está, chefe... — sussurrou Gilbert. — Eu lhe explicarei tudo. Pode estar certo de que...

Ele não teve tempo de terminar. Dois policiais e outros depois desses, além de soldados, entraram por todas as portas e janelas, vindo em auxílio de Lupin.

Gilbert foi apreendido de imediato e com firmeza. Lupin se afastou.

— Estou feliz que tenham vindo — disse ele. — O infeliz me deu muito trabalho. Eu feri o outro, mas este aqui...

O comissário de polícia perguntou-lhe, apressadamente:

— Você já encontrou o criado? Eles o mataram?

— Não sei — respondeu ele.

— Não sabe?

— Ora, eu vim com você de Enghien ao saber do assassinato! Mas enquanto você contornava a casa à esquerda, eu o fazia à direita. Havia uma janela aberta. Subi no momento em que esses dois rufiões estavam prestes a pular. Disparei contra este — apontou para Vaucheray — e interceptei o amigo dele.

Como ele poderia ser um suspeito? Estava coberto de sangue, entregava os assassinos do criado e metade das pessoas testemunhara o fim do combate heroico que ele travara. Além disso, o alvoroço era grande demais para que alguém se desse ao trabalho de discutir ou perder tempo levantando dúvidas. No auge da primeira confusão, a vizinhança entrou vila adentro. Eles estavam desorientados. Corriam para todos os lados, escada acima, escada abaixo, até para o porão. Fizeram perguntas uns aos outros, gritaram e berraram; ninguém sequer sonhou verificar as declarações de Lupin, que pareciam tão plausíveis.

No entanto, a descoberta do corpo na despensa devolveu ao comissário o senso de responsabilidade. Ele mandou limpar a casa e colocou policiais no portão, a fim de impedir a entrada ou a saída de pessoas. Então, sem mais demora, começou a investigação, examinando o local. Vaucheray informou seu nome; Gilbert recusou-se a dar o seu, alegando que falaria apenas na presença de um advogado. Porém, ao ser acusado de homicídio, denunciou Vaucheray, que se defendeu acusando o outro. Os dois vociferavam ao mesmo tempo, com o intuito de monopolizar a atenção do comissário, e quando este se virou para Lupin, buscando seu depoimento, percebeu que o estranho não estava mais lá.

Sem suspeitar de nada, disse a um dos policiais:

— Procure aquele cavalheiro e lhe diga que eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Eles procuraram o cavalheiro. Alguém o vira parado na escada, acendendo um cigarro. A notícia seguinte foi que ele oferecera cigarros a um grupo de soldados e caminhara em direção ao lago, avisando-lhes que o chamassem se fosse preciso.

Eles o chamaram, mas ninguém respondeu.

No entanto, um soldado apareceu correndo. O cavalheiro acabara de entrar em um barco e remava cheio de energia. O comissário olhou para Gilbert, percebendo que fora enganado:

— Detenham-no! — gritou ele. — Atirem nele! É um cúmplice!

O próprio comissário saiu correndo, seguido por dois policiais, enquanto os outros permaneceram com os prisioneiros. Ao chegar à margem do lago, ele viu o cavalheiro, a cem metros de distância, saudando-o com o chapéu na escuridão.

Sem pensar, um dos policiais disparou um tiro com o revólver.

Ouviram as palavras que ecoavam, vindas da água. O cavalheiro cantava enquanto remava:

— *Vá, pequena casca, flutue no escuro...*

Mas o comissário viu um pequeno barco preso no cais da propriedade vizinha. Escalou a cerca que separava os dois jardins e, após ordenar aos soldados que vigiassem as margens do lago e prendessem o fugitivo caso tentasse desembarcar, partiu em busca de Lupin com mais dois policiais.

Não foi difícil, pois puderam acompanhá-lo à luz intermitente da lua, vendo que o fugitivo tentava atravessar o lago em direção à direita, ou seja, para o vilarejo de Saint-Gratien. Além disso, o comissário logo percebeu que, com a ajuda de seus homens e talvez graças à relativa leveza da sua embarcação, rapidamente ganhava vantagem sobre o outro. Em dez minutos, a distância entre eles diminuiu pela metade.

— Ótimo! — comemorou. — Nem precisaremos que os soldados o impeçam de desembarcar. Quero muito conhecer esse homem. Sem dúvida, ele não se envergonha facilmente!

O engraçado era que, naquele momento, a distância diminuía num ritmo anormal, como se o fugitivo perdesse o ânimo ao perceber que não valia a pena fugir. Os policiais redobram os esforços. O barco flutuou sobre a água com a rapidez de uma andorinha. Mais cem metros, no máximo, e eles alcançariam o homem.

— Pare! — gritou o comissário.

O inimigo, cuja forma eles podiam distinguir no barco, não se movia mais. Os remos estavam à deriva no lago. Havia algo de alarmante nessa ausência de movimento. Um rufão dessa categoria poderia estar à espera de seus agressores, a fim de atacá-los e até mesmo assassiná-los antes que tivessem a chance de enfrentá-lo.

— Renda-se! — ordenou o comissário.

O céu, naquele momento, estava escuro. Os três homens deitaram no fundo do barco, pois pensaram ter visto um gesto ameaçador.

O barco, levado pelo próprio impulso, aproximou-se do outro.

O comissário rosnou:

— Não vamos deixar que atire em nós. Vamos disparar contra ele. Estão prontos?

E ele rugiu mais uma vez:

— Renda-se ou...

Sem resposta.

O inimigo não se mexeu.

— Renda-se! Mãos ao alto! Ainda se recusa? Pior para você... Estou contando... Um... Dois...

Os policiais não esperaram a palavra de comando. Atiraram e, imediatamente, pegaram os remos, impulsionando o barco com tanta força que se aproximaram da embarcação do fugitivo em poucos movimentos.

O comissário observava, revólver na mão, pronto para o menor movimento. Ele ergueu o braço:

— Se você se mexer, vou estourar seus miolos!

Mas o inimigo não se mexeu. Quando o barco foi sacudido e os dois homens, largando os remos, se prepararam para deter o fugitivo, o comissário entendeu o motivo daquela passividade: não havia ninguém no barco. O adversário escapara nadando, deixando nas mãos de quem o alcançou alguns artigos roubados, que, amontoados e cobertos por um casaco e um chapéu-coco, podiam se passar, na penumbra, pela figura de um homem.

Acenderam fósforos e examinaram as roupas do inimigo. Não havia iniciais no chapéu, nem documentos ou carteira nos bolsos do casaco. No entanto, encontraram algo que daria notoriedade ao caso e influenciaria de modo terrível o destino de Gilbert e Vaucheray: em um dos bolsos, havia um cartão de visita que o fugitivo deixara para trás... o cartão de Arsène Lupin.

Quase no mesmo instante, enquanto a polícia, rebocando o barco capturado, continuava sua busca infrutífera e os soldados se indignavam na margem, forçando os olhos para tentar entender o que acontecera, o citado Arsène Lupin chegava silenciosamente ao mesmo lugar do qual partira duas horas antes.

Ele foi recebido pelos dois cúmplices, Growler e Masher, bombardeou-os com breves explicações, saltou para dentro do carro, entre as poltronas do deputado Daubrecq e outros objetos de valor, enrolou-se em peles e seguiu, por estradas desertas, até seu depósito em Neuilly, onde deixou o motorista. Um táxi levou Lupin de volta a Paris e o deixou perto da igreja de Saint-Philippe-du-Roule, não muito longe de onde, na Rue Matignon, ele tinha um apartamento com entrada privativa no mezanino, que ninguém de sua gangue, exceto Gilbert, conhecia. Ficou feliz em poder tirar a roupa e esfregar-se com uma toalha seca em busca de calor, pois, apesar de sua constituição forte, sentia-se gelado até os ossos. Antes de ir para a cama, esvaziou o conteúdo dos bolsos, como sempre, sobre a peça da lareira. Só então notou, perto da carteira e das chaves, o objeto que Gilbert colocara em sua mão no último momento.

Ele se surpreendeu. Era uma rolha de garrafa, uma pequena rolha de cristal, como as usadas em garrafas de licores. Não havia nada de especial nela. Lupin observou que o puxador, com muitas facetas, era dourado até o entalhe. Mas, a bem da verdade, tal detalhe não lhe chamou a atenção.

— E pensar que Gilbert e Vaucheray deram tanta importância a este pedaço de vidro — disse a si mesmo. — Por causa desta peça mataram o criado, brigaram entre si, perderam tempo, arriscaram ser presos... passar por um julgamento... a guilhotina!

Cansado demais para despender mais tempo nesse assunto, por mais excitante que lhe parecesse, recolocou a tampa de cristal sobre a lareira e foi se deitar.

Teve pesadelos. Gilbert e Vaucheray ajoelhavam-se sobre as lajes de suas celas, estendendo-lhe as mãos de modo selvagem:

— Socorro! Socorro! — gritavam, apavorados.

Mas, apesar de todos os seus esforços, ele não conseguia se mover. Estava preso por laços invisíveis. Trêmulo, obcecado por aquela visão monstruosa, assistia aos preparativos sombrios, ao corte do cabelo e à troca das vestes dos condenados, uma tragédia esquálida.

— Por Deus! — disse ele, ao acordar após uma série de pesadelos. — Quantos maus presságios! Felizmente, não somos supersticiosos. Caso contrário... — E acrescentou: — Aliás, temos um talismã que, a julgar pelo comportamento de Gilbert e Vaucheray, deveria ser suficiente,

com minha ajuda, para frustrar o azar e garantir o triunfo da boa causa. Vamos dar uma olhada nessa rolha de cristal!

Ele saltou da cama para pegá-la e examiná-la mais de perto. Uma exclamação escapou de sua boca. A rolha de cristal desaparecera.



II. NOVE MENOS OITO É IGUAL A UM

A pesar da minha relação amistosa com Lupin e das muitas lisonjeiras provas de confiança que me deu, há algo que nunca entendi: a organização de sua gangue.

A existência dela é um fato indiscutível. Certas aventuras apenas podem ser explicadas mediante grande devoção, invencíveis esforços e enorme cumplicidade, representando várias forças obedientes a uma poderosa vontade. Mas como esta é exercida? Por intermédio de quais mediadores, de quais subordinados? Isso eu não sei. Lupin não compartilha esse segredo e os segredos que ele escolhe guardar são, por assim dizer, impenetráveis.

A única suposição que me permito fazer é que essa gangue, que, na minha opinião, é bastante limitada em número e, portanto, ainda mais formidável, é completa e se estende indefinidamente por unidades independentes, associados provisórios, escolhidos em todas as classes da sociedade e ao redor do mundo. Eles são agentes executores obedecendo à uma autoridade com a qual, em muitos casos, nem sequer estão familiarizados. Os companheiros, os iniciados, os fiéis adeptos — homens que desempenham os papéis principais sob o comando direto de Lupin — movem-se de um lado para o outro entre esses agentes secundários e o mestre.

É certo que Gilbert e Vaucheray pertenciam à gangue principal. E é por isso que a lei se mostrou tão implacável em relação a eles. Pela primeira vez, ela manteve os cúmplices de Lupin em suas garras — cúmplices declarados e indiscutíveis, que mataram um homem. Se o assassinato foi premeditado e provas substanciais comprovassem a acusação de homicídio doloso, isso os levaria à guilhotina. Naquele momento, no mínimo, havia uma prova inequívoca, o pedido de socorro que Leonard enviara por telefone alguns minutos antes de sua morte:

— Socorro! Um assassino! Serei morto!

O apelo desesperado fora ouvido por dois homens, o operador de plantão e um de seus colegas de trabalho, que confirmaram o fato. Como consequência, o comissário de polícia foi imediatamente informado e se dirigiu à Villa Marie-Thérèse, escoltado por seus homens e alguns soldados que estavam livres para o serviço.

Lupin teve uma noção muito clara do perigo desde o início. A luta feroz que travara contra a sociedade entrava em uma nova e terrível fase. Sua sorte estava mudando. Não se tratava mais de atacar os outros, mas, sim, de defender a si mesmo e salvar a cabeça de seus dois companheiros.

Uma breve anotação, que copiei de um dos cadernos em que ele resumia os fatos que o deixavam perplexo, nos mostrará o funcionamento de seu cérebro:

“Definitivamente, Gilbert e Vaucheray me enganaram. A expedição Enghien, empreendida de modo ostensivo com o objetivo de roubar a Villa Marie-Thérèse, tinha um propósito secreto. Esse propósito tomou conta da mente dos dois durante a operação; e o que eles procuravam, debaixo dos móveis e dos armários, era apenas uma coisa: a rolha de cristal. Portanto, se eu quiser entender o que está acontecendo, preciso, antes de tudo, saber o significado dela. É certo que, por alguma razão oculta, esse misterioso pedaço de vidro possui um valor incalculável aos olhos deles. E não apenas aos deles, pois, ontem à noite, alguém foi ousado e inteligente o suficiente para entrar em meu apartamento e roubar o objeto em questão.”

O roubo do qual fora vítima intrigou Lupin.

Dois problemas, ambos igualmente difíceis de resolver, surgiram em sua mente. Primeiro, quem era o visitante misterioso? Gilbert, que gozava de toda sua confiança e atuava como seu secretário particular, era o único que sabia do seu apartamento na Rue Matignon. Naquele momento, Gilbert estava na prisão. Lupin deveria supor que Gilbert o havia traído e colocado a polícia em seu encalço? Nesse caso, por que ela se contentou em levar a rolha de cristal, em vez de prender Lupin?

No entanto, havia algo muito mais estranho. Admitindo que conseguiram forçar as portas do apartamento — e Lupin foi obrigado a considerar essa opção, embora não houvesse qualquer rastro que lhe confirmasse isso —, como entraram no quarto? Ele trancara a porta com chave e passara o ferrolho como fazia todas as noites, um hábito

que nunca largara. E, contudo — fato inegável —, a rolha de cristal desaparecera sem que a fechadura ou o ferrolho fossem tocados. E, ainda que Lupin se gabasse de ter ouvidos aguçados mesmo enquanto dormia, nenhum som o despertara!

Ele não se preocupou muito em investigar esse mistério. Conhecia bem demais esse tipo de problema para esperar que pudesse ser resolvido de outra maneira que não no decorrer dos acontecimentos. Mas, sentindo-se bastante incomodado e inquieto, trancou o apartamento na Rue Matignon e jurou nunca mais colocar os pés nele.

E de imediato focou em entrar em contato com Vaucheray ou Gilbert.

Nesse caso, uma nova decepção o esperava. Estava tão claro, tanto na prisão de Santé como nos Tribunais de Justiça, que toda comunicação entre Lupin e os prisioneiros deveria ser completamente impedida, que o comissário de polícia ordenara uma infinidade de minuciosas precauções seguidas à risca pelos subordinados. Policiais experientes, sempre os mesmos homens, vigiavam Gilbert e Vaucheray dia e noite, nunca os perdendo de vista.

Lupin, naquela época, ainda não havia sido promovido à honra máxima de sua carreira, ao posto de chefe do serviço de detetives e, por isso, não conseguiu interferir nos Tribunais de Justiça, a fim de garantir a execução de seus planos. Após 15 dias de esforços infrutíferos, foi obrigado a recuar.

Ele o fez com o coração furioso e uma crescente ansiedade.

— A parte difícil de um negócio não é o fim, mas o começo — dizia.

De acordo com aquelas circunstâncias em que se encontrava, por onde ele deveria começar? Qual caminho deveria seguir?

Voltou os pensamentos para Daubrecq, o proprietário original da rolha de cristal, que provavelmente tinha ciência da importância do item. Por outro lado, como Gilbert conhecia os movimentos e o cotidiano do deputado? Quais meios ele empregara para mantê-lo sob observação? Quem lhe informara o local onde Daubrecq passaria a noite naquela ocasião?

Todas essas questões precisavam de respostas.

Daubrecq se mudara para seus aposentos de inverno em Paris imediatamente após o roubo na Villa Marie-Thérèse. Porém, naquele

momento, morava em sua própria casa, à esquerda da pequena Place Lamartine, no final da Avenue Victor-Hugo.

Primeiro, disfarçando-se de um cavalheiro idoso abastado e usando uma bengala, Lupin caminhou pela vizinhança, passou pelos bancos da praça e pela avenida. Ele descobriu algo no primeiro dia. Dois homens vestidos como operários, mas comportando-se de modo que não deixavam dúvidas quanto aos seus objetivos, vigiavam a casa do deputado. Quando Daubrecq saiu, eles o seguiram; e estavam logo atrás do deputado quando este retornou à casa. À noite, assim que as luzes se apagaram, eles foram embora.

Lupin, por sua vez, seguiu-os. Eram detetives.

— Ora, ora! — disse a si mesmo. — Dificilmente era o que eu esperava. Então o deputado está sob suspeita?

No quarto dia, ao cair da noite, os dois homens se juntaram a outros seis, que conversavam com eles em uma área mais escura da Place Lamartine. E, entre esses recém-chegados, Lupin se surpreendeu ao reconhecer o famoso e velho Prasville, advogado, esportista e explorador, naquela época um queridinho do Élysée, que, por alguma misteriosa razão, fora colocado na sede da polícia como secretário-geral com a troca do Comando.

De repente, Lupin lembrou-se: dois anos antes, Prasville e Daubrecq confrontaram-se na Place du Palais-Bourbon. O incidente causou grande alvoroço na época. Ninguém sabia o motivo do enfrentamento. Prasville enviara um de seus homens a Daubrecq para resolver a questão do duelo no mesmo dia, mas o deputado se recusou a lutar.

Pouco tempo depois, Prasville foi nomeado secretário-geral.

— Muito estranho, muito estranho — murmurou Lupin, que permaneceu absorto em seus pensamentos, enquanto continuava observando os movimentos de Prasville.

Às sete da noite, o grupo de homens de Prasville se afastou alguns metros, na direção da Avenue Henri-Martin. A porta de um pequeno jardim à direita da casa se abriu e Daubrecq apareceu. Dois dos detetives do grupo o seguiram e, quando o deputado pegou o trem na Rue Taitbout, foram atrás dele.

Imediatamente, Prasville caminhou à frente do grupo pela praça e tocou a campainha. A porta do jardim ficava entre a casa principal e a

moradia da zeladora, que abriu a porta. Houve uma breve conversa, após a qual Prasville e seus companheiros foram admitidos na casa.

— Uma visita domiciliar — deduziu Lupin. — Secreta e ilegal. Conforme as boas regras de cortesia, eu deveria ser convidado. Minha presença é indispensável.

Sem a menor hesitação, ele entrou na casa, cuja porta não havia sido fechada, e, passando em frente à zeladora, que o observava atentamente, ele perguntou, com o tom apressado de quem estava atrasado para um compromisso:

— Os cavalheiros já chegaram?

— Sim, eles estão no escritório.

O plano de Lupin era bastante simples: se alguém o encontrasse, ele fingiria ser um comerciante. Mas não houve necessidade desse subterfúgio. Depois de atravessar um salão vazio, ele entrou em um refeitório onde também não havia ninguém. Porém, através de uma divisória de vidro que separava o refeitório do escritório, ele tinha uma visão de Prasville e seus cinco companheiros.

Prasville abriu todas as gavetas com o auxílio de chaves falsas. Em seguida, enquanto seus companheiros retiravam os livros da estante, ele examinou todos os papéis, sacudiu as páginas de cada um separadamente e apalpou as junções internas.

— É claro! Eles estão procurando um papel — ponderou Lupin. — Anotações de transações bancárias, talvez...

Prasville exclamou:

— Que droga! Não vamos encontrar nada!

No entanto, Prasville obviamente não perdeu por completo a esperança de encontrar o que queria, pois, de repente, juntou quatro garrafas em um carrinho de licor, tirou-lhes as quatro rolhas e as inspecionou.

— Ora! — pensou Lupin. — Agora ele está examinando as rolhas das garrafas! Então não procurava por um papel? Não estou entendendo.

Prasville, em seguida, levantou-se e examinou diferentes objetos, perguntando a um dos policiais:

— Quantas vezes você veio aqui?

— Seis vezes no inverno passado — foi a resposta.

— E você já vasculhou a casa toda?

— Cada um dos cômodos, um por dia, enquanto ele estava fora visitando seu círculo eleitoral.

— Ainda assim... — E Prasville acrescentou: — Ele não tem nenhum criado no momento?

— Não, está à procura de um. Ele faz suas refeições fora e a zeladora faz o melhor que pode para manter a casa. A mulher está do nosso lado...

Prasville persistiu em suas investigações durante quase uma hora e meia, olhando e tocando em todas as quinquilharias, mas com o cuidado de colocar tudo de volta exatamente no lugar onde encontrou. Às nove horas, porém, os dois detetives que seguiram Daubrecq irromperam no escritório:

— Ele está voltando!

— A pé?

— Sim.

— Ainda temos tempo?

— Sim, meu caro!

Prasville e os homens do escritório da polícia se retiraram, sem pressa, depois de darem uma última olhada na sala para garantir que nada denunciasse a visita deles.

A situação de Lupin estava ficando crítica: se tentasse ir embora, corria o risco de se deparar com Daubrecq; se ficasse, não conseguiria sair. No entanto, ao verificar que as janelas da sala de jantar tinham uma saída direta para a praça, Lupin resolveu ficar. Além disso, a oportunidade de obter uma visão de perto de Daubrecq era boa demais para ignorar. Ademais, como Daubrecq saía para comer, não havia muitas chances de ele entrar na sala de jantar.

Lupin, portanto, esperou, a postos para se esconder atrás de uma cortina de veludo que poderia ser puxada através da divisória envidraçada, caso houvesse necessidade.

Ele ouviu o som de portas abrindo e fechando. Alguém entrou no escritório e acendeu a luz. Ele reconheceu Daubrecq.

O deputado era um homem robusto, atarracado, de pescoço largo, quase totalmente careca, com um cavanhaque grisalho e comprido ao redor de seu queixo. Ele usava um par de lentes pretas sob seus óculos, pois tinha a vista fraca e cansada.

Lupin notou as características imponentes: o queixo quadrado, os ossos proeminentes das maçãs do rosto. As mãos eram musculosas e peludas, as pernas curvadas, e ele andava com uma inclinação, forçando primeiro um lado do quadril e depois o outro, o que se assemelhava à marcha de um gorila. O rosto era complementado por uma grande testa enrugada, com enormes entradas e salpicada com alguns fios de cabelo.

Havia algo de bestial, selvagem e repulsivo em relação à personalidade daquele homem. Lupin se lembrou que, na Câmara dos Deputados, Daubrecq foi apelidado de “homem selvagem da floresta” e que foi rotulado não apenas por estar distante e quase nunca interagir com seus colegas, mas também por causa de sua aparência, seu comportamento, seu andar peculiar e seu desenvolvimento muscular marcante.

Ele se sentou à mesa, tirou um cachimbo Meerschaum do bolso, selecionou um pacote de fumo entre vários de tabaco que estavam secando em uma tigela, rasgou o invólucro, encheu o cachimbo e o acendeu. Em seguida, ele começou a escrever cartas.

Depois, ele parou de trabalhar e ficou sentado, pensativo, com a atenção fixa em um ponto da mesa.

Daubrecq levantou uma pequena caixa de carimbos e a examinou. Em seguida, verificou a posição de diferentes artigos que Prasville tocara e recolocara no lugar. Ele observou-os, sentiu-os com as mãos, debruçou-se sobre eles, como se certos sinais, conhecidos apenas por ele, pudessem mostrar-lhe o que desejava saber.

Por fim, ele apertou o botão de uma campainha elétrica. A zeladora apareceu um minuto depois.

Ele perguntou:

— Eles vieram, não foi?

E, quando a mulher hesitou em responder, ele insistiu:

— Venha aqui, Clémence, você abriu esta caixa de selos?

— Não, senhor.

— Bem, eu havia prendido a tampa com uma pequena tira de fita adesiva. A tira foi partida.

— Mas eu lhe asseguro... — a mulher começou.

— Por que contar mentiras — indagou ele —, considerando que eu mesmo a instruí a ficar de olho nessas visitas?

— A questão é que...

— A questão é que você quer ficar bem com ambos os lados... Muito bem!

Ele lhe entregou uma nota de cinquenta francos e repetiu:

— Eles estiveram aqui?

— Sim.

— Os mesmos homens que vieram na primavera?

— Sim, todos os cinco... Com outro, que combinou de encontrá-los.

— Um homem negro e alto?

— Sim.

Lupin viu o endurecimento da boca de Daubrecq. O deputado continuou:

— Isso é tudo?

— Havia mais um, que veio depois e se juntou a eles... e depois, ainda mais dois, a dupla que normalmente vigia fora de casa.

— Eles permaneceram no escritório?

— Sim, senhor.

— E eles foram embora quando eu voltei? Uns minutos antes, talvez?

— Sim, senhor.

— Por hora, isso é tudo.

A mulher deixou a sala. Daubrecq voltou a escrever sua carta. Então, esticando o braço, ele fez algumas marcações em um quadro branco, preso na borda de sua mesa, e deixou-o lá, como se quisesse mantê-lo à vista. As marcações eram figuras e Lupin conseguiu enxergar a seguinte operação de subtração:

$$9 - 8 = 1$$

Daubrecq, falando entre os dentes, pensativamente pronunciou as palavras:

— Nove menos oito é igual a um... Não há dúvida quanto a isso — acrescentou ele, em voz alta. Ele escreveu mais uma carta, muito curta, e endereçou o envelope com uma inscrição que Lupin conseguiu decifrar quando a carta foi colocada ao lado da escrivania:

*Para o senhor Prasville,
Secretário-geral do Comando de Polícia.*

Então, ele tocou a campainha novamente:

— Clémence! — chamou. — Você foi à escola quando criança?

— Sim, senhor, claro que sim.

— E você teve aula de Aritmética?

— Por que, senhor?

— Bem, você não é muito boa em subtração.

— O que o faz concluir tal coisa?

— Porque você não sabe que nove menos oito é igual a um. E isso, veja, é um fato de grande relevância. A vida se torna impossível se você não sabe essa verdade fundamental.

Ele se levantou enquanto falava e andou pela sala, com as mãos para trás, balançando sobre seus quadris. Ele deu mais uma volta no lugar. Depois, parando na sala de jantar, abriu a porta.

— Analisando isso, há outra forma de colocar o problema. Tire oito de nove e um permanece. E aquele que permanece está aqui, não está? Correto! E o senhor nos fornece uma prova impressionante, não é verdade?

Ele puxou a cortina de veludo na qual Lupin tinha se enrolado apressadamente:

— Por certo, senhor, deve estar sufocado com isto! Sem falar que eu poderia ter me divertido enfiando uma faca através da cortina. Lembre-se da loucura de Hamlet e da morte de Polônio: “Que é isso? Um rato? Morto! Aposto um ducado; morto!” Venha, sr. Polônio, saia do seu buraco!

Era uma daquelas situações às quais Lupin não estava acostumado e que ele detestava. Apanhar os outros em uma armadilha e puxar-lhes a perna estava tudo muito bem, mas era uma coisa muito diferente ter pessoas provocando-o e rugindo com gargalhadas às suas custas. No entanto, o que ele poderia responder?

— Você parece um pouco pálido, sr. Polônio... Ora! Ora, é o respeitável cavalheiro velho que tem circulado na praça há alguns dias! Então você também pertence à polícia, sr. Polônio? Pronto, pronto, recomponha-se, eu não lhe farei mal! Mas veja, Clémence, como meu cálculo estava correto. Você me disse que nove espões estiveram aqui. Eu contei um grupo de oito. Quando cheguei, oito deles já caminhavam distantes, pela avenida. Tire oito de nove e sobra

um: aquele que evidentemente ficou para trás para ver o que podia descobrir. Eis o homem!

— Bem? E então... — disse Lupin, que sentiu um desejo louco de voar em cima do sujeito e fazê-lo calar de vez.

— E então? Nada mesmo, meu bom homem... O que mais você quer? A farsa acabou. Vou apenas pedir-lhe que leve este pequeno bilhete ao Mestre Prasville, seu patrão. Clémence, por favor, mostre a saída ao sr. Polônio. E, se alguma vez ele voltar, receba-o de portas bem abertas. Sinta como se aqui fosse sua própria casa, sr. Polônio. Seu criado, senhor!

Lupin hesitou. Ele gostaria de ter falado muitas coisas e de ter saído com uma frase ou um discurso de despedida, como um ator fazendo uma saída majestosa do palco, e finalmente desaparecer vitorioso. Porém, sua derrota foi tão lamentável que ele não conseguiu pensar em nada melhor do que cumprimentá-lo com o chapéu e bater seus pés enquanto seguia a zeladora pelo corredor até a saída. Foi uma vingança pobre.

— Seu canalha! — ele gritou, uma vez fora da porta, esbravejando e brandindo o punho para as janelas de Daubrecq. — Desgraçado, escória da terra, deputado, você vai pagar por isso! Ah, ele se acha! Ah, ele tem a audácia de... Bem, juro-lhe, meu caro, que, um dia destes...

Ele estava espumando de raiva; tanto que, em seu íntimo, ele reconheceu a força de seu novo inimigo e não pôde negar a maneira magistral com que ele administrou essa situação. A frieza de Daubrecq, a segurança com a qual ele enganou os funcionários da polícia, o desprezo em relação às visitas deles a sua casa e, acima de tudo, sua maravilhosa autoconfiança, perspicácia de análise e a impertinência de sua conduta na presença da nona pessoa que o espionou: tudo isso mostrou que Daubrecq era um homem de caráter, forte, com uma mente bem equilibrada, lúcido, ousado, seguro de si e das cartas em sua manga.

Mas quais seriam essas cartas? Que jogo ele estava jogando? Quem fazia as apostas? E como os jogadores se posicionavam em ambos os lados? Lupin não sabia. Ele se jogou de cabeça no meio de uma briga entre adversários totalmente envolvidos, embora ele mesmo ignorasse tudo a respeito da condição, das armas, dos recursos e planos secretos

deles. Dito isso, ele não conseguia entender o fato de que o objetivo de todos esses esforços era tomar posse de uma rolha de cristal!

Só uma coisa lhe agradou: o deputado não descobrira seu disfarce. Daubrecq acreditava que ele era funcionário da polícia. Portanto, nem ele, nem a polícia suspeitavam da intromissão de um terceiro ladrão no negócio. Esse foi seu único trunfo, um que lhe deu liberdade de ação, ao qual ele atribuía a maior importância.

Sem mais demora, Lupin abriu a carta que Daubrecq lhe incumbira de entregar ao secretário-geral da polícia. Ela continha estas poucas linhas:

Ao alcance de sua mão, meu caro Prasville, ao alcance de sua mão! Você a tocou! Um pouco mais e a teria conseguido... Mas você é um grande idiota. E pensar que eles não poderiam contar com ninguém melhor do que você para me fazer cair. Pobre, velha França! Adeus, Prasville. Mas se eu lhe pegar em flagrante, você estará em maus lençóis: minha ideia é atirar à queima roupa.

DAUBRECQ

— Ao alcance de sua mão — repetiu Lupin, depois de ler o bilhete.
— E pensar que o velhaco pode estar falando a verdade! Os esconderijos mais evidentes são os mais seguros. Temos que atentar para isso, exatamente assim. Também é preciso entender por que Daubrecq é objeto de uma supervisão tão rigorosa e obter alguns detalhes sobre o indivíduo de modo geral.

As informações fornecidas à Lupin por um escritório de investigação particular consistiram nos seguintes detalhes:

ALEXIS DAUBRECQ, deputado dos Bouches-du-Rhône nos últimos dois anos; está entre os membros independentes. Opiniões políticas não definidas com clareza, mas posição eleitoral excessivamente forte, devido às enormes somas que ele gasta dando suporte ao seu círculo eleitoral. Nenhuma renda privada. No entanto, tem uma casa em Paris, uma vila em Enghien e outra em Nice e perde muito em jogos de azar, embora ninguém saiba de onde venha tal dinheiro. Tem grande influência e

obtém tudo o que quer sem fazer alianças com ministros ou, aparentemente, sem ter amigos ou ligações nos círculos políticos.

— Essas informações não têm tanta importância — disse Lupin para si mesmo. — O que eu quero é um documento mais concreto, um documento policial, que me fale da vida particular do cavalheiro e me permita trabalhar mais facilmente nesta escuridão e saber se não estou me metendo, com Daubrecq, em um emaranhado com que devo me preocupar. E o tempo está ficando curto. Que droga!

Uma das residências que Lupin ocupava naquela época, e que ele usava mais frequentemente que qualquer uma das outras, era a da Rue Chateaubriand, perto do Arc de l'Étoile. Lá, Lupin era conhecido como Michel Beaumont.

O apartamento era confortável e ficava sob os cuidados de um criado, Achille, que era totalmente dedicado a seus interesses e cujo principal dever era receber e repassar as mensagens telefônicas dirigidas a Lupin por seus seguidores.

Lupin, ao voltar para casa, ficou muito surpreso ao saber que uma mulher estava esperando para vê-lo havia mais de uma hora.

— O quê? Por quê? Nunca ninguém vem me ver aqui! Ela é jovem?

— Não... Acho que não.

— Você “acha que não”?

— Ela está usando um xale de renda na cabeça, ao invés de um chapéu, por isso não consegui ver o rosto dela... Parece ser uma balconista... Ou funcionária de uma loja. Ela não está bem vestida...

— A quem ela procura?

— Monsieur Michel Beaumont — respondeu o criado.

— Curioso! Ela informou o que queria?

— Tudo o que ela disse foi que se tratava do negócio de Enghien. Então eu pensei que...

— O quê? O negócio de Enghien! Então ela sabe que estou envolvido nisso... Ela sabe que, ao vir até aqui...

— Eu não consegui arrancar nada dela, mas pensei, mesmo assim, que era melhor deixá-la entrar.

— Muito bem. Onde ela está?

— Na sala de visitas. Acendi as luzes.

Lupin atravessou rapidamente o salão e abriu a porta da sala de visitas.

— Do que você está falando? — perguntou ele, ao criado. — Não há ninguém aqui.

— Não há ninguém aqui? — estranhou Achille, correndo para cima. E a sala, de fato, estava vazia.

— Bem, vou dizer uma coisa, isto foi longe demais! — gritou o criado. — Não tem vinte minutos que vim até aqui e dei uma olhada, para ter certeza. Ela estava sentada ali. E não há nada de errado com minha visão.

— Olhe aqui, escute — disse Lupin, com irritação. — Onde você estava enquanto a mulher esperava?

— No salão, chefe! Eu não saí do salão nem por um segundo! Eu deveria tê-la visto sair, estraguei tudo!

— Ainda assim, ela não está aqui agora...

— Estou vendo — balbuciou o homem, bastante aturdido.

— Ela deve ter ficado cansada de esperar e foi embora. Mas vamos analisar isso, eu gostaria de saber como ela saiu! Como ela conseguiu sair... — retrucou Lupin. — Não é preciso ser um bruxo para descobrir isso.

— O que você quer dizer?

— Ela saiu pela janela. Olha, ainda está entreaberta. Estamos no piso térreo... A rua está quase sempre deserta à noite. Não há dúvida sobre isso.

Ele olhou ao seu redor e estava convencido de que nada fora tirado ou movido do lugar. A sala, aliás, não continha nenhum bibelô de qualquer valor, nenhum papel importante que pudesse ter explicado a visita da mulher, seguida de seu súbito desaparecimento. E, ainda assim, por que aquela saída inexplicável?

— Alguém telefonou? — perguntou ele.

— Não.

— Alguma carta?

— Sim, uma carta veio na última entrega de correspondência.

— Onde está?

— Coloquei-a em cima da lareira, chefe, como de costume.

O quarto de Lupin ficava ao lado da sala de visitas, mas Lupin trancara permanentemente a porta entre os dois cômodos. Ele,

portanto, teve que passar pelo salão novamente.

Lupin acendeu a luz e, no momento seguinte, disse:

— Eu não vejo nada aqui...

— Coloquei-a ao lado da tigela em forma de flor.

— Não há nada aqui.

— Você deve estar procurando no lugar errado, chefe.

Mas Achille moveu a tigela, levantou o relógio, inclinou-se para perto da lareira, em vão: a carta não estava lá.

— Ah, que droga! Que droga! — murmurou ele. — Foi ela... Ela pegou... E então, quando roubou a carta, foi embora... Ah, a vagabunda!

— Você está louco! — retrucou Lupin. — Não há como passar entre as duas salas.

— Então quem roubou a carta, chefe?

Ambos estavam em silêncio. Lupin se esforçou para controlar a raiva e concatenar suas ideias. Ele perguntou:

— Você viu o envelope?

— Sim.

— Tinha algo de diferente nele?

— Sim, parecia ter sido escrito com pressa, ou melhor, rabiscado.

— Como foi redigido o destinatário? Você se lembra? — perguntou Lupin, com uma tensão na voz.

— Sim, eu me lembro, porque me pareceu engraçado...

— Mas fale, sim? Fale!

— Com toda certeza! Dizia: Para o Monsieur de Beaumont, Michel.

Lupin pegou seu criado pelos ombros e o sacudiu:

— Ele disse *de* Beaumont? Você tem certeza? E *Michel* depois de *Beaumont*?

— Com toda certeza!

— Ah! — murmurou Lupin, com um nó na garganta. — Era uma carta de Gilbert!

Lupin ficou imóvel, um pouco pálido, com o rosto franzido. Não havia dúvida: a carta era de Gilbert. Era a forma de escrever o endereço que, por ordem de Lupin, Gilbert usara, durante anos, em correspondência com ele. Gilbert tinha, afinal, depois de uma longa espera e várias manobras, encontrado um meio de enviar uma carta da prisão e lhe escrevera apressadamente. E então a carta foi

interceptada! O que ela dizia? Que instruções o infeliz prisioneiro lhe dera? Por qual tipo de ajuda ele estava clamando? Que estratégia ele sugeria?

Lupin olhou em volta do quarto que, ao contrário da sala de visitas, continha papéis importantes. No entanto, nenhuma das fechaduras fora forçada e ele foi obrigado a admitir que a mulher não tinha outro objetivo senão pegar a carta de Gilbert.

Tentando manter-se calmo, ele perguntou:

— A carta chegou enquanto a mulher estava aqui?

— Ao mesmo tempo. O carteiro tocou no mesmo instante que ela.

— Ela viu o envelope?

— Sim.

A conclusão era evidente. Restava descobrir como a visitante fora capaz de efetuar o roubo. Deslocando-se de uma janela para a outra, fora do apartamento? Impossível: Lupin encontrou a janela do seu quarto fechada. Abrindo a porta em comum dos cômodos? Impossível: Lupin achou-a trancada e barrada com as duas trancas internas.

Contudo, uma pessoa não pode simplesmente atravessar uma parede. Entrar ou sair de uma sala requer uma passagem. Como o ato foi realizado no período de poucos minutos, seria necessário, dadas as circunstâncias, que a passagem já existisse anteriormente, que ela já fizesse parte da parede e, é claro, que fosse conhecida pela mulher. Esta hipótese simplificou a busca, concentrando-a na porta, pois a parede estava bastante vazia, sem armário, peça de chaminé ou qualquer tipo de coisa pendurada, e, por isso, incapaz de esconder a menor passagem.

Lupin voltou para a sala de visitas e se preparou para fazer um estudo da porta. Ele imediatamente teve uma revelação. Percebeu, à primeira vista, que o painel inferior esquerdo dos seis pequenos painéis contidos dentro das barras transversais da porta não ocupava mais sua posição normal e que a luz não batia diretamente nele. Ao inclinar-se para frente, ele viu duas pequenas tachinhas de lata penduradas em ambos os lados e, segurando o painel no lugar, havia um pedaço de tábua de madeira atrás de uma moldura. Ele só tinha que deslocá-las. O painel saiu de uma só vez.

Achille soltou um grito de espanto. Mas Lupin objetou:

— Bem? E então? Não estamos em melhor situação do que antes. Aqui está um oblongo vazio, com oito ou nove polegadas de largura por dezesseis polegadas de altura. Você não vai dizer que uma mulher poderia passar por uma abertura onde não caberia sequer uma criança de dez anos de idade, por mais magra que fosse!

— Não, mas ela pode ter passado o braço e puxado os parafusos.

— O parafuso do fundo, sim — disse Lupin. — Mas o parafuso de cima, não; a distância é muito grande. Tente por si mesmo e veja.

Achille tentou, mas teve que desistir.

Lupin não respondeu. Ele ficou pensando por um longo tempo. Então, de repente, ele disse:

— Dê-me meu chapéu e meu casaco...

Ele se apressou, impelido por uma ideia imperativa. E, assim que chegou à rua, entrou em um táxi:

— Rue Matignon, rápido!

Assim que chegaram à casa onde lhe roubaram a rolha de cristal, ele saltou do táxi, abriu sua entrada privativa, subiu as escadas, correu para a sala de visitas, acendeu a luz e se agachou ao pé da porta que levava ao seu quarto.

Ele presumira certo. Um dos pequenos painéis foi afrouxado da mesma maneira.

E, assim como em seu outro apartamento na Rue Chateaubriand, a abertura era suficientemente grande para entrarem o braço e o ombro de um homem, mas não para permitir que ele puxasse o parafuso superior.

— Maldição! — gritou ele, incapaz de dominar a raiva que vinha se instalando nas últimas duas horas. — Raios! Será que nunca vou resolver este negócio confuso?

De fato, uma incrível má sorte parecia acompanhá-lo, fazendo-o andar em círculos, sem lhe permitir usar suas características positivas que são sua persistência ou sua forte intuição para conseguir as coisas. Gilbert lhe dera a rolha de cristal. Gilbert lhe enviara uma carta. Ambas estavam desaparecidas naquele exato momento.

E não foi, como ele acreditava até então, uma série de circunstâncias aleatórias e independentes. Não, era manifestamente o efeito de uma vontade adversa perseguindo um objetivo definido com prodigiosa habilidade e incrível ousadia, atacando-o, Lupin, nos recessos de seus

retiros mais seguros e desconcertando-o com golpes tão severos e inesperados que ele sequer sabia contra quem tinha que se defender. Nunca, ao longo de suas aventuras, ele encontrara tantos obstáculos como naquele momento.

Pouco a pouco, no mais profundo de sua alma, cresceu um pavor assombroso do futuro. Uma data pairava diante de seus olhos, a terrível data que ele inconscientemente atribuiu à lei para realizar seu trabalho de vingança. A data em que, à luz de uma manhã de abril, dois homens comporiam a guilhotina, dois homens que o apoiaram, dois companheiros que ele não conseguiu salvar de sofrerem a terrível penalidade...



III. A VIDA FAMILIAR DE ALEXIS DAUBRECQ

Quando Daubrecq, o deputado, chegou do almoço, no dia seguinte à revista da polícia em sua casa, ele foi parado por Clemence, sua zeladora, que lhe disse que havia encontrado uma cozinheira em quem se podia confiar plenamente.

A cozinheira chegou alguns minutos depois e citou personalidades de primeira classe, disse que era indicada por pessoas com as quais seria fácil tomar suas referências. Ela era uma mulher muito ativa, embora de certa idade, e aceitou fazer o trabalho da casa sozinha, sem a ajuda de um criado, sendo esta uma condição da qual Daubrecq chegou a discordar.

Seu último trabalho foi na casa de um membro da Câmara de Deputados, Conde Saulevat, para quem Daubrecq telefonou imediatamente. O camareiro do Conde lhe pintou um caráter perfeito e, então, a mulher foi contratada.

Assim que ela buscou seu baú, pôs-se a trabalhar: limpou e esfregou até a hora de cozinhar o jantar.

Daubrecq jantou e saiu.

Às onze horas da noite, após a zeladora ter ido para a cama, a cozinheira abriu cautelosamente a porta do jardim. Um homem subiu.

— É você? — perguntou ela.

— Sim, sou eu, Lupin.

Ela o levou para seu quarto no terceiro andar, com vista para o jardim, e imediatamente se derramou em lamentações:

— Mais um de seus truques e nada mais que truques! Por que você não me deixa em paz, em vez de me enviar para fazer seu trabalho sujo?

— Como posso evitar, minha querida Victoire? Quando eu quero uma pessoa de aparência respeitável e de moral incorruptível, penso em você. A senhora deveria sentir-se lisonjeada.

— Esse é o jeito de se importar comigo! — disse ela, chorando. — Você me coloca em perigo mais uma vez e acha que é engraçado!

— O que você está arriscando?

— Como assim, o que estou arriscando? Todos os meus personagens são falsos.

— Personagens são sempre falsos.

— E suponha que o sr. Daubrecq descubra? Suponha que ele faça perguntas?

— Ele fez perguntas.

— Como foi isso?

— Ele telefonou para o mordomo do Conde Saulevat, a serviço de quem você disse ter tido a honra de trabalhar.

— Pronto, está vendo, é o meu fim!

— O mordomo do Conde não poderia tê-la elogiado mais do que elogiou.

— Ele não me conhece.

— Mas eu o conheço. Eu que o apresentei ao Conde Saulevat. Então você entende...

Victoire pareceu se acalmar um pouco.

— Bem... — disse ela. — Seja feita a vontade de Deus... Ou melhor, a sua. E o que você espera que eu faça em relação a tudo isso?

— Primeiro, me colocar lá dentro. Você já foi minha ama de leite. Agora você pode muito bem dividir comigo a metade do seu quarto. Eu dormirei na poltrona.

— E depois?

— Depois? Irá me fornecer a comida que eu quiser.

— E depois?

— Depois? Realizará, comigo e sob minha direção, uma série regular de buscas para...

— Para quê?

— Para descobrir o precioso objeto do qual falei com você.

— O que seria?

— Uma rolha de cristal.

— Uma rolha de cristal... Deus do céu! Um bom negócio! E se não encontrarmos sua rolha maluca, o que faremos então?

Lupin a tomou gentilmente pelo braço e disse com uma voz séria:

— Se não a encontrarmos, Gilbert, o jovem Gilbert que você conhece e ama, correrá o risco de perder a cabeça. E Vaucheray também.

— Com Vaucheray eu não me importo... É um malandro safado! Mas Gilbert...

— Você já viu os jornais esta noite? As coisas estão piores do que nunca. Vaucheray, como seria de se esperar, acusa Gilbert de esfaquear o criado e acontece que a faca que Vaucheray usou pertencia a Gilbert. Isso foi noticiado esta manhã. Pelo fato de Gilbert ser inteligente, mas inseguro e tagarela, acabou sendo envolvido em histórias e mentiras que mancharão seu caráter. É neste pé que a coisa está. Você vai me ajudar?

Daí em diante, durante vários dias, Lupin focou todo o tempo em descobrir tudo sobre Daubrecq, começando suas investigações no momento em que o deputado saía de casa. Lupin investigava metodicamente, dividindo cada cômodo em seções que ele não abandonava até vasculhar os menores recantos e cantos e, por assim dizer, não deixar nada passar.

Victoire também procurava e nada foi negligenciado. Pernas de mesa, braços de cadeiras, tábuas de assoalho, molduras de espelhos e quadros, relógios, rodapés, cortinas, ganchos de telefone e acessórios elétricos: tudo o que uma imaginação engenhosa poderia ter selecionado como esconderijo foi revistado.

Também observaram as mínimas ações do deputado, seus movimentos mais inconscientes, a expressão de seu rosto, os livros que ele lia e as cartas que escrevia.

Foi bastante fácil. Ele parecia viver sua vida à luz do dia. Nenhuma porta era fechada, ele não recebia visitas e sua rotina seguia normalmente. Ele ia para a Câmara à tarde e para o clube à noite.

— Ainda — disse Lupin — deve haver algo de errado por trás de tudo isso.

— Não há nada do tipo — gemeu Victoire. — Você está perdendo tempo e nós seremos expulsos.

A presença dos detetives do lado de fora da casa, e o fato de eles andarem para cima e para baixo, a deixava louca. Victoire se recusou a acreditar que eles estavam ali para qualquer outro fim que não fosse

prendê-la. Cada vez que ela ia às compras, se surpreendia por um desses homens não colocar a mão sobre o ombro dela.

Um dia ela voltou muito chateada. A cesta de compras tremia em seu braço.

— Qual é o problema, querida Victoire? — quis saber Lupin. — Você está pálida.

— Pálida? Atrevo-me a dizer que sim. Então, você também ficaria pálido...

Ela precisou se sentar e foi somente depois de fazer repetidos esforços que ela conseguiu gaguejar:

— Um homem... Um homem falou comigo... Na feira.

— Pelo amor de Deus! Ele queria que você fugisse com ele?

— Não, ele me entregou uma carta...

— Então, do que você está reclamando? Foi uma carta de amor, é claro!

— Não. Ele disse que era para meu chefe. Eu perguntei: meu chefe? Então, o homem disse que era para o cavalheiro que está hospedado em meu quarto.

Desta vez, Lupin teve um sobressalto:

— O que é isso? Dê aqui — pediu, pegando a carta da mão dela. O envelope não continha destinatário. Mas havia outro envelope, dentro dele, no qual leu:

Senhor Arsène Lupin, aos cuidados de Victoire.

— Que diabo! — disse ele. — Isto é um pouco espesso! Ele rasgou o segundo envelope. Ele continha uma folha de papel com as seguintes palavras escritas em maiúsculas:

*TUDO O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO É INÚTIL E PERIGOSO...
DESISTA.*

Victoire soltou um gemido e desmaiou. Quanto a Lupin, ele sentiu que até seus olhos ficaram vermelhos, como se tivesse sido grosseiramente insultado. Era como se ele experimentasse toda a humilhação que um duelista sofre de seu adversário zombeteiro alguns segundos antes do duelo, com as palavras repetidas em voz alta uma a uma.

No entanto, ele segurou a língua. Victoire voltou ao trabalho. Quanto a Lupin, permaneceu em seu quarto o dia todo, pensando.

Naquela noite, ele não dormiu. Continuou dizendo para si mesmo:

— Qual é o proveito de se pensar? Estou enfrentando um daqueles problemas que não são resolvidos com reflexões. É certo que não estou sozinho nisso e que, entre Daubrecq e a polícia, há, além do terceiro ladrão, que sou eu, um quarto ladrão, que trabalha por conta própria e que me conhece e lê meu jogo claramente. Mas quem é este quarto ladrão? Por acaso eu estou enganado? E só piora! Vamos dormir!

Mas ele não conseguia dormir e boa parte da noite foi assim.

Às quatro horas da manhã, ele pareceu ter ouvido um barulho na casa. Então, saltou rapidamente e, do alto da escada, viu Daubrecq descer o primeiro lance de degraus e virar em direção ao jardim.

Um minuto depois, após abrir o portão, o deputado voltou com um homem cuja cabeça estava enterrada em uma enorme gola de pele e o conduziu ao escritório.

Lupin tomara suas precauções caso houvesse qualquer acontecimento desse tipo. Como as janelas do escritório e as de seu quarto, ambas na parte de trás da casa, não davam para o jardim, ele amarrara uma escada feita de corda em sua varanda. Assim, desenrolou-a com cuidado e desceu por ela até ficar nivelada com a parte superior das janelas do escritório.

Essas janelas eram fechadas por persianas, mas, ao serem dobradas, restava um espaço semicircular no topo. Lupin, embora não pudesse ouvir, viu tudo o que se passava no interior do cômodo.

Ele então percebeu que a pessoa que ele tomara por um homem era uma mulher: uma mulher ainda jovem, embora seus cabelos fossem um pouco grisalhos. Era alta, elegante, mas vestida de forma discreta, cujos traços bonitos carregavam a expressão do cansaço e da melancolia acarretados por um longo sofrimento.

— Onde diabo já a vi? — Lupin perguntou a si mesmo. — Pois eu certamente conheço esse rosto, esse olhar, essa expressão.

Ela ficou encostada à mesa, impassivelmente ouvindo Daubrecq, que também estava de pé e falava com muito entusiasmo. Ele estava de costas para Lupin, mas este, inclinado para frente, via um copo no qual a imagem do deputado se refletia. Lupin ficou assustado ao ver o

estranho olhar do homem, o ar de desejo feroz e brutal com o qual Daubrecq olhava fixamente sua visitante.

Parecia envergonhá-la, também, pois ela se sentou com o semblante caído.

Então Daubrecq se inclinou sobre ela e parecia que estava pronto para atirar seus longos braços, com suas enormes mãos, ao redor dela. E, de repente, Lupin percebeu lágrimas rolando pelo rosto triste da mulher.

Quer tenha sido esse o motivo ou não, a visão daquelas lágrimas fez Daubrecq perder a cabeça. Com um movimento brusco, ele agarrou a mulher e a puxou para si. Ela o repeliu, com uma violência cheia de ódio. E, depois de uma breve luta, durante a qual Lupin vislumbrou as características bestiais e contorcidas do homem, os dois ficaram frente a frente, ameaçando um ao outro como inimigos mortais.

Então eles pararam. Daubrecq se sentou. Havia maldade em seu rosto e sarcasmo também. Ele começou a falar novamente, dando tapas na mesa, como se ele estivesse ditando termos.

A mulher não estava mais agitada. Com arrogância, ela se sentou em sua cadeira de forma superior a Daubrecq, distraída, com olhar vago. Lupin, cativado por aquele rosto poderoso e triste, continuou a observá-la, procurando em vão se lembrar do quê ou de quem ela lhe lembrava, quando notou que ela virara levemente a cabeça e estava movendo imperceptivelmente o braço.

O braço dela se afastava cada vez mais e sua mão deslizava ao longo da mesa e Lupin viu que, no final da mesa, havia uma garrafa de água com uma rolha dourada. A mão alcançou a garrafa de água, sentiu-a, levantou-a suavemente e agarrou a rolha. Um movimento rápido da cabeça, um olhar, e a rolha foi colocada de volta no lugar. Obviamente, não era o que a mulher esperava encontrar.

— Droga! — esbravejou Lupin. — Ela também está atrás da rolha de cristal! A situação está se tornando mais complicada a cada dia, não há dúvida.

Entretanto, ao voltar sua observação à visitante, ele ficou atônito ao notar a expressão repentina e inesperada de seu semblante, uma expressão terrível, implacável e feroz. Viu que ela continuava seu progresso furtivo com a mão em torno da mesa e que, com um movimento sorrato, contínuo e astuto, empurrava os livros para

trás e, lenta e seguramente, aproximava-se de um punhal cuja lâmina brilhava no meio dos papéis espalhados.

Ela segurou o cabo do punhal.

Daubrecq continuava a falar. Atrás dele, a mão dela se ergueu firmemente, pouco a pouco. Lupin viu os olhos desesperados e furiosos da mulher fixos no ponto do pescoço onde ela pretendia enterrar o punhal.

— Você está fazendo uma coisa muito idiota, dama justiceira — pensou Lupin.

Ele, então, começou a bolar o melhor jeito de fugir e levar Victoire com ele.

Porém, a mulher hesitou, com o braço erguido. Mas foi apenas uma fraqueza momentânea. Ela cerrou os dentes. Seu rosto inteiro, contraído pelo ódio, ficou ainda mais convulsionado e ela fez o temido movimento.

No mesmo instante Daubrecq se abaixou e, saltando de seu assento, virou e agarrou o frágil pulso da mulher no meio do ar.

Curiosamente, ele não lhe dirigiu nenhuma censura, como se aquela ação, que poderia surpreendê-lo, fosse qualquer ato ordinário, muito natural e simples. Ele deu de ombros, como um homem habituado a esse tipo de perigo, enquanto caminhava de um lado para o outro em silêncio.

Ela havia largado a arma e chorava, segurando a cabeça entre as mãos, com soluços que sacudiam toda sua estrutura.

Em seguida, Daubrecq se aproximou dela e disse algumas palavras, mais uma vez batendo na mesa enquanto falava.

Ela fez um sinal negativo e, quando o deputado insistiu, a mulher, por sua vez, bateu o pé no chão e exclamou, alto o suficiente para que Lupin ouvisse:

— Nunca! Nunca!

Então, sem falar mais nada, Daubrecq pegou o manto de pele que ela trouxera e o colocou sobre os ombros da mulher, enquanto ela cobria o rosto com um véu de renda.

Assim, ele indicou-lhe a saída.

Dois minutos depois, a porta do jardim foi trancada novamente.

— Pena que eu não possa correr atrás daquela desconhecida e ter uma conversa com ela sobre Daubrecq. Parece-me que nós dois

poderíamos fazer boas negociações juntos — pensou Lupin.

Em todo caso, havia um ponto a ser esclarecido: Daubrecq, o deputado, cuja vida era tão correta, tão aparentemente respeitável, tinha o hábito de receber visitas à noite, quando sua casa não era mais vigiada pela polícia.

Lupin enviou Victoire para combinar com dois membros de sua gangue que ficassem de guarda por vários dias. Enquanto ele permaneceu acordado na noite seguinte.

Como na madrugada anterior, ele ouviu um barulho às quatro horas. E, também como na madrugada anterior, o deputado deixou alguém entrar.

Lupin correu pela escada e, quando chegou ao espaço livre acima das persianas, viu um homem rastejando aos pés de Daubrecq, atirando os braços em volta dos joelhos do deputado em desespero frenético e chorando convulsivamente.

Daubrecq, rindo, afastou-o repetidamente, mas o homem continuava agarrado a seus pés. O desconhecido se comportou quase como um louco e, finalmente, em um autêntico ataque de loucura, levantou-se, pegou o deputado pelo pescoço e o jogou de volta em uma cadeira. Daubrecq lutou, impotente no início, enquanto as veias de suas têmporas inchavam. Porém, logo, com uma força muito além do normal, o deputado recuperou o domínio e imobilizou seu adversário. Então, segurando-o com uma mão, com a outra ele lhe deu duas grandes bofetadas no rosto.

O desconhecido se levantou, lentamente. Ele estava pálido e mal conseguia ficar de pé. Esperou por um momento, como se quisesse recuperar seu autocontrole. Em seguida, com uma calma aterrorizante, tirou um revólver do bolso e o apontou para Daubrecq.

Daubrecq não vacilou. Ele até sorriu, com um ar desafiador, sem demonstrar mais emoção do que se tivesse uma pistola de brinquedo apontada para ele.

O homem permaneceu de pé durante talvez 15 ou vinte segundos, enfrentando seu inimigo, com o braço estendido. Então, com a mesma lentidão deliberada, revelando um autocontrole que foi ainda mais impressionante, porque sobreveio ao seu ataque de extrema excitação, deixou o revólver de lado e, de outro bolso, sacou sua carteira.

Daubrecq deu um passo à frente.

O homem abriu a carteira e tirou dela um bolo de dinheiro.

Daubrecq segurou as cédulas e as contou. Eram notas de mil francos e havia umas trinta delas.

O homem observava, sem qualquer movimento de revolta, sem nenhum protesto. Ele obviamente compreendeu a inutilidade das palavras. Daubrecq era um desses sujeitos que não cedem. Por que seu visitante deveria perder tempo suplicando-lhe ou mesmo se vingando dele, proferindo ameaças e insultos vãos? Aquele homem não tinha esperanças de atacar um inimigo inatingível, até porque a morte de Daubrecq não o livraria do deputado, de qualquer maneira.

O visitante pegou o chapéu e foi embora.

Às onze horas da manhã, Victoire, ao voltar de suas compras, entregou a Lupin um bilhete de um de seus companheiros.

Ele o abriu e leu:

O homem que veio ver Daubrecq ontem à noite é o deputado Langeroux, líder da esquerda independente. Um homem pobre, com uma família grande.

— Ora — disse Lupin. — Daubrecq não é nada mais, nada menos do que um chantagista. Mas, por Júpiter! Ele tem formas muito eficazes de trabalhar!

Os eventos tendiam a confirmar a suposição de Lupin. Três dias depois, ele viu outro visitante entregar a Daubrecq uma considerável soma de dinheiro. E, dois dias depois disso, veio mais um e deixou um colar de pérolas para o deputado.

O primeiro chamava-se Dachaumont, senador e ex-ministro de gabinete. O segundo era o Marquês d'Albufex, um deputado Bonapartista, importante ex-agente político na França do príncipe Napoleão.

A cena, em cada um desses casos, foi muito semelhante à conversa com o deputado Langeroux, uma cena trágica e violenta, terminando na vitória de Daubrecq.

— E assim por diante — pensou Lupin, quando recebeu estas informações. — Eu estive presente em quatro dessas visitas. Não saberia mais se fossem dez, vinte, ou trinta. Basta que os olheiros que

tenho me deem os nomes dos visitantes. Devo procurar esses visitantes? Para quê? Eles não têm motivos para confiar em mim... Por outro lado, devo ficar aqui, com investigações que não levam a nada, as quais Victoire pode continuar perfeitamente sem mim?

Ele estava muito perplexo. A notícia do inquérito sobre o caso de Gilbert e Vaucheray estava ficando cada vez mais séria, os dias se estendiam e não passava uma hora sem que ele se perguntasse, angustiado, se todos os seus esforços — tudo o que conseguiu — não terminariam em resultados absurdos, distantes de seus objetivos.

Mas, afinal de contas, supondo que denunciasse o trabalho clandestino de Daubrecq, isso lhe daria os meios para resgatar Gilbert e Vaucheray?

Naquele dia, ocorreu um incidente que pôs fim à sua indecisão. Depois do almoço, Victoire ouviu trechos de uma conversa de Daubrecq com alguém ao telefone. Lupin deduziu, pelo que ela lhe relatou, que o deputado tinha um encontro com uma senhora às 10h e que iria levá-la ao teatro.

— Vou conseguir um camarote, como fiz há seis semanas — disse Daubrecq. — Espero não receber os assaltantes aqui durante esse tempo — acrescentou, com uma risada.

Não havia dúvidas para Lupin. Daubrecq estava prestes a passar sua noite da mesma maneira que passara seis semanas antes, enquanto eles invadiam sua vila em Enghien. Lupin precisava descobrir quem seria a pessoa com quem Daubrecq se encontraria e, talvez assim, saber como Gilbert e Vaucheray descobriram que Daubrecq estaria longe das oito horas da noite até uma da manhã. Esses eram assuntos da maior importância.

Lupin deixou a casa à tarde, com a ajuda de Victoire. Ele sabia, por intermédio dela, que Daubrecq voltaria para casa e jantaria mais cedo do que de costume.

Então, ele foi para seu apartamento na Rue Chateaubriand, telefonou para três de seus amigos, vestiu-se e se disfarçou com seu personagem favorito, o de um príncipe russo, com cabelos ralos e bigodes curtos.

Seus companheiros chegaram em um carro.

Naquele momento, Achille, um de seus homens, lhe trouxe um telegrama, dirigido ao Monsieur Michel Beaumont, Rue

Chateaubriand, que dizia:

Não vá ao teatro esta noite. Há perigo de sua intervenção estragar tudo.

Havia um vaso de flores na prateleira sobre a lareira ao seu lado. Lupin o pegou e o quebrou em pedaços.

— É isso, é isso — ele rosnou. — Eles estão brincando comigo como eu costumo brincar com os outros. O mesmo comportamento. Os mesmos truques. Só que há esta diferença...

Que diferença? Ele mal sabia. A verdade é que ele também estava perplexo e confuso no mais íntimo de seu ser e sabia que continuava a agir apenas por obstinação, por um senso de dever, por assim dizer, e sem colocar seu bom humor e alto astral costumeiros naquele trabalho.

— Venham — disse ele a seus companheiros.

Seguindo suas instruções, o motorista os deixou perto da Place Lamartine, mas manteve o motor ligado. Lupin previu que Daubrecq, a fim de escapar dos detetives que vigiavam a casa, saltaria para o primeiro táxi que viesse; e Lupin não pretendia ficar para trás.

Ele não contava com a esperteza de Daubrecq.

Às 19h30, ambas as partes do portão do jardim foram abertas, uma luz brilhante piscou e uma motocicleta ousou atravessar a estrada, contornou a praça, virou em frente ao carro e disparou em direção ao bosque a uma velocidade tão grande que eles seriam loucos de ir atrás dele.

— Adeus, Daisy! — disse Lupin, tentando brincar, mas claramente dominado pela raiva.

Ele olhou para seus companheiros na esperança de que um deles se aventurasse a dar um sorriso zombeteiro. Como ele teria ficado satisfeito em descarregar seu nervosismo neles!

— Vamos para casa — disse Lupin a seus companheiros.

Lupin lhes serviu um jantar, depois fumou um charuto e eles partiram novamente no carro. O plano era passar próximo aos teatros, começando por aqueles que estavam exibindo óperas leves e comédias musicais, pelas quais Lupin presumiu que Daubrecq e sua dama

teriam preferência. Ele ocupou um assento, inspecionou os camarotes inferiores e foi embora.

Em seguida, ele se dirigiu para os teatros mais importantes: o Renaissance e o Gymnase. Por fim, às dez horas da noite, ele viu um camarote no Vaudeville quase inteiramente protegido dos espectadores por duas divisórias. Mas, quando deu uma gorjeta ao bilheteiro, ele contou que, lá dentro, havia um cavalheiro idoso baixo e robusto com uma senhora que usava um véu de renda grosso.

O camarote ao lado estava livre. Ele o reservou, foi até seus companheiros para dar-lhes instruções e sentou-se perto do casal.

Durante o *entr'acte*, quando houve um intervalo e as luzes se apagaram, Lupin notou o perfil de Daubrecq. A senhora permaneceu na parte de trás do camarote, imperceptível. Os dois estavam falando em voz baixa e, quando a cortina subiu novamente, eles continuaram falando, mas de tal forma que Lupin não conseguiu distinguir uma palavra.

Passaram-se dez minutos. Alguém bateu à porta deles. Era um dos homens da bilheteria.

— O senhor é o deputado Daubrecq? — perguntou ele.

— Sim — disse Daubrecq, com uma voz de surpresa. — Mas como você sabe meu nome?

— Há um cavalheiro perguntando pelo senhor ao telefone. Ele me disse para ir ao camarote 22.

— Mas quem é?

— Monsieur Marquês d'Albufex.

— E?

— O que devo dizer, senhor?

— Estou indo... Estou indo...

Daubrecq levantou-se apressadamente de seu assento e seguiu o rapaz até a bilheteria.

Ele ainda não estava fora de vista quando Lupin saltou de seu camarote, manuseou a fechadura da porta adjacente e sentou-se ao lado da senhora.

Ela deu um grito abafado.

— Silêncio! — disse ele. — Eu tenho que falar com a senhora. É muito importante.

— Ah! — disse ela, entre os dentes. — Arsène Lupin!

Ele ficou estarecido. Por um momento, permaneceu em silêncio, de boca aberta. A mulher o conhecia! E ela não só o conhecia, mas o tinha reconhecido através de seu disfarce! Embora estivesse acostumado aos acontecimentos mais extraordinários e incomuns, isso o desconcertou.

Ele nem sonhou em protestar e balbuciou:

— Então você sabe... Então, você sabe?

Ele agarrou o véu da senhora e puxou-o para o lado antes que ela tivesse tempo de se defender:

— O quê? — murmurou ele, com crescente espanto. — Será possível?

Foi a mulher que ele vira na casa de Daubrecq alguns dias antes, a mulher que investiu o punhal contra o deputado com a intenção de apunhalá-lo com toda a força de seu ódio.

Era sua vez de ser surpreendida:

— O quê? Você já me viu antes?

— Sim, na outra noite, na casa dele... Eu vi o que você tentou fazer...

Ela fez um movimento para escapar. Ele a segurou e falou, com grande afã:

— Eu preciso saber quem é você. Foi por isso que eu mandei telefonarem para Daubrecq.

Ela parecia horrorizada.

— Você quer dizer que não foi o Marquês d'Albufex?

— Não, foi um dos meus assistentes.

— Então Daubrecq voltará?

— Sim, mas temos tempo... Ouça-me... Devemos nos encontrar novamente... Ele é seu inimigo... Eu vou salvá-la dele...

— Por que você deveria? Qual é seu objetivo?

— Não desconfie de mim... É bem certo que nossos interesses sejam idênticos... Onde posso encontrá-la? Amanhã, certamente? A que horas e onde?

— Bem...

Ela olhou para ele com óbvia hesitação, sem saber o que fazer, a ponto de falar e ainda cheia de inquietação e dúvida.

Ele a pressionou:

— Ah, peço-lhe... Responda-me apenas uma palavra e de uma só vez. Não seria bom ele me encontrar aqui. Eu lhe suplico...

Ela respondeu de forma clara:

— Meu nome não importa. Nós nos veremos primeiro e você me explicará tudo. Sim, nos encontraremos... Ouça, amanhã, às três da tarde, na esquina do Boulevard...

Naquele exato momento, a porta do camarote se abriu, por assim dizer, com um estrondo, e Daubrecq apareceu.

— Diacho! — Lupin murmurou em voz baixa, furioso por ter sido pego antes de obter o que queria.

Daubrecq deu um risinho:

— Então é isso... Eu pensei que algo estivesse acontecendo. Ah, o truque do telefone: um pouco desatualizado, senhor! Eu não estava nem na metade do caminho, quando voltei.

Ele empurrou Lupin para a frente do camarote e, sentando ao lado da mulher, esbravejou:

— E agora, meu senhor, quem é você? Um funcionário da polícia, provavelmente? Há um olhar de profissional por trás desse seu personagem.

Ele olhou fixamente para Lupin, que não moveu um músculo, e tentou lembrar-se de sua fisionomia, mas não reconheceu o homem que ele chamara de Polônio.

Lupin, sem tirar os olhos de Daubrecq, também refletiu. Ele não teria, por nada no mundo, aberto o jogo naquele momento ou negligenciado aquela oportunidade favorável de chegar a um entendimento com seu inimigo mortal.

A mulher permaneceu em seu canto, imóvel, e os observou. Lupin disse:

— Vamos lá fora, senhor. Isso vai facilitar nossa conversa.

— Não, meu senhor, aqui — sorriu o deputado. — Será aqui, neste momento, durante o *entr'acte* da peça. Então, não incomodaremos ninguém.

— Mas...

— Poupe seu fôlego, meu caro. Você não vai a lugar algum.

E ele pegou Lupin pelo colarinho do casaco, com a intenção óbvia de não o deixar ir antes do intervalo.

Um movimento arriscado! Seria provável que Lupin consentisse em permanecer nessa condição, especialmente diante de uma mulher, à qual ele oferecera sua aliança, uma dama — e ele então pensou nisso

pela primeira vez — que era distintamente bem-apessoada e cuja beleza o atraía fortemente. Todo seu orgulho de homem se elevou naquele instante.

No entanto, Lupin não disse nada. Ele aceitou o peso daquela mão em seu ombro e até se sentou com o corpo curvado, como se estivesse derrotado, impotente, quase assustado.

— Ei, esperto! — disse o deputado, escarnecendo — Não está tão mal assim.

O palco estava lotado de atores que conversavam em voz alta e faziam barulho.

Como Daubrecq baixou um pouco a guarda, Lupin sentiu que era o momento de agir. Com a extremidade de sua mão, ele lhe deu um golpe violento no meio do antebraço, como se fosse desferido com um machado de guerra.

A dor tirou Daubrecq de sua calma. Lupin então se soltou completamente e avançou sobre ele, a fim de agarrá-lo pelo pescoço. Mas o deputado recuara, se colocando na defensiva, e eles se agarravam pelas mãos.

Eles se seguravam com uma energia sobre-humana, toda a força dos dois adversários concentrada nas mãos. As de Daubrecq eram de tamanho monstruoso e Lupin, preso naquele torno de ferro, sentiu como se estivesse lutando não com um homem, mas com uma besta terrível, um enorme gorila.

Eles se seguravam contra a porta, curvando-se para baixo, como um par de lutadores tateando e tentando se segurar um ao outro. Seus ossos estalaram. Quem cedesse primeiro estava fadado a ser pego pelo pescoço e estrangulado. E tudo isso aconteceu em meio a um silêncio repentino, pois os atores no palco estavam, naquele momento, interpretando uma de suas cenas, que era executada em voz baixa.

A mulher ficou de costas contra uma das divisórias, observando-os, aterrorizada. Se ela tomasse partido de um deles, com um único movimento, a vitória seria decidida imediatamente a favor deste. Mas qual deles ela deveria ajudar? O que Lupin poderia representar? Um amigo? Um inimigo?

Ela se dirigiu rapidamente para a frente do camarote, empurrou a divisória e, inclinando-se para frente, pareceu fazer um sinal. Então, ela voltou e tentou chegar até a porta.

Lupin, como se quisesse ajudá-la, disse:

— Por que você não tira esta cadeira daqui?

Ele estava falando de uma cadeira pesada que caiu entre ele e Daubrecq e através da qual eles estavam lutando.

A mulher se abaixou e puxou a cadeira para longe. Era isso o que Lupin esperava. Uma vez livre do obstáculo, ele acertou Daubrecq com um chute certo na canela com a ponta de sua bota de couro. O resultado foi o mesmo que obteve quando desferiu o golpe no braço do homem. A dor de Daubrecq causou uma segunda apreensão e distração, da qual Lupin aproveitou imediatamente para bater nas mãos estendidas do deputado e cravar seus dez dedos na garganta e no pescoço de seu adversário.

Daubrecq lutou e tentou afastar as mãos que o estrangulavam, mas ele estava começando a sufocar e a sentir sua força diminuindo.

— Ah, seu macaco velho! — rosnou Lupin, empurrando-o para o chão. — Por que não grita por ajuda? Como você deve estar com medo de um escândalo!

Ao som da queda, houve uma pancada na divisória, do outro lado.

— Desista, desista — sussurrou Lupin. — A peça está acontecendo no palco. Isto aqui é assunto meu e, até que eu tenha dominado este gorila...

Não demorou muito. O deputado estava engasgado. Lupin o atordoou com um golpe na mandíbula. Tudo o que lhe restava era levar a mulher embora e fugir com ela antes que soasse o alarme. Mas, quando Lupin se virou, percebeu que a mulher desaparecera.

Ela não poderia estar longe. Saindo do camarote, ele correu, sem se importar com a presença dos bilheteiros e dos lanterninhas.

Ao chegar à entrada, ele a viu, pela porta aberta, atravessando a calçada do Chaussée d'Antin.

A mulher estava entrando em um carro quando ele a alcançou. A porta se fechou atrás dela, e ele agarrou a maçaneta e tentou puxá-la.

No entanto, um homem avançou de dentro do carro e deu um bofetão na cara de Lupin, com pouca habilidade, mas não menos forte do que o soco que Lupin dera em Daubrecq.

Mesmo atordoado com o golpe, ele teve tempo suficiente para reconhecer o homem, em uma visão repentina e assustada, e também para reconhecer, sob o disfarce de chofer, o sujeito que estava

dirigindo o carro. Eram Growler e Masher, os dois homens encarregados dos barcos na noite de Enghien. Dois amigos de Gilbert e Vaucheray. Em resumo, dois dos próprios cúmplices de Lupin.

Quando chegou ao seu apartamento na Rue Chateaubriand, Lupin, após lavar o sangue do rosto, sentou-se por mais de uma hora em uma cadeira, como se estivesse sobrecarregado. Pela primeira vez em sua vida, ele estava experimentando a dor da traição. Pela primeira vez, seus companheiros de luta estavam voltando-se contra o chefe.

Mecanicamente, para desviar seus pensamentos, ele se ateve à correspondência e rasgou o invólucro de um jornal vespertino. Entre as últimas notícias, ele se deparou com os seguintes parágrafos:

O CASO DA VILLA MARIE-THÉRÈSE

A verdadeira identidade de Vaucheray, um dos assassinos confessos de Leonard, o criado, foi finalmente descoberta. Ele é um canalha do pior tipo, um criminoso experiente que já foi condenado duas vezes por assassinato, por omissão, sob outro nome.

Sem dúvida, a polícia acabará descobrindo também o verdadeiro nome de seu cúmplice, Gilbert. De qualquer maneira, o juiz de instrução está determinado a submeter os prisioneiros a julgamento o mais rápido possível.

O público não terá como reclamar dos atrasos da lei.

Entre outros jornais e prospectos, havia uma carta. Lupin pulou quando a viu. Estava endereçada a:

Monsieur de Beaumont, Michel.

— Ah — ele murmurou. — Uma carta de Gilbert!
Ela continha estas poucas palavras:

Socorro, chefe! Estou assustado. Estou assustado...

Mais uma vez, Lupin passou a noite alternando entre insônia e pesadelos. Mais uma vez, ele foi atormentado por visões atrozes e aterrorizantes.



IV. O CHEFE DOS INIMIGOS

— Pobre menino! — murmurou Lupin, na manhã seguinte, enquanto lia a carta de Gilbert. — Como ele deve estar se sentindo!

Logo no primeiro dia em que o viu, Lupin gostara daquele jovem de boa aparência, tão descuidado, divertido e apaixonado pela vida. Gilbert era dedicado a ele; teria aceitado até morrer por seu mestre, se fosse necessário. Lupin amava também sua sinceridade, seu bom humor, sua simplicidade, seu jeito radiante e transparente.

— Gilbert, você é um homem honesto — ele dizia. — Sabia que, se eu fosse você, eu jogaria tudo isso para o alto e me tornaria um homem honesto para sempre?

— Depois de você, chefe — respondia Gilbert, com uma risada.

— Mas você não vai fazer isso?

— Não, chefe. Um homem honesto é aquele que trabalha duro. Isso era algo que me interessava quando eu era um pirralho, mas eles me fizeram perder esse gosto desde então.

— Quem são eles?

Gilbert ficou em silêncio. Ele sempre ficava em silêncio quando questionado sobre sua tenra infância. Tudo o que Lupin sabia era que ele era órfão desde pequeno e que vivera por toda parte, mudando seu nome e assumindo os empregos mais questionáveis. A coisa toda era um mistério que ninguém conseguia entender e também não parecia que a polícia fizesse muita questão disso.

Pelo contrário, talvez a polícia considerasse esse mistério um motivo para atrasar os procedimentos. Eles enviariam o cúmplice de Vaucheray para julgamento — sob o nome de Gilbert ou qualquer outro nome — e lhe aplicariam a mesma punição inevitável.

— Pobre rapaz! — repetiu Lupin. — Eles o estão perseguindo dessa forma somente por minha causa. Eles têm medo de sua fuga e estão com pressa de terminar o negócio: o veredicto primeiro e depois... a

execução. Que carneiros! Um rapaz de vinte anos, que não cometeu nenhum assassinato, que sequer é cúmplice do assassinato...

Infelizmente, Lupin sabia muito bem que isso era algo impossível de provar e que ele deveria concentrar seus esforços em outra questão, mas em qual? Será que ele deveria abandonar o rastro da rolha de cristal?

Ele não conseguiu se decidir quanto a isso. Seu primeiro e único desvio da busca seria ir até Enghien, onde viviam Growler e Masher, e certificar-se de que não eram vistos desde o assassinato na Villa Marie-Thérèse. Além disso, ele estava empenhado na questão de Daubrecq e nada mais.

Lupin se recusou até mesmo a se preocupar com os problemas mais recentes: a traição de Growler e Masher; a conexão deles com a dama de cabelos grisalhos; a espionagem da qual ele mesmo era o objeto.

— Firme, Lupin — disse ele. — Apenas alguém em delírio febril fala sem pensar. Por isso, segure a língua. Sem deduções, acima de tudo! Nada é mais tolo do que concluir algo antes de encontrar um ponto de partida certo. É assim que se entra em uma enrascada. Ouça seu instinto. Aja de acordo com seu instinto. E como você está certo disso, sem dúvida alguma, sem errar, pode-se dizer que a questão se volta para aquela rolha esquisita; vá em frente com audácia. Foque em Daubrecq e seu pedaço de cristal!

Lupin não esperava chegar a essas conclusões sem antes pensar em como agir em relação a isso. No momento em que repassava essas ações em sua mente, três dias após a cena no Vaudeville, ele estava vestido como um comerciante aposentado, com um sobretudo velho, um cachecol no pescoço, sentado em um banco na Avenue Victor-Hugo, próximo da Place Lamartine. Victoire tinha instruções para passar por aquele banco à mesma hora todas as manhãs.

— Sim — ele repetiu para si mesmo. — A rolha de cristal: tudo gira em torno disso... Uma vez que eu a tiver...

Victoire chegou, com seu cesto de compras no braço. Ele notou imediatamente sua extrema agitação e palidez:

— Qual é o problema? — perguntou Lupin, caminhando ao lado de sua velha ama.

Ela entrou em uma grande mercearia, que estava lotada, e, voltando-se para ele, disse com uma voz impregnada de emoção:

— Aqui! Aqui está o que você tem procurado.

E, tirando algo de sua cesta, ela entregou-lhe. Lupin ficou surpreso: em sua mão estava a rolha de cristal.

— Isto é real? Isto é real? — murmurou ele, como se a facilidade com que aquilo foi resolvido o tivesse desestabilizado.

Mas o fato permaneceu, visível e palpável. Ele reconheceu por sua forma, por seu tamanho, pelo dourado desgastado de sua superfície, sem sombra de dúvida, era a rolha de cristal que ele vira antes. Ele até observou um pequeno e quase imperceptível arranhão no cabo, do qual ele se lembrava perfeitamente.

Entretanto, embora o objeto apresentasse as mesmas características, não havia outra com que pudesse comparar. Era uma rolha de cristal; isso era tudo. Nenhuma marca realmente especial a distinguia de outras rolhas. Não havia nenhum sinal sobre ela, nenhum selo; e, sendo talhada em uma única peça, não continha nenhum defeito específico.

— E agora?

Lupin teve um rápido lampejo da profundidade de seu erro. De que lhe serviria a posse daquela rolha de cristal enquanto ele não soubesse o valor dela? Esse pedaço de vidro não valia nada em si. Ele só poderia concluir algo quando descobrisse o significado que lhe era atribuído. Antes de ficar com o objeto, era necessário ter certeza do que estava fazendo. E como ele saberia que, ao tomá-lo, ao roubá-lo de Daubrecq, não estaria cometendo um ato de insensatez?

Era uma questão impossível de ser resolvida, mas que lhe foi imposta de modo bem surpreendente.

— Sem erros — determinou para si mesmo, enquanto embolsou a rolha. — Neste negócio confuso, os equívocos podem ser fatais.

Ele não tirou os olhos de Victoire. Acompanhada por um comerciante, ela foi de balcão em balcão, entre a multidão de clientes. Em seguida, ficou de pé, por algum tempo, no balcão de pagamento e passou na frente de Lupin.

Ele sussurrou as instruções para ela:

— Encontre-me atrás do Lycée Janson.

Ela se juntou a Lupin em uma rua meio deserta:

— E se eu tiver sido seguida? — perguntou ela.

— Não foi — declarou ele. — Eu olhei com cuidado. Ouça-me. Onde você encontrou a rolha?

— Na gaveta da mesa de cabeceira.

— Mas nós já tínhamos vasculhado lá.

— Sim, e eu fiz isso novamente esta manhã. Talvez ele a tenha colocado lá ontem à noite.

— E é possível que ele queira tirar de lá novamente — acrescentou Lupin. — Muito provavelmente.

— E se ele der falta dela? — Victoire parecia assustada.

— Responda-me — disse Lupin. — Se ele descobrir que desapareceu, irá acusá-la e vai querer a rolha de volta, não é mesmo?

— Certamente.

— Então vá e a coloque de volta, o mais rápido que puder.

— Ah, querido! — gemeu ela. — Espero que ele não tenha tido tempo de descobrir. Dê-me isso, rápido.

— Aqui está — disse Lupin.

Ele procurou no bolso de seu casaco.

— Bem? — disse Victoire, estendendo sua mão.

— Bem — disse ele, depois de um momento. — Desapareceu.

— O quê!?

— Sim, dou-lhe minha palavra, sumiu... Alguém a pegou.

Ele explodiu em uma gargalhada, uma risada que, desta vez, estava livre de toda amargura.

Victoire foi até ele:

— Você ri! Colocando-me numa situação bem difícil!

— Como posso não rir? Tem que admitir que foi engraçado. Não é mais com uma tragédia que estamos lidando, mas um conto de fadas, como *O gato de botas* ou *João e o pé de feijão*. Devo escrevê-lo quando tirar umas semanas de folga: *A rolha mágica* ou *As desventuras do pobre Arsène*.

— Bem... Quem a tirou de você?

— Do que você está falando? Desapareceu do meu bolso; os dados foram lançados!

Ele deu um empurrãozinho na velha criada e, em um tom mais sério, disse:

— Vá para casa, Victoire, e não se preocupe. É claro, alguém viu você me dar a rolha e aproveitou a multidão na mercearia para pegá-la de

meu bolso. Isso só mostra que somos observados mais de perto do que eu pensava e por adversários de primeiro escalão. Mas, mais uma vez, fique tranquila. Quem é honesto não tem o que temer. Você tem mais alguma coisa para me dizer?

— Sim. Alguém veio ontem à noite, enquanto o senhor Daubrecq estava fora. Eu vi luzes refletidas sobre as árvores do jardim.

— Do quarto da zeladora?

— A zeladora estava de pé.

— Então, devem ter sido alguns desses detetives que ficam rondando a casa; eles ainda tentam descobrir algo. Nós nos vemos mais tarde, Victoire. Você precisa me deixar entrar novamente.

— O quê!? Você quer...

— Qual o risco? Seu quarto fica no terceiro andar. Daubrecq não suspeita de nada.

— Mas os outros!

— Os outros? Se fosse do interesse deles me pegar, já teriam tentado antes. Eu estou no caminho deles, só isso. Eles não têm medo de mim. Então, até mais tarde, Victoire, exatamente às cinco horas.

Outra surpresa o aguardava. À noite, sua velha ama lhe contou que, tendo aberto a gaveta da mesinha de cabeceira por curiosidade, encontrou lá novamente a rolha de cristal.

Lupin não estava mais entusiasmado com esses incidentes milagrosos. Ele simplesmente disse a si mesmo:

— Por essa razão foi trazida de volta. A pessoa que a trouxe e que entra nesta casa de algum modo inexplicável considerou, como eu fiz, que a rolha não deveria desaparecer. E ainda assim Daubrecq, que sabe que está sendo espionado até em seu próprio quarto, deixou, mais uma vez, a rolha na gaveta, como se ela não tivesse importância alguma para ele! Mas o que fazer diante disso?

Embora Lupin não tenha feito nada quanto a isso, ele não deixou de ponderar algumas coisas, certas associações de ideias que lhe deram a mesma experiência que se tem quando se vê uma pequena luz no fim de um túnel.

— Do jeito que tudo caminha, será inevitável que logo haja um encontro entre mim e os outros. A partir desse momento, eu serei o dono da situação — pensou ele.

Cinco dias se passaram, durante os quais Lupin não descobriu o mínimo detalhe. No sexto dia, durante poucas horas, Daubrecq recebeu a visita de um cavalheiro, o deputado Laybach, que, como seus colegas, arrastou-se a seus pés em desespero e, quando não teve mais jeito, entregou-lhe vinte mil francos.

Passaram-se mais dois dias e então, em uma noite, enquanto estava no patamar do segundo andar, Lupin ouviu o ranger da porta da frente, por meio da qual a pessoa podia ir do salão para o jardim. Na escuridão, ele distinguiu, ou melhor, sentiu, a presença de duas pessoas, que subiram as escadas e pararam no primeiro andar, do lado de fora do quarto de Daubrecq.

O que eles estavam fazendo lá? Não foi possível entrar no quarto, porque Daubrecq trancava a porta todas as noites. Então, o que eles esperavam?

Claramente algum tipo de trabalho manual estava sendo feito, o que Lupin deduziu a partir dos repetidos sons ao esfregarem a porta. Então palavras, pronunciadas quase como um sussurro, chegaram até ele:

— Está tudo bem?

— Sim, mas é melhor adiarmos para amanhã, porque...

Lupin não ouviu o final da frase. Os homens já estavam tomando o rumo deles escada abaixo. A porta do corredor foi fechada, muito suavemente, e depois o portão.

— É curioso, digam o que quiserem — pensou Lupin. — Aqui está uma casa na qual Daubrecq esconde cuidadosamente suas falcatruas e que está sob vigilância, por uma boa razão, contra os espões; e todos entram e saem como em um estande em uma feira. Victoire me deixa entrar, a zeladora admite os emissários da polícia; isso é bom e ruim. Mas quem está se fazendo de falso a favor dessas pessoas? Devemos supor que eles estão agindo sozinhos? Mas que destemor! E como eles sabem o jeito de agir!

Na tarde seguinte, enquanto Daubrecq estava ausente, Lupin examinou a porta do quarto do primeiro andar. E, de primeira, ele entendeu: um dos painéis inferiores foi habilmente recortado e apenas se mantinha no lugar por tachas invisíveis. As pessoas, portanto, que fizeram aquele trabalho eram as mesmas que entraram em seus dois apartamentos, na Rue Matignon e na Rue Chateaubriand.

Ele também descobriu que o trabalho fora executado antes da noite anterior e que, como em seu caso, a abertura fora preparada de antemão, em antecipação de circunstâncias favoráveis ou de alguma necessidade imediata.

O dia não pareceu longo para Lupin. O conhecimento estava à mão. Ele não só entenderia a maneira como seus adversários empregavam aquelas pequenas aberturas, aparentemente inúteis, já que não permitiam que uma pessoa chegasse aos parafusos superiores, como também descobriria quem eram os adversários engenhosos e incansáveis com os quais ele se via confrontado repetida e inevitavelmente.

Um incidente o irritou. À noite, Daubrecq, que reclamou de estar cansado no jantar, chegou em casa às dez horas e, diferentemente do que poderia se esperar, empurrou o trinco da porta do corredor. Nesse caso, como os outros poderiam realizar seu plano e ir para o quarto de Daubrecq? Lupin esperou uma hora após o deputado apagar a luz. Então, ele desceu ao seu escritório, deixou uma das janelas entreaberta, voltou ao terceiro andar e preparou sua escada de corda para que, em caso de necessidade, ele pudesse chegar ao escritório sem passar por dentro de casa. Por fim, ele retomou seu posto no segundo andar.

Ele não precisou esperar muito. Uma hora antes do que na noite anterior, alguém tentou abrir a porta do salão. Quando a tentativa falhou, seguiram-se alguns minutos de silêncio absoluto. Lupin começou a pensar que os homens desistiram da ideia, quando percebeu, de repente, que alguém passara, em total silêncio. Ele não o perceberia se o balaústre do corrimão, que ele mesmo segurava, não tivesse tremido levemente. A pisada nos degraus estava completamente abafada pelo tapete da escada. Alguém estava subindo.

E, enquanto alguém continuava a subir, Lupin tomou consciência da sensação estranha de não ouvir nada, assim como não ouvira antes. Ele sabia, por causa do corrimão, que uma coisa estava chegando e ele podia contar o número de degraus subidos percebendo cada vibração do corrimão, mas nenhuma outra indicação lhe dava a mínima sensação da presença que sentimos ao distinguir os movimentos que não vemos, ao perceber sons que não ouvimos. No entanto, uma

sombra mais densa deveria ter tomado forma dentro da escuridão e algo deveria, pelo menos, romper o silêncio. Não; ele poderia muito bem acreditar que não havia ninguém lá.

E Lupin, contra a própria vontade e contra a evidência de sua razão, terminou acreditando nisso, pois o corrimão não se movia mais, e ele pensou que tudo devia ter sido uma mera ilusão.

Aquilo durou muito tempo. Ele hesitou, sem saber o que fazer, sem saber o que supor. Mas uma circunstância estranha o impressionou. Um relógio bateu duas horas. Ele reconheceu o toque do relógio de Daubrecq. E o carrilhão era o de um relógio que não está separado pelo obstáculo de uma porta.

Lupin desceu as escadas e foi até a porta. Estava fechada, mas havia um espaço à esquerda, ao fundo, um espaço deixado pela remoção do pequeno painel.

Ele ouviu. Daubrecq, naquele momento, virou-se na cama, e sua respiração foi retomada, de maneira uniforme e um pouco ofegante. Lupin ouviu claramente o barulho de roupas sendo amarrotadas. Sem dúvida, a coisa estava ali, Tateando e tocando as roupas que Daubrecq deixara ao lado de sua cama.

— Agora — pensou Lupin. — Vamos descobrir algo, mas como o infeliz entrou? Será que ele conseguiu puxar o trinco e abrir a porta? Mas, se sim, por que ele cometeu o erro de fechá-la novamente?

Nem por um segundo sequer ele suspeitou da verdade muito simples que estava prestes a ser revelada a ele — esse lapso era uma anomalia curiosa em um homem como Lupin, que se explicaria apenas pelo sentimento estranho que toda a aventura produziu nele. Continuando sua jornada, ele se agachou em um dos degraus inferiores da escada, colocando-se, assim, entre a porta do quarto e a do corredor, no caminho que o inimigo de Daubrecq deveria inevitavelmente tomar para juntar-se a seus cúmplices.

Ele observava a escuridão com uma angústia indescritível, pois estava a ponto de desmascarar aquele inimigo de Daubrecq, que também era seu próprio adversário. Ele impediria seus planos, capturando aquele que tentava saquear Daubrecq. Sim, ele o pegaria enquanto o deputado dormia e os comparsas permaneciam à espreita atrás da porta do salão ou no jardim, onde esperariam em vão o retorno de seu líder.

E esse retorno ocorreria. Lupin o soube novamente pela vibração dos balaústres. E, mais uma vez, com todos os sentidos tensos e os nervos à flor da pele, ele se esforçou para discernir a misteriosa coisa que vinha em sua direção. De súbito, ele se deu conta do que era quando estava a poucos metros de distância. Ele mesmo, escondido em um canto ainda mais escuro, não podia ser visto. E o que ele viu — da maneira mais vaga — aproximava-se de degrau em degrau, com infinita cautela, apoiando-se em um balaústre de cada vez.

— Como fui me meter nisso? — disse Lupin a si mesmo, enquanto seu coração batia forte dentro do peito.

A catástrofe foi suscitada. Um movimento descuidado da parte de Lupin foi percebido pelo estranho, que parou em seguida. Lupin teve medo de que o outro não voltasse para trás e fugisse. Ele tentou agarrar o adversário, mas ficou perplexo ao encontrar nada além de espaço vazio e bater contra a escadaria sem agarrar a forma que ele viu. No entanto, Lupin correu para a frente, atravessou a parte mais larga do salão e pegou seu antagonista no momento em que chegava à abertura da porta da frente.

Houve um grito de susto, seguido por outros gritos no outro lado da porta.

— Ei, parado! O que é isto? — murmurou Lupin, cujos braços se fecharam, no escuro, em torno de um minúsculo ser, trêmulo e choramingando.

De repente, Lupin ficou de pé por um momento imóvel e consternado, sem saber o que fazer com sua presa conquistada, enquanto os outros batiam e gritavam do lado de fora da porta. Então, temendo que Daubrecq acordasse, ele colocou a coisinha debaixo de seu casaco, contra o peito, abafou seu choro com seu lenço todo embolado e subiu apressadamente os três lances de escada.

— Aqui — disse ele à Victoire, que acordou de supetão. — Trouxe para você o chefe indomável de nossos inimigos, o Hércules do bando. Você tem uma mamadeira aí?

Ele colocou na poltrona uma criança de seis ou sete anos de idade, bem miúda, vestindo uma camisa cinza e um gorro de tricô, cujos traços pálidos e requintadamente bonitos sobressaíam com as lágrimas que brotavam dos olhos aterrorizados.

— Onde você o achou? — perguntou Victoire, horrorizada.

— Ao pé da escada, ao sair do quarto do Daubrecq — respondeu Lupin, apalpando-lhe a camisa na esperança de que a criança tivesse pegado algum objeto do quarto. Victoire sentiu pena:

— Pobrezinho! Olha, ele está tentando não chorar! Ah, meu Deus! As mãos dele estão como gelo! Não tenha medo, filhinho, nós não lhe faremos mal; o cavalheiro está tranquilo.

— Sim — confirmou Lupin —, o cavalheiro está tranquilo, mas há outro cavalheiro muito malvado que vai acordar se eles continuarem fazendo tal tumulto perto da porta do salão. Você os ouve, Victoire?

— Quem são?

— Os companheiros de nosso jovem Hércules, a gangue do líder indomável.

— Então? — gaguejou Victoire, completamente nervosa.

— Então, como não quero ser apanhado em nenhuma armadilha, vou me retirar. Você vem, Hércules?

Ele enrolou a criança em um cobertor, de modo que apenas sua cabeça permanecesse do lado de fora, amordaçou sua boca o mais suavemente possível e o colocou sob os ombros de Victoire.

— Viu, Hércules? Estamos jogando. Você jamais imaginou que fosse encontrar pessoas para carregar você nos ombros às três horas da manhã! Venha, rápido, vamos dar o fora! Você não ficará tonto, espero.

Ele passou pela janela, colocou os pés em um dos degraus da escada de corda e, em um minuto, estava no jardim.

Ainda podia escutar e naquele momento ouvia mais claramente os golpes que estavam sendo desferidos na porta da frente. Lupin ficou surpreso por Daubrecq não ter sido despertado por um barulho tão violento.

— Se eu não puser um fim a isto, eles estragarão tudo — pensou Lupin.

Ele ficou em um ângulo da casa, invisível na escuridão, e mediu a distância entre ele e o portão, que estava aberto.

À sua direita, ele viu os degraus, sobre os quais as pessoas se debatiam; à sua esquerda, ficava a moradia da zeladora.

A mulher saíra de seu alojamento e estava de pé perto daqueles homens, suplicando-lhes:

— Ah, fiquem quietos, fiquem quietos! Ele vai acordar!

— Uma atriz! — disse Lupin. — A boa mulher também é cúmplice deles. Por Cristo, que jogadora!

Ele correu até ela e, pegando-a pelo pescoço, disse, ofegante:

— Diga a eles que estou com a criança... Eles podem vir buscá-la em minha casa, na Rue Chateaubriand.

Um pouco adiante, na avenida, havia um táxi que Lupin presumia ter sido contratado pela gangue. Falando com autoridade, como se ele fosse um dos comparsas, entrou no táxi e ordenou ao homem que o levasse para casa.

— Bem — disse ele à criança —, até que não sacudiu tanto, não foi? O que me diz de dormir na minha casa?

Enquanto seu criado Achille dormia, Lupin deixou o pequenino confortável e acariciou-lhe o cabelo. A criança parecia estar entorpecida. Seu pobre rosto tinha uma expressão tensa e assustada, como se estivesse petrificado. Ele parecia conter uma vontade de gritar e, ao mesmo tempo, fazia um esforço lamentável para não demonstrar medo.

— Pode chorar, meu bichinho, chore — disse Lupin. — Vai te fazer bem chorar.

A criança não chorou, mas a voz de Lupin era tão suave e amável que ele relaxou seus músculos tensos, e, naquele momento que seus olhos estavam mais calmos e sua boca menos contorcida, o homem, que o examinava de perto, encontrou algo que reconheceu, uma semelhança indubitável.

Isso mais uma vez confirmou certos fatos de que ele suspeitava e que tinha há algum tempo em sua mente. Com efeito, a menos que ele estivesse enganado, a situação estava se tornando muito diferente, e ele logo assumiria o controle dos acontecimentos. Depois disso...

Alguém tocou a campainha uma vez e, em seguida, houve mais dois toques, apressados.

— Ora! — disse Lupin para a criança. — Sua mamãe veio buscá-lo. Não saia daqui.

Lupin correu e abriu a porta. Uma mulher entrou, desesperada:

— Meu filho! — gritou ela. — Meu filho! Onde ele está?

— No meu quarto — informou Lupin.

Sem perguntar de novo, provando assim que ela sabia o caminho, correu para o quarto.

— Como eu pensava — murmurou Lupin. — A mulher jovem de cabelos grisalhos: amiga e inimiga de Daubrecq.

Ele caminhou até a janela e olhou através das cortinas. Dois homens rondavam do outro lado da calçada: Growler e Masher.

— E eles não estão nem se escondendo — disse para si mesmo. — Isso é um bom sinal. Eles sabem que não podem mais prosseguir sem mim e que têm que obedecer ao chefe. Resta a bela senhora de cabelos grisalhos. Isso será mais difícil de resolver. Somos você e eu agora, mamãezinha.

Ele encontrou a mãe e o menino bem abraçados, e ela, bastante abalada, com os olhos úmidos de lágrimas, dizia:

— Você não está ferido? Tem certeza? Ah, como você deve ter ficado assustado, meu pobre Jacques!

— Um pequeno companheiro — disse Lupin.

Ela não respondeu. Estava apalpando a camisa da criança, como Lupin fizera, sem dúvida para ver se ele fora bem-sucedido em sua missão noturna, e ela o questionou em um sussurro.

— Não, mamãe — disse a criança. — Não, de verdade.

Ela o beijou carinhosamente e o acariciou, até que, em pouco tempo, a criança, esgotada pela fadiga e inquietação, adormeceu. A mulher permaneceu muito tempo inclinada sobre ele. Ela mesma parecia muito cansada e necessitada de descanso.

Lupin não atrapalhou sua contemplação. Ele a olhou ansiosamente, com uma atenção que ela não percebeu, e notou suas profundas olheiras e rugas. No entanto, ele considerou-a mais bela do que pensava, com aquela beleza tocante que o sofrimento habitual dá a certos rostos mais humanizados, mais sensíveis do que outros.

Ela estava com uma expressão tão triste que, em um rompante de simpatia instintiva, Lupin ponderou:

— Não sei quais são os seus planos, mas, sejam eles quais forem, você precisa de ajuda. Você não conseguirá sozinha.

— Não estou sozinha.

— Refere-se àqueles dois homens lá fora? Eu os conheço, e não são boa coisa. Suplico-lhe, acredite em mim. Você se lembra da outra noite, no teatro, no camarote? Você estava a ponto de falar. Não hesite hoje.

Ela olhou para ele longa e fixamente e, como se não pudesse escapar desse oponente persuasivo, disse:

— O que você sabe exatamente? O que você sabe sobre mim?

— Há muitas coisas que eu não sei. Não sei seu nome. Mas eu sei...

Ela o interrompeu com um gesto e, resolutamente, por sua vez, dominando o homem que a obrigava a falar, exclamou:

— Não importa. Afinal, o que você sabe não é muito e não tem importância. Mas quais são seus planos? Você me oferece sua ajuda: com base em quê? Para que trabalho? Você se atirou de cabeça neste negócio; eu não consegui fazer nada sem encontrá-lo em meu caminho. Você deve ter algum objetivo... Mas qual?

— Que objetivo? Dou-lhe minha palavra, parece que minha conduta...

— Não, não — disse ela, enfaticamente. — Sem rodeios! O que você e eu queremos são certezas, e, para consegui-las, é necessário franqueza absoluta. Vou começar, para dar um exemplo. O senhor Daubrecq possui uma coisa de valor inigualável, não por si só, mas pelo que representa. Essa coisa você sabe o que é. Você já a segurou duas vezes em suas mãos. Eu a tirei duas vezes de você. Bem, tenho o direito de acreditar que, quando você tentou obtê-la, você quis se aproveitar do poder que lhe atribuiu e usá-la para o próprio benefício...

— O que a faz dizer isso?

— Sim, você pretendia usá-la para dar andamento a seus esquemas, para seu próprio interesse, de acordo com os hábitos que tem, como um...

— Como um ladrão e um vigarista — disse Lupin, completando a frase para ela.

Ela não protestou. Ele tentou ler seus pensamentos secretos no fundo de seus olhos. O que ela queria de Lupin? Do que tinha medo? Se ela desconfiava dele, ele não teria também razões para desconfiar daquela mulher que lhe tirara duas vezes a rolha de cristal, a fim de devolvê-la a Daubrecq? Embora ela fosse inimiga mortal de Daubrecq, até que ponto ela se sujeitou à vontade daquele homem? Ao render-se à mulher, será que ele não estava arriscando entregar-se a Daubrecq? No entanto, ele nunca vira olhos tão sérios, nem um rosto mais honesto.

Sem mais hesitações, ele afirmou:

— Meu objetivo é suficientemente simples. Quero libertar meus amigos, Gilbert e Vaucheray.

— Isso é verdade? — perguntou ela, estremecendo e questionando-o com um olhar ansioso.

— Se você me conhecesse...

— Eu o conheço. Eu sei quem você é. Durante meses, participei de sua vida, sem que você suspeitasse... E, ainda assim, por certas razões, ainda tenho dúvidas...

Ele disse, em um tom mais incisivo:

— Você não me conhece. Se me conhecesse, saberia que não ficarei em paz até que meus dois companheiros tenham escapado do terrível destino que os espera.

Ela correu até ele, sacudiu-o pelos ombros e, visivelmente perturbada, disse:

— O quê? O que você disse? O terrível destino? Então você acredita... Você acredita...

— Eu realmente acredito... — disse Lupin, que sentiu o quanto essa ameaça a perturbou. — Eu acredito que, se eu não agir a tempo, Gilbert e Vaucheray estarão acabados.

— Calado! — ela chorou, agarrando-o ferozmente. — Não diga isso! Você não deve afirmar que... Não há razão para isso... Isso é o que você supõe...

— Não sou apenas eu que digo, Gilbert também...

— O quê? Gilbert? Como você sabe? Você concluiu? Foi ele que falou?

— Sim, isso partiu de Gilbert, que não tem mais esperança em ninguém senão em mim. O Gilbert, que sabe que somente um homem no mundo poderá salvá-lo e que, há alguns dias, me enviou um apelo desesperado da prisão. Aqui está a carta dele.

Ela arrancou o papel avidamente e leu gaguejando:

Socorro, chefe! Estou assustado! Estou assustado!

Ela deixou cair a carta. Suas mãos tremiam. Era como se seus olhos fixos contemplassem a visão sinistra que já havia tantas vezes

aterrorizado Lupin. Ela deu um grito de horror, tentou se levantar e desmaiou.



V. OS VINTE E SETE

A criança estava dormindo tranquilamente na cama. Sua mãe não se moveu do sofá no qual Lupin a acomodou, mas sua respiração tranquila e a cor que então voltava ao seu rosto demonstravam sua iminente recuperação do desmaio.

Ele observou que a mulher usava uma aliança. Ao ver um medalhão pendurado no corpete dela, ele se abaixou e, virando-o, viu uma pequena fotografia de um homem com cerca de quarenta anos e um rapaz — um adolescente — usando um uniforme de escola. Ele analisou o rosto jovem e inexperiente, com cabelos encaracolados, e exclamou:

— É como eu pensava. Ah, pobre mulher!

A mão que ele segurava ficou cada vez mais quente. A mulher abriu os olhos, depois fechou-os novamente. Ela murmurou:

— Jacques...

— Não se preocupe... Está tudo bem, ele está dormindo.

Ela recuperou completamente a consciência. Mas, como permanecia em silêncio, Lupin lhe fez perguntas, para fazê-la se sentir à vontade e falar aos poucos. Ele perguntou, apontando para o medalhão:

— O menino de uniforme é Gilbert, não é?

— Sim — disse ela.

— E ele é seu filho?

Ela teve um calafrio e sussurrou:

— Sim, Gilbert é meu filho. Meu filho mais velho.

Então ela era a mãe de Gilbert; de Gilbert, o prisioneiro na Santé, terrivelmente perseguido pelas autoridades e naquele momento aguardando seu julgamento por assassinato!

Lupin continuou:

— E o outro retrato?

— Meu marido.

— Seu marido?

— Sim, ele morreu há três anos.

Ela estava sentada naquele momento. Sentiu suas veias gelarem diante do horror de viver e do horror de todas as coisas terríveis que a ameaçavam. Lupin continuou a perguntar:

— Qual era o nome do seu marido?

Ela hesitou por um momento e respondeu:

— Mergy.

Ele se surpreendeu:

— Victorien Mergy, o deputado?

— Sim.

Houve uma longa pausa. Lupin lembrou-se do incidente e da agitação que ele causara. Há três anos, Mergy, o deputado, estourou seus miolos no lobby da Câmara, sem deixar uma palavra de explicação, e ninguém jamais descobrira qualquer razão para aquele suicídio.

— Você sabe o motivo? — perguntou Lupin, completando seu pensamento em voz alta.

— Sim, eu sei.

— Gilbert, talvez?

— Não. Gilbert saiu de casa quando meu marido o amaldiçoou; já estava desaparecido por alguns anos. Foi uma tristeza muito grande, mas havia outro motivo.

— Qual? — perguntou Lupin.

Mas não foi necessário que ele lhe fizesse mais perguntas. Madame Mergy não ficaria mais calada e, lentamente no início, com toda a angústia advinda daquele passado que era evocado, ela contou sua história:

— Há 25 anos, quando meu nome era Clarisse Darcel e meus pais ainda estavam vivos, conheci três jovens em Nice. Seus nomes lhe darão imediatamente uma visão da tragédia atual: eles eram Alexis Daubrecq, Victorien Mergy e Louis Prasville. Os três eram velhos conhecidos, frequentaram a faculdade no mesmo ano e serviram no mesmo regimento.

“Prasville, naquela época, estava apaixonado por uma cantora da casa de ópera de Nice. Os outros dois, Mergy e Daubrecq, estavam apaixonados por mim. Serei breve quanto a tudo isso e quanto ao resto da história, pois os fatos falam por si só. Eu me apaixonei por

Victorien Mergy desde o início. Talvez tenha errado em não me declarar de uma vez, mas o verdadeiro amor é sempre acanhado, hesitante e tímido, e eu não anunciei minha escolha até me sentir bastante segura e livre. Infelizmente, esse período de espera, tão encantador para aqueles que apreciam uma paixão secreta, permitira a Daubrecq ter esperança. Sua raiva era algo horrível.”

Clarisse Mergy parou por alguns segundos e retomou, em voz abafada:

— Nunca esquecerei... Nós três estávamos na sala de visitas. Ah, ainda hoje consigo ouvir as terríveis palavras de ameaça e ódio que ele proferiu! Victorien ficou absolutamente surpreso. Nunca vira seu amigo assim, com aquele rosto repugnante, aquela expressão bestial. Sim, a expressão de uma fera selvagem...

“Daubrecq rangeu os dentes. Ele bateu os pés no chão. Seus olhos estavam vermelhos como sangue, ele não usava óculos naquela época. Ele continuava dizendo: ‘Eu vou me vingar... Eu vou me vingar... Ah, vocês não sabem do que eu sou capaz! Vou esperar dez, vinte anos se necessário... Mas vou atingir-lhes como um raio... Ah, vocês nem imaginam! Para me vingar... Para fazer mal... para causar o mal... que prazer! Eu nasci para fazer o mal... E ambos implorarão por minha misericórdia de joelhos, de joelhos, sim, de joelhos...’

“Nesse momento, meu pai entrou na sala e, com a ajuda dele e do mordomo, Victorien Mergy conseguiu expulsar a odiosa criatura. Seis semanas depois, casei-me com Victorien.”

— E Daubrecq? — perguntou Lupin, interrompendo-a. — Será que ele não tentou...

— Não, mas no dia do nosso casamento, Louis Prasville, que foi padrinho, desafiando a oposição de Daubrecq, voltou para casa para encontrar a garota que amava, a cantora de ópera, e ela estava morta, estrangulada...

— O quê? — disse Lupin, de súbito. — Daubrecq teve...

— Sabíamos que Daubrecq a estava perseguindo havia alguns dias, mas nada além disso. Era impossível descobrir quem entrara ou saíra durante a ausência de Prasville. Não foi encontrado qualquer tipo de vestígio; nada, absolutamente nada.

— Mas Prasville...

— Para nós, e também para Prasville, não havia dúvida do que acontecera. Daubrecq tentara fugir com a garota, talvez forçá-la a isso ou apressá-la e, no decorrer da luta, enlouqueceu, perdendo a cabeça, pegou-a pelo pescoço e a matou. Talvez sem saber o que estava fazendo. Porém, não houve provas de tudo isso e Daubrecq sequer foi procurado.

— E o que aconteceu com ele em seguida?

— Durante alguns anos, não ouvimos falar dele. Sabíamos apenas que ele perdera todo seu dinheiro em jogos de azar e que estava viajando pelos Estados Unidos. Então, contra minha vontade, deixei de lado sua raiva e suas ameaças e estava certa de que ele deixara de me amar e não pensava mais em esquemas para se vingar. Além disso, eu estava tão feliz que não me importava com nada mais além de minha felicidade, meu amor, a carreira política de meu marido e a saúde de meu filho Antoine.

— Antoine?

— Sim, Antoine é o verdadeiro nome de Gilbert. O pobre menino conseguiu ao menos ocultar sua identidade.

Lupin perguntou, com alguma hesitação:

— Em que período... Gilbert... começou?

— Não sei dizer exatamente. Gilbert — eu prefiro chamá-lo assim e não pronunciar seu verdadeiro nome; Gilbert, quando criança, era o que ele é hoje: amável, apreciado por todos, encantador, mas preguiçoso e indisciplinado. Quando ele tinha 15 anos, nós o colocamos em um internato em uma das vilas, com o objetivo deliberado de que ele não ficasse muito tempo em casa. Após dois anos, ele foi expulso da escola e mandado de volta para nós.

— Por quê?

— Por causa de sua conduta. Os professores descobriram que ele fugia à noite e também que, certa vez, ele sumiu por semanas, enquanto fingia estar em casa conosco.

— O que ele fazia nessas ocasiões?

— Divertia-se apostando em cavalos, passando seu tempo em cafés e salões de dança públicos.

— Então ele tinha dinheiro?

— Sim.

— Quem lhe dava?

— Seu gênio mau, o homem que, secretamente, escondido de seus pais, o atraiu para longe da escola, o homem que o desviou, que o corrompeu, que o tirou de nós, que o ensinou a mentir, a perder sua essência e a roubar.

— Daubrecq?

— Daubrecq.

Clarisse Mergy juntou as mãos para esconder o rubor em sua testa. Ela continuou, com sua voz cansada:

— Daubrecq conseguiu se vingar. Um dia depois que meu marido expulsou nosso filho infeliz de casa, Daubrecq nos enviou uma carta muito cínica, na qual ele revelou o papel odioso que desempenhara e de que maneiras conseguiu depravar nosso filho. E ele prosseguiu, dizendo: “O reformatório, um dia destes... Mais tarde, o tribunal penal... E depois, esperemos e confiemos, a guilhotina!”

Lupin exclamou:

— O quê? Daubrecq planejou o que está acontecendo agora?

— Não, não; isso é apenas um acidente. A profecia odiosa foi apenas um desejo que ele expressou. Mas ah, como isso me aterrorizava! Eu estava muito angustiada na época. Meu outro filho, meu pequeno Jacques, acabara de nascer e todos os dias ouvíamos falar de um novo delito de Gilbert — falsificações, trapaças —, de tal forma que espalhamos para as pessoas de nosso convívio a notícia de sua partida para o exterior, seguida de sua morte. Nossa vida estava um inferno; ficou ainda pior quando a tempestade política irrompeu e meu marido acabou morrendo.

— O que você quer dizer?

— Uma breve explicação bastará: o nome do meu marido estava na lista dos Vinte e Sete.

— Ah!

O véu foi subitamente levantado dos olhos de Lupin e ele enxergou, como em um relâmpago, uma gama de coisas que, até então, estavam escondidas na escuridão.

Clarisse Mergy continuou, com uma voz mais firme:

— Sim, o nome dele estava nessa listagem, mas por engano, por total má sorte, da qual foi uma vítima. É verdade que Victorien Mergy foi um membro do comitê designado para analisar a questão do Canal do Midi. É verdade que ele votou com os membros que eram a favor do

esquema da empresa. Ele até foi pago, sim, digo-lhe tão claramente e mencionarei a soma: recebeu 15 mil francos.

“Mas Victorien foi pago em nome de outro, de um de seus amigos políticos, um homem em quem ele tinha absoluta confiança e do qual era um instrumento cego e inconsciente. Ele achava que estava fazendo uma gentileza a seu amigo, e isso foi sua própria destruição. Foi somente no dia seguinte ao suicídio do presidente da empresa e ao desaparecimento do secretário, o dia em que o caso do Canal do Midi foi publicado nos jornais, com toda sua série de fraudes e abominações, que meu marido soube que vários de seus companheiros foram subornados e que a misteriosa lista, da qual as pessoas começaram a falar de repente, ligava seu nome aos deles e aos nomes de outros deputados, líderes de partidos e políticos influentes.

“Ah, que dias terríveis foram aqueles! Será que a lista seria publicada? Será que o nome dele apareceria nela? Quanta tortura! Você se lembra da agitação louca na Câmara, da atmosfera de terror e denúncia que prevalecia? Quem era o cabeça da lista, ninguém poderia dizer. Sabia-se que ela existia e isso era tudo. Dois nomes foram sacrificados ao ódio público. Dois homens foram arrastados pela tempestade. E nunca se soube de onde veio a denúncia e em quais mãos estavam os documentos incriminatórios.”

— Daubrecq? — sugeriu Lupin.

— Não, não! — exclamou Madame Mergy. — Daubrecq não era nada naquela época, ele ainda não voltara à cena. Não, você não se lembra, a verdade veio à tona de repente através do próprio homem que a estava guardando: Germineaux, o ex-ministro da justiça, um primo do presidente da Companhia do Canal. Prestes a morrer de tuberculose, ele escreveu, em seu leito de morte, ao chefe de polícia, deixando-lhe aquela lista de nomes, que, conforme disse ele, seria encontrada, após sua partida, em um baú de ferro no canto de seu quarto. A casa foi cercada e o chefe de polícia permaneceu no aposento ao lado da cama do doente. Quando Germineaux morreu, o baú foi aberto e encontrado vazio.

— Dessa vez foi Daubrecq — declarou Lupin.

— Sim, Daubrecq — disse Madame Mergy, cuja agitação aumentara momentaneamente. — Alexis Daubrecq, que, durante seis meses, estava disfarçado de modo irreconhecível, atuara como secretário de

Germineaux. Não importa como ele descobriu que Germineaux era o detentor da lista em questão. O fato é que Daubrecq abriu o baú na noite anterior à morte do ex-ministro da justiça. Muita coisa foi provada no inquérito e a identidade de Daubrecq foi revelada.

— Mas ele não foi preso?

— Qual teria sido a utilidade disso? Eles sabiam suficientemente bem que ele deve ter guardado a lista em um local seguro. Sua prisão teria causado um escândalo, a reabertura de todo o caso...

— Então...

— Então, eles chegaram a algum acordo.

Lupin riu:

— É engraçado, fazer um acordo com Daubrecq!

— Sim, muito engraçado — opinou Madame Mergy, amargamente. — Durante esse tempo, ele agiu, sem demora, sem pudor, indo direto ao objetivo. Uma semana após o roubo, ele foi até a Câmara dos Deputados, procurou por meu marido e, sem rodeios, exigiu trinta mil francos dele, a serem pagos dentro de 24 horas. Caso contrário, ele o exporia à vergonha e à desgraça. Victorien conhecia o homem com quem estava lidando, sabia que Daubrecq era implacável e cheio de um ódio incessante. Por isso, meu marido perdeu a cabeça e atirou em si mesmo.

— Que absurdo! — Lupin não pôde deixar de dizer. — Que absurdo! Daubrecq possui a lista com os 27 nomes. Para acusar qualquer um deles, ele é obrigado, se quiser que acreditem nele, a divulgar a lista, ou seja, a ficar sem o documento, ou pelo menos a entregar uma cópia desses papéis. Bem, se fizer isso, ele criará um escândalo, é verdade, mas ele se livrará, ao mesmo tempo, de qualquer tipo de chantagem.

— Sim e não — retrucou ela.

— Como você sabe?

— Por meio do próprio Daubrecq. O safado veio me ver e me falou cinicamente de sua conversa com meu marido e das palavras que trocaram. Bem, há mais do que essa lista, mais do que aquele famoso pedaço de papel no qual o secretário colocou os nomes e os valores pagos e no qual, você se lembrará, o presidente da empresa, antes de morrer, deixou sua assinatura em letras de sangue. Tem mais coisa ainda. Existem certas provas desfavoráveis, que as pessoas envolvidas

desconhecem: a correspondência entre o presidente e o secretário, entre o presidente e seu conselheiro, e daí por diante.

“É claro que a lista rabiscada no pedaço de papel é a única prova que conta; é a única prova incontestável de que não seria interessante fazer uma boa cópia ou mesmo fotografá-la, pois sua autenticidade seria manchada com certeza. Mas, mesmo assim, as outras provas são perigosas. Elas já foram suficientes para acabar com dois deputados. E Daubrecq é extremamente esperto em convencer alguém sobre isso. Ele escolhe sua vítima, assusta-a, mostra a ela como seria inevitável o escândalo, e ela paga a quantia necessária para se ver livre. Ou então se mata, como fez meu marido. Você entende agora?”

— Sim — disse Lupin.

No silêncio que se seguiu, ele desenhrou um quadro mental da vida de Daubrecq. Ele o viu, o dono daquela lista, usando seu poder, emergindo gradualmente da sombra, esbanjando generosamente o dinheiro que extorquiu de suas vítimas, assegurando sua eleição como conselheiro distrital e deputado, exercendo o domínio por meio de ameaças e terror. Impune, invulnerável, incontrolável, temido pelo governo, que preferia se submeter às suas ordens do que declarar guerra contra ele, respeitado pelas autoridades judiciais; resumindo, tão poderoso que Prasville fora nomeado secretário-geral da polícia, passando à frente de todos os que estavam para ser nomeados, pelo único motivo de odiar Daubrecq com um ódio de cunho pessoal.

— E você o viu novamente? — perguntou ele.

— Sim, eu o vi novamente. Tive que fazê-lo. Meu marido estava morto, mas sua honra permanecia intocada. Ninguém suspeitava da verdade. Pelo menos para defender o nome que ele me deixou, aceitei minha primeira conversa com Daubrecq.

— Seu primeiro encontro, sim, pois já houve outros.

— Muitos outros — disse ela, com uma voz tensa. — Sim, muitos outros... No teatro... Ou à noite, em Enghien... Ou então em Paris, sempre à noite... Pois eu tinha vergonha de me encontrar com aquele homem e não queria que as pessoas o soubessem... Mas era necessário. Um dever mais imperioso do que qualquer outro que eu pudesse ter: o de vingar meu marido...

Ela se curvou sobre Lupin e afirmou avidamente:

— Sim, a vingança tem sido o motivo de minha conduta e a única preocupação de minha vida. Vingar meu marido, vingar meu filho arruinado, vingar-me por todo o mal que ele me causou. Eu não tinha outro sonho, nenhum outro objetivo na vida. Era isso que eu queria: ver aquele homem esmagado, reduzido à pobreza, às lágrimas — se é que ele ainda consegue chorar! —, soluçando na agonia do desespero...

— Você queria a morte dele — disse Lupin, lembrando a cena entre eles no escritório de Daubrecq.

— Não, não a morte dele. Pensei muitas vezes nisso, até levantei meu braço para golpeá-lo, mas qual seria o benefício disso? Ele deve ter tomado suas precauções. A lista permanecerá. Então não haveria vingança em matar um homem. Meu ódio ia mais longe do que isso... Exigia sua ruína, sua queda e, para conseguir isso, só havia uma maneira: cortar-lhe as garras. Daubrecq, privado do documento que lhe confere seu imenso poder, deixa de existir. Isso significa falência imediata e desastre... Sob as condições mais miseráveis. Isso é o que eu desejo para ele.

— Mas Daubrecq deve ter descoberto suas intenções...

— Certamente. E, asseguro-lhe, esses nossos encontros foram estranhos: eu o observei de perto, tentando adivinhar o segredo por trás de suas ações e palavras, e ele... Ele...

— E ele — continuou Lupin, terminando o pensamento de Clarisse — ainda está esperando a presa que deseja... A mulher que ele nunca deixou de amar... A quem ele ama... E a quem ele cobiça com todas as suas forças e com toda sua paixão avassaladora...

Ela baixou a cabeça e disse, simplesmente:

— Sim.

Estranho duelo, de fato, foi o que colocou frente a frente aqueles dois seres separados por tantas coisas implacáveis! Quão desenfreada deve ser a paixão de Daubrecq para que ele arriscasse aquela perpétua ameaça de morte e colocasse na privacidade de seu lar aquela mulher, cuja vida ele destruíra! Mas também quão absolutamente seguro ele mesmo devia se sentir!

— E sua busca terminou... Como? — perguntou Lupin.

— Minha busca — respondeu ela — permaneceu por muito tempo sem resultado. Você conhece os métodos da investigação que seguiu e

que a polícia também usou. Bem, eu mesma os empreguei, anos antes de qualquer um de vocês, e em vão. Eu estava começando a me desesperar.

“Então, um dia, quando eu fui me encontrar com Daubrecq em sua vila em Enghien, peguei uma carta que ele começara a escrever, amassada e jogada no cesto de lixo debaixo de sua escrivaninha. Ela tinha umas linhas escritas em um parco inglês e eu consegui ler isto:

Esvazie a parte de dentro do cristal, de modo a deixar uma lacuna de um jeito que ninguém suspeitará de nada.

“Talvez eu não tivesse atribuído a essa frase tamanha importância se Daubrecq, que estava no jardim, não tivesse entrado correndo e começado a revirar o cesto de lixo, em um afã que era muito significativo. Ele me lançou um olhar desconfiado: ‘Havia uma carta aqui’, disse ele. Eu fingi não entender. Ele não insistiu, mas sua agitação chamou minha atenção, e eu continuei minha busca nessa direção.

“Um mês depois, encontrei, entre as cinzas da lareira da sala de visitas, a metade rasgada de uma fatura inglesa. Descobri que um vidreiro de Stourbridge, chamado John Howard, fornecera a Daubrecq uma garrafa de cristal feita com base em um modelo. A palavra ‘cristal’ me chamou a atenção naquele instante. Fui até Stourbridge, pressionei o capataz da fábrica de vidro e soube que a tampa dessa garrafa fora esvaziada por dentro, de acordo com as instruções da carta, de modo a deixar uma cavidade, a qual ninguém notaria.”

Lupin acenou com a cabeça:

— Isso vale alguma coisa, sem sombra de dúvida. No entanto, não me pareceu que, mesmo sob a camada dourada... O esconderijo, inclusive, seria muito pequeno!

— Pequeno, mas grande o suficiente — informou ela. — No meu retorno da Inglaterra, fui ao escritório da polícia para ver Prasville, cuja amizade por mim permanecia inalterada. Não hesitei em contar-lhe, primeiro, as razões que levaram meu marido ao suicídio e, segundo, o objeto de vingança que eu estava perseguindo. Quando o informei de minhas descobertas, ele pulou de alegria, e eu senti que

seu ódio por Daubrecq estava mais forte do que nunca. Soube por ele que a lista estava escrita em um papel jornal estrangeiro extremamente fino que, quando enrolado em uma espécie de pelota, caberia facilmente em um espaço extremamente limitado. Nem ele, nem eu tivemos a menor dúvida. Conhecíamos o esconderijo. Concordamos em agir separadamente um do outro, enquanto continuaríamos a nos corresponder em segredo. Eu o coloquei em contato com Clémence, a zeladora da Place Lamartine, que era de minha inteira confiança...

— Mas não para Prasville — disse Lupin —, pois tenho como provar que ela o trai.

— Agora, talvez, mas não no início; e as buscas policiais foram numerosas. Foi nessa época, há dez meses, que Gilbert entrou novamente em minha vida. Uma mãe nunca perde seu amor pelo filho, não importa o que ele faça ou o que ele tenha feito. Além disso, Gilbert tem um jeito todo especial... Bem, você o conhece. Ele chorou e beijou meu pequeno Jacques; seu irmão e eu lhe perdoamos.

Ela parou e, ofegante, com o olhar fixo no chão, continuou:

— Quisera, pelos céus, não o ter perdoado! Ah, se eu pudesse voltar no tempo, quão prontamente eu encontraria forças para afastá-lo! Meu pobre filho... Fui eu quem o arruinou! — disse, pensativamente. — Eu deveria ter tido mais coragem, se ele ainda fosse para mim como eu o imaginava e não como ele mesmo me disse que estava há muito tempo: carregando as marcas do vício e da devassidão, grosseiro e corrompido.

“No entanto, embora ele estivesse totalmente mudado na aparência, tanto que eu mal conseguia reconhecê-lo, havia, do ponto de vista de... Como devo dizer... Do ponto de vista moral, uma melhoria indubitável. Você o ajudou, o levantou e, embora seu modo de vida fosse odioso para mim, mesmo assim ele conservava certo respeito próprio... Uma espécie de decência subjacente que se mostrou na superfície mais uma vez. Ele era expansivo, displicente, feliz... Ele falava de você com tanto carinho!”

Ela escolheu suas palavras, traindo seu constrangimento, não ousando, na presença de Lupin, condenar o modo de vida que Gilbert escolhera e, mesmo assim, incapaz de apoiar sua escolha.

— O que aconteceu depois? — perguntou Lupin.

— Eu o encontrei várias vezes. Ele vinha até mim escondido, ou então eu ia até ele e passeávamos no campo. Dessa forma, fui gradualmente impelida a lhe contar toda a história do suicídio de seu pai e do objeto pelo qual eu estava procurando. Ele imediatamente ficou com muita raiva. Ele também queria vingar seu pai e, ao roubar a rolha de cristal, se vingaria de Daubrecq pelo mal que ele lhe fizera. Sua primeira ideia — da qual, devo dizer, ele nunca desistiu — era fazer isso com você.

— Bem, então — gritou Lupin — ele deveria ter...

— Sim, eu sei... eu era da mesma opinião. Infelizmente, meu pobre Gilbert estava sob a influência de um de seus companheiros. Você sabe como ele é fraco!

— Vaucheray?

— Sim, Vaucheray, um espírito deprimente, cheio de amargura e inveja, um homem ambicioso, sem escrúpulos, sombrio e astuto, que exercia um grande domínio sobre meu filho. Gilbert cometeu o erro de confiar nele e pedir seu conselho. Essa foi a origem de todas as desgraças. Vaucheray convenceu Gilbert e a mim que seria melhor se agíssemos sozinhos. Ele analisou o negócio, assumiu a liderança e finalmente organizou a expedição a Enghien e, sob sua direção, o assalto na Villa Marie-Thérèse, que Prasville e seus detetives não conseguiram investigar a fundo, por causa da vigília acirrada de Leonard, o criado. Foi um esquema louco. Deveríamos ter confiado inteiramente em sua experiência, ou então tê-lo deixado de fora, correndo o risco de erros fatais e de hesitações perigosas.

“Mas não podíamos nos defender. Vaucheray nos dominou. Eu concordei em me encontrar com Daubrecq no teatro. Durante esse tempo, tudo aconteceu. Quando voltei para casa, à meia-noite, ouvi o terrível resultado: Leonard assassinado, meu filho preso. Tive imediatamente uma intuição sobre o futuro. A horrenda profecia de Daubrecq estava sendo realizada: haveria julgamento e sentença. E isso por minha culpa, por culpa da mãe que levava o filho em direção ao abismo do qual nada o poderia livrar agora.”

Clarisse torceu suas mãos e tremeu da cabeça aos pés. Que sofrimento pode se comparar ao de uma mãe tremendo pela execução de seu filho?

Aagitado e com pena, Lupin disse:

— Nós o salvaremos. Disso não há sombra de dúvida, mas é necessário que eu conheça todos os detalhes. Termine sua história, por favor. Como você soube, na mesma noite, o que acontecera em Enghien?

Ela conseguiu se controlar e, com o rosto contorcido de angústia febril, respondeu:

— Por meio de dois de seus cúmplices, ou melhor, dois cúmplices do Vaucheray, que eram de extrema confiança dele e que foram escolhidos para remar os barcos.

— Os dois homens na parte de fora: o Growler e o Masher?

— Sim. Ao voltar da vila, quando você veio novamente, depois de ser perseguido no lago pelo comissário da polícia, disse algumas palavras a eles, a título de explicação, enquanto ia até seu carro. Loucos de susto, eles correram para minha casa, onde estiveram anteriormente, e me deram a terrível notícia. Gilbert estava na prisão! Ah, que noite terrível! O que eu deveria fazer? Procurar por você? Certamente, e implorar por sua ajuda, mas onde eu o encontraria? Foi então que os dois que você chama de Growler e Masher, encurralados pelas circunstâncias, decidiram me contar qual era o papel desempenhado por Vaucheray, suas ambições, seu plano, que há muito tempo estava amadurecendo...

— Para se livrar de mim, suponho... — disse Lupin, com um sorriso.

— Sim. Como Gilbert possuía sua total confiança, Vaucheray o vigiou e, dessa forma, conheceu todos os lugares em que você mora. Em mais alguns dias, possuindo a rolha de cristal, com a lista dos Vinte e Sete, herdando todo o poder de Daubrecq, ele o entregaria à polícia, sem comprometer um único membro de sua gangue, que ele considerava como se fosse dele.

— Que imbecil! Um tremendo trapaceiro! — murmurou Lupin. — Então os painéis das portas...

— Foram cortados por instruções de Vaucheray, em antecipação ao embate no qual ele estava se lançando contra você e Daubrecq, em cuja casa ele fez a mesma coisa. Ele tinha, sob suas ordens, uma espécie de acrobata, um anão extraordinariamente magro, que era capaz de se esgueirar por aquelas aberturas e que, assim, interceptou toda sua correspondência e todos os seus segredos. Isso foi o que os dois amigos dele me revelaram.

“Eu imediatamente concebi a ideia de salvar meu filho mais velho fazendo uso de seu irmão, meu pequeno Jacques, que é tão leve, tão inteligente e corajoso, como você já percebeu. Partimos naquela noite. Agindo com base nas informações de meus companheiros, fui ao quarto de Gilbert e encontrei as chaves de seu apartamento na Rue Matignon, onde parecia que você iria dormir. Infelizmente, mudei de ideia no caminho e desisti de pedir sua ajuda, optando por recuperar a rolha de cristal, que, se tivesse sido descoberta em Enghien, deveria obviamente estar em seu apartamento.

“Eu estava certa em meus cálculos. Em poucos minutos, meu pequeno Jacques, que entrara no seu quarto, trouxe-a até mim. Fui embora bem esperançosa. Com posse do talismã, guardando-o para mim, sem contar a Prasville, eu tinha poder absoluto sobre Daubrecq. Eu poderia persuadi-lo a fazer tudo o que eu quisesse; ele se tornaria escravo de minha vontade e, instruído por mim, daria cada passo em favor de Gilbert e conseguiria um jeito de lhe deixarem fugir ou então que não fosse condenado. Isso significava a segurança de meu filho.”

— E então?

Clarisse levantou-se de seu assento, com um movimento intenso de todo seu ser, inclinou-se sobre Lupin e disse, com uma voz oca:

— Não havia nada naquele pedaço de cristal; nada, você entendeu? Nenhum papel, nada escondido! Toda a expedição a Enghien foi em vão! O assassinato de Leonard foi inútil! A prisão de meu filho foi inútil! Todos os meus esforços foram inúteis!

— Mas por quê?

— Por quê? Porque o que você roubou de Daubrecq não foi a rolha feita após suas instruções, mas a rolha que foi enviada a John Howard, o vidreiro de Stourbridge, para servir de modelo.

Se Lupin não estivesse diante de alguém com uma dor tão profunda, ele não conteria uma de suas explosões satíricas causadas pelos truques perversos do destino. Mas como isso não cabia naquele momento, ele murmurou entre os dentes:

— Que estupidez! E ainda mais estúpido, pois Daubrecq recebera o aviso.

— Não — contou ela. — Fui a Enghien no mesmo dia. Em todos aqueles negócios, Daubrecq não via nada além de um roubo comum,

um ajuntamento de seus tesouros. O fato de você ter participado disso o tirou do foco.

— Ainda assim, o desaparecimento da rolha...

— Para começar, a coisa pode ter tido apenas uma importância secundária para ele, pois é apenas o modelo.

— Como você sabe?

— Há um arranhão no fundo do cabo da rolha e, desde então, tenho procurado essa pista na Inglaterra.

— Muito bem; mas por que a chave do armário do qual foi roubada ficava sempre com o criado? E por que, em segundo lugar, ela foi encontrada depois na gaveta de uma mesa na casa de Daubrecq em Paris?

— Com certeza Daubrecq toma conta dela e se agarra a ela da maneira como se agarra ao modelo de qualquer coisa valiosa. E é por isso que eu substituí a rolha no armário antes que sua ausência fosse notada. É também por isso que, na segunda ocasião, fiz meu pequeno Jacques pegar a rolha de seu sobretudo e disse à zeladora para colocá-la de volta na gaveta.

— Então ele não suspeita de nada?

— Não. Ele sabe que a lista está sendo procurada, mas ele não sabe que Prasville e eu estamos cientes do que ele esconde.

Lupin se levantara de seu assento e estava andando de um lado para o outro, pensando. Então, ele ficou parado ao lado de Clarisse e perguntou:

— Afinal, desde o incidente de Enghien, você não avançou mais um único passo?

— Não. Tenho agido dia após dia, liderada por esses dois homens ou liderando-os, sem nenhum plano definido.

— Ou, pelo menos — disse ele —, sem nenhum outro plano além de obter a lista dos Vinte e Sete em posse de Daubrecq.

— Sim, mas como? Além disso, suas táticas tornaram as coisas mais difíceis para mim. Não demoramos muito para reconhecer sua antiga ama, Victoire, como a nova cozinheira de Daubrecq, e para descobrir, pelo que a zeladora nos contou, que sua cúmplice estava escondendo você no quarto dela. E eu estava com medo de seus esquemas.

— Foi você, não foi, quem me escreveu para me tirar do plano?

— Sim.

— Você também pediu que eu não fosse ao teatro na noite do Vaudeville?

— Sim. A zeladora pegou Victoire ouvindo a conversa de Daubrecq comigo ao telefone, e Masher, que estava vigiando a casa, viu você sair. Eu suspeitava, portanto, que você seguiria Daubrecq naquela noite.

— E a mulher que veio aqui, no final de uma tarde...

— Fui eu mesma. Eu estava desanimada e queria me encontrar com você.

— E você interceptou a carta de Gilbert?

— Sim, eu reconheci sua escrita no envelope.

— Mas seu pequeno Jacques não estava com você?

— Não, ele estava do lado de fora, dentro do carro com Masher, que o levantou até mim pela janela da sala de visitas. Então, ele entrou em seu quarto através da abertura no painel.

— O que estava na carta?

— Por azar, acusações. Gilbert o acusou de abandoná-lo, de tomar as rédeas de tudo. Em resumo, ele confirmou minha desconfiança; e eu fugi.

Lupin deu de ombros com irritação:

— Que desperdício de tempo chocante! E que fatalidade não termos chegado a um consenso antes! Você e eu temos brincado de esconde-esconde, colocando armadilhas absurdas um para o outro, enquanto os dias passavam, dias preciosos; um erro irreparável.

— Você percebe — disse ela, tremendo. — Também tem medo do futuro!

— Não, eu não tenho medo! — gritou Lupin. — Mas estou pensando em todo o trabalho útil que poderíamos ter feito até este momento, se tivéssemos unido nossos esforços. Estou pensando em todos os erros e todos os atos de imprudência que deveríamos ter evitado, se tivéssemos trabalhado juntos. Estou pensando que sua tentativa esta noite de revistar as roupas que Daubrecq estava vestindo foi tão vã quanto as outras investidas e que, neste momento, graças ao nosso duelo tolo, graças ao tumulto que criamos na casa dele, o deputado está a par das coisas e estará mais alerta do que nunca.

Clarisse Mergy balançou a cabeça:

— Não, não, eu não acredito nisso. O barulho não o terá despertado, pois adiamos a tentativa por 24 horas para que a zeladora pudesse

colocar um sonífero no vinho dele — Clarisse acrescentou, lentamente. — E, então, veja, nada pode fazer com que Daubrecq fique mais alerta do que já está. Sua vida não é mais do que um esquema de precauções contra o perigo. Ele não deixa nada ao acaso... Além disso, ele não tem todos os trunfos em sua mão?

Lupin foi até ela e perguntou:

— O que você quer dizer com isso? De acordo com você, esse é um caso perdido? Não há um único meio de alcançar nosso objetivo?

— Sim — ela murmurou. — Há um, apenas um...

Ele notou a palidez de Clarisse antes que ela tivesse tempo de esconder o rosto entre as mãos novamente. E mais uma vez um tremor febril a tomou.

Lupin parecia compreender o motivo da consternação da mulher e, inclinando-se para ela, tocado por seu pesar, pediu:

— Por favor. Por favor, me responda aberta e francamente. É para o bem de Gilbert, não é mesmo? Embora a polícia, felizmente, não tenha resolvido o enigma de seu passado; embora o verdadeiro nome do cúmplice de Vaucheray não tenha vazado, há pelo menos um homem que sabe disso, não é verdade? Daubrecq reconheceu seu filho Antoine, com o pseudônimo de Gilbert, não é isso?

— Sim...

— E ele promete salvá-lo, não promete? Ele lhe oferece a liberdade de Gilbert, sua libertação, sua soltura, sua vida. Foi isso o que ele lhe ofereceu, não foi, na noite em seu escritório, quando você tentou esfaqueá-lo?

— Sim... Foi isso...

— E ele impôs uma condição, não é? Uma condição abominável, tal como se espera de um desgraçado como ele? Eu estou certo, não é?

Clarisse não respondeu. Ela parecia exausta por sua longa luta com um homem que ganhava terreno diariamente e contra o qual era impossível lutar. Lupin viu nela a presa conquistada com antecedência, entregue ao capricho do vencedor. Clarisse Mergy, a amorosa esposa daquele Mergy que Daubrecq realmente assassinara, a mãe aterrorizada daquele Gilbert que Daubrecq havia desviado. Clarisse Mergy, para salvar seu filho da guilhotina, deve, aconteça o que acontecer e por mais desonrosa que seja a posição, ceder aos desejos do deputado. Ela seria a amante, a esposa, a escrava obediente

dele, daquele monstro com a aparência e os modos de uma besta selvagem, aquela pessoa indescritível da qual Lupin não poderia pensar sem repulsa e repugnância.

Sentando ao lado dela, gentilmente, com gestos de piedade, ele a fez levantar a cabeça e, olhando-a nos olhos, disse:

— Ouça-me. Eu juro que salvarei seu filho. Eu juro... Seu filho não morrerá, você entende? Não há poder na terra que faça com que a cabeça de seu filho seja tocada enquanto eu estiver vivo.

— Acredito em você... Confio em sua palavra.

— Pode confiar. É a palavra de um homem que não conhece a derrota. Eu terei sucesso. Somente peça-lhe que me faça uma promessa irrevogável.

— Que promessa?

— Você não deve ver Daubrecq novamente.

— Eu prometo.

— Você deve excluir de sua mente qualquer ideia, qualquer receio, por mais obscuro que seja, de um acordo entre você e ele... de qualquer tipo de barganha...

— Eu juro.

Ela o olhou com uma expressão de absoluta segurança e confiança; e ele, sob o olhar dela, sentiu a alegria da devoção e um ardente desejo de restaurar a felicidade daquela mulher, ou, pelo menos, de lhe dar a paz e o esquecimento que curam as piores feridas.

— Venha — disse ele, em um tom alegre, levantando-se de sua cadeira. — Tudo ficará bem. Temos dois, três meses diante de nós. É mais do que eu preciso... Com a condição, é claro, de que eu não seja prejudicado em meus movimentos. E, para isso, você terá que sair de cena.

— O que você quer dizer?

— Você precisa desaparecer por um tempo; ir morar no campo. Você não tem pena do seu pequeno Jacques? Este tipo de coisa acabaria abalando os nervos do pobre homenzinho. E ele certamente merece um descanso, não é verdade, Hércules?

No dia seguinte, Clarisse Mergy, que estava quase sucumbindo devido à tensão dos acontecimentos, percebeu que ela realmente precisava de repouso para não ficar gravemente doente e foi, com seu filho, hospedar-se na casa de uma amiga, situada no entorno da

floresta de Saint-Germain. Ela se sentia muito fraca; seu cérebro estava assombrado por visões e seus nervos estavam tão abalados que qualquer coisa agravava a situação. Ela ficou ali por alguns dias em estado de inércia física e mental, sem pensar em nada e proibida de ler os jornais.

Uma tarde, enquanto Lupin, mudando de tática, estava elaborando um esquema para sequestrar e confinar Daubrecq; enquanto Growler e Masher, a quem ele prometera perdoar se fosse bem-sucedido, estavam observando os movimentos do inimigo; enquanto os jornais anunciavam o próximo julgamento por assassinato dos dois cúmplices de Arsène Lupin, uma tarde, às quatro horas, o telefone tocou repentinamente no apartamento na Rue Chateaubriand. Lupin tirou o fone do gancho:

— Alô?

A voz de uma mulher, uma voz ofegante, disse:

— Monsieur Michel Beaumont?

— Está falando com ele, Madame. Com quem tenho a honra...

— Rápido, Monsieur, venha imediatamente. A Madame Mergy tomou veneno.

Lupin não esperou para ouvir detalhes. Ele saiu correndo, entrou em seu carro e pediu ao motorista para dirigir até Saint-Germain.

A amiga de Clarisse estava esperando por ele na porta do quarto.

— Ela está morta? — perguntou Lupin.

— Não — a dama respondeu. — Ela não tomou o suficiente. O médico acabou de sair e disse que ela vai ficar bem.

— E por que ela fez tal coisa?

— Seu filho Jacques desapareceu.

— Desapareceu?

— Sim, ele estava brincando na floresta. Um carro foi visto parando. Depois houve gritos. Clarisse tentou correr, mas sua força falhou e ela caiu no chão, gemendo: “É ele... é aquele homem... tudo está perdido!” Ela parecia uma louca. De repente, ela colocou uma garrafa nos lábios e engoliu o conteúdo.

— O que aconteceu depois?

— Meu marido e eu levamos Clarisse para o quarto dela. Ela estava em grande sofrimento.

— Como você sabia meu endereço, meu nome?

— Ela me falou, enquanto o médico a atendia. Então eu telefonei para você.

— Mais alguém sabe?

— Não, ninguém. Eu sei que Clarisse suportou coisas terríveis... E que ela prefere não falar sobre isso.

— Posso vê-la?

— Ela está dormindo agora. E o médico proibiu qualquer agitação.

— O doutor teme por ela?

— Ele tem medo de um ataque de febre, de qualquer tensão nervosa, de algum tipo de surto que possa levá-la a um novo atentado contra sua vida. E isso seria...

— O que é necessário para evitá-lo?

— Uma semana ou uma quinzena de silêncio absoluto, o que é impossível enquanto seu pequeno Jacques...

Lupin a interrompeu:

— Você acha que, se ela tiver seu filho de volta...

— Ah, certamente, não haveria mais nada a temer!

— Você tem certeza? Sim, é claro que tem! Bem, quando Madame Mergy acordar, diga-lhe que dou minha palavra que eu trarei de volta seu filho esta noite, antes da meia-noite. Esta noite, antes da meia-noite: é uma promessa solene.

Com essas palavras, Lupin saiu correndo de casa e, entrando em seu carro, gritou para o motorista:

— Siga para a casa do deputado Daubrecq, na Place Lamartine, Paris!



VI. A SENTENÇA DE MORTE

O carro de Lupin não era apenas um escritório — uma sala de escrita mobiliada com livros, artigos de papelaria, canetas e tinta —, mas também um vestiário de ator amador. Continha uma caixa de maquiagem completa, um baú cheio de toda variedade de roupas, outro cheio de acessórios — guarda-chuvas, bengalas, cachecóis, óculos e assim por diante; em suma, um conjunto completo de parafernália que lhe permitia alterar sua aparência de cima a baixo no decorrer de uma viagem.

O homem que apareceu no portão do deputado Daubrecq, às seis horas daquela noite, era um cavalheiro robusto e idoso, com um casaco preto, um chapéu-coco, que usava óculos e bigode.

A zeladora o levou até a porta da frente da casa e tocou a campainha. Victoire apareceu.

Lupin perguntou:

— O Monsieur Daubrecq pode ver o Dr. Vernes?

— O senhor Daubrecq está no quarto dele e é um pouco tarde...

— Dê-lhe meu cartão, por favor.

Ele escreveu na margem as palavras:

Da Madame Mergy

E acrescentou:

— Com isso, ele vai me receber com certeza.

— Mas... — Victoire começou.

— Ah, mexa o traseiro, querida, faça o que eu digo, e não faça tanto alarde sobre isso!

Ela foi totalmente surpreendida e gaguejou:

— Você! É você?

— Não, é Luís XIV! — empurrando-a para um canto do salão, instruiu-a — Ouça... No momento em que eu acabar de falar com ele,

suba ao seu quarto, junte suas coisas de qualquer maneira e saia.

— O quê?

— Faça o que eu lhe digo. Meu carro aguardará por você no final da avenida. Venha, mexa-se! Anuncie-me. Eu esperarei no escritório.

— Mas está escuro lá dentro.

— Acenda a luz.

Ela acendeu a luz e deixou Lupin sozinho.

— É aqui — refletiu, enquanto se sentava. — É aqui que fica a rolha de cristal? A menos que Daubrecq a guarde sempre com ele... Mas não; quando as pessoas têm um bom esconderijo, elas fazem uso dele. E este é um dos bons; inacessível para nós... Até agora...

Concentrando toda sua atenção, ele examinou os objetos na sala e se lembrou do bilhete que Daubrecq escrevera a Prasville:

Ao alcance de sua mão, meu caro Prasville!

Você a tocou! Um pouco mais e teria conseguido...

Nada parecia ter sido mexido desde aquele dia. As mesmas coisas estavam sobre a mesa: livros, livros de contabilidade, um frasco de tinta, uma caixa de selos, cachimbos, tabaco, coisas que foram observadas e sondadas repetidas vezes.

— Que esperto! — pensou Lupin. — Ele organizou seus negócios de forma alegre e inteligente. É tudo como uma peça bem-feita.

No fundo do coração, embora ele soubesse exatamente o que tinha ido fazer e como pretendia agir, Lupin estava plenamente consciente do perigo e da incerteza que enfrentava ao visitar um adversário tão poderoso. Era bem provável que Daubrecq, armado como ele estava, dominasse a situação e que a conversa tomasse um rumo absolutamente diferente daquele que Lupin imaginava.

Essa perspectiva o enfureceu um pouco.

Ele se ajeitou enquanto ouvia o som de passos se aproximando. Daubrecq entrou.

O deputado o fez sem uma palavra. Lupin havia se levantado da cadeira, e, enquanto se sentava atrás da escrivaninha, Daubrecq fez-lhe um gesto para retomar seu assento.

Olhando para o cartão que ele segurava na mão, perguntou:

— Dr. Vernes?

— Sim, Monsieur deputado, Dr. Vernes, de Saint-Germain.

— E vejo que vem pela Madame Mergy. É sua paciente?

— Uma paciente recente. Eu não a conhecia até ser chamado para vê-la, no outro dia, em circunstâncias particularmente trágicas.

— Ela está doente?

— A Madame Mergy tomou veneno.

— O quê?

Daubrecq sobressaltou-se e continuou, sem esconder sua angústia:

— O que você está dizendo? Veneno! Ela está morta?

— Não, a dose não foi suficientemente alta. Se não houver complicações, eu creio que a vida de Madame Mergy está salva.

Daubrecq não disse nada e ficou em silêncio, com sua cabeça voltada para Lupin.

— Ele está olhando para mim? Os olhos dele estão abertos ou fechados? — Lupin perguntou a si mesmo.

Ele ficou terrivelmente preocupado por não ver os olhos de seu adversário, aqueles olhos escondidos pelas lentes dos óculos pretos: olhos fracos, olhos como que ensanguentados. Madame Mergy lhe falara sobre isso. Como Lupin poderia desvendar os pensamentos secretos do homem sem ver a expressão em seu rosto? Era quase como lutar contra um inimigo que empunhava uma espada invisível. Finalmente, Daubrecq falou:

— Então a vida da Madame Mergy está salva... E ela o enviou até mim... Eu não estou entendendo... Eu mal conheço essa senhora.

— Agora vamos ao momento delicado — pensou Lupin. — Atenção nele!

E, em um tom genial, bem-humorado e bastante tímido, disse:

— Não, senhor deputado, há casos em que o dever de um médico se torna muito complexo... muito confuso... E você pode pensar que, ao dar este passo... Bem, para encurtar uma longa história, enquanto eu estava atendendo à Madame Mergy, ela investiu em uma segunda tentativa de se envenenar. Sim, a garrafa, infelizmente, fora deixada ao seu alcance.

“Eu a peguei dela. Tivemos um conflito. E, com febre, ela me disse, em frases desconexas: ‘Ele é o homem... Ele é o homem... Daubrecq, o

deputado... Faça-o me devolver meu filho. Diga a ele para... ou então eu prefiro morrer... Sim, agora, nesta noite... Eu prefiro morrer’.

“Foi o que ela disse, senhor deputado... Por isso pensei que deveria informá-lo. É bem certo que, no estado de nervos em que essa senhora está... Claro, não sei o significado exato das palavras dela... Não fiz perguntas a ninguém... Obedeci a um impulso espontâneo e vim direto ao senhor.”

Daubrecq refletiu um pouco e disse:

— É o seguinte, doutor: você veio me perguntar se eu sei o paradeiro desta criança que eu presumo ter desaparecido. É isso?

— Sim.

— E, se eu soubesse, você o levaria de volta para sua mãe?

Houve uma pausa mais longa. Lupin perguntou a si mesmo:

— Ele pode, por acaso, ter engolido a história? A ameaça dessa morte é suficiente? Ah, bobagem, está fora de questão! E, ainda assim... ele parece estar hesitante.

— Você me dá licença? — perguntou Daubrecq, puxando para si o telefone de cima da escrivaninha. — Eu tenho uma mensagem urgente.

— Certamente, Monsieur deputado.

Daubrecq ligou:

— Alô? Número 822.19, por favor, 822.19.

Depois de repetir o número, ele se sentou sem se mexer. Lupin sorriu:

— A sede da polícia, não é? O gabinete do secretário-geral.

— Sim, doutor. Como você sabe?

— Ah, como cirurgião dessa divisão, às vezes tenho que ligar para eles.

E Lupin se perguntou:

— Que diabo significa tudo isso? O secretário-geral é Prasville... Então, o quê?

Daubrecq colocou ambos os fones nos ouvidos e disse:

— É o número 822.19? Quero falar com o senhor Prasville, o secretário-geral... O senhor diz que ele não está aí? Ah, sim, ele está. Ele está sempre em seu escritório essa hora... Diga-lhe que é o senhor Daubrecq... O deputado Daubrecq. Diga-lhe que é uma informação muito urgente.

— É melhor eu ir? — sugeriu Lupin.

— De jeito nenhum, doutor, de jeito nenhum — disse Daubrecq. — Além disso, o que tenho a dizer tem certa relação com seu recado.

E, no telefone:

— Alô! sr. Prasville? Ah, é você, Prasville, velhote! Ora, você parece bastante abismado! Sim, você está certo, faz muito tempo que não nos falamos. Mas, afinal de contas, nunca estivemos muito longe em pensamento. Ademais, já tive muitas visitas suas e de seus capangas. Na minha ausência, é verdade. Alô? O quê? Ah, você está com pressa? Peço perdão! Eu também, aliás... Bem, para chegar ao ponto, há um pequeno serviço que quero lhe prestar... Espere, você não pode, seu bruto! Você não vai se arrepender... Diz respeito à sua fama... Alô? Você está ouvindo? Bem, leve meia dúzia de homens com você, detetives à paisana, de preferência; você os encontrará no escritório noturno. Peguem um táxi, ou melhor, dois táxis, e venha o mais rápido que puder, eu tenho uma pedra rara para você, velho amigo. Uma lenda, um lorde, o próprio Marquês Napoleão... Resumindo, Arsène Lupin!

Lupin deu um pulo. Ele estava preparado para tudo, menos para aquilo. No entanto, algo dentro dele, mais forte do que o espanto, um impulso de toda sua natureza, o fez dizer, com uma risada:

— Ah, bem feito, bem feito!

Daubrecq baixou a cabeça, a título de agradecimento, e murmurou:

— Eu ainda não terminei... Um pouco de paciência, se você não se importa.

E ele continuou:

— Alô? Prasville? Não, não, velho amigo, eu não estou caçoando... Você vai encontrar Lupin aqui, comigo, no meu escritório... Lupin, que está me aborrecendo como o resto de vocês... Ah, um a mais ou a menos, não faz diferença para mim! Mas, mesmo assim, este é um dos grandes.

“Estou apelando para seu bom senso. Livrai-me do companheiro... Meia dúzia de seus policiais e os dois que estão rondando do lado de fora da minha casa serão suficientes... Ah, já que estou falando isso a você, vá até o terceiro andar e apanhe também minha cozinheira... Ela é a famosa Victoire: você sabe, a velha ama de leite do Mestre Lupin... E aqui vai mais uma dica, para mostrar como eu te amo: envie um

esquadrão de homens para a Rue Chateaubriand, na esquina da Rue Balzac... É onde mora nosso herói nacional, sob o nome de Michel Beaumont... Entendeu, velhote? E agora, ao trabalho! Rápido!”

Quando Daubrecq virou a cabeça, Lupin estava de pé, com os punhos cerrados. Sua explosão de perplexidade não sobreviveu ao resto do discurso e às revelações que o deputado fez sobre Victoire e o apartamento na Rue Chateaubriand. A humilhação era muito grande e Lupin não se preocupava mais em desempenhar o papel do simples clínico geral. Ele só tinha uma ideia em sua cabeça: não ceder ao tremendo ataque de raiva que o incitava a saltar em Daubrecq como um touro.

Daubrecq fez um ruído de cacarejo, que, vindo dele, era como uma gargalhada. Ele veio se agitando, com as mãos nos bolsos das calças, e disse, incisivamente:

— Você não acha que tudo isso é para melhor? Eu limpei o terreno, aliviei a situação... Pelo menos agora sabemos qual é nossa posição. Lupin contra Daubrecq, e é tudo sobre isso. Além disso, pense no tempo economizado! O Dr. Vernes, o cirurgião da divisão, levaria duas horas para desenrolar a situação! Enquanto, assim, o Mestre Lupin será obrigado a contar sua pequena história em trinta minutos... A menos que ele queira ser preso e que seus cúmplices sejam apanhados.

“Que choque! Uma bomba! Meia hora e nem mais um minuto. Daqui a trinta minutos você terá que sumir, fugir como uma lebre e bater em uma retirada desordenada. Ha, ha, ha, ha, que divertido! Eu digo, Polônio, você realmente tem azar cada vez que se depara com Bibi Daubrecq! Pois era você que estava se escondendo atrás daquela cortina, não era, meu Polônio infeliz?”

Lupin não mexeu um músculo. A única solução que acalmaria seus sentimentos seria estrangular seu adversário naquele instante. Essa ideia era tão absurda que ele preferiu aceitar os sarcasmos de Daubrecq sem tentar retrucar, embora cada um deles o cortasse como uma chicotada. Foi a segunda vez, na mesma sala e em circunstâncias semelhantes, que ele teve que se curvar diante daquele deputado desgraçado e manter a atitude mais ridícula em silêncio. Ele se sentiu convencido, em seu íntimo, de que, se abrisse a boca, seria para cuspir palavras de raiva e insulto no rosto de seu vencedor. Qual seria o

benefício disso? Não era essencial que ele se mantivesse calmo e fizesse as coisas que a nova situação exigia?

— Bem, Monsieur Lupin, bem? — disse o deputado. — O senhor parece muito chateado. Venha, console-se e admita que, às vezes, se depara com um sujeito que não é tão canalha quanto os companheiros dele. Então, pensou que, por eu usar óculos e lentes de proteção, eu fosse cego?

“Ora, vejam! Não digo que suspeitei imediatamente de Lupin por trás de Polônio, e que Polônio fosse o cavalheiro que me importunou no camarote do Vaudeville. Não, não! Mas, mesmo assim, isso me intrigou. Eu percebi que, entre a polícia e Madame Mergy, havia uma terceira pessoa tentando se intrometer. E, aos poucos, com as palavras que a zeladora deixava escapular, com a observação dos movimentos da minha cozinheira e as investigações sobre ela no bairro adequado, comecei a entender. Então, na outra noite, tudo ficou claro.

“Ouvi o movimento na casa, apesar de estar sonolento. Consegui reconstruir o incidente e seguir os rastros da Madame Mergy, primeiro até a Rue Chateaubriand e, em seguida, até Saint-Germain. E depois... O que viria depois? Juntei fatos diferentes: o roubo de Enghien, a prisão de Gilbert, a inevitável aliança entre a mãe chorosa e o líder do bando, a velha ama de leite instalada como cozinheira, todas essas pessoas entrando em minha casa pelas portas ou pelas janelas... Eu sabia o que tinha que fazer. O Mestre Lupin estava farejando o segredo. O cheiro dos Vinte e Sete o atraía. Eu só tinha que esperar pela visita dele. A hora chegou. Boa noite, Mestre Lupin.”

Daubrecq fez uma pausa. Ele proferiu seu discurso com a evidente satisfação de um homem com direito a reivindicar a apreciação dos críticos mais capciosos.

Como Lupin não falava nada, Daubrecq tirou seu relógio do bolso e disse:

— Deixe-me ver... Apenas 23 minutos! Como o tempo voa! Neste ritmo, não temos tempo para chegar a uma conclusão.

E, aproximando-se ainda mais de Lupin, continuou:

— Devo dizer, estou desapontado. Eu pensava que Lupin era um tipo diferente de cavalheiro. Então, no momento em que ele encontra um adversário mais ou menos sério, o colosso desaba em pedaços? Pobre rapaz! Tome um copo de água, para reanimá-lo!

Lupin não proferiu uma palavra, não demonstrou um gesto de irritação. Com absoluta compostura, com uma precisão de movimento que mostrava seu perfeito autocontrole e o claro plano de conduta que adotara, ele gentilmente empurrou Daubrecq para o lado, foi até a mesa e, por sua vez, pegou o fone do aparelho.

— Eu quero o número 565.34, por favor — pediu ele.

Ele esperou até completar. Então, falando em voz lenta e escolhendo cada sílaba, disse:

— Alô? Rue Chateaubriand? É você, Achille? Sim, é o chefe. Ouça-me com atenção, Achille... Você deve deixar o apartamento! Alô? Sim, de uma vez. A polícia está chegando dentro de alguns minutos. Não, não, não perca a cabeça... Você tem tempo. Apenas faça o que eu lhe digo.

“Sua mala está pronta? Bom. E um dos lados está vazio, como eu lhe disse? Ótimo. Bem, vá para meu quarto e fique de pé, de frente para a peça da chaminé. Pressione com sua mão esquerda a pequena roseta esculpida na frente da placa de mármore, no meio, e com sua mão direita a parte superior da prateleira da lareira. Você verá uma espécie de gaveta, com duas pequenas caixas dentro. Tenha cuidado. Uma delas contém todos os nossos papéis; a outra, dinheiro e joias.

“Coloque as duas caixas no compartimento vazio da mala. Carregue-a consigo e vá o mais rápido possível, a pé, até a esquina da Avenue Victor-Hugo com a Avenue de Montespan. Você verá o carro esperando, com Victoire. Eu me encontrarei com vocês lá... O quê? Minhas roupas? Minhas quinquilharias? Deixe para lá isso tudo... Vá embora. Logo me juntarei a você.”

Lupin empurrou calmamente o telefone para longe. Então, tomando Daubrecq pelo braço, ele o fez sentar-se em uma cadeira ao seu lado e disse:

— E agora ouça-me, Daubrecq.

— Ora! — sorriu o deputado. — Chamando uns aos outros por nossos sobrenomes?

— Sim — assentiu Lupin. — Eu permiti que você o fizesse.

E, quando Daubrecq liberou seu braço com certa apreensão, ele disse:

— Não, não tenha medo. Nós não vamos brigar. Nenhum de nós tem nada a ganhar com a eliminação do outro. Uma facada? Que

proveito isso teria? Não, senhor! Palavras; nada além de palavras. Palavras que atingem o alvo, no entanto. E aqui estão as minhas: elas são simples e vão direto ao ponto. Responda-me da mesma maneira, sem pensar; assim é muito melhor. O menino...

— Está comigo.

— Devolva-o.

— Não.

— Madame Mergy vai se matar.

— Não, ela não se matará.

— Eu lhe digo que ela o fará.

— E eu lhe digo que ela não o fará.

— Mas ela já tentou, uma vez.

— Essa é a razão pela qual ela não tentará novamente.

— Bem, então...

— Não.

Lupin, após um momento, seguiu em frente:

— Eu esperava isso. Também pensei, no meu caminho para cá, que você dificilmente cairia na história do Dr. Vernes e que eu precisaria usar outros métodos.

— Os métodos de Lupin.

— Como você diz. Eu estava decidido a descartar a máscara. Você a tirou para mim. Muito bem! Mas isso não muda meus planos.

— Fale.

Lupin tirou de uma carteira uma folha dupla de papel almaço, desdobrou-a e a entregou à Daubrecq, dizendo:

— Aqui está um inventário exato e detalhado, numerado, com as coisas retiradas por meus amigos e por mim de sua Villa Marie-Thérèse no Lac d'Enghien. Como você vê, há 113 itens. Desses 113 itens, 68, os marcados com uma cruz vermelha, foram vendidos e enviados para os Estados Unidos. O restante, um total de 45, está comigo... Até que me façam novas encomendas. Acontece que eles foram escolhidos pelo meu grupo. Eu os ofereço em troca da rendição imediata da criança.

Daubrecq não conseguiu evitar um movimento de surpresa:

— Uau! — exclamou ele. — Você parece muito disposto a isso.

— Totalmente — disse Lupin. — Pois estou convencido de que uma separação mais longa de seu filho significará a morte para Madame

Mergy.

— E isso o aborrece, não é? Lothario? — perguntou, com sarcasmo, referindo-se a um personagem sedutor da história de Dom Quixote.

— O quê?

Lupin se plantou na frente do outro e repetiu:

— O quê? O que quer dizer com isso?

— Nada... Nada... Algo que me passou pela cabeça... Clarisse Mergy ainda é uma mulher jovem e bem bonita.

Lupin encolheu os ombros.

— Você é um bruto! — murmurou ele. — Imagina que todos são como você, sem coração e impiedosos. Pensar que um tubarão como eu perderia tempo brincando de Dom Quixote lhe surpreende? E você se pergunta que motivo sujo eu posso ter? Não tente descobrir; está além de seus poderes de percepção. Responda-me, em vez disso: você aceita?

— Então está falando sério? — perguntou Daubrecq, que parecia pouco perturbado com o tom de desprezo de Lupin.

— Claro que sim! As 45 peças estão em um galpão, do qual lhe darei o endereço. Serão entregues a você, se aparecer lá, às nove horas da noite, com a criança.

Não havia dúvidas sobre a resposta de Daubrecq. Para ele, o sequestro do pequeno Jacques representava apenas um meio de mexer com os sentimentos de Clarisse Mergy e talvez também um aviso para que ela desistisse de suas investidas atuais. Mas a ameaça de suicídio deve ter mostrado a Daubrecq que ele estava no caminho errado. Sendo assim, por que recusar o acordo favorável que Arsène Lupin oferecia a ele?

— Eu aceito — disse ele.

— Aqui está o endereço do meu galpão: Rue Charles Lafitte, 99, Neuilly. Basta tocar a campainha.

— E suponha que eu envie Prasville, o secretário-geral, em vez disso...

— Se você enviar Prasville — declarou Lupin —, a coisa está tão arranjada que eu o verei chegar e terei tempo para escapar, depois de incendiar as treliças de feno e palha que cercam e escondem suas credências, seus relógios e suas virgens góticas.

— Mas seu galpão será queimado...

— Não me importo com isso; a polícia já está de olho nele. Vou abandoná-lo de qualquer forma.

— E como vou saber que isto não é uma armadilha?

— Receba primeiro a mercadoria e entregue a criança depois. Confio em você, está vendo?

— Bom — começou Daubrecq —, você previu tudo. Muito bem, você terá a criança, a bela Clarisse viverá e todos nós seremos felizes. E agora, se me permite dar-lhe um conselho, dê o fora o mais rápido que puder.

— Ainda não.

— O quê?

— Eu disse, ainda não.

— Mas você está louco! Prasville está a caminho!

— Ele pode esperar. Eu não terminei.

— Por que, o que mais você quer? Clarisse terá o pirralho dela. Isso não é suficiente para você?

— Não.

— Por que não?

— Há outro filho. Gilbert.

— Bem...

— Eu quero que você salve Gilbert.

— O que você está dizendo? Salvar Gilbert?

— Você pode, se quiser. Isso significa apenas ter um pouco de trabalho.

Até aquele momento, Daubrecq permanecia bastante calmo. A partir de então, de repente, ele ficou furioso e, batendo na mesa com seu punho, gritou:

— Não! Isso não! Nunca! Não conte comigo! Não, isso seria muito idiota!

Ele andou de um lado para o outro, em um estado de intensa agitação, com aquele passo estranho que o balançava da direita para a esquerda quando apoiava-se em cada uma das pernas, como um animal selvagem, um urso pesado e desajeitado. Com uma voz rouca e feições distorcidas, ele gritou:

— Deixe-a vir aqui! Deixe-a vir e implorar o perdão para seu filho! Mas que ela venha desarmada; não com intenções criminosas, como da última vez! Que ela venha como uma suplicante, como uma

mulher domesticada e submissa, que entende e aceita a situação... Gilbert? A sentença de Gilbert? A guilhotina? Ora, essa é minha motivação!

“Por mais de vinte anos eu esperei minha hora; e, quando essa hora chegar, quando a sorte me trouxer essa oportunidade inesperada, quando eu estiver finalmente prestes a conhecer a alegria de uma vingança total, e que vingança, eu salvarei Gilbert? Eu? Por nada? Por amor? Eu, Daubrecq? Não, não; você não deve ter estudado meus métodos!”

Ele riu, era uma risada feroz e odiosa. Visivelmente, ele viu diante de si, ao alcance da mão, a presa que ele vinha caçando há tanto tempo. E Lupin também recordou a visão que teve de Clarisse, como ele a vira vários dias antes, desmaiada, já vencida, fatalmente conquistada, porque todos os poderes hostis estavam contra ela.

Ele se conteve e disse:

— Escute-me.

E, quando Daubrecq se afastou impacientemente, Lupin segurou-o pelos ombros, com aquela força sobre humana que Daubrecq conheceu na ocasião do camarote no Vaudeville. Segurando-o imóvel em suas garras, ele disse:

— Uma última palavra.

— Você está desperdiçando seu fôlego — rosnou o deputado.

— Uma última palavra. Ouça, Daubrecq: esqueça Madame Mergy, desista de todos os atos absurdos e imprudentes que seu orgulho e suas paixões estão lhe fazendo cometer. Coloque tudo isso de lado e pense apenas em seu interesse...

— Meu interesse — disse Daubrecq, brincando — coincide sempre com meu orgulho e com o que você chama de minhas paixões.

— Até o momento, talvez. Mas não agora; não agora que tomei parte no negócio. Isso constitui um fator novo, que você opta por ignorar. Mas está errado. Gilbert é meu amigo. Gilbert é meu companheiro. Ele tem que ser salvo da guilhotina. Use sua influência para esse fim, e eu lhe juro — está ouvindo? —, eu juro que o deixaremos em paz. A segurança de Gilbert é tudo o que peço. Você não terá mais batalhas a travar com a Madame Mergy e comigo; não haverá mais armadilhas. Você será o mestre, livre para agir como bem entender. A segurança de Gilbert, Daubrecq! Se você se recusar...

— O que acontecerá?

— Se você se recusar, será guerra; guerra implacável. Em outras palavras, uma derrota certa para você.

— Isso significa...

— Significa, portanto, que tirarei de você a lista dos Vinte e Sete.

— Maldito! Você pensa assim, não é?

— Eu juro.

— O que Prasville e todos os seus homens; o que Clarisse Mergy; o que ninguém fez, você pensa que vai fazer!

— Eu vou!

— E por quê? Por todos os santos, por que você acha que terá sucesso quando todos os outros falharam? Deve haver uma razão.

— Sim.

— Qual seria?

— Meu nome é Arsène Lupin.

Ele soltou Daubrecq, mas o manteve por um tempo sob o domínio de seu olhar autoritário e de sua vontade. Por fim, Daubrecq se levantou, deu-lhe duas pancadas fortes no ombro e, com a mesma calma, a mesma obstinação intensa, disse:

— E meu nome é Daubrecq. Toda minha vida foi uma batalha desenfreada, uma longa série de catástrofes e derrotas nas quais gastei todas as minhas energias até chegar à vitória: vitória completa, decisiva, esmagadora, irrevogável. Tenho contra mim a polícia, o governo, a França, o mundo. Que diferença você acha que me fará se eu tiver o Monsieur Arsène Lupin contra mim nessa lista? Irei mais longe: quanto mais numerosos e habilidosos meus inimigos, mais cautelosamente sou obrigado a jogar. E é por isso, meu caro senhor, que, em vez de mandar prendê-lo, como eu poderia ter feito, sim, como eu poderia ter feito e muito facilmente, eu o deixo permanecer em liberdade e imploro caridosamente para lembrá-lo que deve desistir em menos de três minutos.

— Então a resposta é não?

— A resposta é não.

— Você não vai fazer nada por Gilbert?

— Sim, continuarei a fazer o que tenho feito desde a prisão dele, ou seja, a exercer influência indireta junto ao ministro da justiça para que

o julgamento seja apressado e termine da maneira que eu quero que termine.

— O quê? — gritou Lupin, para si mesmo, com indignação. — É por sua causa, é por sua causa...

— Sim, é por mim, Daubrecq; sim, por Deus! Eu tenho um trunfo, a cabeça do filho, e o estou jogando. Quando eu tiver conseguido uma bela sentença de morte para Gilbert; quando os dias passarem e o pedido de adiamento for rejeitado por causa dos meus serviços prestados, você verá, Monsieur Lupin, que a mãezinha dele não terá mais objeção para se tornar Madame Alexis Daubrecq e ainda me fará juras de amor.

“Esta questão afortunada é inevitável, quer você goste ou não. Está fadada a acontecer. Tudo o que posso fazer por você é convidá-lo para o casamento e o café da manhã. Isso lhe convém? Não? Você insiste em seus projetos sinistros? Bem, boa sorte, coloque suas armadilhas, espalhe suas redes, lustre suas armas e estude com afincos o *Manual completo do ladrão estrangeiro*. Você vai precisar dele. E agora, boa noite. As regras da hospitalidade generosa e desinteressada exigem que eu o expulse da minha casa. Caia fora!”

Lupin permaneceu em silêncio por algum tempo. Com os olhos fixos em Daubrecq, ele parecia estar medindo o tamanho de seu adversário, calculando seu peso, estimando sua força física, questionando, enfim, em que parte exata deveria atacá-lo. Daubrecq cerrou os punhos e elaborou um plano de defesa para enfrentar o ataque quando este chegasse.

Meio minuto se passou. Lupin pôs a mão no bolso traseiro. Daubrecq fez o mesmo e agarrou o cabo de seu revólver.

Mais alguns segundos... Friamente, Lupin sacou uma pequena caixa dourada do tipo que as senhoras usam para guardar balas, abriu-a e entregou-a à Daubrecq:

— Pastilhas?

— O que significa isso? — perguntou o outro, surpreso.

— Para tosse.

— Para quê?

— Para a corrente de ar que você vai sentir!

E, aproveitando o momento de confusão em que Daubrecq estava depois de sua investida, Lupin rapidamente pegou seu chapéu e saiu.

— Claro que — disse ele, ao atravessar o salão — estou em apuros. Mas, apesar de tudo, a atuação de caixeiro-viajante foi uma novidade, dadas as circunstâncias. Esperar um tiro e, em vez disso, receber uma pastilha para tosse causou uma espécie de decepção. Deixei o velho chimpanzé bastante confuso.

Ao fechar o portão, um carro surgiu e um homem saiu rapidamente, seguido por vários outros.

Lupin reconheceu Prasville:

— Senhor secretário-geral — murmurou ele. — Seu humilde servo. Tinha a intuição de que, um dia, o destino nos colocaria frente a frente. Lamento por você, pois não tenho nenhum apreço pelo senhor e sei que terá um grande problema para resolver. Todavia, se eu não estivesse com tanta pressa, eu esperaria até você sair e deveria seguir Daubrecq para descobrir com quem ele deixou a criança que ele vai me devolver. Além disso, não tenho como saber se Daubrecq não vai agir por telefone. Portanto, não desperdicemos nossos esforços em vão: vou me juntar à Victoire, ao Achille e à nossa preciosa mala.

Duas horas depois, Lupin, após tomar todas as providências, estava de vigia em seu galpão em Neuilly e viu Daubrecq sair de uma rua adjacente e caminhar com um ar desconfiado.

O próprio Lupin abriu as portas duplas:

— Suas coisas estão aqui, senhor deputado — disse ele. — Você pode entrar e dar uma olhada. Há um galpão para carga ao lado. Você só tem que conseguir um furgão e alguns homens. Onde está a criança?

Daubrecq primeiro inspecionou os artigos e depois levou Lupin para a Avenue de Neuilly, onde duas senhoras esperavam com o pequeno Jacques.

Lupin levou a criança até seu carro, onde Victoire esperava por ele.

Tudo isso foi feito rapidamente, sem palavras vãs e como se os diálogos fossem decorados e os vários movimentos fossem combinados com antecedência, como as tantas entradas e saídas de um palco.

Às dez horas da noite, Lupin cumpriu sua promessa e entregou o pequeno Jacques à sua mãe. Mas o médico teve que ser chamado rapidamente, pois a criança, transtornada por todos esses acontecimentos, mostrava grandes sinais de agitação e medo. Precisaria de mais 15 dias até que ele estivesse suficientemente

recuperado para suportar a tensão da remoção que Lupin considerou necessária. A própria Mergy só se sentiu apta a viajar quando, de fato, chegou a hora. A viagem ocorreu à noite, com todas as precauções possíveis e sob a escolta de Lupin.

Ele levou a mãe e o filho a um pequeno lugar à beira-mar na Bretanha e os confiou aos cuidados e à vigilância de Victoire.

— Finalmente — refletiu, quando os viu assentados. — Não há ninguém entre mim e Daubrecq. Ele não pode mais fazer nenhum mal para Madame Mergy e para a criança e ela não corre mais o risco de desviar o foco fazendo alguma besteira. Por Deus! Já cometemos erros suficientes! Primeiro, eu tive que me revelar a Daubrecq. Em segundo lugar, tive que entregar minha parte dos bens de Enghien. É verdade que, mais cedo ou mais tarde, eu os recuperarei; disso, não há a menor dúvida. Mas, de qualquer forma, não estamos progredindo e, dentro de uma semana, Gilbert e Vaucheray serão julgados.

O que mais chocou Lupin nisso tudo foi Daubrecq ter revelado sobre seu apartamento. A polícia entrara em seu imóvel da Rue Chateaubriand. A identidade de Lupin e Michel Beaumont fora descoberta e certos papéis foram levados. Enquanto ele perseguia seu objetivo e, ao mesmo tempo, administrava vários empreendimentos dos quais se encarregara — enquanto evitava as buscas da polícia, que estavam se tornando mais criteriosas e persistentes do que nunca —, afinal teve que começar a trabalhar e reorganizar os negócios de toda sua vida em uma nova base.

Sua raiva por Daubrecq, portanto, aumentou na proporção do aborrecimento que o deputado lhe causara. Ele só tinha um desejo, como ele disse, de tê-lo à sua disposição por meios justos ou sujos, a fim de extrair o segredo dele. Lupin sonhava com torturas capazes de soltar a língua do mais silencioso dos homens. A bota, o cavalete, as pinças em brasa, as tábuas pregadas; nenhuma forma de sofrimento, ele pensava, era maior do que o inimigo merecia e o fim a ser alcançado justificaria todos os meios.

— Ah — disse a si mesmo. — Ah, para um banco decente de inquisidores e um par de ousados executores! Que momentos terríveis teríamos!

Todas as tardes Growler e Masher observavam a estrada que Daubrecq percorria entre a Place Lamartine, a Câmara dos Deputados

e o clube. Suas instruções eram para escolher a rua mais deserta e o momento mais favorável e, uma noite, colocá-lo dentro de um carro.

Lupin, por sua vez, arranhou um velho prédio, no meio de um grande jardim, não muito longe de Paris, que apresentava todas as condições necessárias de segurança e isolamento, ao que ele chamou de “jaula do macaco”.

Infelizmente, Daubrecq deve ter suspeitado de algo, pois toda vez, por assim dizer, ele mudava sua rota, ou pegava o trem subterrâneo, ou o bonde, e a jaula permanecia desocupada.

Lupin concebeu outro plano. Ele mandou para Marseille um de seus companheiros, um velho comerciante aposentado chamado Brindebois, que por acaso morava no distrito eleitoral de Daubrecq e se interessava por política.

O velho Brindebois escreveu de Marseille a Daubrecq, anunciando sua visita. O deputado deu a esse importante constituinte uma calorosa recepção e combinou de se encontrarem em um jantar na semana seguinte.

O eleitor sugeriu um pequeno restaurante na margem esquerda do Sena, onde a comida, disse ele, era algo maravilhoso. Daubrecq aceitou.

Isso era o que Lupin queria. O proprietário do restaurante era um de seus amigos. A investida, que deveria acontecer na quinta-feira seguinte, dessa vez, tinha tudo para ser bem-sucedida.

Enquanto isso, na segunda-feira da mesma semana, foi aberto o julgamento de Gilbert e Vaucheray.

O leitor se lembrará — e o caso aconteceu muito recentemente para que eu recapitule os detalhes — da parcialidade realmente incompreensível que o juiz presidente mostrou em seu contra interrogatório de Gilbert. O caso foi notado e severamente criticado na época. Lupin reconheceu a influência odiosa de Daubrecq.

A atitude observada nos dois prisioneiros era muito diferente. Vaucheray era sombrio, silencioso, de expressão severa. Ele, clinicamente, em frases bruscas, quase desafiadoras, admitia os crimes pelos quais fora culpado anteriormente. Mas, com uma inconsistência que confundia a todos, exceto Lupin, ele negou qualquer participação no assassinato do criado Leonard, e acusou violentamente Gilbert. Seu

objetivo, ao ligar assim seu destino ao de Gilbert, era forçar Lupin a tomar medidas idênticas para o resgate de seus dois cúmplices.

Gilbert, por outro lado, cujo rosto era franco e sonhador, com olhos melancólicos, conquistou toda a simpatia, e foi incapaz de se proteger contra as armadilhas colocadas para ele pelo juiz, ou de negar as mentiras contadas por Vaucheray.

Ele irrompeu em lágrimas, falou demais, ou então não falou quando deveria ter falado. Além disso, seu advogado, um dos conselheiros do tribunal, adoeceu no último momento — e aqui novamente Lupin viu a mão de Daubrecq — e foi substituído por um estagiário que falou mal, enlameou todo o caso, colocou o júri contra Gilbert e não apagou a impressão deixada pelos discursos do advogado-geral e do advogado de Vaucheray.

Lupin, que teve a audácia inconcebível de estar presente no último dia do julgamento, quinta-feira, não teve dúvidas quanto ao resultado. Um veredicto de culpado era certo em ambos os casos.

Era certo porque todos os esforços da acusação, apoiando assim as táticas de Vaucheray, tendiam a relacionar os dois prisioneiros estreitamente. Era certo, também e principalmente, porque dizia respeito a dois dos cúmplices de Lupin. Desde a abertura do inquérito perante o magistrado até a entrega do veredicto, todos os processos foram dirigidos contra Lupin. E isto apesar do fato de que a acusação, por falta de provas suficientes e também para não dispersar seus esforços para uma situação muito ampla, decidira não incluir Lupin na incriminação. Ele era o adversário visado, o líder que deveria ser punido na pessoa de seus amigos, o famoso e popular patife cujo fascínio aos olhos da multidão deveria ser destruído de uma vez por todas. Com Gilbert e Vaucheray executados, a auréola de Lupin iria desvanecer-se, e a lenda seria extinta.

Lupin... Lupin... Arsène Lupin: foi o único nome ouvido durante os quatro dias. O advogado-geral, o juiz presidente, o júri, o advogado, as testemunhas não tinham outras palavras na boca. A cada momento, Lupin era mencionado e amaldiçoado, ridicularizado, insultado e considerado responsável por todos os crimes cometidos. Era como se Gilbert e Vaucheray só fossem figurantes, enquanto o verdadeiro criminoso em julgamento fosse ele, Lupin; Mestre Lupin; Lupin, o ladrão; o líder de um bando de ladrões; o falsificador; o incendiário; o

agressor cruel; o ex-condenado; Lupin, o assassino; Lupin, manchado com o sangue de sua vítima; Lupin, escondido na sombra, como um covarde, depois de deixar seus amigos com o pescoço na guilhotina.

— Ah, os bandidos sabem o que estão fazendo! — murmurou ele. — É minha dívida que eles estão fazendo meu pobre jovem Gilbert pagar.

E a terrível tragédia continuou.

Às sete horas da noite, após uma longa deliberação, o júri voltou ao tribunal e o presidente do júri leu as respostas às perguntas colocadas pela bancada. A resposta foi “sim” a cada acusação, um veredicto de culpado sem circunstâncias atenuantes.

Os prisioneiros foram trazidos. De pé, mas cambaleantes e pálidos, eles receberam sua sentença de morte.

E, em meio ao grande e solene silêncio, no qual a ansiedade dos espectadores se misturava com a piedade, o presidente da assembleia perguntou:

— Você tem mais alguma coisa a declarar, Vaucheray?

— Nada, senhor presidente. Agora que meu companheiro está sentenciado, assim como eu, estou tranquilo. Estamos ambos em pé de igualdade... O chefe deve encontrar uma maneira de nos salvar.

— O chefe?

— Sim, Arsène Lupin.

Houve uma gargalhada entre a multidão. O juiz presidente perguntou:

— E você, Gilbert?

Lágrimas correram pelas bochechas do pobre rapaz e ele balbuciou algumas frases inarticuladas. Mas, quando o juiz repetiu sua pergunta, ele conseguiu se controlar e respondeu, com uma voz trêmula:

— Quero dizer, senhor presidente, que sou culpado de muitas coisas, isso é verdade... Eu tenho errado bastante, mas, ainda assim, não fiz isto. Não, eu não cometi assassinato! Eu nunca cometi assassinato. Eu não quero morrer... Seria horrível demais...

Ele cambaleava de um lado para o outro, apoiado pelos guardas, e seu choro era audível, como uma criança chamando por ajuda:

— Chefe... Salve-me! Salve-me! Eu não quero morrer!

Então, na multidão, em meio à excitação geral, uma voz se ergueu acima do clamor ao redor:

— Não tenha medo, pequenino! O chefe está aqui!

Seguiu-se um tumulto. Os guardas municipais e os policiais correram para o tribunal e agarraram um homem grande e de cara vermelha, que foi declarado por seus vizinhos como o autor daquele surto e que lutou com todas as forças.

Questionado sem demora, ele deu seu nome, Philippe Bonel, um agente funerário, e declarou que alguém sentado ao seu lado lhe oferecera uma nota de cem francos se ele consentisse, no momento apropriado, em gritar algumas palavras que seu vizinho rabiscara em um pedaço de papel. Como ele poderia recusar?

Como prova de suas declarações, ele mostrou a nota de cem francos e o pedaço de papel.

Philippe Bonel foi solto.

Enquanto isso, Lupin, que naturalmente colaborou com a prisão do indivíduo e o entregou aos guardas, deixou os tribunais, com o coração pesado de angústia. Seu carro estava esperando por ele no cais. Ele entrou no veículo, desesperado, tomado por uma dor tão grande que teve que fazer um esforço para conter suas lágrimas. O grito de Gilbert, sua voz retorcida de aflição, seus traços distorcidos, seu semblante trêmulo; tudo isso assombrava seu pensamento e ele sentia como se nunca fosse esquecer, nem por um segundo, essas impressões.

Ele voltou para a nova casa que selecionara entre suas diferentes residências, a qual era situada em uma esquina na Place de Clichy. Ele esperava encontrar Growler e Masher, que iriam ajudá-lo a sequestrar Daubrecq naquela noite. Porém, ele mal abriu a porta de seu apartamento, quando um grito lhe escapou: Clarisse estava diante dele; Clarisse, que retornara da Bretanha no momento do veredicto.

Ele imediatamente percebeu, pela atitude e pela palidez da mulher, que ela já sabia da notícia. E imediatamente recuperando sua coragem na presença dela, sem lhe dar tempo para falar, exclamou:

— Sim, sim... Mas isso não importa. Nós previmos isso. Não podíamos evitá-lo. O que temos que fazer é conseguir parar esse estrago. E à noite, você entende, à noite, a coisa será feita.

Imóvel e terrivelmente triste, ela gaguejava:

— Esta noite?

— Sim. Eu preparei tudo. Em duas horas, Daubrecq estará em minhas mãos. Esta noite, seja qual for o modo que eu tenha que

empregar, ele falará.

— Você está falando sério? — perguntou ela, com certa fraqueza, enquanto um raio de esperança começava a iluminar seu rosto.

— Ele deve falar. Vou descobrir o segredo dele. Arrancarei dele a lista dos Vinte e Sete. E essa lista libertará seu filho.

— Tarde demais — murmurou Clarisse.

— Tarde demais? Por quê? Você acha que, em troca de tal documento, eu não obterei a pretensa fuga de Gilbert? Com isso, Gilbert estará em liberdade dentro de três dias! Dentro de três dias...

Ele foi interrompido por um toque da campainha:

— Ouça, aqui estão nossos amigos. Confie em mim. Lembre-se de que eu cumpro minhas promessas. Eu lhe devolvi seu pequeno Jacques. Eu lhe devolverei Gilbert.

Ele deixou Growler e Masher entrarem e disse:

— Está tudo pronto? O velho Brindebois está no restaurante? Rápido, vamos embora!

— Não adianta, chefe — respondeu Masher.

— Não adianta? O que você quer dizer?

— Há novidades.

— Que novidades? Fale, homem!

— Daubrecq desapareceu.

— O quê? Como assim, Daubrecq desapareceu?

— Sim, foi levado de sua casa, em plena luz do dia.

— Que diabo! Por quem?

— Ninguém sabe... Quatro homens... Dispararam tiros de pistola... A polícia está no local. Prasville está dirigindo as investigações.

Lupin não moveu um músculo. Ele olhou para Clarisse Mergy, que estava encolhida em uma cadeira.

Ele mesmo teve que se render. Daubrecq sequestrado significava mais uma chance de sucesso perdida.



VII. O PERFIL DO NAPOLEÃO

Logo que o comissário de polícia, o chefe do departamento de investigação criminal e os examinadores-magistrados deixaram a casa de Daubrecq, após um inquérito preliminar e totalmente infrutífero, Prasville retomou sua busca pessoal.

Ele estava examinando o escritório e os vestígios da luta que acontecera ali quando a zeladora lhe entregou um cartão de visita, com algumas palavras a lápis escritas nele.

— Mande a senhora entrar — disse ele.

— A senhora está acompanhada — informou a zeladora.

— Bem, deixe a outra pessoa entrar também.

Clarisse Mergy entrou imediatamente e apresentou o cavalheiro com ela, um cavalheiro com uma casaca preta, que estava muito apertada para ele e que parecia não ter sido escovada há anos. Ele era tímido em seus modos e parecia muito envergonhado por ainda usar sua cartola velha e desbotada, seu guarda-chuva de algodão e sua única luva. Parecia até constrangido por seus movimentos em geral.

— Este é Monsieur Nicole — disse Clarisse. — Um professor particular que está trabalhando como tutor do meu pequeno Jacques. O Monsieur Nicole foi de grande ajuda para mim com seus conselhos durante o ano passado. Ele me ajudou com toda a história da rolha de cristal. Eu gostaria que ele, assim como eu, se você não vê objeção em me contar, conhecesse os detalhes deste sequestro, o que me alarma e perturba meus planos; os seus também, eu creio...

Prasville confiava inteiramente em Clarisse Mergy. Ele conhecia seu ódio implacável por Daubrecq e apreciava a ajuda que ela prestara ao caso. Ele, portanto, não teve dificuldades em contar a ela o que sabia, graças a certas pistas e especialmente ao depoimento da zeladora.

Aliás, a coisa era extremamente simples. Daubrecq, que assistira ao julgamento de Gilbert e Vaucheray como testemunha e que fora visto no tribunal durante os discursos, voltou para casa às seis horas. A

zeladora afirmou que ele entrou sozinho e que não havia ninguém em casa naquele momento. Entretanto, alguns minutos depois, ela ouviu gritos, seguidos pelo som de uma luta e dois tiros de pistola. De seu alojamento, ela viu quatro homens mascarados descendo as escadas da frente, carregando o deputado Daubrecq, e se apressando em direção à rua. Então, eles abriram o portão. No mesmo instante, um carro chegou. Os quatro homens entraram no automóvel e o veículo, que mal estacionara, partiu em velocidade máxima.

— Os dois policiais não ficavam de plantão o tempo todo? — perguntou Clarisse.

— Eles estavam lá — disse Prasville —, mas a 150 metros de distância. Daubrecq foi transportado tão rapidamente que eles não conseguiram intervir, embora tenham corrido o mais rápido que podiam.

— E eles não descobriram nada, não encontraram nada?

— Nada, ou quase nada... Somente isto.

— O que é isto?

— Um pequeno pedaço de marfim, que eles pegaram no chão. Havia um quinto elemento no carro e a zeladora o viu descer enquanto os outros estavam colocando Daubrecq para dentro. Quando esse outro sujeito estava voltando para o carro, ele deixou cair algo e o pegou de novo imediatamente. Mas a coisa, o que quer que fosse, deve ter sido quebrada na calçada, pois este é o pedaço de marfim que meus homens encontraram.

— Mas como os quatro homens conseguiram entrar na casa? — perguntou Clarisse.

— Usando chaves falsas, evidentemente, enquanto a zeladora fazia suas compras, no decorrer da tarde; e eles não tiveram dificuldade em se esconder, pois Daubrecq não mantém outros criados. Tenho todos os motivos para acreditar que eles se esconderam no cômodo ao lado, que é a sala de jantar, e depois atacaram Daubrecq aqui, no escritório. A bagunça dos móveis e de outros artigos prova como a luta foi intensa. Encontramos um revólver de grande porte, pertencente a Daubrecq, sobre o tapete. Uma das balas estilhaçou o vidro sobre a peça da lareira, como você vê.

Clarisse recorreu ao seu companheiro para que ele expressasse sua opinião. Mas o Monsieur Nicole, com os olhos obstinadamente

abaixados, não se movera de sua cadeira e permanecia sentado, mexendo na aba de seu chapéu, como se ainda não tivesse encontrado um lugar adequado para deixá-lo.

Prasville deu um sorriso. Era evidente que ele não via o conselheiro de Clarisse como um homem de grande inteligência:

— O caso é um pouco confuso, senhor — declarou ele. — Não é?

— Sim... sim — confessou Monsieur Nicole. — Bastante intrigante.

— Então você não tem uma pequena teoria sobre o assunto?

— Bem, Monsieur secretário-geral, estou pensando que Daubrecq tem muitos inimigos.

— Ah, genial!

— E que vários desses inimigos, que estão interessados em seu desaparecimento, devem ter se unido contra ele.

— Bem observado! — disse Prasville, com aprovação sarcástica. — Essa informação é essencial! Tudo agora está se tornando claro como a luz do dia. Resta apenas você nos dar uma pequena sugestão que nos permitirá voltar nossa busca para a direção certa.

— Não acha, Monsieur secretário-geral, que este pedaço de marfim partido que foi apanhado no chão...

— Não, Monsieur Nicole, não. Esse pedaço de marfim pertence a algo que não sabemos e que seu dono logo tratará de escondê-lo. A fim de localizar o proprietário, devemos pelo menos ser capazes de definir a natureza do objeto em si.

Monsieur Nicole refletiu e depois começou:

— Monsieur secretário-geral, quando Napoleão I caiu do poder...

— Ah, Monsieur Nicole, ah, uma lição de história da França!

— Apenas uma frase, Monsieur secretário-geral, apenas uma frase que peço sua gentileza de me deixar completar. Quando Napoleão I caiu do poder, a Restauração deixou certo número de oficiais com metade do salário. Esses oficiais eram suspeitos pelas autoridades e mantidos sob observação da polícia. Eles permaneceram fiéis à memória do imperador e conseguiram reproduzir as características de seu ídolo em todo tipo de objetos de uso cotidiano: caixas de rapé, anéis, broches, canivetes e assim por diante.

— E?

— Bem, este pedaço de marfim vem de uma bengala, ou melhor, de uma espécie de vara, ou de um colete à prova de balas, cujo botão é

formado por um pedaço de marfim esculpido. Quando você olha para o botão de certa maneira, você vê que o contorno representa o perfil do pequeno cabo. O que você tem em sua mão, Monsieur secretário-geral, é um pedaço do botão de marfim da parte superior do colete de um oficial de meio salário.

— Sim — disse Prasville, examinando a exposição. — Sim, eu posso traçar um perfil... Mas não vejo a ligação...

— A ligação é muito simples. Entre as vítimas de Daubrecq, entre aquelas cujos nomes estão inscritos na famosa lista, está o descendente de uma família da Córsega a serviço de Napoleão, que herdou sua riqueza e título do imperador e foi posteriormente arruinada sob a Restauração. É bem provável que este descendente, que foi o líder do partido Bonapartista há alguns anos, fosse a quinta pessoa escondida no carro. Preciso dizer seu nome?

— O Marquês d'Albufex? — sugeriu Prasville.

— O Marquês d'Albufex — respondeu Monsieur Nicole.

Monsieur Nicole, que não parecia mais preocupado com seu chapéu, sua luva e seu guarda-chuva, levantou-se e disse a Prasville:

— Monsieur secretário-geral, eu poderia ter guardado minha descoberta para mim mesmo e só lhe falar dela depois da vitória final, ou seja, depois de lhe trazer a lista dos Vinte e Sete. Mas os assuntos são urgentes. O desaparecimento de Daubrecq, ao contrário do que seus raptos esperam, pode acelerar a catástrofe que o senhor deseja evitar. Devemos, portanto, agir com toda rapidez. Senhor secretário-geral, peço sua ajuda imediata e prática.

— De que forma posso ajudá-lo? — perguntou Prasville, que começava a ficar impressionado com o visitante pitoresco.

— Dando-me, amanhã, aqueles detalhes sobre o Marquês d'Albufex que me levariam pessoalmente vários dias para recolher.

Prasville parecia hesitar e virou-se para Madame Mergy. Ela disse:

— Peço-lhe que aceite os serviços do Monsieur Nicole. Ele é um aliado inestimável e dedicado. Eu responderei por ele como responderia por mim mesma.

— De que detalhes você precisa, senhor? — perguntou Prasville.

— Tudo o que diz respeito ao Marquês d'Albufex: a posição de sua família, a forma como ele passa seu tempo, suas conexões familiares, as propriedades que ele possui em Paris e no país.

Prasville objetou:

— Afinal, seja o Marquês ou outro, o raptor de Daubrecq está trabalhando em nosso favor, pois, ao capturar a lista, ele desarma Daubrecq.

— E quem diz, Monsieur secretário-geral, que ele não está trabalhando por conta própria?

— Isso não é possível, pois seu nome está na lista.

— E suponha que ele o apague? Suponha, então, que você esteja lidando com um segundo chantagista, ainda mais ganancioso e mais poderoso do que o primeiro e que, como adversário político, está em melhor posição que Daubrecq para manter a disputa.

O secretário-geral ficou impressionado com o argumento. Depois de um momento de reflexão, ele disse:

— Venha me ver em meu escritório às quatro horas de amanhã. Eu lhe darei os detalhes. Qual é seu endereço, caso eu precise ir até você?

— Monsieur Nicole, Place de Clichy, 25. Estou hospedado no apartamento de um amigo, no qual ele me deixou ficar durante sua ausência.

A conversa chegava ao final. Monsieur Nicole agradeceu ao secretário-geral, com uma reverência muito tímida, e saiu, acompanhado pela Madame Mergy.

— Esse foi um excelente trabalho — disse ele, lá fora, esfregando as mãos. — Eu posso marchar até o escritório da polícia quando quiser e dar um jeito nisso.

Madame Mergy, que estava menos otimista, disse:

— Ai de mim! Você vai chegar a tempo? O que me aterroriza é a ideia de que a lista possa ser destruída.

— Valha-me Deus, por quem? Por Daubrecq?

— Não, mas pelo Marquês, quando ele se apoderar dela.

— Ele ainda não a tem! Daubrecq resistirá tempo suficiente, de qualquer forma, para que possamos alcançá-lo. Basta pensar! Prasville está sob minhas ordens!

— Suponha que ele descubra quem você é. A menor investigação provará que não existe tal pessoa, o Monsieur Nicole.

— Mas isso não provará que o Monsieur Nicole é a mesma pessoa que Arsène Lupin. Além disso, acalme-se. Prasville não é apenas desprezível como detetive; ele tem apenas um objetivo na vida, que é

destruir seu velho inimigo, Daubrecq. Para atingir esse objetivo, todos os meios são igualmente bons e ele não perderá tempo na verificação da identidade de um sr. Nicole que lhe promete Daubrecq. Sem mencionar que fui trazido por você e que, no final das contas, meus pequenos presentes o deslumbraram até certo ponto.

— Portanto, vamos em frente com audácia.

Clarisse sempre recuperava a confiança na presença de Lupin. O futuro parecia menos terrível a seus olhos e ela admitiu, se obrigou a admitir, que as chances de salvar Gilbert não foram diminuídas por aquela horrível sentença de morte. Porém, ele não conseguiu convencê-la a voltar à Bretanha. Ela queria lutar ao lado dele. Queria estar lá e compartilhar todas as suas esperanças e todas as suas decepções.

No dia seguinte, as investigações da polícia confirmaram o que Prasville e Lupin já sabiam. O Marquês d'Albufex estivera tão profundamente envolvido nos negócios do canal, que o Príncipe Napoleão foi obrigado a retirá-lo da administração de sua campanha política na França e ele manteve seu estilo de vida muito extravagante apenas por meio de constantes empréstimos e negócios improvisados. Por outro lado, no que diz respeito ao sequestro de Daubrecq, verificou-se que, ao contrário de seu costume habitual, o Marquês não aparecera em seu clube entre seis e sete horas naquela noite, nem tinha jantado em casa. Ele não voltou até a meia-noite, que foi quando ele retornou a pé.

A acusação do Monsieur Nicole, portanto, estava recebendo uma prova antecipada. Infelizmente — e Lupin não teve mais sucesso em suas próprias tentativas — era impossível obter a menor pista sobre o carro, o motorista e as quatro pessoas que entraram na casa de Daubrecq. Eles eram associados do Marquês, comprometidos no caso do canal como ele mesmo estava? Estavam sendo pagos por ele? Ninguém sabia.

Toda a busca, conseqüentemente, teve que ser concentrada no Marquês, nas acomodações e nas casas que ele poderia possuir a certa distância de Paris; uma distância que, considerando a velocidade média de um automóvel e as paradas inevitáveis, poderia estar entre sessenta a noventa milhas.

Àquela altura d'Albufex, por ter vendido tudo o que já teve, não possuía nem casas de campo nem propriedades rurais.

Eles voltaram sua atenção para as relações do Marquês e seus amigos íntimos. Ele conseguiu, nesse âmbito, dispor de algum refúgio seguro para aprisionar Daubrecq?

O resultado foi igualmente infrutífero.

Os dias se passaram. E que dias para Clarisse Mergy! Cada um deles aproximou Gilbert do terrível dia do acerto de contas. Cada um deles significou 24 horas a menos da data que Clarisse instintivamente fixara em sua mente. E ela disse a Lupin, o qual se sentia atormentado pela mesma ansiedade:

— Mais 55 dias... Apenas 55 dias... O que se pode fazer em tão pouco tempo? Ah, eu lhe imploro... Eu imploro...

O que eles poderiam fazer, de fato? Lupin, que não deixaria a tarefa de vigiar o Marquês a ninguém além dele mesmo, praticamente ficou sem dormir. Mas o Marquês retomara sua vida normal e, sem dúvida, suspeitando de algo, não se arriscaria a fugir.

Uma vez, ele foi sozinho para a casa do Duque de Montmaur, durante o dia. O Duque tinha uma matilha de cães de caça, com os quais ele caçava na floresta de Durlaine. E D'Albufex não mantinha relações com ele além da caça.

— É pouco provável — disse Prasville — que o Duque de Montmaur, um homem extremamente rico, que se interessa apenas por suas propriedades e sua caça e não participa da política, se preste à detenção ilegal do deputado Daubrecq em seu *château*.

Lupin concordou. Mas, como não queria deixar nada ao acaso, na semana seguinte, ao ver d'Albufex sair, numa manhã, com roupa de montaria, ele o seguiu até a Gare du Nord e pegou o mesmo trem.

Desceu em Aumale, onde d'Albufex entrou numa carruagem na estação que o levou até o Château de Montmaur.

Lupin almoçou tranquilamente, alugou uma bicicleta e passou pela casa no momento em que os hóspedes estavam entrando no parque, em carros ou montados. O Marquês d'Albufex era um dos cavaleiros.

Três vezes, no decorrer do dia, Lupin o viu galopando. E, à noite, ele o encontrou na estação, para onde d'Albufex cavalgou, seguido por um caçador.

A prova, portanto, foi conclusiva, e não havia nada de suspeito nisso. Por que Lupin, entretanto, resolveu não ficar satisfeito com as aparências? E por que, no dia seguinte, ele enviou Masher para investigar coisas no bairro de Montmaur? Foi uma precaução adicional, sem nada concreto, mas de acordo com sua maneira metódica e cuidadosa de agir.

Dois dias depois, Lupin recebeu de Masher, entre outras informações de menor importância, uma lista de todos os que estiveram visitando Montmaur e os nomes de seus criados e zeladores.

Dentre os nomes dos caçadores, um nome deixou Lupin desconfiado. Ele imediatamente ordenou:

— Informe-se sobre o caçador Sebastiani.

A resposta de Masher chegou no dia seguinte:

— Sebastiani, um corso, foi recomendado ao Duque de Montmaur pelo Marquês d'Albufex. Ele mora a duas ou três milhas da casa, em uma cabana de caça construído entre as ruínas da fortaleza feudal que foi o berço da família Montmaur.

— É isso — disse Lupin à Clarisse Mergy, mostrando-lhe a carta de Masher. — Esse nome, Sebastiani, imediatamente me lembrou que d'Albufex é de ascendência corsa. Havia uma conexão...

— Então o que você pretende fazer?

— Se Daubrecq estiver preso nessas ruínas, pretendo entrar em contato com ele.

— Ele vai desconfiar de você.

— Não. Ultimamente, agindo sobre as informações da polícia, terminei descobrindo as duas idosas que carregaram seu pequeno Jacques em Saint-Germain e que o levaram, na mesma noite, para Neuilly. Elas são duas solteironas, primas de Daubrecq, que recebem dele uma pequena mesada. Fui visitar essas Demoiselles Rousselot. Lembre-se do nome e do endereço: Rue du Bac, 134a. Eu as inspirei confiança, prometi-lhes encontrar seu primo e benfeitor, e a irmã mais velha, Euphrasie Rousselot, me deu uma carta na qual ela implora a Daubrecq que confie inteiramente no Monsieur Nicole. Portanto, veja, eu tomei todas as precauções. Partirei de noite.

— Nós partiremos, você quer dizer — disse Clarisse.

— Você?

— Posso continuar a viver assim, em inércia total?

Ela sussurrou:

— Não estou mais contando os dias, os 38 ou quarenta dias que restam para nós; estou contando as horas.

Lupin sentiu que ela estava bem firme em sua decisão para tentar contrariá-la. Ambos partiram às cinco horas da manhã, de carro. Growler foi com eles. A fim de não levantar suspeitas, Lupin escolheu uma grande cidade como sede, em Amiens, onde ele instalou Clarisse. Ele estava a apenas 18 milhas de Montmaur.

Às oito horas, ele se encontrou com Masher, não muito longe da velha fortaleza, que era conhecida na vizinhança pelo nome de Mortepierre, e examinaram a localidade sob sua orientação.

Nos limites da floresta, o pequeno rio Ligier, que virava um vale profundo nesse local, forma uma curva que é suspensa pela enorme falésia de Mortepierre.

— Não há nada a ser feito deste lado — disse Lupin.

— O penhasco é íngreme, com mais de 200 pés de altura, e o rio o envolve por todo o lado.

Não muito longe dali, encontraram uma ponte que levava ao sopé de um caminho que serpenteava, através dos carvalhos e pinheiros, até uma pequena esplanada, onde se encontrava um portão de ferro maciço, cravejado com pregos e flanqueado em ambos os lados por uma grande torre.

— É aqui que mora Sebastiani, o caçador? — perguntou Lupin.

— Sim — respondeu Masher —, com a esposa, em uma cabana no meio das ruínas. Soube também que ele tem três filhos crescidos e que todos os quatro estariam fora, de férias, no dia em que Daubrecq foi trazido.

— Ora! — disse Lupin. — Vale a pena lembrar a coincidência. Parece bastante provável que o negócio fora feito por esses calouros e seu pai.

No final da tarde, Lupin aproveitou uma brecha à direita das torres para escalar a muralha. De lá, ele viu a cabana do caçador e os poucos restos da velha fortaleza; em outra parte, um pedaço de muro, que parecia ser de uma lareira de chaminé. Mais longe, um tanque de água; do outro lado, os arcos de uma capela; do outro, um monte de pedras caídas.

Uma trilha de patrulha contornava o penhasco na frente e, em uma das extremidades dessa trilha, havia os restos de uma impressionante

masmorra destruída quase totalmente ao nível do chão.

Lupin se encontrou com Clarisse Mergy à noite. E, desde então, sempre ia para Amiens e Mortepierre, deixando Growler e Masher permanentemente de plantão.

Seis dias se passaram. Os hábitos de Sebastiani pareciam estar sujeitos unicamente aos deveres de seu cargo. Ele costumava ir até o Château de Montmaur, caminhar na floresta, verificar as armadilhas e fazer suas rondas à noite.

Porém, no sétimo dia, ao saber que haveria uma reunião e que uma carruagem fora enviada para a estação Aumale pela manhã, Lupin assumiu seu posto em um aglomerado de caixotes e folhagens que circundavam a pequena esplanada em frente ao portão.

Às duas horas, ouviu os latidos dos cães de caça. Eles se aproximaram, acompanhados por gritos de caça, e depois se afastaram mais. Ele os ouviu novamente, por volta do meio da tarde, não tão perto; e isso foi tudo. Mas, de repente, em meio ao silêncio, percebeu o som de cavalos galopantes e alguns minutos depois ele viu dois cavaleiros subindo o caminho do rio.

Ele reconheceu o Marquês d'Albufex e Sebastiani. Ao chegar à esplanada, ambos desceram e uma mulher — a esposa do caçador, sem dúvida — abriu o portão. Sebastiani amarrou os freios dos cavalos às argolas fixadas em um poste a poucos metros de Lupin e correu para juntar-se ao Marquês. O portão se fechou atrás deles.

Lupin não hesitou e, embora ainda fosse plena luz do dia, confiando na solidão do lugar, ele subiu até o buraco da brecha. Passando sua cabeça com cautela, ele viu os dois homens e a esposa de Sebastiani correndo em direção às ruínas da masmorra.

O caçador afastou uma parede suspensa de hera e revelou a entrada de uma escada, a qual ele desceu, assim como d'Albufex, deixando sua esposa de guarda no terraço.

Não seria sensato ir atrás deles, então Lupin retornou ao seu esconderijo. Ele não esperou muito até que o portão se abrisse novamente.

O Marquês d'Albufex parecia estar bastante furioso. Ele golpeava o cano de sua bota com seu chicote e murmurava palavras de raiva que Lupin distinguiu quando a distância diminuiu:

— Ah, o miserável! Eu o farei falar... Voltarei à noite... À noite, às dez horas, você ouviu, Sebastiani? E faremos o que for necessário... Ah, que estúpido!

Sebastiani desatrelou os cavalos. D'Albufex voltou-se para a mulher:

— Faça com que seus filhos mantenham uma boa vigilância... Se alguém tentar libertá-lo, o azar será dele. O alçapão está lá. Posso confiar neles?

— Tanto quanto pode confiar plenamente em mim, senhor Marquês — declarou o caçador. — Eles sabem o que o senhor Marquês fez por mim e o que pretende fazer por eles e não vão recuar por nada.

— Vamos montar e voltar para os cães de caça — disse d'Albufex.

As coisas estavam indo como Lupin havia suposto. Durante essas corridas, d'Albufex seguia seu próprio caminho e marchava para Mortepierre, sem que ninguém suspeitasse de nada. Sebastiani, que se dedicava a ele de corpo e alma, por razões ligadas ao passado e que não valia a pena saber, o acompanhava; e juntos iam ver o cativo, que era observado de perto pela esposa do caçador e seus três filhos.

— E cá estamos — disse Lupin à Clarisse Mergy, quando se juntou a ela em uma pousada vizinha. — Esta noite o Marquês interrogará Daubrecq, de forma um pouco brutal, mas imprescindível, como eu mesmo pretendia fazer.

— E Daubrecq vai revelar seu segredo — disse Clarisse, já bastante chateada.

— Receio que sim.

— Então...

— Estou hesitando entre dois planos — disse Lupin, que parecia muito calmo. — Seja para impedir a conversa...

— Como?

— Prevenindo d'Albufex. Às nove horas, Growler, Masher e eu subimos as muralhas, invadimos a fortaleza, atacamos a tropa, desarmamos a guarda... E a coisa está feita: Daubrecq é nosso.

— A menos que os filhos de Sebastiani o atirem pelo alçapão, o qual o Marquês mencionara.

— Por essa razão — disse Lupin — pretendo arriscar essa medida violenta apenas como último recurso e no caso de meu outro plano não ser viável.

— Qual é o outro plano?

— Testemunhar o interrogatório. Se Daubrecq não falar, ele nos dará tempo para nos prepararmos e assim libertá-lo em condições mais favoráveis. Se ele falar, se eles o obrigarem a revelar o lugar onde a lista dos Vinte e Sete está escondida, saberei a verdade ao mesmo tempo que d'Albufex e juro por Deus que o responsabilizarei antes que ele o faça.

— Sim, sim — disse Clarisse. — Mas como você pretende entrar lá?

— Ainda não sei — confessou Lupin. — Depende de certos detalhes que o Masher vai me trazer e de alguns que eu mesmo descobrirei.

Ele deixou a pousada e só retornou uma hora depois, pois a noite estava caindo. Masher se juntou a ele.

— Você conseguiu o livrinho? — perguntou Lupin.

— Sim, chefe. Esse foi o que encontrei na banca de jornal em Aumale. Comprei-o por dez soldos.

— Dê-me isso.

Masher entregou-lhe um livreto velho, sujo e rasgado, intitulado, na capa, *Uma visita a Mortepierre*, de 1824, com desenhos de plantas e outras ilustrações.

Lupin imediatamente procurou a planta da masmorra.

— É isso mesmo — disse ele. — Acima do solo havia três andares, que foram demolidos, e abaixo do solo, escavados na rocha, dois andares, um dos quais foi bloqueado pelo entulho, enquanto o outro... Ali é onde está nosso amigo Daubrecq. O nome é significativo: a câmara de tortura... Pobre, caro amigo! Entre a escadaria e a câmara de tortura há duas portas. Entre essas duas portas tem um espaço no qual os três irmãos obviamente se sentam, armados.

— Portanto, é impossível para você entrar dessa maneira sem ser visto.

— Impossível... A menos que eu entre por cima, pelo pavimento que caiu, e procure um meio de entrar pelo teto... Mas isso é muito arriscado...

Ele continuou a virar as páginas do livro.

Então, Clarisse perguntou:

— Não tem janela para a sala?

— Sim — disse ele. — Na parte baixa, próxima ao rio, acabo de ver, tem uma pequena abertura, que também está marcada na planta. Mas

fica a cinquenta metros de altura, íngreme e, mesmo assim, a rocha se projeta sobre à água. Portanto, isso também está fora de questão.

Ele deu uma olhada em algumas páginas do livro. O título de um capítulo o impressionou: “A torre dos amantes”. Ele leu as primeiras linhas:

Antigamente, a masmorra era conhecida pelo povo do bairro como A torre dos amantes, em memória de uma tragédia fatal que a marcou na Idade Média. O Conde de Mortepierre, tendo recebido provas da infidelidade de sua esposa, aprisionou-a na câmara de tortura, onde ela passou vinte anos. Uma noite, seu amante, O Senhor de Tancarville, com coragem imprudente, ergueu uma escada junto ao rio e depois escalou a parte da frente do penhasco até chegar à janela da sala. Depois de arrebentar as barras, ele conseguiu soltar a mulher que amava e levá-la para baixo com ele por meio de uma corda. Ambos chegaram ao topo da escada, que estava sendo vigiada por seus amigos, quando um tiro foi disparado da trilha de patrulha e atingiu o homem no ombro. Os dois amantes despencaram na superfície.

Houve uma pausa, depois que ele leu isso; uma longa pausa, durante a qual cada um deles traçou um quadro mental da trágica fuga. Então, três ou quatro séculos antes, um homem, arriscando sua vida, havia tentado essa façanha surpreendente e teria conseguido, não fosse pela vigilância de alguma sentinela que ouviu o barulho. Um homem se aventurara! Um homem ousara! Um homem ousou!

Lupin levantou seus olhos para Clarisse. Ela estava olhando para ele com um olhar tão desesperado, tão suplicante! O olhar de uma mãe que exigia o impossível e que sacrificaria qualquer coisa para salvar seu filho.

— Masher — disse ele —, pegue uma corda forte, mas bem fina, para que eu possa enrolá-la na cintura, e muito comprida: quarenta ou cinquenta metros. Você, Growler, pegue três ou quatro escadas e prenda-as de ponta a ponta.

— Por quê? No que você está pensando, chefe? — gritaram os dois cúmplices. — O que você quer fazer... É uma loucura!

— Loucura? Por quê? O que outro fez, eu posso fazer.

— A chance de você quebrar seu pescoço é de cem para um.
— Bem, veja, Masher, há uma chance de que eu não o quebre.
— Mas, chefe...
— Já chega, meus amigos. Encontrem-me em uma hora na margem do rio.

Os preparativos demoraram muito tempo para serem feitos. Era difícil encontrar o material para uma escada de cinquenta metros que chegasse ao primeiro parapeito do penhasco e seriam necessários esforço e cuidado infinitos para unir as diferentes partes.

Finalmente, um pouco depois das nove horas, a escada foi posicionada no meio do rio e mantida em posição por um barco, cujos arcos foram cravados entre dois dos degraus, enquanto a popa foi virada para a margem.

A estrada através do vale do rio era pouco utilizada, e ninguém atrapalhou o trabalho. A noite estava escura; o céu, pesado com nuvens sem movimento.

Lupin deu a Masher e Growler suas instruções finais e disse, com uma risada:

— Não sei dizer como vou me divertir ao pensar em ver o rosto de Daubrecq quando eles estiverem para escarpelá-lo ou cortar sua pele em tiras. Palavra de honra: terá valido a pena a viagem.

Clarisse também ocupava um lugar no barco. Lupin disse a ela:

— Até nos encontrarmos novamente. E, acima de tudo, não se mexa. Aconteça o que acontecer, nem um movimento, nem um grito.

— Pode acontecer alguma coisa? — perguntou ela.

— Ora, lembre-se do Senhor de Tancarville! Foi no exato momento em que ele estava alcançando seu objetivo, com seu verdadeiro amor nos braços, que um acidente o traiu. Porém, acalme-se: vou ficar bem.

Ela não deu nenhuma resposta. Agarrou a mão de Lupin e a segurou calorosamente entre suas próprias mãos.

Lupin colocou o pé na escada e se certificou de que ela não balançasse muito. Depois, ele subiu e logo alcançou o degrau superior.

Foi nesse ponto que começou a perigosa ascensão: uma subida difícil no início, por causa da inclinação excessiva, e virando, na metade do caminho, uma escalada absoluta.

Felizmente, aqui e ali havia pequenos buracos, nos quais ele conseguia pisar, e pedras projetadas, às quais suas mãos se agarravam.

Mas duas vezes essas pedras cederam e ele escorregou; e duas vezes ele acreditou firmemente que tudo estava perdido. Ao encontrar um buraco mais profundo, ele descansou. Lupin estava exausto; sentia-se prestes a desistir daquela empreitada, e se perguntou se realmente valia a pena expor-se a tal perigo:

— Eu digo! — pensou ele. — Parece-me que você está sendo um covarde, Lupin, meu velho. Abortar o plano? Então Daubrecq balbuciará seu segredo, o Marquês se apossará da lista, Lupin voltará de mãos vazias, e Gilbert...

A corda comprida que ele prendeu na cintura causou-lhe inconvenientes e fadiga desnecessários. Ele fixou uma das extremidades da corda na cinta de suas calças e deixou-a desenrolar-se ao longo da subida, para que ele pudesse usá-la na volta, como um corrimão.

Em seguida, mais uma vez, ele se agarrou à superfície áspera do penhasco e continuou a subida, com ferimentos junto às unhas e os dedos sangrando. A cada momento ele esperava a queda inevitável. E o que mais o desanimou foi ouvir o murmúrio de vozes subindo do barco; murmúrio tão distinto que parecia que ele não estava aumentando a distância entre seus companheiros e ele mesmo.

Ele se lembrou do Senhor de Tancarville, também sozinho, em meio à escuridão, o qual deve ter tremido com o barulho das pedras em que ele se segurou e deixou cair penhasco abaixo. Como o menor som reverberava através do silêncio! Se um dos vigias de Daubrecq estivesse espreitando a escuridão da Torre dos amantes, isso significaria levar um tiro... E a morte.

Ele escalou... Escalou... Ele estava escalando por tanto tempo que terminou achando que já tivesse passado direto de seu objetivo. Sem dúvida, deveria ter ido um pouco mais para a direita ou para a esquerda inconscientemente, e perdido de vista a trilha da patrulha. Que resultado estúpido! E que outro desfecho poderia haver para uma tentativa em que a necessidade de agir rapidamente não lhe permitira estudar seus passos e preparar tudo?

De repente, ele redobrou seus esforços, subiu por vários metros, escorregou, recuperou o terreno perdido, agarrou um punhado de raízes que se soltaram em sua mão, escorregou mais uma vez e estava abandonando o jogo em desespero quando, de repente, se firmando e

contraindo toda sua estrutura, seus músculos e sua vontade, ele ficou imóvel: um som de vozes parecia sair da própria rocha a qual ele estava se agarrando.

Ele ouviu. Veio da direita. Virando a cabeça, ele achou ter visto um raio de luz penetrando a escuridão do espaço. Quanto esforço e energia ele teve de empenhar e quantos movimentos imperceptíveis ele teve de fazer até se arrastar ao local que nem sabia onde era exatamente! Porém, de repente, ele se viu na beira de uma abertura bastante larga, com pelo menos três metros de profundidade, escavada na parede do penhasco como uma passagem, enquanto sua outra extremidade, muito mais estreita, estava fechada por três barras.

Lupin se arrastou. Sua cabeça alcançou as barras. E ele viu...



VIII. A TORRE DOS AMANTES

A câmara de tortura estava abaixo dele. Era uma sala grande e irregular, dividida em porções desiguais pelos quatro pilares amplos e maciços que sustentavam seu telhado arqueado. Um cheiro de umidade e mofo vinha de suas paredes e de suas lajes molhadas pela água que gotejava. Sua aparência em qualquer época deve ter sido horripilante. Mas, naquele momento, com as figuras altas de Sebastiani e seus filhos, com os raios oblíquos de luz que caíam entre os pilares, com a visão do cativo acorrentado em uma bica, assumiu um aspecto sinistro e bárbaro.

Daubrecq estava na parte da frente da sala, a quatro ou cinco metros abaixo da janela da qual Lupin espreitava. Além das correntes antigas que foram usadas para prendê-lo à sua cama e para prender a cama a um gancho de ferro na parede, seus pulsos e tornozelos estavam cingidos com tiras de couro e um arranjo engenhoso fazia com que um mínimo movimento dele balançasse um sino que estava pendurado no pilar mais próximo. Um lampião colocado em um banco iluminava totalmente o rosto do deputado.

O Marquês d'Albufex estava ao seu lado. Lupin viu suas feições pálidas, seu bigode cinzento, sua forma longa e magra ao olhar para seu prisioneiro com uma expressão de contentamento e de ódio gratificado.

Passaram-se alguns minutos em profundo silêncio. Em seguida, o Marquês deu uma ordem:

— Acenda estas três velas, Sebastiani, para que eu possa vê-lo melhor.

E, quando as três velas foram acesas e ele olhou para Daubrecq, inclinou-se sobre ele e disse, quase suavemente:

— Não sei dizer como isso terminará, mas, de qualquer forma, terei tido alguns momentos felizes nesta sala. Você me fez tanto mal, Daubrecq! As lágrimas que você me fez derramar! Sim, lágrimas reais,

soluções reais de desespero... O dinheiro que você me roubou! Uma fortuna! E meu terror só de imaginar que você poderia me entregar! Bastava você ter pronunciado meu nome para completar minha ruína e causar minha vergonha! Ah, seu vilão!

Daubrecq não cedeu. Ele fora privado de suas lentes pretas; mesmo assim manteve os óculos, que refletiam a luz das velas. Ele emagrecera bastante e os ossos se sobressaíam acima de suas bochechas afundadas.

— Venha — disse d'Albufex. — Chegou a hora de agir. Parece que há malandros rondando a vizinhança. Deus queira que eles não estejam aqui por sua causa e tentem libertá-lo, pois isso significaria sua morte imediata, como você sabe... O alçapão ainda está funcionando, Sebastiani?

Sebastiani se aproximou, ajoelhou-se e, aos pés da cama, levantou e virou uma argola que Lupin não notara. Uma das lajes se moveu sobre um pivô, revelando um buraco negro.

— Veja — continuou o Marquês —, tudo está colaborando e eu tenho tudo o que quero à mão, inclusive masmorras; masmorras sem fundo, diz a lenda do castelo. Portanto, não há nada a esperar, nenhuma ajuda de qualquer tipo. Você vai falar?

Daubrecq não respondeu, e ele prosseguiu:

— Esta é a quarta vez que o questiono, Daubrecq. É a quarta vez que desperdiço meu tempo pedindo-lhe o documento que você possui para eu poder me livrar de sua chantagem. Esta é a quarta e última vez. Você vai falar?

O mesmo silêncio de antes. D'Albufex fez um sinal para Sebastiani. O caçador deu um passo à frente, seguido por dois de seus filhos. Um deles segurava uma vara.

— Vá em frente — disse d'Albufex, depois de esperar alguns segundos.

Sebastiani afrouxou as correias que amarravam os pulsos de Daubrecq e enfiou e fixou a vara entre as tiras.

— Devo virar, senhor Marquês?

Um novo silêncio. O Marquês esperou. Vendo que Daubrecq não vacilou, ele sussurrou:

— Você não vai falar? Por que passar pelo sofrimento físico?

Sem resposta.

— Vire, Sebastiani.

Sebastiani girou a vara em um círculo completo. As correias foram esticadas e apertadas. Daubrecq deu um gemido.

— Você não vai falar? Mesmo assim, sabe que não cederei, que não posso ceder, que vou segurá-lo e que, se necessário, o torturarei até você morrer. Não vai falar? Não vai? Sebastiani, mais uma vez.

O caçador obedeceu. Daubrecq teve um terrível espasmo de dor e caiu de volta em sua cama, soltando um grunhido.

— Seu tolo! — gritou o Marquês, tremendo de raiva. — Por que você não fala? Não está farto desta lista? Certamente é a vez de outra pessoa! Vamos, fale... Onde está? Uma palavra. Uma só palavra... E nós o deixaremos em paz. Amanhã, quando eu tiver a lista, você estará livre. Livre, entendeu? Mas, diabo, fale! Ah, imbecil! Sebastiani, mais uma volta.

Sebastiani fez uma nova investida. Os ossos quebraram.

— Socorro! Socorro! — gritou Daubrecq, em voz rouca, lutando em vão para se libertar. E, em um sussurro balbuciante: — Misericórdia... Misericórdia.

Foi uma visão horrível... Os rostos dos três filhos estavam horrorizados. Lupin estremeceu, sentiu uma dor no coração e percebeu que ele mesmo nunca poderia ter realizado aquela coisa abominável. Ele ouviria as palavras que estavam por vir. Ele descobriria a verdade. O segredo de Daubrecq estava prestes a ser expresso em sílabas, em palavras arrancadas dele pela dor.

Lupin começou a pensar em sua retirada, no carro que o esperava, na correria selvagem para Paris, na vitória que estava por vir.

— Fale — sussurrou d'Albufex. — Fale e acabará.

— Sim... Sim... — ofegou Daubrecq.

— Bem?

— Mais tarde... Amanhã...

— Ah, você está louco! O que você está dizendo? Amanhã? Sebastiani, outra volta!

— Não, não! — gritou Daubrecq. — Pare!

— Fale!

— Bem, então... O papel... Eu escondi o papel...

Mas sua dor era muito grande. Ele levantou a cabeça com um último esforço, proferiu palavras incoerentes, conseguiu dizer duas vezes:

— Marie... Marie... E caiu para trás, exausto e sem vida.

— Solte-o imediatamente — disse d'Albufex a Sebastiani.

— Espere, será que exageramos?

Mas um exame rápido lhe mostrou que Daubrecq apenas desmaiara. Então, ele mesmo, esgotado com tanta excitação, caiu sobre os pés da cama e, limpando o suor de sua testa, balbuciou:

— Ah, que negócio sujo!

— Talvez isso seja suficiente por hoje — disse o caçador, cujo rosto áspero demonstrou certa emoção. — Talvez tentemos novamente amanhã ou no dia seguinte...

O Marquês ficou em silêncio. Um dos filhos lhe entregou uma garrafa de conhaque. Ele colocou meio copo e o bebeu em um só gole.

— Amanhã? — disse ele. — Não. Aqui e agora. Um pequeno esforço a mais. Do jeito que ele está, não será difícil.

Pondo-se ao lado do caçador, perguntou:

— Você ouviu o que ele disse? O que ele quis dizer com essa palavra, Marie? Ele a repetiu duas vezes.

— Sim, duas vezes — disse o caçador. — Talvez ele tenha confiado o documento a uma pessoa chamada Marie.

— Ele não fez isso! — protestou d'Albufex. — Ele nunca confia nada a ninguém. Deve significar outra coisa.

— Mas o quê, senhor Marquês?

— Logo descobriremos, eu lhe asseguro.

Naquele momento, Daubrecq respirou fundo e se agitou em sua cama. D'Albufex, que então tinha recuperado toda sua compostura e não tirava os olhos do inimigo, foi até ele e disse:

— Sabe, Daubrecq, é uma loucura resistir... Uma vez derrotado, não há nada a fazer quanto a isso, a não ser submeter-se ao seu conquistador, em vez de se permitir ser torturado como um idiota... Vamos, seja sensato.

Ele se voltou para Sebastiani:

— Aperte a corda... Deixe-o sentir um pouco de dor para despertar. Ele está se fingindo de morto.

Sebastiani pegou o bastão novamente e o virou até que a correia tocou a carne inchada. Daubrecq deu um salto.

— Assim está bom, Sebastiani — disse o Marquês. — Nosso amigo parece disposto favoravelmente e compreende a necessidade de

chegarmos a um acordo. É isso, não é, Daubrecq? Você prefere acabar com isso? E você está certo!

Os dois homens estavam inclinados sobre o ferido, Sebastiani com a mão sobre o bastão, d'Albufex segurando um lampião para iluminar o rosto de Daubrecq.

— Seus lábios estão se movendo... Ele vai falar. Afrouxe um pouco a corda, Sebastiani, não quero que nosso amigo se machuque. Não, aperte-a. Acredito que nosso amigo está hesitante... Mais uma volta... Pare! Já basta! Ah, meu caro Daubrecq, se você não consegue falar mais claro do que isso, não adianta! O quê? O que você disse?

Arsène Lupin praguejou baixinho. Daubrecq estava falando e ele, Lupin, não conseguia ouvir uma palavra do que era dito! Em vão, empenhou seus ouvidos, reprimiu o bater de seu coração e o latejar de suas têmporas, mas não conseguiu ouvir nada.

— Maldição! — pensou ele. — Eu não esperava por isso. O que eu devo fazer?

Lupin estava a um passo de apontar o revólver para Daubrecq e colocar-lhe uma bala que interromperia sua explicação. Porém, pensou que ele mesmo não estaria sendo sábio e que era melhor confiar nos acontecimentos, na esperança de aproveitá-los ao máximo.

Enquanto isso, abaixo de onde estava, a confissão continuava, indistintamente, interrompida por silêncios e misturada aos gemidos. D'Albufex agarrou-se à sua presa:

— Continue! Termine, não consegue? — ele pontuou as sentenças com exclamações de aprovação — Bom! Ótimo! Ah, que engraçado! E ninguém suspeitava? Nem mesmo Prasville? Que droga! Solte um pouco, Sebastiani, você não vê que nosso amigo está sem fôlego? Mantenha a calma, Daubrecq... Não se canse... E então, meu caro amigo, você estava dizendo...

Essa foi a última. Houve um longo sussurro ao qual d'Albufex ouviu sem mais interrupções e do qual Arsène Lupin não conseguiu captar a menor sílaba. Então o Marquês se levantou e exclamou, alegremente:

— É isso! Obrigado, Daubrecq. Acredite em mim, nunca esquecerei o que você acabou de fazer. Se alguma vez precisar, basta bater à minha porta e sempre haverá um pedaço de pão para você na cozinha e um copo de água do filtro. Sebastiani, cuide do Monsieur deputado como se ele fosse um de seus filhos. E, antes de mais nada, libere-o das

amarras. É uma coisa cruel amarrar o companheiro assim, como uma galinha no espeto!

— Vamos dar-lhe algo para beber? — sugeriu o caçador.

— Sim, é isso, dê a ele uma bebida.

Sebastiani e seus filhos desamarraram as tiras de couro, esfregaram os pulsos machucados, passaram uma pomada e os enfaixaram. Depois, Daubrecq engoliu algumas gotas de conhaque.

— Sente-se melhor? — perguntou o Marquês. — Não é nada demais! Em poucas horas, não vai nem aparecer e você poderá se gabar de ter sido torturado, como nos bons velhos tempos da Inquisição. Seu cão sortudo! — ele olhou o relógio. — Não tenho mais nada a dizer! Sebastiani, deixe seus filhos vigiá-lo por turnos e leve-me até a estação para o último trem.

— Então devemos deixá-lo assim, senhor Marquês, livre para se mover a seu bel-prazer?

— Por que não? Você não acha que vamos mantê-lo aqui até o dia de sua morte. Não, Daubrecq, durma tranquilamente. Irei à sua casa amanhã à tarde e, se o documento estiver onde me disse, um telegrama será enviado imediatamente e você será liberto. Você não me contou uma mentira, suponho.

Ele virou-se para Daubrecq e, inclinando-se sobre ele novamente, disse:

— Nada de truques, não é? Seria muito tolo da sua parte. Eu perderia um dia, só isso. Enquanto você perderia todos os dias que lhe restam para viver. Mas não, o esconderijo é bom demais. Um sujeito não inventa uma coisa dessas para se divertir. Vamos lá, Sebastiani. Você receberá o telegrama amanhã.

— E suponha que eles não o deixam entrar na casa, senhor Marquês?

— Por que não deixariam?

— A casa na Place Lamartine é vigiada pelos homens de Prasville.

— Não se preocupe, Sebastiani. Eu vou entrar. Se eles não abrirem a porta, há sempre uma janela. E, se a janela não abrir, farei negócios com um dos homens de Prasville. É uma questão de dinheiro, só isso. E, graças a Deus, isso não me faltará, daqui em diante! Boa noite, Daubrecq.

Ele saiu, acompanhado por Sebastiani, e a pesada porta se fechou atrás deles. Lupin imediatamente efetuou sua retirada, de acordo com um plano que ele elaborara durante a cena.

O plano era bastante simples: escalar, por meio de sua corda, até o sopé da falésia, levar seus amigos com ele, entrar no carro e atacar d'Albufex e Sebastiani na estrada deserta que leva à estação Aumale. Não poderia haver erros nessa empreitada. Com d'Albufex e Sebastiani feitos prisioneiros, seria fácil fazer um deles falar. D'Albufex lhe mostrara como fazer isso e Clarisse Mergy seria inflexível por se tratar de salvar seu filho.

Ele pegou a corda com a qual havia se abastecido e apalpou em volta para encontrar um pedaço de rocha dentada para passá-la, de modo a deixar dois comprimentos iguais pendurados, pelos quais ele pudesse descer. Mas, quando ele encontrou o que queria, em vez de agir rapidamente, pois o negócio era urgente, ele ficou imóvel, pensando. Desistiu de seu esquema no último minuto.

— É absurdo o que estou propondo — disse para si mesmo. — Absurdo e ilógico. Como posso ter certeza de que d'Albufex e Sebastiani não vão me escapar? Como saber se, uma vez em meu poder, eles vão falar? Não; eu vou ficar. Há coisas melhores para tentar fazer... Coisas muito melhores. Não são com esses dois que devo estar, mas com Daubrecq. Ele está acabado; não lhe resta mais nada. Se ele contou ao Marquês seu segredo, não há razão para que ele não o conte a mim e à Clarisse, quando empregarmos os mesmos métodos. Está resolvido! Vamos raptar Daubrecq.

“Além do mais, o que é que eu perco? Se o esquema der errado, Clarisse e eu iremos correndo para Paris e, com Prasville, faremos uma vigilância cuidadosa na Place Lamartine para evitar que d'Albufex se beneficie das revelações de Daubrecq. O ideal é que Prasville seja avisado do perigo. Ele deve ser avisado.”

O relógio da igreja em uma aldeia vizinha soou meia-noite. Isso dava a Lupin seis ou sete horas para colocar seu novo plano em execução. Ele começou a trabalhar imediatamente.

Ao se afastar da fresta que tinha próximo à janela, ele se deparou com uma moita de pequenos arbustos em uma das cavidades do penhasco. Ele cortou uma dúzia deles, com sua faca, e reduziu todos ao mesmo tamanho. Depois cortou dois comprimentos iguais de sua

corda. Esses eram os pilares da escada. Ele prendeu os doze gravetos entre os pilares e, assim, conseguiu uma escada de corda de cerca de seis metros de comprimento.

Quando ele retornou a este posto, havia apenas um dos três filhos de Sebastiani ao lado da cama de Daubrecq na câmara de tortura. Próximo a um lampião, ele fumava seu cachimbo. Daubrecq estava dormindo.

— Que amolação! — pensou Lupin. — Será que o sujeito vai ficar ali sentado a noite toda? Nesse caso, não há nada a fazer, a não ser me mandar.

A ideia de que d'Albufex estava em posse do segredo o irritou poderosamente. O episódio que testemunhou deixou a clara impressão em sua mente de que o Marquês estava trabalhando por conta própria e que, ao assegurar a lista, ele pretendia não apenas escapar da chantagem de Daubrecq, mas também ganhar o poder do deputado e construir de novo sua fortuna pelos mesmos meios que o outro empregara.

Isso teria significado, para Lupin, uma nova batalha a ser travada contra um novo inimigo. A rápida marcha dos acontecimentos não permitiu a contemplação de tal possibilidade. Ele tinha que, a todo custo, atrapalhar os planos do Marquês d'Albufex, avisando Prasville. Entretanto, Lupin permaneceu retido, esperando que houvesse algum incidente que lhe desse a oportunidade de agir.

O relógio bateu meia-noite e meia.

Bateu uma hora.

A espera tornou-se terrível, tanto mais por que uma névoa gelada surgiu do vale e Lupin sentiu o frio penetrar até sua medula.

Ele ouviu o trote de um cavalo ao longe.

— Sebastiani retornando da estação — pensou ele.

Mas o filho que estava vigiando na câmara de tortura, tendo terminado seu pacote de fumo, abriu a porta e perguntou a seus irmãos se tinham um cachimbo cheio para ele. Diante da resposta deles, ele saiu para ir à cabana.

Lupin ficou surpreso. Assim que a porta foi fechada, Daubrecq, que parecia estar dormindo pesadamente, sentou-se em sua cama, ouviu, colocou um pé no chão, seguido do outro, e, de pé, cambaleando um

pouco, mas mais firme em suas pernas do que se esperava, testou sua força.

— Bem — disse Lupin —, não levará muito tempo para o infeliz se recuperar. Ele pode muito bem ajudar em sua própria fuga. Há apenas um ponto que me incomoda: será que ele se deixará convencer? Será que ele consentirá em ir comigo? Não pensará ele que esta ajuda milagrosa que lhe vem diretamente do céu é uma armadilha lançada pelo Marquês?

Contudo, de repente, Lupin se lembrou da carta que fizera as primas idosas de Daubrecq escreverem, a carta de recomendação, por assim dizer, que a mais velha das duas irmãs Rousselot assinara com seu nome cristão, Euphrasie.

Estava em seu bolso. Ele a pegou e tentou ouvir algo. Nem um som, exceto o fraco ruído dos passos de Daubrecq nas lajes. Lupin considerou que o momento era aquele. Enfiou seu braço através das barras e jogou a carta para dentro.

Daubrecq parecia atordoadado.

A carta voou pela sala e ficou no chão, a três passos dele. De onde ela veio? Ele levantou a cabeça em direção à janela e tentou ver através da escuridão que atrapalhava sua visão de toda a parte superior da sala. Ele olhou para o envelope, ainda sem ousar tocá-lo, como se temesse uma armadilha. Então, de repente, após um olhar para a porta, ele se abaixou bruscamente, apreendeu o envelope e o abriu.

— Ah — disse ele, com um suspiro de alegria, quando viu a assinatura. Ele leu a carta um pouco alto:

Confie cegamente no portador deste bilhete. Ele conseguiu descobrir o segredo do Marquês, com o dinheiro que nós lhe demos, e conseguiu um plano de fuga. Tudo está preparado para sua fuga.

EUPHRASIE ROUSSELOT

Ele leu a carta novamente, repetiu:

— Euphrasie... Euphrasie... — e levantou a cabeça mais uma vez.

Lupin sussurrou:

— Levarei duas ou três horas para passar através de uma das barras. Sebastiani e seus filhos estão voltando?

— Sim, eles estão, com certeza — respondeu Daubrecq, na mesma voz baixa. — Mas espero que me deixem sozinho.

— Mas eles dormem aqui ao lado?

— Sim.

— Eles não vão ouvir?

— Não; a porta é muito grossa.

— Muito bem. Nesse caso, isso será feito em breve. Eu tenho uma escada de corda. Você conseguirá subir sozinho, sem minha ajuda?

— Acho que sim... Vou tentar... É que eles quebraram meus pulsos... Ah, os brutos! Mal consigo mexer minhas mãos... E já tenho muito pouca força. Mas vou tentar do mesmo jeito... As necessidades devem... — ele parou, escutou e, com o dedo na boca, sussurrou — Quietos!

Quando Sebastiani e seus filhos entraram no quarto, Daubrecq, que havia escondido a carta e deitado na cama, fingiu acordar de repente.

O caçador lhe trouxe uma garrafa de vinho, um copo e alguma comida:

— Como está indo, senhor deputado? — gritou ele. — Bem, talvez tenhamos apertado um pouco demais... É muito doloroso, aquele sistema. Parece que o utilizavam frequentemente na época da Grande Revolução e de Bonaparte... Nos dias dos choferes¹. Uma bela invenção! Bonita e limpa... Sem derramamento de sangue. E também não durou muito tempo! Em vinte minutos, você falou a palavra que faltava! — Sebastiani saiu rindo. — A propósito, senhor deputado, minhas felicitações! Um esconderijo espetacular. Quem suspeitaria disso? Veja: o que nos desestimulou, ao senhor Marquês e a mim, foi aquele nome de Marie que o senhor deixou escapar no início. Você não estava contando uma mentira; mas aí está: a palavra estava apenas meio acabada. Tínhamos que saber o resto. Digam o que quiserem, é divertido! Basta pensar em sua escrivania! Vou lhe dizer, que piada!

O caçador levantou-se e caminhou de um lado para o outro, esfregando suas mãos:

— O senhor Marquês está muito contente; tão contente, de fato, que ele mesmo vem amanhã à noite para liberá-lo. Sim, ele pensou bem; haverá algumas formalidades. Talvez você tenha que assinar um ou dois cheques, desembolsar a grana, pagar as dívidas e resolver os problemas financeiros do senhor Marquês. Mas o que é isso para você?

Uma bagatela! Sem mencionar que, a partir de agora, não haverá mais correias, nem cintas nos pulsos; em suma, você será tratado como um rei! E até me disseram para dar-lhe uma boa garrafa de vinho envelhecido e uma de conhaque.

Sebastiani fez mais algumas graças, depois pegou o lampião, deu mais uma olhada na sala e disse a seus filhos:

— Vamos deixá-lo dormir. Vocês também, descansem, os três. Mas durmam com um olho aberto. Nunca se sabe... — E eles se retiraram.

Lupin esperou um pouco mais e perguntou, em voz baixa:

— Posso começar?

— Sim, mas tenha cuidado. Não é impossível que eles façam uma ronda em uma ou duas horas.

Lupin estava pronto para o trabalho. Ele tinha uma lima muito poderosa e o ferro das barras, enferrujado e corroído pelo tempo, estava, em alguns lugares, quase reduzido a pó. Duas vezes Lupin parou para ouvir, com os ouvidos afiados. Porém, era apenas o barulho de um rato remexendo o entulho no andar de cima, ou o voo de algum pássaro noturno, e ele continuou sua tarefa, encorajado por Daubrecq, que ficou ao lado da porta, pronto para avisá-lo ao mínimo alarme.

— Ufa! — disse ele, usando pela última vez a lima. — Estou feliz que isso tenha acabado, pois, dou-lhe minha palavra, fiquei um pouco apertado neste túnel amaldiçoado... Sem falar do frio...

Ele suportou com todas as suas forças a barra, que ele serrou por baixo, e conseguiu forçá-la suficientemente para que o corpo de um homem passasse entre as duas barras restantes. Em seguida, teve que voltar ao final da canhoneira, a parte mais larga, onde ele havia deixado a escada de corda. Depois de fixá-la às barras, ele chamou Daubrecq:

— Psiu! Está tudo certo... Você está pronto?

— Sim... indo... Mais um segundo, enquanto eu escuto... Tudo bem... Eles estão dormindo... Dê-me a escada.

Lupin a baixou e perguntou:

— Devo descer?

— Não... Sinto-me um pouco fraco... mas vou conseguir.

De fato, ele chegou à janela muito rapidamente e rastejou ao longo da passagem, na trilha do seu salvador. O ar livre, no entanto, parecia

deixá-lo tonto. Além disso, para se dar forças, ele tinha bebido metade da garrafa de vinho e teve um desmaio que o manteve deitado sobre as pedras da canhoneira por meia hora. Lupin, perdendo a paciência, estava amarrando-o a uma ponta da corda, na qual a outra ponta estava atada em volta das barras e se preparava para deixá-lo cair como um fardo de alguma mercadoria, quando Daubrecq acordou, em melhores condições:

— Pronto, passou — disse ele. — Eu me sinto em forma agora. Vai demorar muito?

— Bastante. Estamos a cento e cinquenta metros do chão.

— Como foi que d'Albufex não previu que era possível escapar desta maneira?

— O penhasco é perpendicular.

— E você foi capaz de...

— Bem, suas primas insistiram... E, então, é preciso sobreviver, você sabe, e elas me pagaram bem.

— As almas queridas e boas — disse Daubrecq. — Onde elas estão?

— Lá embaixo, em um barco.

— Existe um rio, então?

— Sim, mas não vamos conversar, se você não se importa. É perigoso.

— Apenas mais uma palavra. Você já estava lá há muito tempo quando me atirou a carta?

— Não, não. Quinze minutos mais ou menos. Depois falo sobre isso... Por agora, temos que nos apressar.

Lupin foi primeiro, depois de recomendar a Daubrecq que se agarrasse firmemente à corda e descesse bem atrás. Ele o ajudava nos lugares mais difíceis.

Levaram mais de quarenta minutos para chegar à plataforma do parapeito formado pelo penhasco e Lupin teve várias vezes de ajudar seu companheiro, cujos pulsos, ainda machucados pela tortura, perderam toda a força e destreza.

Repetidas vezes, ele gemeu:

— Ah, os porcos, eles fizeram isso comigo! Aqueles porcos! Ah, d'Albufex, vou fazer você pagar caro por isto!

— Ssh! disse Lupin.

— Qual é o problema?

— Um barulho... Lá em cima.

Em pé, sem se mover na plataforma, eles escutaram. Lupin pensou no Senhor de Tancarville e na sentinela que o matara com um tiro de seu arcabuz. Ele tremia, sentindo toda a angústia do silêncio e da escuridão.

— Não — disse ele —, eu estava enganado. Além disso, é um absurdo... Eles não podem nos atingir aqui.

— Quem nos atingiria?

— Ninguém... Ninguém... Era uma ideia idiota.

Ele tateou até encontrar os pilares da escada, então disse:

— Pronto, aqui está a escada. Ela está fixada no leito do rio. Um amigo meu, assim como suas primas, está cuidando dela.

Lupin assobiou:

— Aqui estou eu — disse ele, em voz baixa. — Segure a escada rapidamente.

E, para Daubrecq:

— Eu vou primeiro.

Daubrecq retrucou:

— Talvez fosse melhor para mim descer primeiro.

— Por quê?

— Estou muito cansado. Você pode amarrar sua corda em volta da minha cintura e me segurar... Caso contrário, há o perigo de que eu...

— Sim, você está certo — disse Lupin. — Chegue mais perto.

Daubrecq chegou mais perto e ajoelhou-se na rocha. Lupin amarrou a corda a ele e então, inclinando-se, agarrou um dos pilares da escada com ambas as mãos para evitar que a escada tremesse:

— Pode ir — disse.

No mesmo momento, Lupin sentiu uma dor violenta no ombro:

— Droga! — disse ele, caindo no chão.

Daubrecq o golpeou com uma faca abaixo da nuca, um pouco para a direita.

— Seu canalha! Seu canalha!

Ele mal enxergou Daubrecq, no escuro, livrando-se de sua corda, e o ouviu sussurrar:

— Você é um pouco tolo, sabe? Você me traz uma carta de minhas primas Rousselot, na qual eu reconheço a escrita da mais velha, Adelaide, mas Adelaide, suspeitando de algo e querendo me colocar

de orelha em pé, se necessário, teve o cuidado de assinar com o nome da irmã mais nova, Euphrasie Rousselot. Vejam, eu não tinha entendido! Então, com um pouco de reflexão... Você é o Mestre Arsène Lupin, não é mesmo? O protetor de Clarisse, o salvador de Gilbert... Pobre Lupin, temo que esteja em maus lençóis... Eu não uso a faca com frequência, mas, quando uso, eu o faço por vingança.

Ele se curvou sobre o homem ferido e apalpou seus bolsos:

— Dê-me seu revólver, está bem? Seus amigos saberão imediatamente que não é o chefe deles e tentarão me prender... E, como não me resta muita força, uma bala ou duas... Adeus, Lupin. Nos encontraremos em outro mundo. Reserve-me um belo lugar, com todas as conveniências mais recentes.

“Adeus, Lupin. E meus melhores agradecimentos. Pois realmente não sei o que faria sem você. Por Deus, d’Albufex estava me batendo com força! Será uma piada reencontrar o infeliz!”

Daubrecq completou seus preparativos. Ele assobiou mais uma vez. Uma resposta veio do barco.

— Aqui estou eu — disse ele.

Com um último esforço, Lupin estendeu seu braço para detê-lo. Porém, sua mão não tocou em nada além do vazio. Ele tentou chamar, para avisar seus companheiros, mas sua voz ficou embargada na garganta.

Ele sentiu uma terrível dormência invadir seu corpo. Suas têmporas zumbiram.

De repente, ouviu gritos abaixo. Depois, um tiro. Depois outro, seguido de um riso triunfante. E o gemido de uma mulher. E, logo depois, mais dois tiros.

Lupin pensou em Clarisse, ferida, morta, talvez; em Daubrecq, fugindo vitoriosamente; em d’Albufex; na rolha de cristal, que um dos dois adversários recuperaria sem resistência. Então, teve uma visão repentina do Senhor de Tancarville caindo com a mulher que ele amava. Depois ele murmurou, falando uma palavra atrás da outra:

— Clarisse... Clarisse... Gilbert...

Um grande silêncio o venceu; uma paz infinita o invadiu; e, sem a menor revolta, ele sentiu que seu corpo exausto, sem nada para segurá-lo, estava rolando até a beirada da rocha, em direção ao abismo.

1. Nome dado aos bandidos que torturavam suas vítimas com fogo para obrigá-las a confessar onde haviam escondido o dinheiro.



IX. NO ESCURO

Um quarto de hotel em Amiens.

Lupin estava recuperando aos poucos a consciência pela primeira vez. Clarisse e Masher estavam sentados ao lado de sua cama. Ambos conversavam e Lupin os escutou, sem abrir os olhos. Ele percebeu que eles temeram por sua vida, mas que todo o perigo passara. Em seguida, no decorrer da conversa, ele escutou certas palavras que lhe revelaram o que aconteceu na trágica noite de Mortepierre: a descida de Daubrecq; a consternação de seus companheiros, quando viram que não era o chefe; depois a curta luta. Clarisse atirando-se em Daubrecq e sofrendo um ferimento no ombro; Daubrecq saltando para a margem; Growler disparando dois tiros de revólver e saindo em sua perseguição; Masher subindo a escada e encontrando o chefe desmaiado.

— Tão certo como estou vivo — disse Masher —, não sei até agora como ele não rolou para o precipício. Havia uma espécie de buraco naquele lugar, mas era um buraco inclinado e, mesmo meio morto como ele estava, deve ter se agarrado com seus dez dedos. Caramba, cheguei lá na hora certa!

Lupin escutou; escutou em agonia. Ele reuniu forças para compreender as palavras. Mas, de repente, uma frase terrível foi proferida: Clarisse, chorando, falou dos 18 dias que se passaram; mais 18 dias perdidos para salvar Gilbert.

Dezoito dias! Aquela ideia aterrorizou Lupin. Ele sentia que tudo tinha acabado, que jamais conseguiria recuperar suas forças, retomar a luta e que Gilbert e Vaucheray estavam condenados... Seu pensamento fugiu dele. A febre voltou, assim como o delírio.

E mais dias passaram. Talvez tenha sido a época da vida de Lupin da qual ele fala com o maior horror. Ele reteve a consciência por tempo suficiente e teve momentos lúcidos o bastante para perceber exatamente sua condição. Apesar disso, ele não conseguia coordenar

suas ideias, seguir uma linha de pensamento, nem instruir ou proibir seus amigos de adotarem esta ou aquela diretriz de conduta.

Muitas vezes, quando saía de seu torpor, ele estava com sua mão na de Clarisse e, naquela condição de semiconsciência em que uma febre o mantém, ele lhe dirigia palavras estranhas, palavras de amor e paixão, implorando, agradecendo e abençoando-a por toda a luz e alegria que ela trouxera para a escuridão dele.

Então, ficando mais calmo e sem entender totalmente o que falava, ele brincava:

— Tenho estado delirando, não tenho? Que monte de bobagens eu devo ter falado!

Contudo, Lupin sentiu, pelo silêncio de Clarisse, que podia falar com segurança tantas tolices quanto a febre lhe sugeria. Ela não as ouvia. O cuidado e a atenção que ela dedicava ao paciente, sua devoção, sua vigilância, seu estado de alerta a menor recaída; tudo isso não era exatamente para ele, mas para o possível salvador de Gilbert. Ela observava ansiosamente o progresso de sua convalescença. Em quanto tempo ele estaria apto a retomar sua busca? Não seria uma loucura ficar ao seu lado, quando, todos os dias, perdia-se um pouco de esperança?

Lupin nunca deixou de repetir para si mesmo, com confiança de que, ao fazê-lo, ele poderia influenciar o curso de sua doença:

— Eu vou ficar bem... Eu vou ficar bem...

Ele ficou deitado durante dias a fio sem se mexer, para não danificar o curativo de sua ferida nem aumentar a excitação de seus nervos o mínimo que fosse.

Lupin também se esforçou para não pensar em Daubrecq, mas a imagem de seu adversário terrível o assombrou. Ele reconstituiu as várias cenas, da fuga à descida do penhasco... Um dia, movido por uma lembrança terrível, exclamou:

— A lista! A lista dos Vinte e Sete! Daubrecq já deve tê-la... ou então d'Albufex. Estava em cima da mesa!

Clarisse o tranquilizou:

— Ninguém pode ter pegado a lista — declarou ela. — Growler estava em Paris naquele mesmo dia, com um recado meu para Prasville, pedindo-lhe que redobrasse sua vigília na Place Lamartine, para que ninguém entrasse, especialmente o d'Albufex...

— Mas Daubrecq?

— Ele está ferido. Não pode ter ido para casa.

— Ah, bem — disse ele. — Tudo bem! Mas você também foi ferida...

— Um mero arranhão no ombro.

Lupin ficou mais calmo após essas revelações. No entanto, ele foi perseguido por noções teimosas, as quais era incapaz de compreender ou de colocar em palavras. Acima de tudo, ele pensava incessantemente naquele nome, “Marie”, que Daubrecq falara enquanto era torturado. A que se referia o nome? Era o título de um dos livros nas prateleiras, ou parte do título? O livro em questão forneceria a chave para o mistério? Ou era a combinação de um cofre? Era uma série de letras escritas em algum lugar: em uma parede, em um papel, em um painel de madeira, na moldura de um quadro, em uma fatura?

Essas perguntas, para as quais ele não conseguiu encontrar resposta, o obcecaram e o esgotaram.

Certa manhã, Arsène Lupin acordou sentindo-se muito melhor. A ferida estava fechada e a temperatura, quase normal. O médico, um amigo pessoal, que vinha todos os dias de Paris, prometeu que ele poderia se levantar dois dias depois. E, naquele dia, na ausência de seus companheiros e da Madame Mergy, pois todos os três saíram dois dias antes, em busca de informações, ele andou até a janela aberta.

Lupin sentiu a vida voltar para ele com a luz do sol, com o ar ameno que anunciava a aproximação da primavera. Ele recuperou a concatenação de suas ideias. Os fatos mais uma vez tomaram o lugar correto em seu cérebro, em sequência lógica e de acordo com suas relações entre si.

À noite, ele recebeu um telegrama de Clarisse para dizer que as coisas estavam indo mal e que ela, Growler e Masher estavam todos hospedados em Paris. Ele ficou muito perturbado com esse telegrama e teve uma noite menos tranquila. Quais poderiam ser as notícias que deram origem à mensagem de Clarisse?

No entanto, no dia seguinte, ela chegou ao quarto dele muito pálida, seus olhos vermelhos de lágrimas e, totalmente esgotada, deixou-se cair em uma cadeira:

— O recurso foi rejeitado — gaguejou ela.

Ele controlou sua emoção e perguntou, com uma voz de surpresa:

— Você estava contando com isso?

— Não, não — disse ela. — Mas, ainda assim... a esperança permanece, mesmo contra nossa vontade.

— Foi rejeitado ontem?

— Há uma semana. Masher me escondeu isso e eu não me atrevi a ler os jornais ultimamente.

— Há sempre a comutação de sentença — sugeriu ele.

— A comutação? Você imagina que eles irão comutar a sentença dos cúmplices de Arsène Lupin?

Ela jogou aquelas palavras com uma violência e uma amargura que ele fingiu não notar e respondeu:

— De Vaucheray talvez não... Mas eles terão piedade de Gilbert, de sua juventude...

— Eles não farão nada desse tipo.

— Como você sabe?

— Eu estive com o advogado dele.

— Você se encontrou com o representante dele! E você lhe disse...

— Disse-lhe que era a mãe de Gilbert e perguntei-lhe se, ao revelar a identidade do meu filho, não poderíamos influenciar o resultado... Ou pelo menos atrasá-lo.

— Você faria isso? — sussurrou ele. — Você admitiria...

— A vida de Gilbert vem antes de tudo. Meu nome não tem importância! O que me importa o nome do meu marido?

— E seu pequeno Jacques? — ele se opôs. — Você tem mesmo o direito de arruiná-lo, de fazer dele o irmão de um homem condenado à morte?

Ela baixou a cabeça. E ele retomou:

— O que o advogado disse?

— Ele disse que um ato desse tipo não ajudaria Gilbert nem em um grau mais remoto. E, apesar de todos os seus protestos, pude ver que, no que lhe dizia respeito, ele não tinha mais ilusões e que a comissão de indulto se sente obrigada a ficar a favor da execução.

— Da comissão, eu concebo isso, mas e o presidente da República?

— O presidente sempre segue o conselho da comissão.

— Desta vez, ele não o fará.

— E por que não?

— Porque exerceremos influência sobre ele.

— Como?

— Pela oferta condicional da lista dos Vinte e Sete!

— Você já a tem?

— Não, mas vou tê-la.

Lupin não vacilou em sua certeza. Ele fez a afirmação com igual calma e fé no poder infinito de sua vontade.

Ela perdera parte de sua confiança nele e deu de ombros levemente:

— Se d'Albufex não roubou a lista, um único homem pode exercer qualquer influência; somente um homem: Daubrecq.

Ela proferiu essas palavras com uma voz baixa e distante que o fez estremecer. Será que ela ainda estava pensando, como ele parecia sentir muitas vezes, em voltar para Daubrecq em troca da vida de Gilbert?

— Você me fez uma promessa — disse ele. — Estou lembrando-a disso. Foi acordado que a luta com Daubrecq deveria ser dirigida por mim e que nunca haveria a possibilidade de qualquer acordo entre você e ele.

Ela retorquiu:

— Eu nem sei onde ele está. Se eu soubesse, você já não saberia disso?

Foi uma resposta evasiva, mas ele não insistiu, resolvendo considerá-la no momento oportuno. Perguntou-lhe, pois ainda não fora informado de todos os detalhes:

— Então não se sabe o que aconteceu com o Daubrecq?

— Não. Claro, uma das balas do Growler o atingiu. Pois, no dia seguinte, pegamos, em um galho, um lenço coberto de sangue. Também parece que um homem foi visto na estação Aumale, aparentando muito cansaço e andando com muita dificuldade. Ele comprou uma passagem para Paris, entrou no primeiro trem, e isso é tudo.

— Ele deve estar seriamente ferido — disse Lupin — e sendo cuidado em algum esconderijo seguro. Talvez ele também considere sábio ficar longe por algumas semanas e evitar quaisquer armadilhas por parte da polícia, de d'Albufex, de você, de mim e de todos os outros inimigos.

Ele parou para pensar e continuou:

— O que aconteceu em Mortepierre desde a fuga de Daubrecq? Não houve especulações na vizinhança?

— Não, a corda foi retirada antes do amanhecer, o que prova que Sebastiani ou seus filhos descobriram a fuga de Daubrecq na mesma noite. Sebastiani esteve fora durante todo o dia seguinte.

— Sim, ele deve ter informado d'Albufex. E onde está o Marquês, por falar nele?

— Em casa. E, pelo que Growler ouviu, também não há nada de suspeito lá.

— Eles têm certeza de que ele não entrou na casa de Daubrecq?

— Tanta certeza quanto possível.

— Nem Daubrecq?

— Nem Daubrecq.

— Você esteve com Prasville?

— Prasville está de licença. Mas o inspetor-chefe, Blanchon, que assumiu o caso, e os detetives que estão guardando a casa, declaram que, de acordo com as instruções de Prasville, sua vigília não foi relaxada nem por um momento, mesmo durante a noite. Um deles, vez após vez, fica sempre de plantão no escritório e ninguém, portanto, pode ter entrado.

— Então, a princípio — concluiu Arsène Lupin —, a rolha de cristal ainda deve estar no escritório de Daubrecq...

— Se estava lá antes do desaparecimento do deputado, deveria estar lá agora.

— Na escrivaninha.

— Na escrivaninha? Por que você diz isso?

— Porque eu sei — disse Lupin, que não esquecera as palavras de Sebastiani.

— Mas você não sabe em que objeto a rolha está escondida?

— Não. Mas uma mesa de estudo, uma escrivaninha, é um espaço limitado. Pode-se explorá-la em vinte minutos. Pode-se desmontá-la, se necessário, em dez.

A conversa cansou um pouco Arsène Lupin. Como ele não queria cometer a menor imprudência, ele disse à Clarisse:

— Ouça. Vou pedir que me dê mais dois ou três dias. Hoje é segunda-feira, 4 de março. Na quarta-feira ou na quinta-feira, no mais

tardar, estarei de pé. E você pode ter certeza de que seremos bem-sucedidos.

— E, enquanto isso...

— Enquanto isso, volte a Paris. Reserve quartos, com Growler e Masher, no Hotel Franklin, perto do Trocadero, e fique de olho na casa do Daubrecq. Você está livre para entrar e sair quando quiser. Incentive o zelo dos detetives em serviço.

— Suponha que Daubrecq retorne...

— Se ele voltar, será muito melhor: teremos ele.

— E se ele só estiver de passagem?

— Nesse caso, Growler e Masher devem segui-lo.

— E se eles o perderem de vista?

Lupin não respondeu. Ninguém sentiu mais do que ele como era fatal permanecer inativo em um quarto de hotel e como sua presença teria sido útil no campo de batalha! Talvez até mesmo esta vaga ideia prolongasse sua doença além do tempo normal de recuperação.

Ele murmurou:

— Vá agora, por favor.

Havia um constrangimento entre eles que aumentava à medida que o dia terrível se aproximava. Em sua injustiça, esquecendo ou desejando esquecer que foi ela quem forçou seu filho a entrar no empreendimento de Enghien, Madame Mergy não esqueceu que a lei perseguia Gilbert com tanto rigor não tanto porque ele era um criminoso, mas porque era cúmplice de Arsène Lupin. E, então, não obstante todos os seus esforços, não obstante seus prodigiosos gastos de energia, que resultado Lupin alcançou, no fim das contas? Até que ponto sua intervenção beneficiou Gilbert?

Depois de uma pausa, ela se levantou e o deixou sozinho.

No dia seguinte, ele estava se sentindo bastante deprimido. Porém, no próximo dia, na quarta-feira, quando seu médico quis que ele ficasse quieto até o final da semana, ele disse:

— Se não, o que tenho a temer?

— Um retorno da febre.

— Nada pior?

— Não. A ferida está muito bem curada.

— Então eu não me importo. Voltarei com você em seu carro. Estaremos em Paris ao meio-dia.

O que impulsionou Lupin a agir imediatamente foi, primeiro, uma carta, na qual Clarisse lhe disse que encontrara rastros de Daubrecq e, também, um telegrama, publicado nos jornais de Amiens, que afirmava que o Marquês d'Albufex fora preso por sua cumplicidade no caso do canal.

Daubrecq estava se vingando.

O fato de que Daubrecq estava fazendo isso provava que o Marquês não conseguira impedir essa vingança apreendendo o documento que estava na escrivaninha do escritório. Provava que o inspetor-chefe Blanchon e os detetives mantiveram uma boa vigilância. E provava que a rolha de cristal ainda estava na casa da Place Lamartine.

Ainda estava lá. Isso mostrou que Daubrecq não se aventurara a voltar para casa, ou que seu estado de saúde o impedira de fazer isso, ou que ele estava seguro o suficiente no esconderijo para não se dar ao trabalho de se expor.

Em qualquer um dos casos, não havia dúvida quanto ao curso a ser seguido: Lupin deveria agir e deveria fazê-lo com inteligência. Ele tinha a obrigação de antecipar-se a Daubrecq e pegar a rolha de cristal.

Quando atravessaram o Bois de Boulogne e estavam perto da Place Lamartine, Lupin se despediu do médico e desceu do carro. Growler e Masher, para quem ele ligara, foram ao seu encontro.

— Onde está a Madame Mergy? — perguntou ele.

— Ela não voltou desde ontem. Nos enviou uma mensagem expressa para dizer que viu Daubrecq saindo da casa das primas e entrando em um táxi. Ela sabe o número do táxi e vai nos manter informados.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Nenhuma outra notícia?

— Sim, o Paris-Midi diz que d'Albufex cortou os pulsos ontem à noite, com um pedaço de vidro quebrado, em sua cela na Santé. Ele parece ter deixado uma longa carta, confessando sua culpa, mas acusando Daubrecq de sua morte e expondo o papel desempenhado pelo deputado no caso do canal.

— Isso é tudo?

— Não. O mesmo jornal declarou que tem razões para acreditar que a comissão de perdão, após examinar o registro, rejeitou a petição de

Vaucheray e Gilbert e que o advogado deles provavelmente será recebido em audiência pelo presidente na sexta-feira.

Lupin sentiu um arrepio.

— Eles não estão perdendo tempo — disse ele. — Posso ver que Daubrecq, logo no primeiro dia, coagiu a velha máquina judicial. Mais uma curta semana... e a vingança se completa. Meu pobre Gilbert! Se, na próxima sexta-feira, os papéis que seu advogado apresentar ao presidente da República não contiverem a oferta condicional da lista dos Vinte e Sete, então, meu pobre Gilbert, você está acabado!

— Vamos! Vamos, chefe, você está perdendo a coragem?

— Eu? Terei a rolha de cristal em uma hora. Dentro de duas horas, vou me encontrar com o advogado de Gilbert. E o pesadelo terá terminado.

— Muito bem, chefe! Este é você de verdade. Esperamos o senhor por aqui?

— Não, voltem para o hotel. Eu me juntarei a vocês mais tarde.

Eles se separaram. Lupin caminhou direto para a casa e tocou a campainha. Um detetive abriu a porta e o reconheceu:

— Monsieur Nicole, suponho?

— Sim — disse ele. — O inspetor-chefe Blanchon está aqui?

— Ele está.

— Posso falar com ele?

O homem o levou ao escritório, onde o inspetor-chefe Blanchon o recebeu com evidente satisfação.

— Monsieur Nicole, recebi ordens para me colocar inteiramente à sua disposição.

— Bem, inspetor-chefe, pode-se dizer que há algo novo?

— Posso dizer que estou muito feliz em vê-lo hoje.

— Por quê?

— Porque há algo novo.

— Alguma coisa séria?

— Algo muito sério.

— Rápido, fale.

— Daubrecq voltou.

— O quê? — exclamou Lupin, com um salto. — Daubrecq voltou? Ele está aqui?

— Não, ele já foi.

- Ele entrou aqui, no escritório?
- Sim. Esta manhã.
- E você não o impediu?
- Que direito eu tinha?
- E você o deixou sozinho?
- Obedecendo suas ordens, sim, nós o deixamos sozinho.

Lupin se sentiu empalidecer. Daubrecq voltara para buscar a rolha de cristal! Ele ficou em silêncio por algum tempo e repetiu para si mesmo:

— Ele voltou para buscá-la. Tinha medo de que fosse encontrada e a levou... Claro, era inevitável. Com d'Albufex preso, acusado e o acusando, Daubrecq viu-se obrigado a se defender. É um jogo difícil para ele. Depois de meses e meses de mistério, o público está finalmente descobrindo que o ser infernal que provocou toda a tragédia dos 27 e que arruína e mata seus adversários é ele, Daubrecq. O que seria dele se, por um milagre, seu talismã não o protegesse? Ele o retomou.

Tentando fazer sua voz soar firme, ele perguntou:

- Ele ficou muito tempo?
- Vinte segundos, talvez.
- O quê? Vinte segundos? Não mais?
- Não mais.
- Que horas eram?
- Dez horas.
- Ele já poderia saber do suicídio do Marquês d'Albufex naquele momento?
- Sim. Eu vi a edição especial do Paris-Midi em seu bolso.
- É isso, é isso — disse Lupin. — O monsieur Prasville não lhe deu nenhuma instrução especial no caso de Daubrecq voltar?
- Não. Então, na ausência do sr. Prasville, eu telefonei para o escritório da polícia e estou esperando. O desaparecimento do deputado Daubrecq causou um grande rebuliço, como você sabe, e nossa presença aqui tem uma razão, aos olhos do público, enquanto esse desaparecimento continuar. Mas agora que Daubrecq voltou, agora que temos provas de que ele não está nem preso nem morto, como podemos ficar na casa?

— Não importa — disse Lupin, distraidamente. — Não importa se a casa está vigiada ou não. Daubrecq veio, portanto a rolha de cristal não está mais aqui.

Ele mal terminou a frase quando uma pergunta naturalmente surgiu. Se a rolha de cristal não estivesse mais lá, isso não seria óbvio por algum sinal material? Será que a remoção daquele objeto, sem dúvida, dentro de outro objeto, não deixou nenhum vestígio, nenhum vazio?

Seria fácil verificar. Lupin tinha simplesmente que examinar a escrivaninha, pois ele sabia, pela fala de Sebastiani, o local do esconderijo. E o esconderijo não podia ser complicado, visto que Daubrecq não permaneceu no escritório por mais de vinte segundos, apenas o tempo suficiente, por assim dizer, para entrar e sair novamente.

Lupin olhou. E o resultado foi imediato. Sua memória registrara tão fielmente a imagem da mesa, com todos os artigos sobre ela, que a ausência de um deles o surpreendeu instantaneamente, como se aquele artigo e somente aquele fosse o sinal característico que distinguia esta escrivaninha em particular de todas as outras mesas do mundo.

— Ah — pensou ele, tremendo de alegria —, tudo se encaixa! Tudo! Até aquela meia palavra que Daubrecq falou sob tortura, na torre de Mortepierre! O enigma está resolvido. Não haveria mais hesitação, não iria mais tatear no escuro. O fim estava próximo.

E, sem responder às perguntas do inspetor, ele pensou na simplicidade do esconderijo e lembrou a maravilhosa história de Edgar Allan Poe na qual a carta roubada, tão avidamente procurada, está, por assim dizer, à vista de todos. As pessoas não suspeitam do que não parece estar escondido.

— Bem, bem — disse Lupin, ao sair, muito entusiasmado com sua descoberta. — Pareço condenado, nesta aventura confusa, a só ter decepções até o final. Tudo o que eu construo se desfaz em pedaços de uma só vez. Cada vitória termina em desastre.

No entanto, não se deixou abater. Por um lado, ele enfim sabia onde o deputado Daubrecq escondera a rolha de cristal. Por outro lado, logo saberia, por Clarisse Mergy, onde o próprio Daubrecq estava escondido. O resto, para ele, seria como uma brincadeira de criança.

Growler e Masher estavam esperando por ele na sala de visitas do Hotel Franklin, um pequeno hotel familiar próximo ao Trocadero. A Madame Mergy ainda não lhe escrevera.

— Ah — disse ele. — Confio nela! Ela ficará com Daubrecq até ter certeza.

No entanto, no final da tarde, começou a ficar impaciente e ansioso. Ele estava travando uma daquelas batalhas — a última, esperava — na qual o menor atraso poderia colocar tudo em risco. Se a Madame Mergy perdesse o rastro de Daubrecq, como ele poderia ser pego novamente? Eles não tinham mais semanas ou dias, mas apenas algumas horas, um número terrivelmente limitado de horas, para reparar quaisquer erros que pudessem cometer. Ele viu o proprietário do hotel e perguntou-lhe:

— Você tem certeza de que não há uma carta expressa para meus dois amigos?

— Com certeza, senhor.

— Nem para mim, Monsieur Nicole?

— Não, senhor.

— Isso é curioso — disse Lupin. — Estávamos certos de que teríamos notícias da Madame Audran.

Audran era o nome com o qual Clarisse estava hospedada no hotel.

— Mas a senhora se foi — disse o proprietário.

— Como é isso?

— Ela veio há algum tempo e, como os senhores não estavam lá, deixou uma carta em seu quarto. O porteiro não lhe disse?

Lupin e seus amigos subiram as escadas apressadamente. Havia uma carta em cima da mesa.

— Ora! — disse Lupin. — Foi aberta! Como pode? E por que foi cortada com uma tesoura?

A carta continha as seguintes linhas:

Daubrecq passou a semana no Hotel Central. Esta manhã ele mandou levar sua bagagem para Gare de — e telefonou para reservar um beliche no vagão leito — para —

Eu não sei quando o trem parte. Mas estarei na estação durante toda a tarde. Venham o mais rápido que puderem, os três. Providenciaremos tudo para sequestrá-lo.

— E agora? — perguntou Masher. — Em que estação? E para onde vai o vagão leito? Ela cortou apenas as palavras que queríamos!

— Sim — disse Growler. — Dois cortes com a tesoura em cada lugar e as palavras que mais queremos se foram. Quem já viu uma coisa dessas? A Madame Mergy perdeu a cabeça?

Lupin não se moveu. A súbita constatação fez suas têmporas pulsarem com tanta violência que ele colou seus punhos a elas e pressionou com todas as suas forças. Sua febre voltou, escaldante e violenta, e sua vontade, incendiada até a beira do sofrimento físico, concentrou-se naquele inimigo furtivo, que devia ser controlado ali mesmo, se ele mesmo não quisesse ser irremediavelmente espancado.

Ele murmurou, com muita calma:

— Daubrecq esteve aqui.

— Daubrecq!

— Não podemos supor que Madame Mergy se divertira cortando essas duas palavras. Daubrecq esteve aqui. Madame Mergy pensou que estivesse de olho no deputado. Mas ele é que estava de olho nela.

— Como?

— Sem dúvida, aquele funcionário do hotel não nos contou que Madame Mergy fora até lá, mas deve ter contado a Daubrecq. Ele veio. Ele leu a carta. E, para chegar até nós, se contentou em cortar as palavras essenciais.

— Podemos descobrir... Podemos perguntar...

— Qual proveito terá isso? Para que serve descobrir como ele veio, quando sabemos que ele veio?

Lupin examinou a carta por algum tempo, virou-a várias vezes, depois se levantou e disse:

— Venham comigo.

— Para onde?

— Gare de Lyon.

— Você tem certeza?

— Não tenho certeza de nada com o Daubrecq. Mas, como temos que escolher, de acordo com o conteúdo da carta, entre a Gare de l'Est e a Gare de Lyon², presumo que seus negócios, seu prazer e sua saúde são mais propensos a levá-lo na direção de Marseille e da Riviera do que na direção da Gare de l'Est.

Já passava das sete quando Lupin e seus companheiros deixaram o Hotel Franklin. Um carro os levou para Paris a toda velocidade, mas eles logo viram que Clarisse Mergy não estava do lado de fora da estação, nem nas salas de espera, nem em nenhuma das plataformas.

— Tem mais uma coisa — murmurou Lupin, cuja agitação cresceu à medida que os obstáculos aumentavam. — Se Daubrecq reservou um beliche em um vagão leito, só pode ter sido em um trem noturno. E mal são sete e meia!

Um trem estava saindo, o expresso noturno. Eles tiveram tempo de correr ao longo do corredor. Ninguém... Nem Madame Mergy, nem Daubrecq...

Mas, como os três estavam indo embora, um porteiro os interceptou perto da sala de descanso:

— Um de vocês está procurando por uma senhora?

— Sim, sim... Eu estou — disse Lupin. — Rápido, o que é?

— Ah, é o senhor! A senhora me disse que poderia haver três ou dois de vocês... E eu não sabia...

— Mas, em nome de Deus, fale, homem! Que senhora?

— A senhora que passou o dia inteiro na plataforma, com a bagagem, esperando.

— Bem, isso não tem importância! Ela já pegou o trem?

— Sim, o trem de luxo, às seis e meia. Ela se decidiu no último momento e me pediu que lhe informasse isso. E eu também devia dizer que o cavalheiro estava no mesmo trem e que eles iam para Monte Carlo.

— Droga! — murmurou Lupin. — Deveríamos ter pegado o expresso agora mesmo! Não sobrou nada além dos trens da noite, e eles se arrastam! Perdemos mais de três horas.

A espera parecia interminável. Eles reservaram seus lugares. Telefonaram para o proprietário do Hotel Franklin para enviar suas correspondências para Monte Carlo. Eles jantaram e leram os jornais. Finalmente, às nove e meia, o trem partiu.

E assim, por uma série realmente trágica de circunstâncias, no momento mais crítico da disputa, Lupin estava virando as costas no campo de batalha e indo embora ao acaso, para buscar, não sabia onde, e derrotar, não sabia como, o inimigo mais formidável e esquivo que já combatera.

E isso aconteceu quatro ou cinco dias, no máximo, antes da inevitável execução de Gilbert e Vaucheray.

Foi uma noite ruim e dolorosa para Lupin. Quanto mais ele estudava a situação, mais terrível ela parecia. De todos os lados, ele se viu diante da incerteza, da escuridão, da confusão, da impotência.

É verdade, ele conhecia o segredo da rolha de cristal. Mas como ele deveria saber que Daubrecq não mudaria ou já não mudara suas táticas? Como ele deveria saber que a lista dos Vinte e Sete ainda estava dentro daquela rolha de cristal ou que a rolha ainda estava dentro do objeto no qual Daubrecq a escondera pela primeira vez?

E havia mais uma razão séria para alarde: o fato de que Clarisse Mergy pensava que estava vigiando Daubrecq em um momento em que, ao contrário, Daubrecq a vigiava. Agia como sua sombra e a arrastava, com diabólica esperteza, para os lugares escolhidos por ele mesmo, longe de toda ajuda ou esperança de ajuda.

Ah, o jogo de Daubrecq estava claro como a luz do dia! Será que Lupin não sabia das hesitações da mulher infeliz? Será que ele não sabia — e Growler e Masher confirmaram isso de forma muito positiva — que Clarisse olhou para o infame negócio planejado por Daubrecq à luz de uma coisa possível e aceitável? Nesse caso, como ele, Lupin, poderia ter sucesso? A lógica dos acontecimentos, tão poderosamente moldada por Daubrecq, levaria a um resultado fatal: a mãe deve se sacrificar e, para salvar seu filho, jogar seus escrúpulos, sua repugnância, sua própria honra, aos ventos!

— Ah, seu canalha! — rosou Lupin, em um ataque de raiva. — Se eu te agarrar, farei você dançar com uma bela melodia! Eu não gostaria de estar em seu lugar quando isso acontecer.

Eles chegaram a Monte Carlo às três horas da tarde. Lupin ficou imediatamente decepcionado por não ver Clarisse na plataforma da estação. Ele esperou. Nenhum mensageiro se aproximou dele.

Lupin perguntou aos carregadores e cobradores de passagens se eles notaram, entre a multidão, dois viajantes com a descrição de Daubrecq e Clarisse. Eles não repararam. Ele teria, portanto, que se lançar ao trabalho e à caça em todos os hotéis e alojamentos do principado. Ah, o tempo perdido!

Na noite seguinte, Lupin sabia, sem dúvida, que Daubrecq e Clarisse não estavam em Monte Carlo, nem em Mônaco, nem no Cap d'Ail,

nem em La Turbie, nem em Cap Martin.

— Onde eles poderiam estar, então? — ele se perguntou, tremendo de raiva.

Finalmente, no sábado, ele recebeu, da agência postal, um telegrama que fora repostado ao Hotel Franklin e que dizia:

Ele desceu em Cannes e está indo para San Remo, Hotel Palace des Ambassadeurs.

CLARISSE

O telegrama foi datado no dia anterior.

— Maldição! — exclamou Lupin. — Eles passaram por Monte Carlo. Um de nós deveria ter ficado na estação. Eu pensei nisso, mas, no meio de toda aquela confusão...

Lupin e seus amigos apanharam o primeiro trem para a Itália. Eles cruzaram a fronteira às 12 horas. O trem entrou na estação de San Remo às 12h40. Eles imediatamente avistaram um porteiro de hotel, com Ambassadeurs-Palace em seu boné trançado, o qual parecia estar à procura de alguém entre os que chegavam.

Lupin foi até ele:

— Você está procurando pelo Monsieur Nicole?

— Sim, Monsieur Nicole e dois senhores.

— Da parte de uma senhora?

— Sim, Madame Mergy.

— Ela está hospedada em seu hotel?

— Não. A Madame não desceu do trem. Ela me acenou, descreveu os três senhores e me disse para dizer que ia para Gênova, para o Hotel Continental.

— Estava sozinha?

— Sim.

Lupin deu uma gorjeta ao homem, dispensou-o e se voltou para seus amigos:

— Hoje é sábado. Se a execução ocorrer na segunda-feira, não há nada a ser feito. Mas segunda-feira não é um dia provável... O que eu tenho que fazer é colocar as mãos em Daubrecq até a noite e estar em

Paris na segunda-feira, com o documento. É a nossa última chance. Vamos aproveitá-la.

Growler foi para o guichê de reservas e retornou com três passagens para Gênova.

O motor assobiou.

Lupin teve uma última hesitação:

— Não, na verdade, é muito infantil! O que estamos fazendo? Deveríamos estar em Paris, não aqui! Apenas pensem!

Ele estava a ponto de abrir a porta e pular para fora, na via permanente. Mas seus companheiros o retiveram. O trem partiu. Ele se sentou novamente. Continuaram sua busca louca, viajando ao acaso, em direção ao desconhecido.

Isso aconteceu dois dias antes da inevitável execução de Gilbert e Vaucheray.

2. Estas são as duas únicas estações de linha principal em Paris com a palavra “de” em seu nome. As outras têm “du”, como a Gare du Nord ou a Gare du Luxembourg, “d”, como a Gare d’Orleans, ou nenhum participio, como a Gare Saint-Lazare ou a Gare Montparnasse.



X. EXTRASSECO?

Em uma das colinas que circundam Nice, com a melhor paisagem do mundo, entre o Vallon de Saint-Silvestre e o Vallon de La Mantega, encontra-se um enorme hotel que tem vista para a cidade e para a maravilhosa Baie des Anges. Uma multidão, vinda de todas as partes, hospedava-se nele, formando grupos de diferentes classes e nações.

Na noite daquele mesmo sábado, quando Lupin, Growler e Masher estavam na Itália, Clarisse Mergy entrou nesse hotel, reservou um quarto voltado para o sul e escolheu o nº 130, no segundo andar, um quarto que estava vago desde aquela manhã.

O quarto era separado do nº 129 por duas portas divisórias. Logo que ficou sozinha, Clarisse puxou a cortina que escondia a primeira porta, puxou o trinco sem ruído e encostou sua orelha na segunda porta.

— Ele está aqui — pensou ela. — Está se vestindo para ir ao clube... Como disse ontem.

Quando seu vizinho de quarto saiu, ela entrou no corredor e, aproveitando um momento em que não havia ninguém por perto, caminhou até a porta do nº 129. Ela estava trancada.

A mulher esperou a noite toda pelo retorno de seu vizinho e não foi para a cama antes das duas horas. No domingo de manhã, retomou seu turno de vigia.

O vizinho saiu às onze horas. Desta vez, ele deixou a chave na porta. Apressadamente girando a chave, Clarisse entrou corajosamente, foi até a porta divisória, levantou a cortina, puxou o trinco e entrou em seu próprio quarto. Em poucos minutos, ela ouviu duas camareiras arrumando o quarto nº 129. Ela esperou até que elas saíssem. Então, sentindo-se segura de que não seria perturbada, mais uma vez foi até o outro quarto.

Sua empolgação a fez encostar-se em uma cadeira. Após dias e noites de perseguição obstinada, após esperanças e decepções alternadas, ela

finalmente tinha conseguido entrar em um quarto ocupado por Daubrecq. Ela podia olhar à vontade e, se não achasse a rolha de cristal, podia ao menos se esconder no espaço entre as portas da divisória, ver Daubrecq, espionar seus movimentos e descobrir seu segredo.

Olhou à sua volta. Uma bolsa de viagem imediatamente chamou sua atenção. Ela conseguiu abri-la, mas sua busca foi inútil.

Ela vasculhou as caixas de um baú e os compartimentos de uma mala. Revistou o guarda-roupa, a escrivaninha, a cômoda, o banheiro, todas as mesas, todos os móveis, e não encontrou nada.

Clarisse se assustou quando viu um pedaço de papel na varanda, caído como se tivesse ido parar lá por acidente:

— Pode ser um truque do Daubrecq? — ela pensou, em voz alta. — Esse pedaço de papel pode conter...

— Não — disse uma voz atrás dela, enquanto Clarisse movia o trinco. Madame Mergy se virou e viu Daubrecq.

Ela não sentiu nem espanto, nem alarme, nem mesmo qualquer constrangimento em se encontrar cara a cara com ele. Pois sofrera demais, durante meses, para se preocupar com o que Daubrecq podia pensar dela ou dizer ao pegá-la no ato de espionagem.

Ela se sentou, cansada.

Ele sorriu:

— Não, você está fora disso, querida amiga. Como dizem as crianças, você não está “se queimando” de jeito nenhum. Ah, nem um pouco! É tão fácil! Devo ajudá-la? Está ao seu lado, querida amiga, naquela mesinha... E mesmo assim, por Deus, não há muita coisa sobre aquela mesinha! Algo para ler, algo para escrever, algo para fumar, algo para comer... E isso é tudo... Você vai comer uma dessas frutas cristalizadas? Ou talvez prefira esperar pela refeição mais substancial que eu pedi?

Clarisse não deu nenhuma resposta. Ela nem sequer parecia ouvir o que ele dizia, como se esperasse outras palavras... Palavras mais sérias, que ele não podia deixar de proferir.

Ele limpou a mesa de todas as coisas que estavam sobre ela e as colocou sobre a peça da lareira. Então, ele tocou a campainha.

O *maître* apareceu e Daubrecq perguntou-lhe:

— O almoço que pedi está pronto?

— Sim, senhor.

— É para dois, não é?

— Sim, senhor.

— E o champanhe?

— Também.

— Extrasseco?

— Sim, senhor.

Um outro garçom trouxe uma bandeja e colocou dois pratos sobre a mesa: um almoço frio, algumas frutas e uma garrafa de champanhe em um balde de gelo.

Em seguida, os dois funcionários do hotel se retiraram.

— Sente-se, querida senhora. Como vê, eu estava pensando em você e seu disfarce está posto.

E, fingindo não notar que Clarisse não estava de modo algum preparada para honrar seu convite, ele se sentou, começou a comer e continuou:

— Sim, dou-lhe minha palavra, eu esperava que você terminasse consentindo com este pequeno encontro particular. Durante a semana passada, enquanto você me vigiava tão assiduamente, eu não fiz outra coisa senão dizer para mim mesmo: qual será que ela prefere... champanhe doce, champanhe seco ou extrasseco? Fiquei realmente intrigado. Especialmente depois de nossa partida de Paris. Eu perdi seu rastro, ou seja, temi que você perdesse o meu também e desistisse da perseguição, o que seria muito gratificante para mim.

“Quando fui dar um passeio, senti falta de seus lindos olhos escuros, brilhando de ódio sob seus cabelos, com apenas um toque de cinza. Mas esta manhã entendi: o quarto ao lado do meu estava finalmente vazio e minha amiga Clarisse ocupou seus aposentos, por assim dizer, ao lado de minha cama. A partir daquele momento, fiquei tranquilo. Tive a certeza de que, ao voltar, ao invés de almoçar no restaurante como de costume, eu a encontraria organizando minhas coisas para sua conveniência e de acordo com seu próprio gosto. Foi por isso que pedi duas refeições: uma para seu humilde criado, e outra para a amiga leal dele.”

Ela estava ouvindo-o, naquele momento, horrorizada. Então Daubrecq sabia que estava sendo espiado! Durante uma semana inteira, ele a observava e sabia de todos os seus esquemas!

Em voz baixa, com olhos ansiosos, ela perguntou:

— Você fez isso de propósito, não fez? Você só foi embora para me arrastar com você?

— Sim — disse ele.

— Mas por quê? Por quê?

— Você quer dizer que não sabe? — retorquiu Daubrecq, rindo com certo deleite.

Ela meio que se levantou da cadeira e, inclinando-se para ele, pensava, como ela pensava sempre, no assassinato que poderia cometer, no assassinato que ela cometeria. Um disparo de revólver e o bruto odioso estaria morto. Lentamente sua mão deslizou para a arma escondida em seu corpete.

Daubrecq disse:

— Um segundo, querida amiga... Você pode atirar agora, mas peço-lhe, primeiro, que leia este telegrama que acabei de receber.

Clarisse hesitou, sem saber que armadilha ele estava tramando para ela, mas ele continuou, enquanto sacou um telegrama:

— É sobre seu filho.

— Gilbert? — perguntou, muito preocupada.

— Sim, Gilbert... Aqui, leia-o.

Ela deu um grito de consternação ao ler:

Execução na terça-feira de manhã.

Ela se atirou imediatamente em Daubrecq, chorando:

— Não é verdade! É uma mentira... para me enlouquecer... Ah, eu conheço você; é capaz de tudo! Confesse! Não será na terça-feira, será? Em dois dias! Não, não... Eu lhe digo, ainda temos quatro dias, cinco dias, para salvá-lo... Confesse, confesse!

Clarisse não tinha mais forças, exausta por esse momento de agitação, e sua voz não proferia nada além de sons inarticulados.

Ele olhou para ela por um momento, depois se serviu de uma taça de champanhe e a bebeu em um gole. Daubrecq deu alguns passos de um lado para o outro no quarto, se voltou para ela e disse:

— Ouça-me, querida...

A afronta a fez tremer com uma energia inesperada. Ela se esgueirou e, ofegante de indignação, disse:

— Eu o proíbo... Proíbo-o de falar comigo dessa maneira. Eu não aceitarei tal ultraje. Seu miserável!

Ele encolheu os ombros e recomeçou:

— Ok, vejo que não está em condição favorável para exigir coisas. Você faz isso, é claro, porque ainda espera pela ajuda de alguém. De Prasville, talvez? O excelente Prasville, de quem você é o braço direito... Meu querido amigo, uma esperança perdida... Você deve saber que Prasville está envolvido no caso do Canal! Não diretamente, ou seja, o nome dele não está na lista dos Vinte e Sete; mas está lá, sob o nome de um de seus amigos, um ex-deputado chamado Vorenglade, Stanislas Vorenglade, seu fantoche, aparentemente um indivíduo sem um tostão, que deixei de lado, se me lembro bem.

“Não sabia de tudo isso até esta manhã, quando eis que recebi uma carta informando-me da existência de um maço de documentos que comprovam a cumplicidade de nosso incomparável Prasville! E quem é meu informante? O próprio Vorenglade! O sujeito, cansado de viver na pobreza, quer extorquir dinheiro de Prasville, correndo o risco de ser preso, e terá o maior prazer em se juntar a mim. E Prasville será demitido. Ah, que tolo! Eu juro a você que ele irá para rua, o vilão! Por Deus! Mas ele já me chateou o suficiente! Prasville, meu velho, você mereceu...”

Ele esfregou as mãos, apreciando sua vingança vindoura, e continuou:

— Vê, minha querida Clarisse... Não há nada a ser feito quanto a isso. E então? A que palha você vai se agarrar? Ora, eu estava me esquecendo: Monsieur Arsène Lupin! sr. Growler! sr. Masher! Você vai admitir que esses senhores não tiveram êxito e que todos os seus feitos de proeza não me impediram de seguir meu próprio caminho. Era para ser assim. Aqueles companheiros imaginam que não há ninguém páreo para eles.

“Quando eles encontram um adversário como eu, que não se abate, isso os perturba e eles cometem erros atrás de erros, enquanto ainda acreditam que o estão enganando como loucos. Meninos em idade de escola, isso é o que são! Entretanto, como você parece ter ainda algumas ilusões sobre o supracitado Lupin, pois conta com aquele pobre diabo para me esmagar e fazer um milagre em favor de seu inocente Gilbert, venha, vamos dissipar essa ilusão. Ah! Lupin! Será

possível, ela acredita em Lupin! Ela deposita suas últimas esperanças em Lupin! Lupin! Espere só até eu picar você, meu ilustre fanfarrão!”

Ele pegou o fone do aparelho que se comunicava com o salão do hotel e disse:

— Estou no nº ١٢٩, Mademoiselle. Você poderia gentilmente pedir à pessoa sentada em frente à recepção para vir até mim? Huh! Sim, Mademoiselle, o cavalheiro com um chapéu de feltro cinza. Ele sabe. Obrigado, Mademoiselle.

Ao pendurar o fone de volta, ele se virou para Clarisse:

— Não tenha medo. O homem é a descrição em pessoa. Além disso, é o lema de seu ofício: descrição e rapidez. Como detetive aposentado, ele me prestou vários serviços, inclusive o de segui-la enquanto você me seguia. Desde nossa chegada ao sul, ele tem estado menos ocupado com você, mas isso se deu porque ele estava mais ocupado em outro lugar. Entre, Jacob.

Daubrecq abriu a porta e um homem baixo e magro, com bigode vermelho, entrou no quarto.

— Por favor, diga a esta senhora, Jacob, em poucas palavras, o que você fez desde quarta-feira à noite, quando, depois de deixá-la entrar no trem de luxo que estava me levando da Gare de Lyon para o sul, você mesmo permaneceu na plataforma da estação. Claro, não estou perguntando como você passou seu tempo, exceto no que diz respeito à senhora e aos negócios aos quais lhe confiei.

Jacob enfiou a mão no bolso interno de seu casaco e tirou um pequeno caderno de anotações, do qual ele virou as páginas e as leu em voz alta como se estivesse lendo um relatório:

— Quarta-feira à noite, 20h15. Gare de Lyon. Esperar por dois cavalheiros, Growler e Masher. Eles vêm com outro que eu ainda não conheço, mas que só pode ser o Monsieur Nicole. Pague a um porteiro dez francos pelo empréstimo de seu boné e sua blusa. Aborde os senhores e diga-lhes que uma senhora pediu que eles fossem para Monte Carlo. Em seguida, telefone para o porteiro do Hotel Franklin. Todos os telegramas recebidos ou despachados pelo chefe serão lidos pelo referido porteiro do hotel e, se necessário, interceptados.

“Quinta-feira. Monte Carlo. Os três senhores procuram nos hotéis. Sexta-feira. Visitas aleatórias a La Turbie, ao Cap d’Ail, ao Cap Martin. O sr. Daubrecq me liga. Pensa que é mais sensato enviar os cavalheiros

para a Itália. Faça o porteiro do Hotel Franklin enviar-lhes um telegrama indicando um encontro em San Remo.

“Sábado. San Remo. Plataforma da estação. Dê ao porteiro do Ambassadeurs-Palace dez francos pelo empréstimo de seu boné. Os três cavalheiros chegam. Eles falam comigo. Explique a eles que uma senhora viajante, Madame Mergy, está indo para Gênova, para o Hotel Continental. Os cavalheiros hesitam. Monsieur Nicole quer descer. Os outros o retêm. O trem parte. Boa sorte, cavalheiros! Uma hora depois, pego o trem para a França e desembarco em Nice, para aguardar novas ordens.”

Jacob fechou seu caderno de anotações e concluiu:

— Isso é tudo. Os feitos do dia serão registrados esta noite.

— Você pode entrar neles agora, sr. Jacob. Ao meio-dia, o sr. Daubrecq me envia para a Wagon-Lits Co. Eu reservo dois beliches no vagão leito de Paris, no trem das 14h48, e os envio para o sr. Daubrecq por mensageiro expresso. Depois, pego o trem de 12h58 para Vintimille, a estação de fronteira, onde passo o dia na plataforma, observando todos os viajantes que vêm à França. Caso os senhores Nicole, Growler e Masher decidam deixar a Itália e retornar a Paris pela estrada de Nice, minhas instruções são para telegrafar para a sede da polícia avisando que o Mestre Arsène Lupin e seus dois companheiros cúmplices estão no trem número tal.

Enquanto falava, Daubrecq levou Jacob até a porta. Ele a fechou em seguida, virou a chave, empurrou o trinco e, indo até Clarisse, disse:

— E agora, querida, me escute.

Dessa vez, ela não fez nenhum protesto. O que poderia fazer contra tal inimigo, tão poderoso, tão engenhoso, que providenciou tudo, até os mínimos detalhes, e que brincava com seus adversários de forma tão leve? Mesmo que ela esperasse até então pela interferência de Lupin, como poderia fazer isso naquele momento, quando ele estava vagando pela Itália em busca de uma sombra?

Ela compreendeu finalmente por que os três telegramas que ela enviara ao Hotel Franklin ficaram sem resposta. Daubrecq estava lá, espreitando no escuro, observando, estabelecendo um vácuo em torno dela, separando-a de seus companheiros de luta, trazendo-a gradualmente, uma prisioneira nocauteada dentro das quatro paredes daquele cômodo.

Ela sentiu sua vulnerabilidade. Estava à mercê do monstro. Deveria ficar em silêncio e resignada.

Ele repetiu, com um deleite maligno:

— Ouça-me, querida. Ouça as palavras irrevogáveis que estou prestes a pronunciar. Ouça-as bem. Agora é meio-dia. O último trem sai às 14h48. Você entende, o último trem que pode me levar até Paris amanhã, segunda-feira, a tempo de salvar seu filho. Os trens da noite chegariam tarde demais. Os trens de luxo estão cheios. Portanto, terei que partir às 14h48. Devo partir?

— Sim.

— Nossos beliches estão reservados. Você virá comigo?

— Sim.

— Você sabe minhas condições para interferir?

— Sim.

— Você as aceita?

— Sim.

— Você vai se casar comigo?

— Sim.

Ah, essas respostas horríveis! A mulher infeliz as pronunciou em uma espécie de torpor terrível, recusando-se até mesmo a entender o que ela prometia. Deixe-o partir primeiro, deixe-o tirar Gilbert da máquina da morte cuja visão a assombrava dia e noite... E depois... e depois... Que venha o que deve vir...

Ele desatou a rir:

— Ah, espertinha, é fácil dizer! Você está pronta para se comprometer com qualquer coisa, certo? O principal é salvar Gilbert, não é? Depois, quando aquele idiota do Daubrecq vier com seu anel de noivado, nem pensar! Nada feito! Vamos rir da cara dele! Não, não, já chega de palavras vazias. Eu não quero promessas que não serão cumpridas; eu quero fatos, fatos imediatos.

Ele se aproximou, sentou-se perto dela e declarou, sem rodeios:

— Isto é o que proponho... O que precisa ser... O que deve ser... Vou pedir, ou melhor, vou exigir, não o perdão para Gilbert, para começar, mas um adiamento, um adiamento da execução, de três ou quatro semanas. Eles inventarão um pretexto de algum tipo, isso não é assunto meu. E quando a Madame Mergy se tornar a Madame

Daubrecq, então, e não até lá, pedirei o perdão para ele, ou seja, a comutação de sua sentença. E diga-se de passagem: eles a concederão.

— Eu aceito... Eu aceito — ela gaguejou.

Ele riu mais uma vez:

— Sim, você aceita, porque isso acontecerá dentro de um mês... E, enquanto isso, você tenta fazer algum truque, ter uma ajuda de algum tipo ou outro... O Monsieur Arsène Lupin...

— Juro-lhe pela cabeça do meu filho.

— A cabeça de seu filho! Por que, minha pobre criatura, você se venderia ao diabo para salvar seu filho da morte?

— Ah, sim — ela sussurrou, estremecendo. — Eu venderia minha alma de bom grado.

Daubrecq se aproximou dela e, em voz baixa, disse:

— Clarisse, não é sua alma que eu peço... É algo mais... Há mais de vinte anos, minha vida gira em torno desse anseio. Você é a única mulher que eu já amei... Sei que me detesta, me odeia... Não importa, mas não me desdenhe. Devo esperar? Esperar mais um mês? Não, Clarisse, eu já esperei muitos anos...

Ele aventurou-se a tocar a mão dela. Clarisse encolheu-se com tanta repugnância que ele foi tomado de fúria e gritou:

— Ah, juro pelo céu, minha linda, o carrasco não fará nenhuma cerimônia quando pegar seu filho! E você se dá ao luxo! Por que, pense, isso vai acontecer em quarenta horas! Quarenta horas, não mais, e você hesita... E tem escrúpulos, quando a vida de seu filho está em jogo!

“Venha, venha, sem lamúrias, sem sentimentalismos bobos... Encare as coisas como são. Pelo seu próprio juramento, você é minha esposa, é minha noiva a partir deste momento... Clarisse, Clarisse, me dê um beijo...”

Quase desmaiando, ela mal teve força para estender seu braço e afastá-lo. E, com um cinismo em que toda sua abominável natureza se revelou, Daubrecq, misturando palavras de crueldade e palavras de paixão, continuou:

— Salve seu filho! Pense na última manhã: os preparativos para a guilhotina, quando lhe arrancam a camisa e lhe cortam o cabelo... Clarisse, Clarisse, eu o salvarei... Tenha certeza disso... Toda minha vida será sua... Clarisse...

Ela não resistiu mais. Estava tudo acabado. Os lábios do odioso bruto estavam prestes a tocar os dela, e tinha que ser, e nada poderia impedi-lo. Era seu dever obedecer ao decreto do destino. Clarisse já o sabia há muito tempo. Ela o compreendia. E, fechando os olhos, para não ver o rosto imundo que lentamente se elevava sobre o dela, repetia para si mesma:

— Meu filho... Meu pobre filho.

Alguns segundos se passaram; dez, vinte talvez. Daubrecq não se moveu. Daubrecq não falou. E ela ficou atônita com aquele grande silêncio, aquele súbito silêncio. Será que o monstro, no último momento, sentiu um escrúpulo de remorso?

Ela levantou as pálpebras.

A visão que ela teve a surpreendeu com estupefação. Em vez dos traços sorridentes que ela esperava ver, ela viu um rosto imóvel, irreconhecível, contorcido por uma expressão de terror indescritível: os olhos, invisíveis sob o duplo impedimento dos óculos, pareciam estar olhando acima de sua cabeça, acima da cadeira em que ela estava prostrada.

Clarisse virou seu rosto. Dois canos de revólver, apontados para Daubrecq, apareceram à direita, um pouco acima da cadeira. Ela viu apenas isto: aqueles dois enormes e formidáveis revólveres, segurados por duas mãos cerradas. Ela viu apenas isso e também o rosto de Daubrecq, o qual o medo foi descolorando pouco a pouco, até ficar lívido. E, quase ao mesmo tempo, alguém surgiu atrás de Daubrecq, saltando ferozmente, envolveu seu pescoço com um braço, atirou-o ao chão com incrível violência e aplicou-lhe um chumaço de algodão no rosto. Um cheiro repentino de clorofórmio encheu a sala.

Clarisse reconhecera Monsieur Nicole.

— Venha, Growler! — ele gritou. — Venha, Masher! Soltem suas armas: eu o peguei! Ele é um trapo manco... Amarrem-no.

Daubrecq, de fato, estava encolhido e caiu de joelhos como uma boneca desarticulada. Sob a ação do clorofórmio, o temível bruto desabou, tornou-se inofensivo e grotesco.

Growler e Masher enrolaram-no em um dos cobertores da cama e o amarraram de forma segura.

— É isso aí! É isso! — gritou Lupin, pulando.

E, em uma súbita reação de louco deleite, ele começou a dançar no meio do quarto, uma dança que misturava passos de canção, as manobras de *cakewalk*, os rodopios de um dervixe dançante, os movimentos acrobáticos de um palhaço e os passos cambaleantes de um bêbado. E ele anunciou, como se fossem os números de uma apresentação musical:

— A dança do prisioneiro! A música do prisioneiro! Uma fantasia sobre o cadáver de um representante do povo! A polca do clorofórmio! Os dois passos dos óculos de proteção conquistados! Olé! Olé! O fandango do chantagista! Hei! Hei! O fandango do Daubrecq! O trote do peru! E o abraço do coelhinho! E o urso pardo! A dança tiroleza: *tra-la-liety!... Allons, enfants de la partie!... Zing, boum, boum! Zing, boum, boum!*

Toda sua natureza de artista de rua, todos os seus instintos de alegria, há tanto tempo reprimidos por sua constante ansiedade e decepção, saíam e surgiam em forma de rugidos e risadas, explosões de espíritos animais e uma pitoresca necessidade de exuberância e reação infantil.

Ele deu um último chute alto, deu uma série de piruetas em volta da sala e terminou de pé com as mãos na cintura e um pé sobre o corpo inerte de Daubrecq.

— Um quadro alegórico — anunciou ele. — O anjo da virtude destruindo a hidra do deputado!

E o humor da cena era duas vezes maior porque Lupin estava disfarçado de Monsieur Nicole, na roupa e na figura daquele desajeitado, tímido e nervoso tutor particular.

Um triste sorriso cintilou no rosto da Madame Mergy, seu primeiro sorriso em muitos e longos meses. Porém, voltando imediatamente à realidade das coisas, ela lhe suplicou:

— Por favor, por favor... Pense em Gilbert!

Ele correu até ela, pegou-a em seus braços e, obedecendo a um impulso espontâneo, tão franco que ela não podia deixar de rir disso, deu-lhe um beijo estrondoso em uma das bochechas:

— Aí sim, senhora, esse é o beijo de um homem decente! Diferente do beijo de Daubrecq, esse é o beijo de um homem decente! Outra palavra e o farei novamente... E a seguir a chamarei de querida... Fique zangada comigo, se quiser. Ah, como estou feliz!

Ele se prostrou diante dela de joelhos e respeitosamente disse:

— Peço-lhe desculpas, Madame. O ataque acabou.

E, levantando-se novamente, retomando sua maneira caprichosa, ele continuou, enquanto Clarisse se perguntava para onde ele estava se dirigindo:

— Qual é o próximo item, Madame? O perdão de seu filho, talvez? Certamente! Madame, terei a honra de entregá-la o perdão de seu filho, a comutação de sua sentença à servidão penal permanente e, por fim, sua fuga antecipada. Está decidido, certo, Growler? Está resolvido, Masher, certo? Ambos irão com o rapaz para a Nova Caledônia e providenciarão tudo. Ah, meu caro Daubrecq, temos uma grande dívida para com você! Mas não estou me esquecendo de você, acredite-me! Do que o senhor gostaria? Um último cachimbo? Já vou pegar, já vou pegar!

Ele pegou um dos cachimbos da lareira, inclinou-se sobre o prisioneiro, deslocou o chumaço e empurrou o bocal amarelado entre seus dentes:

— Trague, velho amigo, trague. Senhor, como você está engraçado, com seu tampão no nariz e seu fuminho na boca. Vai, sopra para longe. Por Deus, esqueci de encher o cachimbo! Onde está seu tabaco, seu Maryland preferido? Ah, aqui está! — Ele tirou de cima da lareira um pacote fechado amarelo e arrancou a etiqueta. — O tabaco de sua senhoria! Senhoras e senhores, mantenham os olhos em mim! Este é um grande momento. Estou prestes a encher o cachimbo de sua senhoria; por Júpiter, que honra! Observem meus movimentos! Não tenho nada em minhas mãos, nada nas mangas!

Ele dobrou os punhos da camisa e esticou os cotovelos. Então ele abriu o pacote e inseriu o polegar e o dedo indicador, lentamente, com cuidado, como um conjurador fazendo um truque de magia diante de uma plateia intrigada, e, com o rosto radiante, extraiu do tabaco um objeto cintilante que segurava perante os espectadores.

Clarisse proferiu um grito.

Era a rolha de cristal.

Ela se apressou até Lupin e a arrancou dele:

— É esta, esta é a rolha! — exclamou ela, febrilmente. — Não há nenhum arranhão no cabo! E olha esta linha que passa pelo meio,

onde a dourada termina... É isso, ela desenrosca! Ah, meu Deus, estou quase sem forças!

Ela tremeu tão violentamente que Lupin pegou a rolha de volta e desenroscou-a ele mesmo.

O interior do botão era oco; e no espaço oco havia um pedaço de papel enrolado como uma pequena bolota.

— O papel jornal estrangeiro — sussurrou ele, muito entusiasmado, com as mãos trêmulas.

Houve um longo silêncio. Todos os quatro sentiram como se seu coração estivesse prestes a explodir em seu peito; e eles tinham medo do que estava por vir.

— Por favor, por favor... — gaguejou Clarisse.

Lupin desdobrou o papel.

Havia um conjunto de nomes escritos um abaixo do outro; 27 deles; os 27 nomes da famosa lista: Langeroux, Dechaumont, Vorenglade, d'Albufex, Victorien Mergy e os demais.

E, ao final, a assinatura do presidente da Companhia do Canal Midi, a assinatura escrita em letras de sangue.

Lupin olhou para seu relógio:

— É 12h45 — disse ele. — Temos duas horas de sobra. Vamos almoçar.

— Mas — disse Clarisse, que já estava começando a perder a cabeça — não se esqueça...

Ele simplesmente disse:

— Tudo o que sei é que estou morrendo de fome.

Ele se sentou à mesa, cortou uma grande fatia de torta fria e disse a seus cúmplices:

— Growler? Uma mordida? Você, Masher?

— Eu gostaria de um bocado, chefe.

— Então se apressem, rapazes. E uma taça de champanhe para acompanhar; este é o tratamento do paciente com clorofórmio. À sua saúde, Daubrecq! Champanhe doce? Champanhe seco? Extrasseco?



XI. A CRUZ DE LORENA

No momento em que Lupin terminou o almoço, ele imediatamente e, por assim dizer, sem ironias, recuperou toda sua maestria e autoridade. A hora da brincadeira terminara; e ele não deveria mais ceder ao seu amor por pessoas surpreendentes com palhaçadas e conjeturas. Uma vez que ele descobrira a rolha de cristal no esconderijo que ele adivinhara com absoluta certeza; uma vez que ele possuía a lista dos Vinte e Sete, a questão era jogar a última partida de desempate mais do que depressa.

Foi brincadeira de criança, sem dúvida, e o que ficou por fazer não apresentava nenhuma dificuldade. Entretanto, era essencial que ele realizasse essas ações finais com presteza, decisão e perspicácia infalível. O mínimo erro seria irrecuperável. Lupin sabia disso, mas seu cérebro estranhamente lúcido permitira cada contingência. E os movimentos e as palavras que ele estava prestes a fazer e proferir estavam todos totalmente preparados e amadurecidos:

— Growler, o encarregado está esperando no Boulevard Gambetta com seu carrinho de mão e o baú que compramos. Traga-o aqui e mande-o carregar o baú. Se as pessoas do hotel fizerem alguma pergunta, diga-lhe que é para a senhora do nº 130.

Em seguida, dirigindo-se a seu outro companheiro, disse:

— Masher, volte para a estação e assuma o controle da limusine. O preço foi combinado: dez mil francos. Compre um chapéu e uma capa de motorista e traga o carro para o hotel.

— O dinheiro, chefe.

Lupin abriu uma carteira que fora retirada do casaco do Daubrecq e tirou um enorme pacote de dinheiro. Ele separou dez notas.

— Aqui está. Nosso amigo parece ter se saído bem no clube. Vá logo, Masher!

Os dois homens saíram do quarto de Clarisse. Com grande satisfação, Lupin aproveitou um momento em que Clarisse Mergy não estava

olhando para roubar a carteira.

— Terei feito um bom negócio — disse a si mesmo. — Quando todas as despesas estiverem pagas, ainda estarei bem, com sobra, e ainda não acabou.

Depois, voltando-se para Clarisse Mergy, perguntou:

— Você tem uma bolsa?

— Sim, comprei uma quando cheguei a Nice, com alguns lençóis e outras coisas necessárias, pois saí desprevenida de Paris.

— Prepare tudo isso. Depois, vá até a recepção. Diga que você está esperando um baú que um encarregado está trazendo do guarda-volumes da estação e que você vai querer desempacotá-lo e embalá-lo novamente em seu quarto. E diga-lhes que você deixará o hotel.

Quando ficou sozinho, Lupin examinou cuidadosamente Daubrecq, apalpou todos os seus bolsos e se apropriou de tudo o que lhe interessou.

Growler foi o primeiro a retornar. O baú, um grande cesto de vime coberto com pele preta de toupeira, foi levado para o quarto de Clarisse. Ajudado por Clarisse e Growler, Lupin moveu Daubrecq e o colocou no baú, em uma postura sentada, mas com a cabeça dobrada de modo a permitir que a tampa fosse apertada.

— Eu não creio que seja tão confortável quanto seu beliche de um vagão leito, meu caro deputado — observou Lupin. — Mas, ainda assim, é melhor que um caixão. Pelo menos, você pode respirar. Tem três pequenos furos em cada lado. Não há nada do que reclamar!

Depois, tirando um frasco:

— Uma gota mais de clorofórmio? Você parece adorar!

Ele encharcou o chumaço mais uma vez, enquanto, sob suas ordens, Clarisse e Growler ajeitaram o deputado com lençóis, tapetes e travesseiros, que tomaram a precaução de amontoar no baú.

— Ótimo — disse Lupin. — Aquele baú está prestes a dar a volta ao mundo. Feche-o e amarre-o.

Masher chegou, com uniforme de motorista:

— O carro está lá embaixo, chefe.

— Ótimo — disse ele. — Leve o baú para baixo com vocês. Seria perigoso deixá-lo a cargo dos funcionários do hotel.

— Mas e se alguém nos encontrar?

— Bem, então o quê, Masher? Você não é um chofer? Você está carregando o baú de sua patroa aqui presente, a senhora do nº 130, que também descera, entrará em seu carro... E me esperará noventa metros mais adiante. Growler, você ajuda a carregar o baú. Ah, primeiro tranque a porta divisória!

Lupin foi para o quarto ao lado, fechou a outra porta, empurrou o trinco, saiu, trancou a porta atrás dele e desceu de elevador.

Na recepção, ele disse:

— Monsieur Daubrecq foi chamado de repente para Monte Carlo. Ele me pediu que avisasse que só voltará na terça-feira e que você deixasse o quarto reservado para ele. As coisas dele estão todas lá. Aqui está a chave.

Ele se afastou calmamente e foi atrás do carro, onde encontrou Clarisse lamentando:

— Nunca estaremos em Paris amanhã! É uma loucura! A menor avaria...

— É por isso que você e eu vamos pegar o trem. É mais seguro...

Ele a colocou em um táxi e deu as últimas instruções para os dois homens:

— A cinquenta quilômetros por hora, em média, entenderam? Vocês devem dirigir e descansar, façam turnos. Nesse ritmo, devem estar em Paris entre seis e sete da noite, amanhã. Mas não forcem o ritmo. Vou reter Daubrecq, não porque o quero para meus planos, mas como refém... E depois, por precaução... Gosto de sentir que posso colocar minhas mãos sobre ele durante os próximos dias. Portanto, cuide do querido companheiro... Dê a ele algumas gotas de clorofórmio a cada três ou quatro horas: é a única fraqueza dele... Vá embora, Masher... E você, Daubrecq, não se empolgue lá em cima. O telhado vai te aguentar bem... Se você se sentir enjoado, não se importe... Vá logo, Masher!

Ele viu o carro se deslocar para longe e depois disse ao taxista para dirigir até uma agência de correios, onde ele enviou um telegrama com estas palavras:

Sr. Prasville, Comando de Polícia, Paris:

Pessoa encontrada. Trará a você um documento às 11h de amanhã de manhã. Comunicação urgente.

CLARISSE

Clarisse e Lupin alcançaram a estação às 14h30.

— Se ao menos houvesse uma cabine — disse Clarisse, que ficava alarmada com qualquer coisa.

— Cabine? Ora, nossos beliches estão reservados!

— Por quem?

— Por Jacob... Por Daubrecq.

— Como?

— Na recepção do hotel, eles me entregaram uma carta que viera para Daubrecq por expresso. Eram as reservas dos dois beliches que Jacob enviara a ele. Além disso, eu tenho as passagens do deputado. Portanto, viajaremos com os nomes de Monsieur e Madame Daubrecq e receberemos toda a atenção devido à nossa posição e ao nosso posto. Vê, minha querida Madame, tudo está arranjado.

A viagem, desta vez, pareceu curta para Lupin. Clarisse contou-lhe o que fizera durante os últimos dias. Ele mesmo explicou o milagre de sua súbita aparição no quarto de Daubrecq no momento em que seu adversário acreditou que Lupin estivesse na Itália:

— Um milagre, não — disse ele. — Mas ainda um fenômeno notável aconteceu comigo quando saí de San Remo, uma espécie de intuição misteriosa que me levou primeiro a tentar pular para fora do trem, mas Masher me impediu. Então, corri para a janela e segui com meus olhos o porteiro do Ambassadeurs-Palace, que me entregara sua mensagem. Bem, naquele mesmo instante, o referido porteiro estava esfregando as mãos com um ar de tamanha satisfação que, sem outro motivo, de repente, eu compreendi tudo: eu fora enganado, enganado por Daubrecq, como você mesma foi.

“Vários pequenos detalhes passaram pela minha mente. O esquema do meu adversário tornou-se claro para mim do começo ao fim. Mais um minuto... e o desastre seria irreversível. Confesso que tive alguns momentos de verdadeiro desespero, ao pensar que não conseguiria reparar todos os erros que foram cometidos. Dependia simplesmente do horário dos trens, o que me permitiria ou não encontrar o emissário do Daubrecq na plataforma ferroviária de San Remo. Desta vez, finalmente, o acaso me favoreceu. Mal tínhamos chegado à

primeira estação quando um trem passou, para a França. Quando chegamos a San Remo, o homem estava lá.

“Eu adivinhara bem. Ele não usava mais o boné e o casaco de porteiro do hotel, mas um casaco e um chapéu-coco. Ele entrou em um compartimento de segunda classe. A partir daquele momento, a vitória estava garantida.”

— Mas... Como? — perguntou Clarisse, que, apesar dos pensamentos que a obcecavam, estava interessada na história de Lupin.

— Como eu o encontrei? Ora! Simplesmente não perdendo de vista o mestre Jacob, enquanto o deixava livre para se movimentar como quisesse, sabendo que estava obrigado a prestar contas de suas ações a Daubrecq. Na verdade, nesta manhã, após passar a noite em um pequeno hotel em Nice, ele encontrou Daubrecq no Promenade des Anglais. Eles conversaram por algum tempo. Eu os segui. Daubrecq voltou para o hotel, deixou Jacob em um dos corredores do andar térreo, em frente à central de telefones, e subiu no elevador. Dez minutos depois, descobri o número do quarto dele e soube que uma senhora estava ocupando o quarto ao lado, o nº 130, desde o dia anterior. Acredito que conseguimos, comentei com Growler e Masher. Eu bati levemente em sua porta. Sem resposta. E a porta estava trancada.

— E? — perguntou Clarisse.

— Bem, nós a abrimos. Você acha que apenas uma única chave no mundo funcionará em uma fechadura? Então, eu entrei. Ninguém em seu quarto. Mas a porta da divisória estava entreaberta. Eu passei por ela. Daí em diante, uma simples treliça me separava de você, de Daubrecq e do pacote de tabaco que eu vi na lareira do quarto.

— Então você conhecia o esconderijo?

— Quando olhei ao redor do escritório de Daubrecq em Paris, percebi que aquele maço de tabaco desaparecera. Além disso...

— O quê?

— Eu sabia, a partir de certas confissões tiradas de Daubrecq na Torre dos amantes, que a palavra Marie era a chave do enigma. Desde então, eu certamente pensei nessa palavra, mas com a noção preconcebida de que ela era soletrada M-A-R-I-E. Bem, eram realmente as duas primeiras sílabas de outra palavra, que eu adivinhei,

por assim dizer, somente quando percebi a ausência do maço de tabaco.

— Que palavra você quer dizer?

— Maryland, Maryland tabaco, o único tabaco que Daubrecq fuma.

— Lupin começou a rir. — Não foi simples? E, ao mesmo tempo, não foi inteligente da parte de Daubrecq? Procuramos em todos os lugares, saqueamos tudo. Até mesmo desparafusei as tomadas de bronze das luzes elétricas para ver se elas continham uma rolha de cristal. Mas como eu poderia ter pensado; como alguém, por maior que fosse sua perspicácia, poderia ter pensado em arrancar a faixa de papel de um pacote de Maryland, uma faixa colocada, gomada, selada, carimbada e datada pelo Estado, sob o controle da Receita Federal?

“Pense nisso! O Estado, cúmplice de tal ato infame! O escritório da Receita Federal prestando-se a tal truque! Não, mil vezes não! O Regie³ não é perfeito. Ele faz fósforos que não acendem e cigarros cheios de feno. Mas há toda a diferença no mundo entre reconhecer esse fato e acreditar que a Receita Federal está em aliança com Daubrecq com o objetivo de esconder a lista dos Vinte e Sete da curiosidade legítima do governo e dos esforços empreendedores de Arsène Lupin! Observe que tudo o que Daubrecq tinha que fazer, para introduzir a rolha de cristal, era carregar um pouco a faixa, afrouxá-la, puxá-la de volta, desdobrar o papel amarelo, remover o tabaco e prendê-la novamente. Observe também que tudo o que tínhamos que fazer, em Paris, era pegar o pacote e examiná-lo, a fim de descobrir o esconderijo. Não importa! O pacote em si, o tampão de Maryland inventado e passado pelo Estado e pela Receita Federal, era uma coisa sagrada, intangível, algo acima de qualquer suspeita! E ninguém o abriu.

“Foi assim que aquele demônio do Daubrecq conseguiu fazer com que o pacote de tabaco intocado ficasse, durante meses, sobre sua mesa, entre seus cachimbos e entre outros pacotes de tabaco fechados. E nenhum poder na terra poderia ter dado a alguém a mais vaga noção de olhar para aquele cubinho inofensivo. Eu gostaria que você observasse, além disso...”

Lupin prosseguiu suas observações em relação ao pacote de Maryland e à rolha de cristal. A engenhosidade e astúcia de seu adversário o interessou ainda mais na medida em que Lupin acabara levando a melhor sobre ele. Porém, para Clarisse, esses temas eram

muito menos importantes do que sua ansiedade em relação aos atos que deveriam ser realizados para salvar seu filho, e ela se sentou envolta em seus próprios pensamentos e mal o ouvia.

— Você tem certeza — ela repetia sempre — de que você terá êxito?

— Certeza absoluta.

— Mas Prasville não está em Paris.

— Se ele não estiver lá, está no Havre. Eu o vi no jornal ontem. Em todo caso, um telegrama o trará imediatamente a Paris.

— E você acha que ele tem influência suficiente?

— Para obter pessoalmente o perdão de Vaucheray e Gilbert, não. Se o tivesse, já deveríamos tê-lo colocado para trabalhar antes. Mas ele é inteligente o suficiente para compreender o valor do que lhe estamos entregando e para agir sem lentidão.

— Mas, para ser exata, você não está enganado quanto a esse valor?

— Daubrecq estava enganado? Daubrecq não estava em melhor posição do que qualquer um de nós para conhecer todo o poder daquele papel? Ele não tinha vinte provas disso, cada uma mais convincente do que a última? Pense em tudo o que ele fez, pela única razão de que as pessoas sabiam que ele possuía a lista. Elas sabiam; e isso era tudo. Ele não usou a lista, mas a tinha. E, tendo-a, ele matou seu marido.

“Ele construiu sua fortuna sobre a ruína e a desgraça dos Vinte e Sete. Só na semana passada, um dos mais apostados do lote, d’Albufex, cortou os pulsos em uma prisão. Acredite em mim: como pagamento por entregar essa lista, poderíamos pedir qualquer coisa que quiséssemos. E nós estamos pedindo o quê? Quase nada... Menos do que nada... O perdão de um jovem de vinte anos. Em outras palavras, eles nos tomarão por idiotas. Temos em nossas mãos...”

Ele parou. Clarisse, exausta de tanta emoção, adormeceu rapidamente em sua frente.

Eles chegaram a Paris às oito horas da manhã. Lupin encontrou dois telegramas esperando por ele em seu apartamento na Place de Clichy.

Um era de Masher, enviado de Avignon no dia anterior, declarando que tudo estava indo bem e que eles esperavam manter seu compromisso pontualmente naquela noite. O outro era de Prasville, datado do Havre e endereçado à Clarisse:

Impossível retorno até amanhã de manhã, segunda-feira. Venha ao meu escritório às 17h. Conto totalmente com você.

— Dezesete horas — disse Clarisse. — Que tarde!

— É uma hora boa — declarou Lupin.

— Ainda assim, se...

— Se a execução deve ocorrer amanhã de manhã, é isso o que você quer dizer? Não tenha medo de falar, pois a execução não se realizará.

— Os jornais...

— Você não leu os jornais e não deve lê-los. Nada do que eles digam tem a mínima importância. Só uma coisa importa: nossa conversa com Prasville. Além disso...

Ele tirou uma garrafa de um armário e, colocando a mão sobre o ombro de Clarisse, disse:

— Deite-se aqui, no sofá, e tome algumas gotas desta mistura.

— Para que serve?

— Vai fazer você dormir por algumas horas... E esquecer. Isso sempre é muito proveitoso.

— Não — protestou Clarisse. — Eu não quero. Gilbert não está dormindo. Ele não está esquecendo.

— Beba — disse Lupin, insistindo gentilmente. Ela cedeu de repente, por covardia, por sofrimento excessivo, e fez o que lhe foi dito, deitou-se no sofá e fechou os olhos. Em poucos minutos, ela estava dormindo.

Lupin chamou seu criado:

— Os jornais... Rápido! Você já os comprou?

— Aqui estão eles, chefe.

Lupin abriu um deles e imediatamente leu as seguintes linhas:

OS CÚMPLICES DE ARSÈNE LUPIN

Sabemos de uma fonte confiável que os cúmplices de Arsène Lupin, Gilbert e Vaucheray, serão executados amanhã, terça-feira, pela manhã. O Monsieur Deibler inspecionou a guilhotina. Tudo está pronto.

Ele levantou a cabeça com um olhar desafiador.

— Os cúmplices de Arsène Lupin! A execução dos cúmplices de Arsène Lupin! Que belo espetáculo! E que multidão haverá para testemunhá-lo! Desculpem, cavalheiros, mas a cortina não se levantará. O teatro foi fechado por ordem das autoridades. E as autoridades são eu mesmo!

Ele bateu violentamente em seu peito, com um gesto arrogante:

— As autoridades são eu mesmo!

Ao meio-dia, Lupin recebeu um telegrama que Masher enviara de Lyon:

Tudo bem. As mercadorias chegarão sem danos.

Às três da tarde, Clarisse acordou. Suas primeiras palavras foram:

— Está para ser amanhã?

Ele não respondeu. Contudo, ela o viu com um ar tão calmo e sorridente que se sentiu permeada de uma imensa sensação de paz e teve a impressão de que tudo estava acabado, desenredado, resolvido de acordo com a vontade de seu companheiro.

Eles saíram de casa às 16h10. A secretária de Prasville, que recebera as instruções de seu chefe por telefone, levou-os ao escritório e pediu que esperassem. Eram 16h45.

Prasville chegou correndo exatamente às cinco horas e, de uma só vez, pediu:

— Você está com a lista?

— Sim.

— Dê-me isso.

Ele estendeu sua mão. Clarisse, que se levantara de sua cadeira, não se mexeu.

Prasville olhou para ela por um momento, hesitou e sentou-se. Ele entendeu. Ao perseguir Daubrecq, Clarisse Mergy não agira apenas por ódio e desejo de vingança. Outro motivo a impulsionou. O papel não seria entregue a não ser sob condições.

— Sente-se, por favor — disse ele, mostrando, assim, que aceitava discutir o assunto. Clarisse retomou sua cadeira e, enquanto ela permanecia em silêncio, Prasville começou:

— Fale, minha amiga, e fale com toda franqueza. Não tenho vergonha de dizer que desejamos ter esse documento.

— Se for apenas um desejo — observou Clarisse, que Lupin treinara por sua vez até o mínimo detalhe. — Se for apenas um desejo, temo que não poderemos chegar a um acordo.

Prasville sorriu:

— O desejo, obviamente, nos levaria a fazer certos sacrifícios.

— Todos os sacrifícios — disse Madame Mergy, corrigindo-o.

— Todos os sacrifícios, desde que, é claro, nos mantenhamos dentro dos limites das exigências aceitáveis.

— E mesmo se ultrapassarmos esses limites — disse Clarisse, inflexivelmente.

Prasville começou a perder a paciência:

— Vamos, do que se trata? Explique-se.

— Perdoe-me, meu amigo, mas eu queria acima de tudo mostrar a grande importância que você atribui a esse papel e, em vista da transação imediata que estamos prestes a concluir, especificar, como posso dizer... O valor que atribuo a ele. Esse valor, que não tem limites; deve, repito, ser trocado por um valor igualmente ilimitado.

— De acordo — disse Prasville, queixoso.

— Presumo, portanto, que seja desnecessário traçar toda a história do negócio ou enumerar, por um lado, os desastres que a posse desse papel teria permitido evitar e, por outro lado, as incalculáveis vantagens que você poderá ter a partir de sua posse...

Prasville teve que fazer um esforço para se conter e responder em um tom civilizado, ou quase:

— Eu admito tudo. Isso é suficiente?

— Peço desculpas, mas não podemos nos explicar de forma muito clara. E há um ponto que ainda precisa ser esclarecido. Você está em condições de lidar com isso, pessoalmente?

— O que você quer dizer?

— Quero saber, é claro, se você tem poderes para resolver este negócio, aqui e agora, e se, ao lidar comigo, você representa a opinião daqueles que conhecem o assunto e que estão qualificados para resolvê-lo.

— Sim — declarou Prasville, contra sua vontade.

— Eu terei sua resposta dentro de uma hora depois de lhe ter dito minhas condições?

— Sim.

— A resposta será a do governo?

— Sim.

Clarisse se inclinou para frente e, baixando sua voz, disse:

— A resposta será a do Élysée?

Prasville pareceu surpreso. Ele refletiu por um momento e depois disse:

— Sim.

— Resta-me apenas pedir-lhe que me dê sua palavra de honra que, por mais incompreensíveis que minhas condições lhe pareçam, você não insistirá para que eu revele o motivo. Elas são o que são. Sua resposta deve ser sim ou não.

— Dou-lhe minha palavra de honra — disse Prasville, formalmente.

Clarisse passou por uma agitação momentânea que a fez ficar ainda mais pálida. Então, controlando-se, com os olhos fixos nos de Prasville, falou:

— Você terá a lista dos Vinte e Sete em troca do perdão de Gilbert e Vaucheray.

— O quê?

Prasville saltou de sua cadeira, parecendo absolutamente atônito:

— O perdão de Gilbert e Vaucheray? Dos cúmplices de Arsène Lupin?

— Sim — disse ela.

— Os assassinos da Villa Marie-Thérèse? Os dois que vão morrer amanhã?

— Sim, esses dois — disse ela, em voz alta. — Estou pedindo. Estou exigindo o perdão deles.

— Mas isso é uma loucura! Por quê? Por que você deveria?

— Devo lembrar-lhe, Prasville, que você me deu sua palavra...

— Sim... sim... Eu sei... Mas a coisa é tão inesperada...

— Por quê?

— Por quê? Por todas as razões!

— Que razões?

— Bem... Pense! Gilbert e Vaucheray foram condenados à morte!

— Mande-os para o serviço penal; isso é tudo o que você tem que fazer.

— Impossível! O caso criou uma enorme comoção. Eles são cúmplices de Arsène Lupin. O mundo inteiro conhece o veredicto.

— Bem...

— Bem, não podemos; não, não podemos ir contra os decretos da justiça.

— Não é isso que você vai fazer. Estou falando para pedir uma comutação de punição como um ato de misericórdia. A misericórdia é uma coisa legal.

— A comissão de perdão deu seu veredicto...

— É verdade, mas resta o presidente da República.

— Ele recusou.

— Ele pode reconsiderar sua recusa.

— Impossível!

— Por quê?

— Não há desculpa para isso.

— Ele não precisa de desculpas. O direito de misericórdia é absoluto. É exercido sem controle, sem razão, sem desculpa ou explicação. É uma prerrogativa real. O presidente da República pode exercê-lo a seu bel-prazer, ou melhor, de acordo com sua consciência, no que for melhor para o interesse do Estado.

— Mas é tarde demais! Tudo está pronto. A execução deve acontecer dentro de algumas horas.

— Uma hora é tempo suficiente para obter sua resposta. Você acabou de nos dizer isso.

— Mas isso é uma loucura terrível! Há obstáculos intransponíveis para sua condição. Digo-lhe novamente: é impossível, fisicamente impossível.

— Então a resposta é não?

— Não! Mil vezes não!

— Nesse caso, não nos resta mais nada a fazer senão ir embora.

Ela se moveu em direção à porta. Monsieur Nicole a seguiu. Prasville atravessou a sala e barrou seu caminho:

— Para onde você está indo?

— Bem, meu amigo, creio que nossa conversa terminou. Como você parece pensar, pois, de fato, está certo de que o presidente da

República não considerará que a famosa lista dos Vinte e Sete valha a pena...

— Fique onde está — disse Prasville.

Ele virou a chave na porta e começou a andar na sala, com as mãos atrás das costas e os olhos fixos no chão.

E Lupin, que não proferira uma palavra durante toda essa cena e que se contentara prudentemente em desempenhar um papel secundário, disse a si mesmo:

— Que confusão! Quanta alteração para se chegar ao resultado inevitável! Como se Prasville, que não é um gênio, mas também não é um absoluto cabeça-dura, fosse perder a chance de se vingar de seu inimigo mortal! Então, o que eu disse? A ideia de atirar Daubrecq no poço sem fundo lhe agrada. Nós desempatamos o jogo.

Prasville estava abrindo uma pequena porta interna que levava ao escritório de seu secretário particular.

Ele deu uma ordem em voz alta:

— Monsieur Lartigue, telefone para o Élysée e diga-lhe que peço o favor de marcar uma audiência para uma comunicação da maior importância.

Ele fechou a porta, voltou-se para Clarisse e disse:

— De qualquer forma, minha intervenção se limita a apresentar sua proposta.

— Uma vez apresentada, ela será aceita.

Seguiu-se um longo silêncio. A fisionomia de Clarisse expressava um deleite tão profundo que Prasville ficou impressionado e a olhou com atenta curiosidade. Qual a razão misteriosa para Clarisse desejar salvar Gilbert e Vaucheray? Qual era a ligação incompreensível dela com aqueles dois homens? Que tragédia ligava aquelas três vidas e, sem dúvida, a de Daubrecq?

— Vá em frente, meu velho — pensou Lupin. — Quebre a cabeça; você nunca vai descobrir! Ah, se tivéssemos pedido apenas o perdão de Gilbert, como Clarisse desejava, você poderia ter desvendado o segredo! Mas Vaucheray, aquele bruto do Vaucheray; não poderia realmente haver a menor ligação entre a Madame Mergy e ele... Ah, por Cristo, é minha vez agora! Ele está me observando... Seu monólogo interior está se voltando para mim... “Quem será esse Monsieur Nicole? Por que esse simples professor provincial se dedicou

de corpo e alma à Clarisse Mergy? Quem é esse velho chato, e se ele souber a verdade? Eu cometi um erro ao não perguntar... Devo investigar isso... Não é natural que um homem se preocupe tanto com um assunto no qual ele não está diretamente envolvido. Por que ele também deveria desejar salvar Gilbert e Vaucheray? Por quê? Por que ele deveria?”

Lupin virou a cabeça.

— Cuidado! Cuidado! Esse negociante burocrático deve estar imaginando algo a meu respeito, uma vaga ideia que ele não consegue explicar. Maldição! Ele não deve suspeitar que o Monsieur Lupin está se passando pelo Monsieur Nicole! A coisa já é complicada o suficiente, em plena consciência!

Mas houve uma interrupção bem-vinda. O secretário de Prasville informou que a audiência se realizaria dentro de uma hora.

— Muito bem. Obrigado — disse Prasville. — Assim está bom.

E, retomando a conversa, sem mais delongas, falando como se quisesse testá-la, ele declarou:

— Acho que conseguiremos. Mas, antes de mais nada, para que eu possa fazer o que me comprometi a fazer, quero informações mais precisas, detalhes mais completos. Onde estava o papel?

— Na rolha de cristal, como pensávamos — disse a Madame Mergy.

— E onde estava a rolha de cristal?

— Em um objeto que Daubrecq veio buscar, há alguns dias, na escrivaninha em seu escritório na Place Lamartine; um objeto que eu tirei dele ontem.

— Que tipo de objeto?

— Simplesmente um pacote de tabaco, o tabaco Maryland, que ficava em cima da mesa.

Prasville ficou petrificado. Ele murmurou, sem artifícios:

— Ah, se ao menos eu soubesse! Eu já tive aquele pacote de Maryland em minha mão uma dúzia de vezes! Que estúpido da minha parte!

— O que isso importa? — avaliou Clarisse. — O principal é que a descoberta foi feita.

Prasville esboçou uma expressão que implicava que a descoberta seria muito mais agradável se ele próprio a tivesse feito. Em seguida, perguntou:

— Então, você tem a lista?

— Sim.

— Mostre-a para mim.

E, quando Clarisse hesitou, ele acrescentou:

— Ah, por favor, não tenha medo! A lista pertence a você, e eu a devolverei. Mas você deve compreender que não posso dar o passo em questão sem ter certeza.

Clarisse consultou o Monsieur Nicole com um olhar que não escapou de Prasville. Então, ela disse:

— Aqui está.

Ele apreendeu o pedaço de papel com certo entusiasmo, examinou-o e quase imediatamente disse:

— Sim, sim... Eu reconheço e escrita do secretário. E a assinatura do presidente da empresa, a assinatura em vermelho. Além disso, tenho outras provas. Por exemplo, a peça rasgada que completa o canto superior esquerdo desta folha.

Ele abriu seu cofre e, de uma caixa especial de colocar dinheiro, sacou um pequeno pedaço de papel que ele colocou junto ao canto superior esquerdo:

— É isso mesmo. As bordas rasgadas encaixam-se perfeitamente. A prova é inegável. Tudo o que resta é verificar a marca deste papel jornal estrangeiro.

Clarisse estava radiante de alegria. Ninguém acreditaria que a mais terrível tortura a tivesse atormentado durante semanas e semanas e que ela ainda estivesse sangrando e tremendo por causa de seus efeitos.

Enquanto Prasville segurava o papel contra uma vidraça, ela disse a Lupin:

— Eu insisto que Gilbert seja informado esta noite. Ele deve estar muito infeliz!

— Sim — disse Lupin.

— Além disso, você pode ir até o advogado dele e dizer-lhe.

Ela continuou:

— E então eu devo ver Gilbert amanhã. Prasville pode pensar o que quiser.

— É claro. Mas ele deve primeiro ganhar sua causa no Élysée.

— Não deverá ter nenhuma dificuldade, não é?

— Não. Você viu que ele cedeu imediatamente.

Prasville continuou seu exame com a ajuda de uma lupa de vidro e comparou a folha com o pedaço de papel rasgado. Em seguida, ele tirou da caixa de dinheiro algumas outras folhas de papel de carta e examinou uma delas, segurando-a perto da luz:

— Está resolvido — disse ele. — Minha decisão está tomada. Perdoe-me, querida amiga; foi um trabalho muito difícil, passei por várias etapas. Afinal, eu tinha minhas suspeitas... E com razão.

— O que você quer dizer? — perguntou Clarisse.

— Um segundo, eu tenho que dar uma ordem primeiro.

Ele chamou seu secretário:

— Por favor, telefone imediatamente para o Élysée, apresente minhas desculpas e diga que não vou exigir a audiência, por razões que explicarei mais tarde.

Ele fechou a porta e retornou à sua mesa. Clarisse e Lupin ficaram de pé, tensos, olhando para ele com surpresa, não conseguindo entender essa mudança repentina. Ele estava louco? Foi um truque de sua parte? Uma quebra de confiança? E se recusava a cumprir sua promessa, uma vez que possuía a lista?

Ele a estendeu para Clarisse:

— Pode ficar com a lista.

— Ficar com a lista?

— E a devolva para Daubrecq.

— Para Daubrecq?

— A menos que você prefira queimá-la.

— O que está dizendo?

— Eu digo que, se eu estivesse em seu lugar, eu a queimaria.

— Por que você diz isso? É ridículo!

— Pelo contrário, é muito sensato.

— Mas por quê? Por quê?

— Por quê? Vou lhe explicar. A lista dos Vinte e Sete, como sabemos com absoluta certeza, foi escrita em uma folha de papel timbrado, pertencente ao presidente da Companhia do Canal, da qual há algumas amostras nesta caixa de dinheiro. Todas estas amostras têm como marca d'água uma pequena cruz de Lorena⁴ que é quase invisível, mas que pode ser vista apenas na espessura do papel quando

você o segura contra a luz. A folha que você me trouxe não contém aquela pequena cruz de Lorena.

Lupin sentiu um tremor nervoso que o abalou da cabeça aos pés e não ousou olhar para Clarisse, percebendo o golpe terrível que aquilo foi para ela. Ele ouviu o gaguejo dela:

— Então devemos supor... Que Daubrecq foi enganado?

— Nem um pouco! — exclamou Prasville.

— Foi você quem foi enganada, minha pobre amiga. Daubrecq tem a lista verdadeira, a lista que ele roubou do cofre do moribundo.

— Mas essa lista...

— Esta aqui é uma falsificação.

— Uma falsificação?

— Uma falsificação inquestionável. Foi uma peça admirável de astúcia por parte de Daubrecq. Deslumbrada pela rolha de cristal que ele piscava diante de seus olhos, você não fez nada além de procurar aquela rolha na qual ele guardara não importa o que, o primeiro pedaço de papel que veio à mão, enquanto ele guardou a verdadeira silenciosamente...

Prasville se interrompeu. Clarisse estava andando até ele com passos curtos e rígidos, como um autômato. Ela disse:

— Então...

— Então o que, querida amiga?

— Você se recusa?

— Certamente sou obrigado a isso. Não tenho escolha.

— Você se recusa a dar esse passo?

— Olhe aqui, como posso fazer o que você pede? Não é possível, com a força de um documento sem valor...

— Você não vai fazer isso... Você não vai fazer isso... E, amanhã de manhã... Dentro de algumas horas... Gilbert...

Ela estava assustadoramente pálida, seu rosto fundo, como o rosto de um moribundo. Seus olhos se abriam cada vez mais e seus dentes batiam.

Lupin, temendo as palavras inúteis e perigosas que ela estava prestes a proferir, agarrou-a pelos ombros e tentou arrastá-la. Mas ela o empurrou de volta com força indomável, deu mais dois ou três passos, cambaleou, como se estivesse a ponto de cair, e, de repente, em uma explosão de energia e desespero, agarrou Prasville e gritou:

— Você deve ir ao Élysée! Você irá imediatamente! Você deve ir! Deve salvar Gilbert!

— Por favor, por favor, cara amiga, acalme-se...

Ela deu uma risada estridente:

— Acalme-se! Quando, amanhã de manhã, Gilbert... Ah, não, não, estou apavorada... É terrível... Ah, corra, seu desgraçado, corra! Vá obter o perdão dele! Você não entende? Gilbert... Gilbert é meu filho! Meu filho! Meu filho!

Prasville deu um grito. A lâmina de um punhal brilhava na mão de Clarisse e ela levantou o braço para se golpear. Porém o gesto não foi concluído. O Monsieur Nicole interceptou seu movimento e, pegando o punhal de Clarisse, deixando-a desamparada, disse ele, em uma voz que ecoava pela sala como aço:

— O que você está fazendo é uma loucura! Eu lhe fiz meu juramento de que o salvaria! Você deve... viver para ele... Gilbert não morrerá. Como ele pode morrer, quando... Eu lhe dei minha palavra?

— Gilbert... Meu filho — gemeu Clarisse.

Ele a apertou ferozmente, puxou-a contra si mesmo e colocou sua mão sobre a boca dela:

— Basta! Fique quieta! Rogo-lhe que fique quieta. Gilbert não morrerá.

Com irresistível autoridade, ele a arrastou como uma criança subjugada que de repente se torna obediente, mas, no momento de abrir a porta, ele se voltou para Prasville:

— Espere por mim aqui, Monsieur — ordenou ele, num tom imperativo. — Se você se importa com essa lista dos Vinte e Sete, a verdadeira lista, espere por mim. Estarei de volta em uma hora, em duas horas, no máximo, e então falaremos de negócios.

E abruptamente, para Clarisse:

— E você, Madame, tenha um pouco de coragem. Eu lhe ordeno que mostre coragem, em nome de Gilbert.

Ele saiu, pelos corredores, descendo as escadas, meio trôpego, segurando Clarisse debaixo do braço, como se ele estivesse segurando uma pessoa deitada, apoiando-a, carregando-a quase. Um pátio, outro pátio, depois a rua.

Enquanto isso, Prasville, surpreendido no início, desnorteado com o curso dos acontecimentos, estava gradualmente recuperando sua

compostura e seu pensamento. Ele pensou naquele Monsieur Nicole, um mero acompanhante no início, que desempenhou ao lado de Clarisse o papel de um daqueles conselheiros aos quais nos agarramos nas graves crises de nossas vidas e que de repente, sacudindo seu torpor, despertou, resoluto, magistral, metódico, repleto de ousadia, pronto para derrubar todos os obstáculos que o destino colocou em seu caminho.

Quem era capaz de agir assim?

Prasville sobressaltou-se. A pergunta não ocorrera tão cedo em sua mente quanto a resposta lhe passou à frente, com absoluta certeza. Todas as provas se levantaram, cada uma mais exata, cada uma mais convincente do que a última.

Apressadamente, ele telefonou. Com urgência, mandou chamar o inspetor-chefe de serviço. E disse:

— Você estava na sala de espera, inspetor-chefe?

— Sim, senhor secretário-geral.

— Você viu um cavalheiro e uma senhora saírem?

— Sim.

— Você reconheceria o homem novamente?

— Sim.

— Então não perca tempo, inspetor-chefe. Leve seis inspetores com o senhor. Vá até a Place de Clichy. Faça perguntas sobre um homem chamado Nicole e vigie a casa. Esse Nicole está a caminho de lá.

— E se ele sair, senhor secretário-geral?

— Prendam-no. Aqui está um mandado.

Ele sentou-se à sua mesa e escreveu um nome em um formulário.

— Aqui está, inspetor-chefe. Eu avisarei ao chefe-detetive.

O inspetor-chefe parecia estar cambaleante.

— Mas você me falou de um homem chamado Nicole, senhor secretário-geral.

— E...

— O mandado está em nome de Arsène Lupin.

— Arsène Lupin e o tal Nicole são a mesma pessoa.

3. Departamento de impostos franceses que detém o monopólio da fabricação e venda de tabaco, charutos, cigarros e fósforos.

4. A Cruz de Lorena é uma cruz com duas linhas horizontais ou barras na metade superior da viga perpendicular.



XII. A GUILHOTINA

— Vou salvá-lo, vou salvá-lo — repetiu Lupin, sem parar, no táxi em que ele e Clarisse foram embora. — Eu juro que o salvarei.

Clarisse não ouviu. Sentou-se como se estivesse entorpecida; como se estivesse tomada por um grande pesadelo de morte, o que a deixou ignorante de tudo o que acontecia ao seu redor. E Lupin expôs seus planos, talvez mais para se tranquilizar do que para convencê-la.

— Não, não, o jogo ainda não está perdido. Resta um trunfo, um enorme trunfo, na forma das cartas e documentos que Vorenglade, o ex-deputado, está querendo vender a Daubrecq e dos quais Daubrecq falou com você ontem em Nice. Comprarei essas cartas e os documentos de Stanislas Vorenglade, seja qual for o preço que ele pedir. Então, voltaremos ao escritório da polícia e direi a Prasville para ir imediatamente ao Élysée... Usar a lista como se fosse genuína, salvar Gilbert da morte e ficar satisfeito ao reconhecer amanhã, quando Gilbert for salvo, que a lista é falsa.

“Direi para ir depressa! Se ele se recusar, bem, as cartas e os documentos de Vorenglade serão reproduzidos amanhã, terça-feira, de manhã, em um dos principais jornais. Vorenglade será preso. E o sr. Prasville se encontrará na prisão antes do anoitecer.”

Lupin esfregou suas mãos:

— Ele vai fazer o que eu mandar! Eu senti isso imediatamente, quando estava com ele. Eu senti muita segurança nisso. E encontrei o endereço de Vorenglade na carteira de Daubrecq, então... Motorista, siga para o Boulevard Raspail!

Eles foram para o endereço indicado. Lupin saltou do carro, subiu três lances de escada.

O criado informou que o Monsieur Vorenglade estava fora e que não voltaria até a hora do jantar da noite seguinte.

— E você não sabe onde ele está?

— O sr. Vorenglade está em Londres, senhor.

Lupin não proferiu uma palavra ao retornar ao carro. Clarisse, ao seu lado, não lhe fez nenhuma pergunta; ela aparentava estar bastante indiferente a tudo e já encarava a morte de seu filho como um fato consumado.

Eles foram de carro até a Place de Clichy. Ao entrar na casa, Lupin passou por dois homens que estavam deixando a cabine do porteiro. Ele estava muito absorto para percebê-los. Eram os inspetores de Prasville.

— Algum telegrama? — perguntou ele ao criado.

— Não, chefe — respondeu Achille.

— Nenhuma notícia do Masher e do Growler?

— Não, chefe, nenhuma.

— Está tudo bem — disse ele à Clarisse, em tom formal. — São apenas sete horas e não devemos contar em vê-los antes das oito ou nove. Prasville terá que esperar, só isso. Vou ligar para ele e pedir para esperar.

Ele o fez e estava pendurando o fone quando ouviu um gemido atrás dele. Clarisse estava de pé ao lado da mesa, lendo um jornal noturno. Ela colocou sua mão no coração, cambaleou e caiu.

— Achille, Achille! — gritou Lupin, chamando o empregado. — Ajude-me a colocá-la na minha cama... E depois vá até o armário e me traga o frasco de remédio com o número quatro, o remédio para dormir.

Ele a forçou a abrir os dentes com a ponta de uma faca e a obrigou a engolir metade do vidro.

— Ótimo — disse ele. — Agora a pobrezinha não acordará até amanhã... Ou depois.

Ele olhou o jornal, que ainda estava na mão de Clarisse, e leu as seguintes linhas:

As medidas mais rigorosas foram tomadas para manter a ordem na execução de Gilbert e Vaucheray, para que Arsène Lupin não faça uma tentativa de resgatar seus companheiros da pena máxima. À meia-noite, um cordão de tropas será puxado através de todos os acessos à prisão de Santé. Como já foi dito, a execução ocorrerá fora das paredes da prisão, na praça formada pelo Boulevard Arago e pela Rue de la Santé.

Conseguimos obter alguns detalhes da atitude dos dois homens condenados. Vaucheray é visto amuado ou indiferente e espera o evento fatal com coragem:

— Ora — diz ele —, não posso dizer que estou encantado; mas tenho que passar por isso e vou fazer minha parte.

E ele acrescenta:

— Não me preocupo com a morte! O que me preocupa é a ideia de que eles vão cortar minha cabeça. Ah, se o chefe pudesse apenas fazer algum truque para me mandar direto para o próximo mundo antes que eu tivesse tempo de dizer faca! Uma gota de ácido Prussic, chefe, por favor! A calma de Gilbert é ainda mais impressionante, especialmente quando nos lembramos de como ele se descontrolou no julgamento. Ele mantém uma confiança inabalável na onipotência de Arsène Lupin:

— O chefe gritou para mim diante de todos para não ter medo, que ele estava lá, que ele respondia por tudo. Bem, eu não tenho medo. Vou contar com ele até o último dia, até o último minuto, aos pés da guilhotina. Eu conheço o chefe! Com ele, não há perigo. Ele prometeu e cumprirá sua palavra. Se minha cabeça fosse cortada, ele viria e aplaudiria nos meus ombros e com firmeza! Arsène Lupin permitiu que seu amigo Gilbert morresse? Ele não! Desculpe meu humor!

Há certa franqueza tocante em todo esse entusiasmo, que não é desprovida de dignidade própria. Veremos se Arsène Lupin merece a confiança tão cegamente depositada nele.

Lupin mal conseguiu terminar de ler o artigo por causa das lágrimas que turvavam seus olhos; lágrimas de afeto, de piedade, de angústia.

Não, ele não merecia a confiança de seu amigo Gilbert. Certamente, ele realizara impossibilidades, mas há circunstâncias nas quais devemos realizar mais do que impossibilidades; nas quais devemos nos mostrar mais fortes do que o destino; e, daquela vez, o destino fora mais forte do que ele. Desde o primeiro dia e ao longo daquela lamentável aventura, os acontecimentos foram contrários a suas antecipações, contrários à própria lógica. Clarisse e ele, embora perseguindo um objetivo idêntico, desperdiçaram semanas de luta um

contra o outro. Então, quando estavam unindo seus esforços, uma série de desastres horríveis aconteceram, um após o outro: o sequestro do pequeno Jacques; o desaparecimento de Daubrecq; sua prisão na Torre dos amantes; a ferida de Lupin; sua inatividade forçada, seguida pelas manobras astutas que arrastaram Clarisse — e Lupin atrás dela — para o sul, para a Itália. E então, como uma catástrofe de coroamento, quando, após prodígios de força de vontade, após milagres de perseverança, tiveram o direito de pensar que o prêmio maior fora conquistado, tudo isso não deu em nada. A lista dos Vinte e Sete não tinha mais valor do que o pedaço de papel mais insignificante.

— O jogo acabou — disse Lupin. — É uma derrota absoluta. E se eu me vingar do Daubrecq, arruiná-lo e destruí-lo? Ele é o verdadeiro vitorioso, uma vez que Gilbert vai morrer.

Ele chorou de novo, não com despeito ou raiva, mas com desespero. Gilbert ia morrer! O rapaz a quem ele chamou de seu amigo, o melhor de seus amigos, desapareceria para sempre, em poucas horas. Ele não poderia salvá-lo. Ele estava no fundo do poço. Nem sequer olhou em volta para um último recurso. Qual seria a utilidade disso?

A convicção de sua própria impotência era tão profunda, tão definida, que ele não sentiu nenhum tipo de choque ao receber um telegrama do Masher que dizia:

Acidente automobilístico. Parte essencial quebrada. Reparo longo. Chegada até amanhã de manhã.

Foi uma última prova de que o destino proferira seu decreto. Ele não pensava mais em se revoltar contra a decisão.

Ele olhou para Clarisse. Ela estava dormindo tranquilamente e aquele esquecimento total, aquela ausência de toda consciência, pareceu-lhe tão invejável que, cedendo de repente a um ataque de covardia, ele pegou o vidro, ainda com metade do sonífero, e o bebeu. Então, ele se esticou em um sofá e chamou Achille:

— Vou dormir, Achille, e não me acorde sob nenhuma pretensão.

— Então não há nada a ser feito por Gilbert e Vaucheray, chefe? — perguntou Achille.

- Nada.
- Eles vão morrer?
- Eles vão morrer.

Vinte minutos depois, Lupin caiu em um sono pesado. Eram dez da noite.

A noite foi preenchida pelos acontecimentos e ruídos ao redor da prisão. Quando era uma da manhã, a Rue de la Santé, o Boulevard Arago e todas as ruas próximas à cadeia estavam sendo vigiadas pela polícia, que não permitiu que ninguém passasse sem um contra interrogatório costumeiro.

A propósito, estava chovendo torrencialmente e parecia que os amantes daquele tipo de espetáculo não seriam muito numerosos. Os bares estavam todos fechados por ordem especial. Às quatro da manhã, três empresas de infantaria surgiram e tomaram suas posições ao longo das calçadas, enquanto um batalhão ocupava o Boulevard Arago para o caso de alguma surpresa. Policiais magistrados rondavam entre as fileiras; toda uma equipe de policiais, oficiais e funcionários, reunida para a ocasião, movimentava-se entre as tropas.

A guilhotina foi montada em silêncio, no meio da praça formada pela avenida e pela rua, e o som sinistro das marteladas ecoava.

Entretanto, às cinco horas, a multidão se reuniu, não obstante a chuva, e as pessoas começaram a cantar. Exultaram diante da ribalta, pediram que a cortina subisse, ficaram exasperados ao ver que, à distância em que as barreiras foram fixadas, dificilmente conseguiam distinguir os pilares da guilhotina.

Várias carruagens chegavam, trazendo oficiais vestidos de preto. Havia aplausos e vaias, quando uma tropa de guardas municipais montados dispersou os grupos e liberou o espaço a uma distância de trezentos metros da praça. Duas novas companhias de soldados se alinharam.

E, de repente, houve um grande silêncio. Uma luz branca difusa veio do céu escuro. A chuva cessou abruptamente.

Dentro da prisão, ao final do corredor contendo as celas dos condenados, os oficiais conversavam em voz baixa. Prasville falava com o promotor público, que expressou seus medos:

— Não, não — declarou Prasville. — Garanto-lhe que tudo ocorrerá sem qualquer incidente.

— Seus relatórios não mencionam nada de suspeito, senhor secretário-geral.

— Nada. E eles não podem mencionar nada, pela simples razão de que temos Lupin.

— O que você quer dizer com isso?

— Sim, nós conhecemos seu esconderijo. A casa onde ele mora, na Place de Clichy, para onde ele foi às sete horas na noite passada, está cercada. Além disso, conheço o esquema que ele armara para salvar seus dois cúmplices. O esquema deu errado no último momento. Não temos nada a temer, portanto. A lei seguirá seu curso.

Nesse meio tempo, a hora tinha chegado.

Eles levariam Vaucheray primeiro e o chefe da prisão ordenou que a porta de sua cela fosse aberta. O prisioneiro saltou da cama e, com os olhos arregalados de terror, encarou os homens que entraram.

— Vaucheray, viemos para lhe dizer...

— Guarde isso, guarde isso — murmurou ele. — Sem palavras. Eu sei tudo sobre isso. Continue com o negócio.

Alguém teria pensado que ele estava com pressa para que aquilo terminasse o mais rápido possível, e por isso se submeteu prontamente aos preparativos habituais. Mas ele não permitiria que nenhum deles falasse com ele.

— Sem palavras — repetiu ele. — Não tem palavras — repetiu. — Confessar-me com o padre? Não vale a pena. Eu derramei sangue. A lei derrama meu sangue. É a boa e velha regra. Estamos quites.

No entanto, ele parou por um momento:

— Quero dizer... meu companheiro está passando por isso também?

E, quando ouviu que Gilbert iria à guilhotina ao mesmo tempo que ele, teve dois ou três segundos de hesitação, olhou para os transeuntes, parecia estar prestes a falar, ficou em silêncio e, finalmente, murmurou:

— É melhor assim... Eles nos levarão juntos... Faremos nosso último brinde.

Gilbert também não estava dormindo quando os homens entraram em sua cela.

Sentado na cama, ele ouviu as terríveis palavras, tentou se levantar, começou a tremer assustadoramente, da cabeça aos pés, como um esqueleto quando sacudido, e depois caiu para trás, soluçando:

— Ah, minha pobre mãe, pobre mamãe! — gaguejou ele.

Eles tentaram questioná-lo sobre aquela mãe, da qual ele nunca falara, mas suas lágrimas foram interrompidas por um súbito ataque de rebeldia e ele gritou:

— Não cometi nenhum assassinato... Eu não vou morrer. Eu não cometi nenhum assassinato...

— Gilbert — disseram eles —, seja homem.

— Sim, mas eu não cometi nenhum assassinato... Por que eu deveria morrer?

Seus dentes batiam tão alto que as palavras que ele pronunciava se tornavam incompreensíveis. Ele deixou os homens fazerem seu trabalho, fez sua confissão, ouviu a missa e, depois, ficando mais calmo e quase dócil, com a voz de uma criancinha que se resignou, murmurou:

— Diga a minha mãe que eu imploro o perdão dela.

— Sua mãe?

— Sim... Ponha o que eu digo nos jornais... Ela vai entender... E então...

— O quê, Gilbert?

— Bem, quero que o chefe saiba que eu não perdi a confiança.

Ele olhava para os espectadores, um após o outro, como se alimentasse a louca esperança de que o chefe fosse um deles, disfarçado além do reconhecimento e pronto para carregá-lo em seus braços.

— Sim — disse ele, gentilmente e com uma espécie de piedade religiosa. — Sim, eu ainda tenho confiança, mesmo neste momento... Certifique-se de que ele saiba, está bem? Tenho a certeza de que ele não me deixará morrer. Estou certo disso...

Eles adivinharam, pelo olhar fixo em seus olhos, que ele viu Lupin, que ele sentiu a sombra de Lupin rondando e procurando uma entrada através da qual chegaria até ele. E nunca houve nada mais comovente do que a visão daquele jovem — em uma camisa de força, com os braços e as pernas amarrados, vigiado por milhares de homens —, o qual o carrasco já segurava em sua mão inexorável e que, no entanto, tinha esperança.

A angústia tomou conta do coração de todos os espectadores. Os olhos deles estavam ofuscados por lágrimas:

— Pobrezinho! — gaguejou alguém.

Prasville, tocado como os demais e pensando em Clarisse, repetiu, em um sussurro:

— Pobrezinho!

Contudo, na hora marcada, os preparativos estavam terminados. Eles se puseram a caminho.

As duas procissões se encontraram na passagem. Vaucheray, ao ver Gilbert, chiou:

— Eu digo, garoto, o chefe nos ferrou!

E ele acrescentou uma frase que ninguém, exceto Prasville, foi capaz de entender:

— Creio que ele preferiu embolsar os lucros da rolha de cristal.

Eles desceram as escadas. Atravessaram os pátios da prisão. Uma distância sem fim e horrível.

E, de repente, pela moldura da grande porta, a luz do dia se desvaneceu, a chuva, a rua, os contornos das casas, só restando os sons distantes que vinham através do silêncio terrível.

Eles caminharam ao longo do muro, até o canto da avenida. Alguns passos mais adiante, Vaucheray começou a recuar: ele a vira! Gilbert se arrastou, com a cabeça abaixada, apoiado por um carrasco e pelo capelão, que o fez beijar o crucifixo enquanto caminhava.

Lá estava a guilhotina.

— Não, não — gritou Gilbert. — Eu não vou... Eu não vou... Socorro! Socorro!

Um último apelo, perdido no espaço.

O carrasco deu um sinal. Vaucheray foi agarrado, levantado, arrastado, quase em fuga. E, então, aconteceu esta coisa espantosa: um tiro. Um tiro foi disparado do outro lado, de uma das casas opostas.

Os assistentes pararam de repente.

O fardo que eles estavam arrastando desmoronou em seus braços.

— O que é isso? O que aconteceu? — perguntaram todos.

— Ele está ferido...

O sangue jorrava da testa de Vaucheray e cobria seu rosto. Ele desabou:

— Já está feito... Um em mil! Obrigado, chefe, obrigado.

— Acabe com ele! Levem-no para lá! — disse uma voz, em meio à confusão geral.

— Mas ele está morto!

— Continue com isso... Acabe com ele!

O tumulto atingira o clímax no pequeno grupo de magistrados, funcionários e policiais. Todos estavam dando ordens:

— Execute-o! A lei deve seguir seu curso! Não temos o direito de atrasar! Seria covardia! Executem-no!

— Mas o homem está morto!

— Isso não faz diferença! A lei deve ser obedecida! Executem-no!

O capelão protestou, enquanto dois guardas e Prasville mantiveram os olhos em Gilbert. Enquanto isso, os assistentes retomaram o cadáver e o levavam para a guilhotina.

— Apressem-se! — gritou o carrasco, assustado e rouco. — Apressem-se! E tragam o outro a seguir... Não percam tempo...

O carrasco mal terminou de falar, quando mais uma novidade tornava-se evidente. Ele girou nos calcanhares e caiu, gemendo:

— Não é nada... Uma ferida no ombro... Continuem. É a vez do próximo!

Mas seus assistentes estavam fugindo, gritando de terror. O espaço ao redor da guilhotina foi liberado. E o comissário de polícia, reunindo seus homens, levou todos de volta para a prisão, de volta ao pátio, como uma multidão desordenada: os magistrados, os oficiais, o condenado, o capelão; todos que passaram pelo portão dois ou três minutos antes.

Enquanto isso, um pelotão de policiais, detetives e soldados se precipitava sobre a casa, uma pequena casa antiquada de três andares, com um andar térreo ocupado por duas lojas que por acaso estavam vazias.

Imediatamente após o primeiro tiro, eles viram vagamente, em uma das janelas do segundo andar, um homem segurando um rifle na mão e cercado por uma nuvem de fumaça.

Foram disparados tiros de revólver contra ele, mas não o atingiram. Ele, de pé sobre um painel, calmamente mirou uma segunda vez e disparou sem titubear; este foi o barulho ouvido no segundo acontecimento. Em seguida, ele se retirou em direção à sala.

Abaixo, como ninguém respondeu à campainha, os invasores derrubaram a porta, que cedeu quase imediatamente. Eles correram para a escadaria, mas a pressa foi imediatamente interrompida, no

primeiro andar, por um acúmulo de camas, cadeiras e outros móveis, formando uma barricada regular e tão emaranhada que os invasores demoraram quatro ou cinco minutos para desimpedir a passagem.

Aqueles quatro ou cinco minutos perdidos foram suficientes para tornar toda a perseguição sem esperança. Quando chegaram ao segundo andar, eles ouviram uma voz gritando do alto:

— Por aqui, amigos! Mais 18 degraus. Mil desculpas por causar tantos problemas!

Eles subiram aqueles 18 degraus e foram ágeis nisso! Mas, no topo, acima do terceiro andar, estava o sótão, e para se chegar até ele era preciso subir por uma escada e abrir o alçapão. Porém, o fugitivo retirou a escada e aparafusou o alçapão.

O leitor não imagina a sensação criada por essa ação surpreendente, as edições dos jornais publicadas em rápida sucessão, os jornaleiros gritando a plenos pulmões pelas ruas, toda a metrópole no limite com indignação e, podemos dizer, com uma curiosidade ansiosa.

Entretanto, foi na sede da polícia que o entusiasmo se transformou em um paroxismo. Os homens corriam por todos os lados. Mensagens, telegramas, telefonemas sucediam-se uns aos outros.

Finalmente, às onze da manhã, houve uma reunião no escritório do comissário de polícia, e Prasville estava lá. O detetive-chefe leu um relatório de seu inquérito, cujos resultados foram os seguintes: pouco antes da meia-noite de ontem, alguém tocara a campainha na casa no Boulevard Arago. A zeladora, que dormia em uma pequena sala no andar térreo, atrás de uma das lojas, puxou a corda, abrindo o portão. Um homem veio e bateu à sua porta. Ele disse que era da polícia, a respeito de um assunto urgente relativo à execução do dia seguinte. A zeladora abriu a porta e foi imediatamente atacada, amordaçada e amarrada.

Dez minutos depois, uma senhora e um cavalheiro que moravam no primeiro andar e que acabaram de voltar para casa também foram atacados pelo mesmo indivíduo e trancados, cada um em uma das duas lojas vazias. O inquilino do terceiro andar passou por um destino semelhante, mas em seu próprio apartamento e em seu próprio quarto, no qual o homem entrou sem ser ouvido. O segundo andar estava vazio, e o homem ocupou seus aposentos. Naquele momento ele era o dono da casa.

— E aqui estamos nós — disse o chefe do departamento da polícia, começando a rir, com certo ressentimento. — Aqui estamos nós! É tão simples quanto descascar ervilhas. Só que o que me surpreende é que ele conseguiu escapar tão facilmente.

— Peço-lhe que observe, senhor comissário, que, estando na casa desde uma hora da manhã, ele teve até as cinco horas para preparar sua fuga.

— E essa fuga ocorreu...

— Pelos telhados. Nesse ponto, as casas na rua seguinte, a Rue de la Glacière, estão bem próximas e há apenas um intervalo entre os telhados, cerca de três metros de largura, com uma queda de um metro em altura.

— E...

— Bem, nosso homem retirou a escada que levava ao sótão e a usou como uma ponte. Após atravessar para o próximo quarteirão de edifícios, tudo o que ele tinha que fazer era olhar através das janelas até encontrar um sótão vazio, entrar em uma das casas na Rue de la Glacière e sair calmamente com as mãos nos bolsos. Desse modo, sua fuga, devidamente preparada de antemão, foi realizada de forma muito simples e sem o menor obstáculo.

— Mas você tinha tomado as medidas necessárias.

— Aquelas que você recomendou, senhor. Meus homens passaram três horas na noite passada visitando todas as casas, a fim de garantir que não houvesse nenhum estranho escondido ali. No momento em que eles estavam saindo da última casa, a rua já estava bloqueada. Nosso homem deve ter escapado durante aqueles poucos minutos de intervalo.

— Que jogada! Que jogada! E não resta dúvida, é claro: é Arsène Lupin?

— Sem dúvida. Em primeiro lugar, tudo tem relação com seus cúmplices. E depois... Ninguém além de Arsène Lupin seria capaz de conseguir tal golpe de mestre e executá-lo com essa ousadia inconcebível.

— Mas, nesse caso... — murmurou o comissário de polícia e, voltando-se para Prasville, ele continuou — Mas, nesse caso, meu querido Prasville, o companheiro de quem você falou comigo; o companheiro que você e o detetive-chefe têm observado desde ontem

à noite, em seu apartamento na Place de Clichy; esse homem não é Arsène Lupin...

— Sim, ele é, senhor comissário. Também não há dúvida sobre isso.

— Então, por que ele não foi preso quando saiu ontem à noite?

— Ele não saiu.

— Eu digo, isso está ficando complicado!

— É bastante simples, senhor comissário. Como todas as casas em que se encontram vestígios de Arsène Lupin, a casa na Place de Clichy tem duas saídas.

— E você não sabia disso?

— Eu não sabia. Só o descobri esta manhã, ao inspecionar o apartamento.

— Não havia ninguém no apartamento?

— Não. O criado, um homem chamado Achille, foi embora esta manhã, levando consigo uma senhora que estava hospedada com Lupin.

— Qual era o nome da senhora?

— Não sei — respondeu Prasville, após uma hesitação imperceptível. — Mas você sabe o nome sob o qual Arsène Lupin se disfarçava?

— Sim. O Monsieur Nicole, um professor particular, mestre em artes e assim por diante. Aqui está seu cartão.

Quando Prasville terminou de falar, um mensageiro avisou ao comissário de polícia que ele fora convocado imediatamente ao Élysée. O primeiro-ministro já estava lá.

— Estou indo — disse ele, e acrescentou, entre os dentes — É para decidir sobre o destino de Gilbert.

Prasville aventurou-se:

— Você acha que eles lhe perdoarão, senhor?

— Nunca! Depois do caso de ontem à noite, isso causaria uma impressão muito deplorável. Gilbert deve pagar sua dívida até amanhã de manhã.

O mensageiro, ao mesmo tempo, entregou a Prasville um cartão de visita. Prasville, ao olhar o cartão, tomou um susto e murmurou:

— Bem, estou encrencado! Que droga!

— Qual é o problema? — perguntou o chefe da polícia.

— Nada, senhor — declarou Prasville, que não desejava compartilhar com o outro a honra de levar aquele negócio adiante. — Apenas uma visita inesperada... Espero que em breve eu tenha o prazer de lhe contar o resultado.

E ele foi embora, murmurando, com um ar de espanto:

— Bem, dou minha palavra! Que descaramento o infeliz tem! Que safado! O cartão de visita que ele segurava em sua mão continha estas palavras:

*Monsieur Nicole,
Mestre de Artes, tutor particular.*



XIII. A ÚLTIMA BATALHA

Quando Prasville voltou ao seu escritório, ele viu o Monsieur Nicole sentado em um banco na sala de espera, com as costas encurvadas, o ar debilitado, o guarda-chuva de algodão, o chapéu desbotado e sua única luva.

— É ele mesmo — disse Prasville, que temia por um momento que Lupin pudesse ter enviado outro Monsieur Nicole para vê-lo. — E o fato de ele ter vindo pessoalmente prova que ele não suspeita que eu o tenha descoberto.

Pela terceira vez, ele disse:

— Mesmo assim, que audácia!

Ele fechou a porta de seu escritório e ligou para seu secretário:

— Sr. Lartigue, estou com uma pessoa bastante perigosa aqui. As chances são de que ele tenha que sair do meu escritório algemado. Assim que ele entrar na minha sala, tome todas as providências necessárias: chame uma dúzia de inspetores e mande-os se plantarem na sala de espera e em seu escritório. E tome isto como uma instrução definitiva: quando eu der o sinal, todos vocês devem entrar, com os revólveres na mão, e cercar o camarada. Você entendeu bem?

— Sim, senhor secretário-geral.

— Acima de tudo, sem hesitação. Uma entrada súbita, de uma vez só, armados. Mande o Monsieur Nicole entrar, por favor.

Assim que estava sozinho, Prasville cobriu o botão de uma campainha elétrica em sua mesa com alguns papéis e colocou dois revólveres de dimensões respeitáveis atrás de uma pilha de livros.

— E agora — disse a si mesmo, aguardando —, se ele tiver a lista, vamos apreendê-la. Se ele não tiver, vamos prendê-lo. E, se possível, ficamos com os dois. Lupin e a lista dos Vinte e Sete, no mesmo dia, especialmente depois do escândalo desta manhã, seria uma chance em mil.

Houve uma batida na porta.

— Entre! — disse Prasville.

E, levantando-se de seu assento:

— Entre, Monsieur Nicole, entre.

O Monsieur Nicole entrou timidamente na sala, sentou-se na beirada da cadeira para a qual Prasville apontou e disse:

— Eu vim... Para retomar... Nossa conversa de ontem... Por favor, desculpe o atraso, Monsieur.

— Um segundo — disse Prasville. — Você me permite?

Ele se dirigiu rapidamente para a sala externa e, olhando para seu secretário:

— Eu estava esquecendo, sr. Lartigue. Mande revistar as escadas e corredores... No caso de cúmplices.

Ele voltou, acomodou-se confortavelmente, como se fosse para uma longa e interessante conversa, e começou:

— Você estava dizendo, Monsieur Nicole?

— Eu estava dizendo, Monsieur secretário-geral, que devo pedir desculpas por tê-lo feito esperar ontem à noite. Fiquei ocupado com assuntos diferentes. Antes de mais nada, estava com a Madame Mergy.

— Sim, você tinha que ver a Madame Mergy.

— Isso mesmo, e cuidar dela. Você entende o desespero da pobrezinha... Seu filho Gilbert tão perto da morte... E uma morte assim! Naquela situação, só podíamos esperar por um milagre, um milagre impossível. Eu mesmo estava resignado com o inevitável. Você sabe, tão bem quanto eu: quando o destino se mostra implacável, só resta o desespero.

— Mas eu pensei — observou Prasville — que sua intenção, ao me deixar, era arrancar de Daubrecq o segredo dele a todo custo.

— Certamente. Mas Daubrecq não estava em Paris.

— Como?

— Não. Ele estava a caminho de Paris em um carro.

— Você tem carro, Monsieur Nicole?

— Sim, uso quando necessário; é um veículo ultrapassado, uma lata velha. Bem, ele estava a caminho de Paris em um automóvel, ou melhor, no bagageiro de um carro, dentro de um baú no qual eu o empacotei. Mas, infelizmente, o carro só conseguiu chegar a Paris após a execução. A partir daí...

Prasville olhou para o Monsieur Nicole com um ar de surpresa. Se lhe restasse a menor dúvida sobre a verdadeira identidade do indivíduo, essa forma de lidar com Daubrecq a teria removido. Por Cristo! Embalar um homem em um baú e colocá-lo no bagageiro de um carro! Ninguém, a não ser Lupin, se prestaria a tal aberração; ninguém, além de Lupin, o confessaria com aquela frieza ingênua!

— Então — ecoou Prasville. — Você decidiu o quê?

— Eu busco usar outro método.

— Que método?

— Minha intenção, certamente, Monsieur secretário-geral, o senhor sabe tão bem quanto eu!

— O que você quer dizer?

— Por quê? Você não estava na execução?

— Eu estava.

— Nesse caso, você viu tanto Vaucheray quanto o carrasco serem atingidos, um mortalmente, o outro com uma leve ferida. E você também viu...

— Ah — exclamou Prasville, atônito. — Você confessa? Foi você quem disparou os tiros esta manhã?

— Ora, Monsieur secretário-geral, pense! Que escolha eu tinha? A lista dos Vinte e Sete que o senhor examinou era uma falsificação. Daubrecq, que possuía o exemplar genuíno, só chegaria algumas horas após a execução. Portanto, havia apenas uma maneira de eu salvar Gilbert e obter seu perdão; só podia ser atrasando a execução em algumas horas.

— Obviamente.

— Bem, é claro. Ao matar aquele bruto infame, o criminoso e cruel Vaucheray, e ferir o carrasco, eu espalhei a desordem e o pânico; tornei a execução de Gilbert física e moralmente impossível; e, assim, ganhei as poucas horas que eram indispensáveis para meu propósito.

— Obviamente — repetiu Prasville.

— Bem, é claro — repetiu Lupin. — Nos dá a todos, ao governo, ao presidente e a mim mesmo, tempo para refletir e ver a questão sob uma luz mais clara. O que você acha disso, Monsieur secretário-geral?

Prasville pensou uma série de coisas, especialmente que o tal Nicole estava dando provas de que ele não era só descarado, mas dono de uma ousadia tão grande que Prasville se sentiu inclinado a se

perguntar se estava realmente certo em identificar Nicole com Lupin e Lupin com Nicole.

— Acredito, Monsieur Nicole, que um homem tem que ser um bom atirador para matar uma pessoa que ele quer matar, a uma distância de cem metros, e para ferir outra pessoa que ele só quer ferir.

— Tenho treinado um pouco — disse o Monsieur Nicole, com ar modesto.

— Também acho que seu plano só pode ser fruto de uma longa preparação.

— De jeito nenhum! É aí que você se engana! Foi absolutamente espontâneo! Se meu criado, ou melhor, o criado do amigo que me emprestou seu apartamento na Place de Clichy, não tivesse me sacudido do sono, para me contar que ele já trabalhara como comerciante naquela casinha no Boulevard Arago, que não tinha muitos inquilinos e que poderia haver algo a ser feito lá, nosso pobre Gilbert já teria tido sua cabeça cortada... E a Madame Mergy, muito provavelmente, estaria morta.

— Ah, você acha?

— Tenho certeza disso. Foi por isso que eu aderi à sugestão daquele criado fiel. Só que você interferiu nos meus planos, senhor secretário-geral.

— Eu fiz isso...

— Sim. Você tomou a precaução de colocar 12 homens na porta daquela casa. Tive que subir cinco lances de escada pelos fundos e sair pelo corredor dos criados e pela casa vizinha. Que cansaço inútil!

— Lamento muito, Monsieur Nicole. Em outro momento...

— Foi a mesma coisa às oito horas desta manhã, quando eu estava esperando o carro que me traria Daubrecq no bagageiro. Eu tinha que andar para cima e para baixo na Place de Clichy, de modo a evitar que o carro parasse longe da porta da minha casa e que seus homens interferissem nos meus assuntos particulares. Caso contrário, mais uma vez, Gilbert e Clarisse Mergy estariam perdidos.

— Mas — disse Prasville —, esses eventos dolorosos, parece-me, só serão adiados por um dia, dois ou três no máximo. Para evitá-los de uma vez por todas, o que queremos...

— A verdadeira lista, suponho?

— Exatamente. E ousou dizer que você não a tem.

- Sim, eu a tenho.
- A lista verdadeira?
- A verdadeira, sem dúvida a lista genuína.
- Com a cruz de Lorena?
- Com a cruz de Lorena.

Prasville ficou em silêncio. Ele estava sob uma forte emoção, uma vez que o duelo começava com aquele adversário de cuja superioridade aterrorizante ele estava bem consciente. Estremeceu com a ideia de que Arsène Lupin, o formidável Arsène Lupin, estava ali, à sua frente, calmo e tranquilo, perseguindo seus objetivos com tanta frieza, como se ele tivesse todas as armas em suas mãos e estivesse cara a cara com um inimigo desarmado.

Ainda não se atrevendo a fazer um ataque direto, sentindo-se quase intimidado, Prasville disse:

- Então, Daubrecq desistiu?
- Daubrecq não desistiu de nada. Eu a peguei.
- Com seus próprios esforços?
- Ah, meu caro, não! — disse o sr. Nicole, rindo. — É claro que eu estava disposto a fazer qualquer coisa e, quando o digníssimo Daubrecq foi retirado do baú em que ele viajou expresso, com uma dose considerável de clorofórmio para manter suas forças, eu preparara as coisas para que a diversão pudesse começar em seguida. Ah, sem torturas inúteis... Sem sofrimentos vãos! Não... Morte, simplesmente... Pressiona-se a ponta de uma agulha longa no peito, onde está o coração, e insere-a gradualmente, de forma delicada e com suavidade. Isso é tudo, mas a atitude teria que ser por ordem da Madame Mergy. Você entende: uma mãe é impiedosa; uma mãe cujo filho está prestes a morrer! Ela diria: “Fale, Daubrecq, ou eu vou mais fundo... Você não vai falar? Então eu enfiarei mais uns centímetros... e mais ainda. E o coração do paciente para de bater, o coração que sente a agulha chegando... E mais um centímetro... E mais um...”

“Eu juro, diante dos céus, que o vilão teria falado! Nós nos inclinamos sobre ele e esperávamos que ele acordasse, tremendo de impaciência, por causa da urgência que tínhamos... Não consegue imaginar a cena, Monsieur secretário-geral? O patife deitado em um sofá, bem amarrado, descalço, esforçando-se para se livrar das vaporadas de clorofórmio que o atordoavam. Ele respira mais rápido...

Ofega... Recupera a consciência... Seus lábios já se mexem, Clarisse Mergy sussurra: ‘Sou eu... Sou eu, Clarisse. Você vai responder, seu desgraçado...’

“Ela colocou o dedo no peito de Daubrecq, no local onde o coração se agita como um pequeno animal escondido sob a pele. Mas ela me diz: ‘Seus olhos... Não os enxergo debaixo dos *óculos*... Eu quero vê-los. Quero ver esses olhos que não conheço, quero ver suas angústias e quero ler neles, antes de ouvir uma palavra, o segredo que está prestes a irromper dos recantos mais íntimos do corpo aterrorizado. Eu quero ver. Anseio por vê-los. A ação que estou prestes a realizar me excita além da conta. Parece-me que, quando eu vir esses olhos, o véu se desvanecerá. Eu saberei das coisas. É um pressentimento. É a intuição profunda da verdade que me mantém em pé de guerra.’

“Os óculos desapareceram. Mas as lentes grossas e opacas ainda estão lá. E eu as arranco, de repente. E, de súbito, assustado por uma visão desconcertante, deslumbrado com a luz rápida que me invade e rindo, ah, mas rindo-me como em um ataque de risos, com meu polegar, você entende? Com um movimento do polegar, eu forcei o olho esquerdo dele!”

O Monsieur Nicole estava realmente rindo, como ele disse, tendo um ataque de risos. E ele já não era mais o tutor tímido e obsequioso da província, mas um companheiro bem aprumado que, depois de recitar e imitar toda a cena com um ardor impressionante, estava então rindo com um riso estridente cujo som fazia a pele de Prasville se arrepiar:

— Puf! Salte, Marquês! Fora de seu canil, brutamontes! Para que servem os dois olhos? Isso é mais do que você necessita. Salte! Eu disse: ‘Clarisse, olhe, está rolando sobre o tapete! Cuidado com o olho do Daubrecq! Cuidado com a lareira!’

O Monsieur Nicole, que se levantara e fingia estar caçando algo do outro lado da sala, então se sentou novamente, pegou de seu bolso uma coisa em forma de bola de gude, fechou-a na palma da mão, jogou-a para o ar, como uma bola, guardou-a de volta em seu bolso e disse, friamente:

— O olho esquerdo de Daubrecq.

Prasville estava totalmente desorientado. A que lugar seu visitante estava querendo chegar? O que significava toda essa história? Pálido de

inquietação, ele disse:

— Explique-se.

— Mas está tudo explicado, pelo que me parece. E se encaixa tão bem nas coisas como elas eram; se encaixa em todas as conjecturas que eu vinha fazendo, sem querer acreditar, e que inevitavelmente teriam me levado a resolver o mistério, se aquele maldito Daubrecq não tivesse me abatido tão inteligentemente! Sim, pense, siga o rumo das minhas suposições: como a lista não deve ser descoberta longe de Daubrecq, eu disse a mim mesmo, ela não pode estar longe de Daubrecq. E, como não está nas roupas que ele veste, deve estar escondida ainda mais profundamente, nele mesmo, para falar claramente, sob sua pele...

— No olho dele, talvez... — sugeriu Prasville, a título de brincadeira...

— Em seu olho? Monsieur secretário-geral, o senhor acertou.

— O quê?

— Repito: no olho dele. E é uma verdade que deveria ter me ocorrido logicamente, em vez de ser revelada a mim por acidente. Eu lhe direi por quê. Daubrecq sabia que Clarisse vira uma carta dele instruindo um fabricante inglês a *esvaziar o cristal dentro dele, de modo a deixar um vazio que não seria possível suspeitar*. Daubrecq viu-se obrigado, como prudência, a desviar qualquer tentativa de busca. E foi por esta razão que ele mandou fazer uma rolha de cristal, esvaziada por dentro, depois de um modelo fornecido por ele mesmo. E é essa rolha de cristal que você e eu estamos procurando há meses; foi essa rolha de cristal que eu tirei de um maço de tabaco. Enquanto tudo o que eu tinha que fazer...

— Era o quê? — perguntou Prasville, muito intrigado.

O Monsieur Nicole explodiu em um novo ataque de riso:

— Bastava simplesmente checar o olho de Daubrecq, aquele olho *esvaziado por dentro para deixar um vazio acima de qualquer suspeita*, o olho que você vê diante de você.

E o Monsieur Nicole mais uma vez pegou a coisa de seu bolso e fez um movimento na mesa com ela, produzindo o som de um corpo duro em cada vez que a movimentava.

Prasville sussurrou, atônito:

— Um olho de vidro!

— Ora, é claro! — gritou o Monsieur Nicole, rindo alegremente. — Um olho de vidro! Uma rolha de garrafa comum ou de jardinagem, que o malandro enfiou na cavidade ocular no lugar de um olho que ele perdera. Uma rolha de garrafa, ou, se preferir, uma rolha de cristal, mas a verdadeira, dessa vez, que ele forjou, que ele escondeu atrás da haste reforçada de seus óculos e suas lentes, que continha e ainda contém o talismã que permitiu que Daubrecq agisse como quisesse em segurança.

Prasville baixou a cabeça e colocou a mão na testa para esconder seu rosto ruborizado. Ele estava quase possuindo a lista dos Vinte e Sete. Estava diante dele, sobre a mesa.

Dominando sua emoção, ele perguntou, em um tom casual:

— Então, ainda está lá dentro?

— Pelo menos, suponho que sim — declarou o Monsieur Nicole.

— O quê? Você supõe que sim?

— Eu não abri o esconderijo. Pensei, senhor secretário-geral, que reservaria essa honra para você.

Prasville estendeu a mão, pegou a coisa, levantou-a e a inspecionou. Era um bloco de cristal, imitando a natureza em sua perfeição, com todos os detalhes do globo ocular, da íris, da pupila, da córnea.

Ele viu imediatamente uma peça móvel na parte de trás, que se amoldava em uma ranhura. Ele a empurrou. O olho estava oco.

Havia uma pequena bola de papel dentro. Ele a desdobrou, desamassou-a e, rapidamente, sem demora, para fazer um exame preliminar dos nomes, da escrita à mão ou das assinaturas, levantou os braços e virou o papel contra a luz das janelas.

— A cruz de Lorena está aí? — perguntou o Monsieur Nicole.

— Sim, está — respondeu Prasville. — Esta é a lista genuína.

Ele hesitou alguns segundos e permaneceu com os braços erguidos, enquanto refletia sobre o que faria. Depois dobrou o papel novamente, enfiou-o no pequeno revestimento de cristal e colocou tudo em seu bolso.

Monsieur Nicole, que estava olhando para ele, indagou:

— Você está convencido?

— Certamente.

— Então estamos de acordo?

— Estamos de acordo.

Houve uma pausa, durante a qual os dois homens se observaram sem deixarem transparecer. O Monsieur Nicole parecia estar esperando que a conversa fosse retomada. Prasville, abrigado atrás das pilhas de livros sobre a mesa, sentou-se com uma mão agarrando seu revólver e a outra sobre o botão da campainha elétrica. Ele sentiu toda a força de sua posição com entusiasmo. Ele estava com a lista. Ele tinha Lupin.

— Se ele se mover — pensou ele —, eu dou cobertura com meu revólver e disparo. Se ele me atacar, eu atiro.

E a situação lhe pareceu tão agradável que ele a prolongou, como se estivesse degustando um prato bem sublime.

Enfim, o Monsieur Nicole retomou o assunto:

— Como estamos de acordo, senhor secretário-geral, penso que não há mais nada a fazer a não ser se apressar. A execução está marcada para amanhã?

— Sim, amanhã.

— Nesse caso, eu espero aqui.

— Esperar pelo quê?

— A resposta do Élysée.

— Ah, alguém ficou de lhe dar uma resposta?

— Sim. O senhor, Monsieur secretário-geral.

Prasville balançou a cabeça:

— Não conte comigo, Monsieur Nicole.

— Sério? — disse o sr. Nicole, com um ar de surpresa. — Posso perguntar o motivo?

— Eu mudei de ideia.

— Então é isso?

— É isso. Cheguei à conclusão de que, na situação atual, após este último escândalo, é impossível tentar fazer algo a favor de Gilbert. Além disso, uma tentativa nessa direção no Élysée, nas condições atuais, constituiria um caso comum de chantagem, ao qual eu me recuso absolutamente a me prestar.

— Você é livre para fazer o que quiser, Monsieur. Seus escrúpulos o honram, embora cheguem bastante tarde, pois não o incomodaram ontem. Mas, nesse caso, senhor secretário-geral, como o pacto entre nós está destruído, me devolva a lista dos Vinte e Sete.

— Para quê?

— Para que eu possa mostrá-la a outro representante.

— Qual a lógica disso? Gilbert está perdido.

— De jeito nenhum, de jeito nenhum. Pelo contrário: considero que, agora que seu cúmplice está morto, será muito mais fácil conceder-lhe um indulto que todos considerarão justo e humano. Devolva-me a lista. Vou lhe dizer, Monsieur, você tem uma memória curta e nenhuma consciência boa o suficiente. Esqueceu sua promessa de ontem?

— Ontem eu fiz uma promessa a um tal Monsieur Nicole.

— E?

— Você não é o Monsieur Nicole.

— De fato! Então, adivinha, quem sou eu?

— Preciso lhe dizer?

O Monsieur Nicole não respondeu, mas começou a rir suavemente, como se estivesse satisfeito com a curiosa virada que a conversa estava tomando. Prasville sentiu uma vaga apreensão ao observar aquele momento de alegria. Ele agarrou o cabo de seu revólver e se perguntou se não deveria tocar a campainha para pedir ajuda.

O Monsieur Nicole arrastou sua cadeira para perto da mesa, colocou seus dois cotovelos sobre ela, olhou Prasville diretamente no rosto e zombou:

— Então, Monsieur Prasville, você sabe quem eu sou e se garante para jogar este jogo comigo?

— Sim, me garanto — disse Prasville, aceitando o escárnio sem vacilar.

— Como você me considera Arsène Lupin, podemos também usar o nome: sim, Arsène Lupin, o que prova que você me considera tolo o suficiente, bonitão o suficiente, para me entregar assim, de bandeja em suas mãos.

— A meu ver — disse Prasville, alegremente, dando tapinhas no bolso do colete no qual ele colocara o objeto de cristal —, não sei o que você poderia fazer, Monsieur Nicole, agora que o olho de Daubrecq está aqui, com a lista dos Vinte e Sete dentro dele.

— O que eu posso fazer? — ecoou o Monsieur Nicole, ironicamente.

— Sim! O talismã não o protege mais e, agora, você não está melhor do que qualquer outro homem que possa se aventurar no núcleo do escritório da polícia, entre algumas dezenas de companheiros robustos

colocados atrás de cada uma dessas portas e centenas de outros que se apressarão ao primeiro sinal.

Monsieur Nicole deu de ombros e lançou a Prasville um profundo olhar de comiseração:

— Devo dizer-lhe o que está acontecendo, senhor secretário-geral? Bem, você também está sendo influenciado por todo esse negócio. Agora que você possui a lista, seu pensamento está em Daubrecq ou em um tal d'Albufex. Não se trata mais, em seus pensamentos, de levá-la aos seus superiores, para que este elemento de vergonha e discórdia possa terminar. Não, não; uma tentação maldita se apoderou de você e o intoxicou; e, perdendo a cabeça, você diz para si mesmo: está aqui, no meu bolso. Com sua ajuda, eu sou onipotente. Significa riqueza, poder absoluto e sem limites. Por que não se beneficiar com isso? Por que não deixar morrer Gilbert e Clarisse Mergy? Por que não prender aquele idiota do Lupin? Por que não segurar este pedaço de fortuna inigualável pela crista?

Ele se inclinou para Prasville e, muito suavemente, em um tom amigável e confidencial, disse:

— Não faça isso, meu caro senhor; não o faça.

— E por que não?

— Não é do seu interesse, acredite-me.

— Jura?

— Não. Ou, se você insiste absolutamente em fazê-lo, tenha a gentileza de consultar primeiro os 27 nomes da lista a qual você acabou de me roubar e refletir, por um momento, sobre o nome da terceira pessoa na lista.

— Ah? E qual é o nome dessa terceira pessoa?

— É o nome de um amigo seu.

— Que amigo?

— Stanislas Vorenglade, o ex-deputado.

— E então? — disse Prasville, que parecia estar perdendo parte de sua autoconfiança.

— Então? Pergunte-se se uma investigação, por mais sumária que seja, não terminaria descobrindo, por trás daquele Stanislas Vorenglade, o nome de alguém que compartilhou certos lucros com ele.

— E de quem é o nome?

— Louis Prasville.

O Monsieur Nicole bateu na mesa com o punho.

— Chega dessa charlatanice, Monsieur! Durante vinte minutos, você e eu estivemos batendo na mesma tecla. Basta! Vamos chegar a um acordo. E, para começar, largue suas pistolas. Você não acredita mesmo que eu esteja com medo dessa brincadeira! Levante-se, senhor, levante-se, como eu estou fazendo, e termine com isso: estou com pressa.

Ele colocou sua mão no ombro de Prasville e, falando com grande deliberação, disse:

— Se, dentro de uma hora, você não voltar do Élysée, com um documento declarando que o decreto de perdão foi assinado; se, dentro de uma hora e dez minutos, eu, Arsène Lupin, não sair deste edifício são e salvo e absolutamente livre, esta noite quatro jornais parisienses receberão quatro cartas selecionadas a partir da correspondência trocada entre Stanislas Vorenglade e você mesmo, a correspondência que Vorenglade me vendeu esta manhã. Aqui está seu chapéu, seu sobretudo e sua bengala. Saia. Vou esperar por você.

Aconteceu, então, esta coisa extraordinária e ao mesmo tempo de fácil compreensão: Prasville não levantou o menor protesto nem deu a menor demonstração de se rebelar. Ele teve a súbita e profunda convicção do que a personalidade conhecida como Arsène Lupin significava, em toda sua amplitude e plenitude. Ele não pensou em afirmar, em fingir, como ele acreditava até então, que as cartas foram destruídas pelo deputado Vorenglade, ou, de qualquer forma, que Vorenglade não ousaria entregá-las, porque, ao fazer isso, também estaria trabalhando em favor de sua própria destruição. Não; Prasville não disse uma palavra. Ele se sentiu preso como em um torniquete do qual nenhuma força humana conseguiria forçar seus eixos a se separarem. Não havia nada a fazer a não ser ceder. Ele se rendeu.

— Aqui, em uma hora — repetiu o Monsieur Nicole.

— Em uma hora — disse Prasville, mansamente. Entretanto, para saber exatamente onde ele estava pisando, acrescentou: — As cartas, é claro, serão entregues a mim em troca do perdão de Gilbert...

— Não.

— Como assim, não? Nesse caso, não há nenhum objeto em...

— Elas serão devolvidas a você, intactas, dois meses após o dia em que meus amigos e eu tivermos conseguido a fuga de Gilbert... Graças à vigília muito frouxa que será mantida sobre ele, de acordo com suas ordens.

— Isso é tudo?

— Não, há duas outras condições: primeiro, o pagamento imediato de um cheque de quarenta mil francos.

— Quarenta mil francos?

— O valor pelo qual Stanislas Vorenglade me vendeu as cartas. É apenas justo...

— E a seguir?

— Em segundo lugar, sua demissão, dentro de seis meses, de seu cargo atual.

— Minha demissão? Mas por quê?

O Monsieur Nicole fez um gesto muito digno:

— Porque é contra a moral pública que uma das mais altas posições no serviço policial seja ocupada por um homem cujas mãos não estão absolutamente limpas. Faça-os enviá-lo ao parlamento ou nomeá-lo um ministro, um conselheiro de Estado, um embaixador, enfim, qualquer cargo que seu sucesso no caso Daubrecq lhe dê o direito de exigir. Mas não secretário-geral de polícia; tudo menos isso! Só de pensar nisso, me repugna.

Prasville refletiu por um momento. Ele teria se regozijado com a destruição súbita de seu adversário e teria arrancado seu cérebro para conseguir os meios para realizá-la. Mas estava desamparado.

Ele foi até a porta e chamou:

— Sr. Lartigue!

E, abaixando sua voz, mas não muito baixa, pois ele desejava que o Monsieur Nicole ouvisse:

— Sr. Lartigue, dispense seus homens. Foi um erro. E não deixe ninguém entrar no meu escritório enquanto eu estiver fora. Este cavalheiro esperará por mim aqui.

Ele voltou, pegou o chapéu, a bengala e o sobretudo que o Monsieur Nicole lhe entregava e saiu.

— Muito bem, senhor — disse Lupin, entre os dentes, quando a porta estava fechada. — Você se comportou como um esportista e um cavalheiro... Eu também, aliás... Talvez com um toque de desprezo

óbvio... E um pouco brusco demais. Mas, besteira, este tipo de negócio tem que ser realizado com altivez! O inimigo tem que ser surpreendido! Além disso, quando a própria consciência está limpa, não se pode assumir um tom de intimidação com esse tipo de indivíduo. Levante a cabeça, Lupin. Você tem sido o campeão da moral ultrajada. Orgulhe-se de seu trabalho. E agora pegue uma cadeira, estique suas pernas e descanse. Você merece.

Quando Prasville voltou, encontrou Lupin dormindo profundamente e teve que bater no seu ombro para acordá-lo.

— Está feito? — perguntou Lupin.

— Está feito. O perdão será assinado em breve. Aqui está a promessa por escrito.

— Os quarenta mil francos?

— Aqui está o cheque.

— Bom. Mas resta-me agradecer-lhe, Monsieur.

— Então a correspondência...

— A correspondência de Stanislas Vorenglade lhe será entregue nas condições indicadas. No entanto, tenho o prazer de poder dar a você, aqui e agora, como sinal de minha gratidão, as quatro cartas que eu pretendia enviar aos jornais esta noite.

— Ah, então as tinha com você? — questionou Prasville.

— Eu estava tão certo, Monsieur secretário-geral, que terminaríamos chegando a um entendimento...

Ele tirou de seu chapéu um envelope gordo, selado com cinco selos vermelhos, que estava preso dentro do forro, e o entregou a Prasville, que o enfiou no bolso. Então, ele disse:

— Monsieur secretário-geral, não sei quando terei o prazer de vê-lo novamente. Se tiver a necessidade de me falar algo, uma linha na coluna de classificados do jornal será suficiente. Basta intitulá-la “Monsieur Nicole”. Bom dia para você.

E ele se retirou.

Prasville, quando estava sozinho, sentira-se como se estivesse acordando de um pesadelo durante o qual realizara ações incoerentes sobre as quais sua mente consciente não tinha controle. Ele estava quase pensando em tocar o alarme e causar um alvoroço nos corredores, mas, logo em seguida, após uma batida na porta, um dos mensageiros do escritório entrou apressadamente.

— Qual o problema? — perguntou Prasville.

— Senhor secretário-geral, é o senhor deputado Daubrecq pedindo para vê-lo... Sobre um assunto da mais alta importância.

— Daubrecq! — exclamou Prasville, perplexo. — Daubrecq, aqui! Traga-o aqui.

Daubrecq nem esperou a autorização. Ele correu para Prasville, sem fôlego, com suas roupas bagunçadas, um curativo sobre o olho esquerdo, sem gravata, sem colarinho, parecendo um fugitivo lunático, e a porta nem estava fechada antes que ele pegasse Prasville com suas duas enormes mãos:

— Você tem a lista?

— Sim.

— Você já a entregou?

— Sim.

— Ao preço do perdão de Gilbert?

— Sim.

— Está assinado?

— Sim.

Daubrecq fez um gesto de fúria:

— Seu idiota! Seu idiota! Você foi enganado! Por ódio a mim, eu espero? E agora você tem sua vingança?

— Com certa satisfação, Daubrecq. Você se lembra da bailarina da ópera, em Nice? Agora é sua vez de dançar.

— Então, significa prisão?

— Acredito que sim — disse Prasville. — Além do mais, isso não é relevante. De qualquer forma, você está acabado. Sem defesa de qualquer tipo, você está fadado a ruir em pedaços sobre seu próprio peso. E eu testemunharei essa queda. Essa é minha vingança.

— E você acredita nisso! — gritou Daubrecq, furiosamente. — Você acredita que eles vão torcer meu pescoço como o de uma galinha e que eu não saberei me defender e que já não tenho mais garras nem dentes para morder! Bem, meu rapaz, se eu vier a sofrer, sempre haverá um que cairá comigo, e esse é o Mestre Prasville, o sócio de Stanislas Vorenglade, que vai me entregar todas as provas existentes contra você, para que eu possa mandá-lo para a prisão sem demora. Ah, eu vou dar um jeito nisso, velho amigo! Com essas cartas, você fará o que eu quiser, maldito, e ainda haverá dias bons para Daubrecq,

o deputado! O quê? Você está rindo, não está? Talvez essas cartas não existam?

Prasville deu de ombros:

— Sim, elas existem. Mas Vorenglade não as tem mais em sua posse.

— Desde quando?

— Desde esta manhã. Vorenglade as vendeu, há duas horas, pela soma de quarenta mil francos, e eu as comprei de volta pelo mesmo preço.

Daubrecq irrompeu em uma grande gargalhada:

— Senhor, que engraçado! Quarenta mil francos! Você já pagou quarenta mil francos! O Monsieur Nicole, suponho, quem lhe vendeu a lista dos Vinte e Sete? Bem, você gostaria que eu lhe dissesse o verdadeiro nome do Monsieur Nicole? É Arsène Lupin!

— Eu sei disso.

— Muito provavelmente. Mas o que você não sabe, seu idiota, é que eu vim direto de Stanislas Vorenglade e que ele deixou Paris há quatro dias! Ah, que piada! Ele lhe vendeu um papel inútil! E seus quarenta mil francos! Que idiota! Que idiota!

Ele saiu da sala, gargalhando e deixando Prasville absolutamente aturdido.

Então Arsène Lupin não possuía nenhuma prova, e, quando ele estava ameaçando, comandando e tratando Prasville com aquela insolência, era tudo uma farsa, tudo blefe!

— Não, não; é impossível — pensou o secretário-geral. — Eu tenho o envelope selado... Está aqui, só tenho que abri-lo.

Porém, não ousou fazê-lo. Ele o manuseou, pesou-o, examinou-o... E a dúvida entrou tão rapidamente em sua mente que ele não ficou minimamente surpreso, quando o abriu, e descobriu que continha quatro folhas em branco de papel de rascunho.

— Ora, ora — disse ele. — Não sou páreo para esses infelizes. Mas não está tudo acabado ainda.

E, na verdade, nem tudo estava acabado. Visto que Lupin agira com tanta ousadia, mostrando que as cartas existiam e que ele esperava comprá-las de Stanislas Vorenglade. Porém, como, por outro lado, Vorenglade não estava em Paris; o negócio de Prasville era simplesmente evitar os passos de Lupin e obter ele mesmo aquelas cartas perigosas a todo custo. O primeiro a chegar seria o vitorioso.

Prasville mais uma vez pegou o chapéu, o casaco e a bengala, desceu as escadas, entrou em um táxi e dirigiu-se até o apartamento de Vorenglade.

Lá, ele soube que Vorenglade retornaria de sua viagem a Londres às seis horas daquela noite.

Eram duas horas da tarde. Prasville, portanto, teve muito tempo para preparar seu plano.

Ele chegou à Gare du Nord às cinco horas e colocou ao redor, nas salas de espera e nos postos ferroviários, as três ou quatro dúzias de detetives que ele levara consigo.

Isso o tranquilizou. Se o Monsieur Nicole tentasse falar com Vorenglade, eles prenderiam Lupin. E, para ter absoluta certeza, eles prenderiam qualquer um que fosse suspeito de ser Lupin ou um dos emissários de Lupin.

Além disso, Prasville fez uma inspeção minuciosa em toda a estação. Ele não descobriu nada de suspeito. Entretanto, faltando dez minutos para as seis, o inspetor-chefe Blanchon, que estava com ele, apontou:

— Olhe, ali está o Daubrecq.

Era Daubrecq; e a visão de seu inimigo exasperava o secretário-geral a tal ponto que estava prestes a mandá-lo prender. Mas ele refletiu que não tinha motivo, nenhum direito, nenhum mandado de prisão.

Além disso, a presença de Daubrecq provou, com toda força, que tudo então dependia de Stanislas. Vorenglade possuía as cartas: quem ficaria com elas? Daubrecq? Lupin? Ou ele, Prasville?

Lupin não estava lá e não podia estar lá. Daubrecq não estava em condições de lutar. Não havia dúvida, portanto, sobre o resultado: Prasville estaria novamente em posse de suas cartas e, com isso, escaparia das ameaças de Daubrecq e de Lupin e recuperaria toda sua liberdade de ação contra eles.

O trem chegou.

De acordo com suas ordens, o chefe da estação emitira instruções para que ninguém entrasse na plataforma. Prasville, portanto, caminhou sozinho, na frente de vários de seus homens, com o inspetor-chefe Blanchon à frente.

O trem parou.

Prasville quase imediatamente viu Stanislas Vorenglade na janela de um compartimento de primeira classe, no meio do trem.

O ex-deputado levantou-se e depois estendeu sua mão para ajudar um senhor idoso que viajava com ele.

Prasville correu até lá e disse, avidamente:

— Vorenglade... Eu quero falar com você...

No mesmo momento, Daubrecq, que conseguiu ultrapassar a barreira, apareceu e exclamou:

— Sr. Vorenglade, eu recebi sua carta. Estou à sua disposição.

Vorenglade olhou para os dois homens, reconheceu Prasville, reconheceu Daubrecq, e sorriu:

— Ora, parece que meu retorno estava sendo aguardado com alguma impaciência! Do que se trata? Certas cartas, eu espero?

— Sim... Sim... — responderam os dois homens, agitando-se.

— Vocês estão muito atrasados — declarou ele.

— O quê? O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que as cartas foram vendidas.

— Vendidas! A quem?

— A este senhor — disse Vorenglade, apontando para sua companhia de viagem. — Este senhor, que achou que o negócio valia a pena a ponto de desviar seu caminho e, por isso, veio a Amiens para me encontrar.

O senhor idoso, um homem muito idoso embrulhado em peles e apoiado em sua bengala, tirou o chapéu e fez uma reverência.

— É Lupin — pensou Prasville. — É Lupin, sem dúvida.

Então Prasville olhou para os detetives, quase os chamou, mas o velho senhor explicou:

— Sim, achei as cartas suficientemente boas para justificar algumas horas de viagem de trem e o valor de duas passagens de volta.

— Duas passagens?

— Uma para mim e a outra para um dos meus amigos.

— Um de seus amigos?

— Sim, ele nos deixou há alguns minutos e foi até a parte da frente do trem seguindo pelo corredor. Pois estava com muita pressa.

Prasville entendeu: Lupin tomara a precaução de trazer um cúmplice, e o cúmplice estava levando as cartas. O jogo estava perdido, com certeza. Lupin tinha um controle firme sobre sua vítima. Não havia nada a fazer a não ser se submeter e aceitar as condições do vencedor.

— Muito bem, senhor — disse Prasville. — Nós nos veremos quando chegar a hora. Até breve, Daubrecq; você terá notícias minhas.

E, pondo Vorenglade à parte, disse:

— Quanto a você, Vorenglade, você está jogando um jogo perigoso.

— Pobre de mim! — exclamou o ex-deputado. — E por quê?

Os dois homens saíram.

Daubrecq não proferiu uma palavra e ficou imóvel, como se estivesse enraizado no chão.

O velho cavalheiro foi até ele e sussurrou:

— Digo, Daubrecq, acorde, velho amigo... É o clorofórmio, eu espero...

Daubrecq cerrou os punhos e deu um rosnado murmurado.

— Ah, vejo que você me reconhece — disse o velho cavalheiro. — Então você se lembrará de nossa conversa, há alguns meses, quando eu vim vê-lo na Place Lamartine e lhe pedi que intercedesse em favor de Gilbert. Eu lhe disse naquele dia: abaixe as armas, salve Gilbert e eu o deixarei em paz. Caso contrário, lhe tirarei a lista dos Vinte e Sete, e então você ficará mal. Bem, tenho uma forte suspeita de que você cavou isso. Esses fatos aconteceram porque você não quis entrar em acordo com o gentil Monsieur Lupin. Mais cedo ou mais tarde, você está destinado a perder até suas botas por isso. No entanto, que isso sirva de lição para você.

“A propósito, aqui está sua carteira, que eu me esqueci de lhe entregar. Desculpe-me se achar que o conteúdo está um pouco desfalcado. Não havia apenas uma razoável quantidade de cédulas nela, mas também o recibo do armazém onde você guardou as coisas de Enghien que você pegou de mim. Pensei que poderia muito bem poupar-lhe o trabalho de tirá-las você mesmo. Isso já deveria ter sido feito. Não, não me agradeça: não vale a pena mencionar. Adeus, Daubrecq. E, se você quiser um ou dois trocados, para comprar uma rolha nova, me avise. Adeus, Daubrecq.”

Ele foi embora.

Ele mal deu cinquenta passos quando ouviu o som de um tiro, e deu meia-volta.

Daubrecq tinha estourado os próprios miolos.

— Meus sentimentos — murmurou Lupin, tirando seu chapéu.

Dois meses depois, Gilbert, cuja sentença fora comutada para uma de prisão perpétua, escapou da Île de Ré, no dia anterior àquele em que deveria ter sido transferido para a Nova Caledônia.

Foi uma fuga estranha. Seus mínimos detalhes permaneceram difíceis de entender e, como os dois tiros no Boulevard Arago, isso aumentou muito o prestígio de Arsène Lupin.

— De bem com todo mundo — disse-me Lupin, um dia, depois de me contar os diferentes episódios da história. — De bem com todo mundo, nenhum empreendimento me deu mais problemas ou me custou maiores esforços do que aquela aventura confusa que, se você não se importa, chamaremos *A rolha de cristal*; ou *Nunca desista*. Em 12 horas, entre seis horas da manhã e seis horas da noite, compensei seis meses de azar, erros, apalpadelas no escuro e reveses. Eu certamente conto essas 12 horas como as melhores e mais gloriosas de minha vida.

— E Gilbert? — eu perguntei. — O que aconteceu com ele?

— Ele está cultivando sua própria terra, lá embaixo, na Argélia, sob seu verdadeiro nome, seu próprio nome, Antoine Mergy. Ele é casado com uma inglesa, e eles têm um filho a quem ele insistiu em chamar de Arsène. Muitas vezes recebo dele uma carta brilhante, tagarela e calorosa.

— E a Madame Mergy?

— Ela e seu pequeno Jacques estão morando com eles.

— Você a viu novamente?

— Não.

— De verdade?

Lupin hesitou por alguns momentos e depois disse, com um sorriso:

— Meu caro amigo, vou deixá-lo saber um segredo que me fará parecer ridículo aos seus olhos. Mas você sabe que eu sempre fui tão sentimental como um menino no colegial e tão tolo como um ganso. Bem, à noite, quando voltei para a casa de Clarisse Mergy e lhe contei a notícia do dia, parte da qual, aliás, ela já sabia, percebi duas coisas muito claramente. Uma era que eu nutria por ela um sentimento muito mais profundo do que eu pensava; a outra era que ela, ao contrário, tinha por mim um sentimento que não escondia o desprezo, nem o rancor desagradável, nem mesmo certa aversão.

— Bobagem! Por quê?

— Por quê? Porque Clarisse Mergy é uma mulher extremamente honesta e porque eu sou... Apenas Arsène Lupin.

— Ah!

— Pobre de mim, sim, um bandido atraente, um romântico e cavalheiresco salteador, qualquer coisa desse tipo. Por tudo isso, aos olhos de uma mulher realmente honesta, com uma natureza íntegra e uma mente bem equilibrada, eu sou apenas um mero canalha.

Vi que a ferida era mais grave do que ele estava disposto a admitir, e eu disse:

— Então você realmente a amava?

— Eu até acho — disse ele, em um tom jocoso — que a pedi em casamento. Afinal, eu tinha salvado o filho dela, não tinha? Então... Eu pensei. Que rejeição! Causou uma frieza entre nós... Desde então...

— Você a esqueceu?

— Ah, certamente! Mas para isso foram necessários os confortos de uma italiana, duas americanas, três russas, uma grã-duquesa alemã e uma chinesa!

— E depois disso?

— Depois disso, para colocar uma barreira insuperável entre mim e ela, eu me casei.

— Bobagem! Você se casou? Você, Arsène Lupin?

— Casado, ligado, unido, da forma mais lícita. Um dos maiores nomes da França. Uma filha única. Uma fortuna colossal... O quê? Você não conhece a história? Bem, vale a pena ouvir.

E, imediatamente, Lupin, que estava em uma veia confidencial, começou a me contar a história de seu casamento com Angélique de Sarzeau-Vendôme, Princesa de Bourbon-Condé, hoje irmã Marie-Auguste, uma humilde freira no Convento de Visitação.

Mas, depois das primeiras palavras, ele parou, como se sua narrativa tivesse de repente deixado de interessá-lo, e permaneceu pensativo.

— Qual é o problema, Lupin?

— Qual o problema? Nenhum.

— Sim, sim... Pronto... Agora você está sorrindo... É o recipiente secreto de Daubrecq, seu olho de vidro, que está fazendo você rir?

— De jeito nenhum.

— O que então?

— Nada, eu lhe digo... apenas uma lembrança.

— Uma lembrança agradável?

— Sim! Sim, uma lembrança encantadora mesmo. Era de noite, fora da Île de Ré, no barco pesqueiro em que Clarisse e eu estávamos levando Gilbert embora... Estávamos sozinhos, nós dois, na popa do barco... E eu me lembro... Eu falei... Eu falei palavras e mais palavras... Disse tudo o que havia no meu coração... E depois... depois veio o silêncio, um silêncio perturbador e encantador.

— E...

— Bem, juro para você que a mulher que tomei nos meus braços naquela noite e beijei nos lábios, não por muito tempo; apenas alguns segundos; mas não importa, juro diante do céu que ela era algo mais do que uma mãe agradecida, algo mais do que uma amiga rendendo-se a um momento de suscetibilidade, que ela era também uma mulher, uma mulher tremendo de emoção... — e continuou, com um riso amargo: — Que fugiu no dia seguinte, para nunca mais me ver.

Ele ficou mais uma vez em silêncio. Depois sussurrou:

— Clarisse... Clarisse... No dia em que eu estiver cansado, decepcionado e exausto da vida, irei até você, lá embaixo, em sua casinha árabe... Naquela casinha branca, Clarisse, onde você está me esperando...



MAURICE LEBLANC

ARSÈNE
LUPIN

A ROLHA DE CRISTAL

NETFLIX

UMA SÉRIE
NETFLIX

u**book**